



Estar morta é só o começo...

VIDA APÓS O ROUBO

Aprilynne Pike

Autora best-seller da série *Fadas*

BB
BERTRAND BRASIL



Da autora:

Série *Fadas*

Asas

Encantos

Ilusões

Destinos

VIDA
APÓS O
ROUBO
Aprilynne Pike

Tradução
Sibele Menegazzi

Copyright © 2013 by Aprilynne Pike

Todos os direitos reservados

Título original: *Life After Theft*

Capa: Raul Fernandes

Editoração eletrônica da versão impressa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
2015

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P685v

Pike, Aprilynne, 1981-

Vida após o roubo [recurso eletrônico] / Aprilynne Pike ; tradução Sibe
Menegazzi. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

recurso digital

Tradução de: Life after theft

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2151-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Menegazzi, Sibe. II. Título.

15-25108

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 2º. andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (0xx21) 2585-2076 — Fax: (0xx21) 2585-2084

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia
autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

*Para a Srta. Snark, a primeira a amá-lo;
para Kara, que me perturbou durante dois anos para terminá-lo;
e para Bill Bernhardt, que me ensinou como fazê-lo.*

Um

Odeio esta escola.

Puxei a gravata xadrez feia que estava a três milímetros de me sufocar e reconsiderarei: *Odeio esta gravata*. O uniforme todo — gravata, camisa de botões, calça social, *colete de lã*, sem brincadeira — estava a anos-luz da calça cáqui largona com camiseta que eu tinha usado no colégio anterior até uma semana atrás.

Parecia que tinha sido há uma eternidade.

Bati os olhos no crachá que a orientadora gorducha e cheia de batom tinha colado no meu peito — OLÁ! MEU NOME É JEFF — e mudei de ideia novamente. *Odeio o crachá mais do que tudo, a gravata em segundo lugar, e também odeio esta escola*.

O que havia começado como uma ideia do meu pai seis meses antes, de mudarmos de Phoenix para Cali, três meses depois se transformara numa aventura emocionante, mas improvável, e, depois, num pesadelo, quando literalmente, ao voltar da escola, vi uma placa de VENDIDA na frente da nossa casa. Tudo bem, eu tinha concordado com o plano, mas quantas ideias do meu pai *algum dia* chegavam a ser realizadas?

Só as grandes, suponho. Talvez eu devesse ter desconfiado.

Tentei argumentar que estava no meio do ano letivo na escola e que a transferência seria um pesadelo, mas, aparentemente, escolas particulares estão mais interessadas na conta bancária do que propriamente nas qualificações do aluno.

Pelo menos até você ser matriculado. Hoje de manhã, o vice-diretor me passou um sermão sobre o altíssimo nível de qualidade que agora passariam a exigir de mim. A-hã...

Olhei para o papel na minha mão e, depois, para as fileiras de armários. Tinha quase certeza de que meu armário ficava nesse andar, mas devia ter errado o caminho ao sair da diretoria. Refiz o percurso, tentando me manter fora do vaivém de alunos e, finalmente, encontrei o lugar certo para me dirigir até o corredor dos armários.

A primeira coisa que vi foi a bola de chiclete cor-de-rosa, um metro e vinte centímetros abaixo de onde deveria estar, quase a centímetros do chão e emoldurada por lábios perfeitamente pintados.

Era uma daquelas bolas enormes que você sabe que vai estourar e cobrir o rosto inteiro da menina e ela vai gritar e reclamar que sua maquiagem estragou, blá-blá-blá. Mas a bola não estourou — ela fez aquele lance quando você suga o ar de volta e a bola murcha num fiapinho cor-de-rosa.

Tanto a garota quanto a bola de chiclete estavam no chão.

No meio do corredor.

Inclinei a cabeça um pouquinho para ver melhor suas pernas. Talvez a escola não fosse *tão* ruim assim.

Um carinha veio correndo pela curva do corredor com uma mochila rosa-choque que desconfiei que não fosse dele. Ele empurrou algumas pessoas da frente, desviando-se para um lado e me dando uma ombrada antes que eu pudesse sair de seu caminho.

— Cuidado, idiota! — resmunguei, mas não alto o bastante para ser ouvido.

Então, percebi que ele estava correndo bem na direção da menina deitada no chão. Ele olhava para trás, por cima do ombro; então não havia a menor chance de que fosse vê-la antes de passar por cima dela.

— Ei! — gritei, empurrando um cara da minha frente. Eu tinha que avisá-la. Ou fazê-lo parar.

Mas ela só revirou os olhos e tirou o braço do caminho, um segundo antes de os tênis Ecko dele passarem pelo lado de sua cabeça.

— Presta atenção, babaca! — disse ela sem nem piscar.

O idiota nem sequer olhou para trás.

Corri até lá.

— Você está bem?

Ela olhou para mim com os olhos arregalados, surpresos.

— Tá falando comigo?

Certo. Qualquer menina capaz de ficar tão linda de saia preta e colete xadrez e com coragem suficiente para ficar deitada no meio do corredor não ia admitir que um zé-ninguém recém-chegado na escola viesse falar com ela.

— Deixa pra lá — disse eu e me virei para ir procurar novamente o meu armário.

— Espere!

Parei, mas não me virei.

— Você estava falando *comigo*?

Virei para ela e dei meu melhor olhar de nem-ligo-se-você-é-rica-popular-e-linda. Devo admitir, não tenho muita prática nisso.

— Sim. E daí?

Ela se sentou.

— Você consegue me ver?

Isso, sim, era um jeito esquisito de puxar papo. Ainda assim, uma menina linda estava falando comigo; eu é que não ia questionar uma coisa dessas.

— Lógico que sim.

— Que cor é a minha saia?

Hein?

— Preta — respondi, hesitante, tentando entender aonde ela estava querendo chegar com aquilo.

Ela suspirou.

— Esses uniformes estúpidos. Que cor são meus olhos?

Olhei. Ela bateu as pestanas de forma dramática. Será que era algum truque?

— Azuis?

— É uma pergunta?

— Seus olhos são azuis, tá bom?

Ela me olhou fixamente por muito tempo, de um jeito que me deu vontade de olhar por cima do meu ombro. Ela estava... impressionada. O que, com certeza, não fazia o menor sentido. Havia alguma coisa que eu não estava vendo.

— Você consegue mesmo me ver, né? — disse ela, num tom, por mais maluco que possa parecer,

admirado.

Nossa conversa tinha passado da esquisitice normal para o *nonsense* total. Linda ou não, eu estava prontinho para fugir daquela menina.

— Pois é, né? — disse eu, olhando para o meu horário de aula. —

O papo tá muito bom, mas eu tenho que...

— Mais ninguém consegue me ver — disse ela. A seriedade em sua voz meio que me assustou. — Ninguém, nesta escola inteira, exceto você.

— Desculpe, não tinha notado sua capa de invisibilidade — disse, afastando-me. Será que todo mundo era doido assim na Califórnia?

Eu podia sentir a multidão em volta me olhando torto ao passar por mim e, apesar das loucuras saindo de sua boca, tive a sensação de que não era para a Loira que eles estavam olhando. Que maravilha. Minha chance de causar uma primeira impressão decente na escola estava rápida e positivamente indo pelo ralo.

— Quantos dedos? — ela perguntou, mostrando dois dedos como se fossem orelhas de coelho, depois mudando de ideia e mudando para quatro.

— Isso é ridículo. — Eu ainda estava tentando parecer *cool*... ou, na impossibilidade disso, pelo menos tranquilo, mas estava prestes a explodir com ela.

— Responda a pergunta, maluco.

Mas era muita sorte mesmo... não tinha demorado nem cinco minutos para a doida da escola grudar em mim. Não se deve julgar um livro pela capa, imagino. Ou uma menina pela beleza.

— *Eu* é que sou maluco? Você está deitada no chão fingindo ser invisível, e *eu* é que sou maluco?

Ela ofegou.

— É verdade mesmo! Você *está* me vendo. Este é o melhor dia da minha... bem, em mais de um ano. Achei que isso nunca fosse acontecer. Mas agora você está aqui. Você está aqui... hãããã... — Ela olhou para o meu crachá infeliz. — Jeff. — Ela torceu o nariz. — Jeff? Credo. — Quando revirei os olhos, ela levantou as mãos em rendição. — Retiro o que disse. Jeff é legal. Mas posso te chamar de Jeffrey, pelo menos? Este é seu nome, né?

— Não.

— Posso te chamar de Jeffrey mesmo assim?

— Não. — *Preciso sair daqui.* As pessoas já estavam começando a me olhar estranho.

— Tudo bem, a gente decide o nome depois. Temos tanta coisa para *fazer*! — E, então, sem brincadeira, ela começou a dar pulinhos nas pontas dos pés.

— Pare! — *Sério, por tudo que há de mais sagrado, pare.* Levantei as mãos. — Quem é você?

Não sei direito o que me fez perguntar aquilo, talvez só para ter um nome para colocar na ordem judicial; mas ela apontou para si mesma como se fosse uma celebridade que eu devesse reconhecer instantaneamente. Talvez fosse; afinal, estávamos em Santa Monica.

— Kimberlee Schaffer? A Kimberlee Schaffer?

Dei de ombros.

Ela suspirou de forma um tanto teatral.

— Venha comigo. — Eu a segui por um corredor até o saguão central, onde ela se encostou a uma parede e me dirigiu um sorriso brega, cheio de dentes... mais sarcasmo do que sorriso. Ela gesticulou com grandiosidade para sua esquerda, indicando uma foto emoldurada de 28cm por 36cm de si mesma.

— Então... foram seus pais que financiaram a escola? — perguntei. Talvez fosse o único jeito de aceitarem aquela psicótica ali.

Ela revirou os olhos e apontou com a comprida unha postiça para uma plaquinha de bronze sob o retrato.

Olhei para ela, então novamente para a foto.

— Muito engraçado. — Eu me obriguei a olhá-la nos olhos, com meu melhor sorriso falso estampado no rosto. — Você quase me pegou. *Rá-rá-rá*. Pegadinha com o aluno novo. Foi boa mesmo. Agora, se você terminou, preciso ir para a aula. — *De preferência antes que comecem a me olhar estranho de novo*.

— Posso ir junto? — perguntou ela toda animada, como se não tivesse acabado de fazer comigo a pegadinha mais besta do mundo. Fingir ser uma menina morta... aquilo era muito doentio. E era uma estupidez.

Eu sou um idiota mesmo.

— Não, isto aqui é uma *escola*. Você vai para a sua aula; eu vou para a minha. — Eu sabia que devia ficar envaidecido que uma menina bonita quisesse alguma coisa comigo, mas tem um ditado sobre o que não se deve fazer com gente louca.

Nunca.

Ela pulou na minha frente.

— Escute, *Jeff*. — Ela disse meu nome como se fosse um palavrão. — Você não está entendendo. Eu estou morta. Pergunte a qualquer um. Estou encalhada aqui há um ano e meio e ninguém consegue me ver nem me ouvir exceto você.

— Olha, sua pegadinha funcionou, Kim. Isso não é...

— Kimberlee.

— O quê?

— Kimberlee. Com duas letras E. *Ninguém* me chama de Kim.

Inacreditável.

— Esquece. Apenas me deixe em paz, tá bom? — Contornei-a e continuei andando. Talvez eu conseguisse sumir na multidão, no meio do mar de coletes, e escapar. Infelizmente, aquele não era meu colégio antigo, público e lotado, e desaparecer iria dar mais trabalho do que eu estava acostumado, mesmo com os uniformes iguais.

— Espere. Por favor?

Não esperei.

Ela correu ao meu lado.

— Que aula você tem agora?

— Até parece que vou te dizer.

— Eu te ajudo a encontrar a sala.

— Bem que você queria, né? — Parei e me virei para ela. — Daí você me faria perder completamente e me largaria sozinho. Umas boas-vindas especiais para o aluno novo. Me deixe em paz!

Uma morena alta se afastou de mim como se fosse uma aluna da primeira série que acabou de aprender a respeito de piolhos.

— Que idiota — disse ela, alto o bastante para todo mundo num raio de três metros ouvir.

— É sério, Jeff — disse Kimberlee, calma demais. — Você deveria parar de gritar comigo. As pessoas vão achar que você é esquizofrênico.

Examinei meu horário de aula e fingi que Kimberlee não estava ali.

— Você tem que ir até o andar de cima para a aula do Bleekman.

Apertei os dentes e corri pela escada na esperança de deixá-la para trás. No corredor diminuí a velocidade e fui contando as salas.

205.

206.

Droga. Ela estava parada bem em frente à sala 207.

— Garoto esperto. Encontrou sozinho.

Deve haver um elevador... em algum lugar. Deixei meu olhar passar reto por ela e entrei na sala cheia pela metade, indo rapidamente me instalar na última carteira da última fila.

— Eu não me sentaria aí se fosse você. É o lugar do Langdon — disse Kimberlee, num tom quase entediado.

Ignore, ignore, ignore.

— Tudo bem, só não diga que eu não avisei.

Mantive a cabeça baixa e peguei um caderno enquanto outros alunos chegavam, lotando rapidamente as últimas carteiras.

— Cara, se você não sair da minha cadeira antes de eu contar até dois, garanto pessoalmente que sua vida estará terminada até a hora do almoço.

Ergui os olhos para o que parecia ser uma versão cor da pele do Incrível Hulk.

— Um, um e meio...

Pulei da cadeira tão rápido que bati o joelho em uma das pernas e tive que abafar um grito.

— Desculpe — resmunguei. — Não sabia.

— Mentiroso! — gritou Kimberlee do outro lado da sala, onde estava deitada no peitoril da janela.

Cale a boca! Olhei furioso para ela e procurei outra carteira. A única que não ficava na primeira fila estava perto da janela de Kimberlee.

Sentei na primeira fila.

O sinal tocou, e o Sr. Bleekman se levantou da mesa. Ele era uma caricatura perfeita de todos os professores de inglês da TV: alto, dolorosamente magro, com o cabelo duro de laquê penteado por cima da careca e óculos fundo de garrafa. Finalmente, alguma coisa de normal. Ele parou em frente à minha carteira e deu uma olhada no meu crachá.

— Sr. Clayson, imagino?

— Sim.

— Sim, *senhor* — corrigiram o Sr. Bleekman e Kimberlee em uníssono.

Nem sequer olhei para ela.

— Sim, *senhor* — repeti.

— Faça suas anotações agora, mas fique depois da aula e eu passarei o material de que você precisa para alcançar o restante da classe.

Assenti com a cabeça enquanto Kimberlee vinha até mim e se sentava em cima do meu caderno.

— Já tive essa aula. Eu ajudo você.

Levantei a mão.

— Sim, Sr. Clayson?

— O senhor poderia, por favor, mandar a *Kim* sair da minha carteira?

— Perdão? — perguntou Bleekman, olhando através de Kimberlee e me encarando como se tivesse brotado uma segunda cabeça em mim.

Olhei para Kimberlee apenas por um segundo. Tinha algo muito errado ali. De jeito nenhum *aquele* professor ia participar da pegadinha.

— Ai, merda! — disse eu, as palavras escapando antes que meu cérebro pudesse me segurar.

Bleekman arregalou os olhos.

— Sr. Clayson, vou deixar passar desta vez só com uma advertência porque hoje é seu primeiro dia. Mas, no futuro, *qualquer* uso de linguagem chula na Escola Whitestone resultará em detenção. Você está entendendo?

Olhei boquiaberto para Kimberlee, não querendo acreditar que ela pudesse estar dizendo a verdade.

— Eu te disse — disse ela, examinando as unhas postiças. — Ninguém pode me ver nem me ouvir a não ser você. — Seu olhar se desviou rapidamente para o Sr. Bleekman. — É melhor você dizer logo *sissinhô* antes que o Bleekman tenha um infarto.

— Sim, senhor — disse, rapidamente, voltando a olhar para a frente da classe.

Bleekman me encarou por uns bons segundos enquanto o restante da classe disfarçava o riso. Finalmente, ele desviou o olhar e começou a discorrer monotonamente sobre Victor Hugo.

Esperei alguns minutos até todo mundo desviar a atenção de mim.

— Você não está mais brincando, está? — Sibilei para Kimberlee, por entre os dentes.

— Nunca estive — disse ela a todo o volume.

Ninguém sequer olhou na nossa direção.

— O que preciso fazer para você parar de agir feito um maluco? — Ela fez uma pausa. — Quer que eu atravesse uma parede?

Olhei feio para ela, mas me recusei a morder a isca. *Isso não pode ser real.*

Ela desceu da minha carteira.

— Não, é sério. Se eu passar através daquela parede ali, você vai acreditar que estou morta?

Revirei os olhos. Mas fiz que sim.

Ela empinou o nariz e levantou uma sobrancelha. Não tirou os olhos de mim nem por um segundo ao caminhar até a parede e, sem diminuir o passo, passar através dela.

Dois

— Já cheguei — gritei. Não tenho certeza de já ter ficado tão feliz ao ver minha própria casa. Depois da aula do Bleekman e de ter visto Kimberlee atravessar a parede, minha cabeça basicamente explodiu. Ainda não podia digerir direito o que tinha visto nem entender como aquilo podia ser real. Eu não acreditava em fantasmas! De alguma forma, por alguma razão, eu estava, obviamente, alucinando; Kimberlee era fruto da minha imaginação... o que significava que eu teria que ignorá-la durante o resto do dia.

Só que não foi exatamente fácil. Ela me seguiu por toda parte e começou a falar cada vez mais alto. Quando, finalmente, coloquei meu horário de aulas com todas as devidas assinaturas no cesto no escritório principal, eu estava com uma dor de cabeça terrível e com um fantasma por companhia.

— Jeff, aí está você. — Minha mãe fungou ao entrar na sala. Seus olhos estavam vermelhos e úmidos.

— Qual é o problema?

— Problema? — Ela olhou para mim como se eu tivesse três cabeças. — Ah, as lágrimas? — Ela riu. — Só estou ensaiando, meu doce. Tenho uma cena de velório amanhã.

Minha mãe é atriz. Sempre foi. Teatros de bairro e coisa e tal. Mas parte do motivo de termos nos mudado para a Califórnia foi para que ela pudesse investir de verdade na carreira de atriz, em Hollywood.

E, aparentemente, ela é boa, porque mesmo sem agente nem nada, ela saiu no primeiro dia e voltou para casa com um papel coadjuvante no filme policial mais recente da CBS. Agora ela tinha alguns projetos agendados, comédias dramáticas ou coisa parecida. Era tudo muito surreal.

Abri a geladeira e peguei uma Coca.

— Que ótimo, mãe — comentei, distraído. — Para que programa é?

Ela sacudiu o dedo para mim, estalando a língua.

— *Rá-rá-rá*. Se eu te contar, você vai saber que alguém morre na próxima temporada. — Ela estendeu a mão e despenteou meu cabelo. — Segredo comercial.

Minha mãe tem só trinta e três anos. Eu tinha treze quando me dei conta de que, quando nasci, ela ainda estava no ensino médio. Ela sempre quis ser atriz; tinha feito o personagem principal em todas as peças e musicais da escola até o ano em que ficou grávida de mim. Por alguma razão, o diretor da peça não quis aceitar uma grávida de oito meses no papel de Ado Annie berrando “Não sei dizer não”. Vai entender...

O bom de ter tido a mim quando era tão jovem é que agora ela está na idade perfeita para começar uma carreira em Hollywood como “mulher madura”, o que significa que ela faz papel de mulheres de 25 anos de idade.

Ela é casada com o meu pai. Isso mesmo, com meu pai biológico. Eles se casaram na noite em que se formaram no ensino médio; eu tinha um ano. Meu pai é superinteligente e sempre disse para a minha mãe que a recompensaria por ter tirado sua vida dos trilhos. Portanto, quando ofereceram a ele participação num novo negócio — uma rede social na internet que todo mundo dizia que não ia durar nada... *sei* —, ele agarrou a oportunidade com as duas mãos. A companhia sobreviveu à crise das empresas pontocom, mas, por um tempo, meu pai teve de sacar mais ações do que cheques de pagamento. Felizmente, foi um risco que compensou. Depois de doze anos de controle acionário, ele vendeu tudo, comprou de Natal para a gente três BMW novas, vendeu nossa casa em Phoenix e fez todo mundo mudar para Santa Monica para que a minha mãe pudesse ir atrás de seu sonho.

E agora, em vez de um colégio de interior com uma taxa de aprovação de sessenta e dois por cento, eu tinha que estudar num colégio particular de gente mimada que manda os alunos de forma mais ou menos direta para a Universidade de Yale. Que sorte a minha.

Na verdade, eu devia ficar agradecido; na Whitestone os armários ficam trancados e desconfio que os equipamentos de Educação Física tenham menos de cinquenta anos, mas, apesar das vantagens, eu sentia falta dos meus amigos. Mesmo depois de apenas uma semana, ficou óbvio que eu não servia para essa coisa de amizade a distância. Imaginei que fosse fazer novas amizades, mas, bem, esses alunos de Whitestone não eram exatamente meu tipo.

— Então, como foi seu primeiro dia?

Hummmm.

— Foi legal.

— Legal? Só isso?

Respirei fundo e sorri.

— Acho que vai ser uma boa escola para mim — menti. Bem, menti até certo ponto. Era realmente uma escola ótima, no sentido acadêmico. Não tão boa se você pretendia manter sua sanidade mental intacta.

— Espero que sim — disse ela, fazendo aquela cara de momento especial. — Você merece estudar numa faculdade excelente. Você tem um grande potencial.

— Obrigado, mãe. — Não entendo por que ela tem que ser tão *piegas* com relação a certas coisas. Talvez seja coisa de atriz. Porém, eu não podia perder a chance de tirar vantagem de seu bom humor.

Não sabia direito como começar... talvez *não houvesse* um jeito bom de começar... então simplesmente me joguei.

— Viu, eu estava pensando... — Fiz uma pausa. — Tem algum histórico de... loucura na nossa família?

Ela olhou para mim com uma sobrancelha erguida.

— Você quer dizer antes de você neste momento? — disse ela, com um sorriso enviesado no canto da boca.

— Estou falando sério — respondi. Ela não tinha noção de quão sério eu estava falando. — Eu tenho algum tio velho insano ou coisa parecida? Algum assassino, tarado — hesitei — ... esquizofrênico?

Minha mãe pensou por um segundo.

— Bem, meu avô teve uma demência bastante severa nos dois anos anteriores à sua morte. E acho que o Tio Fred do seu pai... sabe, aquele que coleciona potes de iogurte? Tenho certeza de que ele não tem todos os parafusos na cabeça. Por que o interesse repentino?

— Hã... tivemos uma discussão sobre saúde mental na aula de... — Ai, que ótimo. Eu não estava

matriculado em nenhuma aula onde aquele assunto em particular fosse cabível. — Li-te-ra-tu-ra — completei, arrastando a palavra sílaba por sílaba.

— Literatura?

— Pois é, você sabe, estudando *Os Miseráveis*. — O que quer que aquilo significasse. — Vou jogar um pouco — disse eu, escapulindo antes que ela pudesse fazer mais perguntas profundas.

Subi para a minha sala de estar no andar de cima — pois é, eu tenho uma sala de estar — e liguei a TV, deitando no meu pufe enorme em formato de pera. Essa coisa toda com Kimberlee tinha que ser fruto da minha imaginação. Estresse pelo primeiro dia de aula numa escola nova e tal. Ou, talvez, eu ia acordar na manhã seguinte e perceber que tinha sido apenas um sonho comprido e muito vívido, e que eu estava prestes a começar meu primeiro dia *de verdade*.

— Tá bem, não surte, mas nós precisamos seriamente conversar.

Eu me levantei de um pulo e dei meia-volta para dar de cara com Kimberlee no meio da minha sala.

— Escute aqui, eu sei que você está assustado, mas a verdade é que eu não tenho mais ninguém a quem recorrer; então, não vou embora daqui.

Fechei os olhos e contei até dez antes de abri-los e virar a cabeça. Ali estava ela, parecendo real demais para ser fruto da minha imaginação.

— Você não é real e tem que me deixar em paz — eu disse devagar, com cuidado.

Ela revirou os olhos.

— Olha, estou tentando ser legal e, pode acreditar, eu sei o que você está passando. Sabe quanto tempo levou para eu convencer a *mim mesma* de que eu era real? Séculos.

Seria de esperar que, se a minha cabeça fosse inventar alguém, seria alguém simpático. Eu estava me sentindo oficialmente traído.

— Não é real, não é real, não é real — murmurei baixinho.

— Este vai ser um ano extremamente longo se você vai ficar andando de um lado para outro resmungando isso o tempo inteiro. Eu *sou* real, só que ninguém mais consegue me ver.

— Que conveniente, não? — Ri. — Me dê uma razão lógica para isso. — *Por que ainda estou falando com isto? Com ela. Não. Comigo. Estou falando comigo mesmo; isto não é real.*

Ela cruzou os braços sobre o peito e levantou uma sobrancelha.

— Sei lá eu. Venho gritando com todos os alunos daquela escola, inclusive com os novos, há séculos. Aparentemente, você ganhou na loteria dos médiuns. Espere um pouco... — disse ela, dando um passo à frente. — Talvez seja por isso. Você vê outros fantasmas?

Eu me afastei como se ela tivesse uma doença contagiosa. Uma doença contagiosa *não real*.

— Não! Eu não vejo nada. Tecnicamente, não estou vendo você; você não é real.

— Ah — disse ela, os lábios murchando. — Bem, seja como for. Você *pode* me ver, e isso é o que importa. Preciso da sua ajuda.

— Não! Não tem ajuda nenhuma. Não tem nada. Não para gente imaginária.

Ela me dirigiu um olhar maldoso e pôs as mãos na cintura.

— Está bem, eu vou provar. Pegue seu computador. Agora!

Há algo irracionalmente assustador em receber ordens de uma alucinação.

Tirei meu laptop da mochila e coloquei sobre a minha mesa bagunçada. Mal não ia fazer. Na pior das hipóteses, eu poderia ver as tirinhas do XKCD enquanto ela falava suas bobagens.

— Abra o Google.

Pelo menos meu alter ego sabia o que era Google.

— Digite meu nome.

Eu tinha terminado de digitar os dois E no final quando parei.

— Espere um pouco — disse eu. — Se eu encontrar seu nome no Google, a única coisa que fica

provada é que existe uma menina morta em algum lugar chamada Kimberlee Schaffer. Primeiro você me conta sobre você e *depois* eu procuro no Google para ver se você está certa. — *Ah, isso, muito bem, tô passando a perna no meu próprio cérebro. Que beleza.*

Mas Kimberlee deu de ombros, indiferente.

— Está bem. O que você quer saber?

— Como você morreu?

— Afogada.

Afogada? Isso é o melhor que meu subconsciente consegue pensar?

— Você se afogou? Tipo, não sabia nadar?

— É claro que eu sabia nadar, imbecil; eu moro... morava numa praia particular. Na mesma praia em que me afoguei, na verdade. — Um toque de algo que parecia ser emoção verdadeira nublou os olhos de Kimberlee por um instante antes que ela passasse os dedos pelo cabelo; o que quer que eu tivesse visto foi apagado por aquele gesto casual. — Fui arrastada pela correnteza — disse ela, baixinho. — Acontece.

— Mas por quê...?

— Correnteza, cara. Passa para a próxima! — retrucou Kimberlee, fechando a cara.

— Está bem. Hã, de que cor eram as flores no seu velório?

Ela mordeu o lábio inferior.

— Não sei — admitiu ela. *Um ponto para mim.* — Eu não fui. Estava ocupada tentando entender que diabo estava acontecendo e foi só umas duas semanas após o enterro que comecei a ir a qualquer lugar.

— Muito conveniente — zombei.

— O que mais você quer? — disse ela. — Eu me afoguei na correnteza, estudava em Whitestone, tinha dezessete anos, meu pai é juiz de Direito, minha mãe é uma diretora financeira, eu sou filha única. Isso é o bastante?

— Suponho — resmunguei, virando-me para a tela do computador e digitando o resto do nome dela.

— S - C — corrigiu Kimberlee, atrás de mim.

— Vá para lá! — disse eu, apontando para o outro lado da sala. — Não é para você ver isso!

— Está bem! — disse ela, arrastando os pés.

Apertei o *Enter*, totalmente preparado para me deleitar com a prova da minha própria inteligência.

Mas a primeira página, de mais de quatro mil resultados, surgiu na tela.

Adolescente morre em acidente trágico. Juiz da cidade em luto pela morte da filha única. Importante colégio secundário sofre perda trágica. Corpo de adolescente encontrado em praia particular. Confirmada a morte de garota desaparecida de dezessete anos.

Passei os olhos pelos artigos, meu queixo caindo mais e mais conforme os detalhes surgiam diante do meu rosto, complementados por várias fotografias que eram inequivocamente de Kimberlee. Uma das quais nada menos do que a menina na droga do caixão.

— Eu... posso ter lido isso no ano passado — disse eu, desesperado por uma desculpa... e nem um pouco pronto para aceitar aquilo.

— Uma hora você vai ter que parar de tentar se convencer disso e acreditar em mim. Além disso — disse ela, virando-se para me encarar —, quem é que *tenta* convencer a si mesmo de que é insano em vez de aceitar a explicação razoavelmente racional de que alguém seja um fantasma? Talvez você *seja* mesmo maluco. Tipo, hipocondríaco, só que por doenças mentais.

Eu sou agnóstico, mas aquele momento foi a primeira vez na vida que me lembro de ter desejado acreditar num deus. Porque, aí, eu teria alguém a quem implorar que me livrasse daquela morta-viva

demente.

— Que seja — resmunguei, clicando num site depois do outro, examinando cada um por meros segundos antes de passar para o seguinte. Era *possível*, não era? Que meu cérebro houvesse inconscientemente armazenado os detalhes de algo que eu tinha lido e “esquecido” e, então, usado aquelas informações para criar uma pessoa imaginária? Agora eu estava realmente começando a parecer maluco. Sobre estar maluco. Estava maluco *ao quadrado*.

— Seu e-mail — disse, pensando num último teste. — Você tem uma conta no Yahoo, no Gmail ou algo parecido?

— Eu tinha — disse Kimberlee, claramente sem seguir o meu raciocínio.

— O.k., me diga seu nome de usuário e senha. Não há forma alguma de que eu pudesse saber isso; portanto, se funcionar, ficará provado que você não é só um fruto da minha imaginação. — *Controlado, calmo, lógico. Posso fazer isso.*

— Sem chance — disse Kimberlee.

— Por que não?

— Não quero você me espionando on-line!

— Não é para espionar... é para provar a sua história.

— Meu e-mail é particular. Não entre nele.

Hesitei.

— E no Facebook?

Ela bufou.

— Isso não é muito melhor. — Depois de um instante de hesitação: — Que tal a minha página do MySpace? Eu já não usava mais anos antes de morrer, mas definitivamente existe e definitivamente é minha.

Assenti.

— Vai funcionar. Qual é?

Depois de pensar um momento, ela recitou seu nome de usuária do MySpace e eu encontrei a página. Era cor-de-rosa e faiscante a ponto de provocar epilepsia, nada surpreendente.

E cheia de fotos de uma Kimberlee definitivamente viva no ensino médio. Um pouco diferente, mas certamente era ela. Apertei os olhos enquanto analisava algumas fotos de grupo e reconheci Langdon, o cara que quase tinha me quebrado a cara hoje.

— Ei! — disse eu, apontando. — Este aqui é o Langdon.

Kimberlee revirou os olhos.

— E daí?

Virei novamente para o computador e respirei fundo.

— O.k. — eu disse —, esta é, definitivamente, a página de Kimberlee Schaffer no MySpace. Qual é a senha? E nada de ficar adivinhando. Ou você acerta na primeira, ou eu vou te ignorar pelo resto da minha vida.

— Está bem — disse Kimberlee, inclinando-se à frente com uma expressão predatória no olhar —, mas eu também levo alguma coisa nesse acordo. Se a senha funcionar, você acredita em mim cem por cento. Chega desse papo de pessoa imaginária. Combinado?

Engoli em seco.

— Combinado.

Três

— Humm — eu disse, devagar, olhando para a tela.

— O que foi? — perguntou Kimberlee, a tensão elevando sua voz numas duas oitavas. — Não funcionou? Você digitou errado, então... faça de novo!

— Você tem mais de três mil novas mensagens.

— Ah — disse Kimberlee. Então ela se endireitou calmamente, como se por pouco não houvesse tido um ataque histérico um minuto antes. — Bem, morrer faz a gente ficar popular.

Encarei Kimberlee como se a estivesse vendo pela primeira vez. Todos os fantasmas nos filmes eram transparentes e brancos e tinham aquele brilho em volta. E flutuavam. Kimberlee parecia sólida e caminhava no chão como qualquer pessoa. As luzes faziam seu cabelo cintilar um pouco, mas ela, definitivamente, não estava brilhando.

— Posso tocar em você? — perguntei, curioso.

Ela pôs as mãos na cintura e empinou os peitos.

— Tudo bem, vai, admito que já faz algum tempo que não faço essas coisas.

— Não é nada disso — protestei, morrendo de vergonha. — Digo em termos, hã... de física. Posso tocar no seu braço, ou minha mão vai atravessá-la?

Kimberlee analisou seu braço com curiosidade.

— Todo mundo me atravessa. Claro, ninguém pode me ver nem me ouvir. Você pode tentar. — Ela esticou o braço.

Ergui a mão por um segundo, antes de amarelar e voltar para o computador.

— Não quero.

— Vamos lá — disse ela. — Se você não fizer, faço eu.

Senti uma coisa fria passar pelo meu ombro e um calafrio fortíssimo descer pela minha espinha.

— Está bem — respondi quando consegui falar novamente. — Isso foi a coisa mais horripilante que já me aconteceu na vida. E, depois do dia de hoje, isso é dizer muito.

Mas, quando me virei para ela, parecia decepcionada.

— O que foi?

Ela levantou um ombro.

— Eu... esperava que você fosse diferente, só isso.

— Desculpe — murmurei. Não que fosse culpa *minha*. — Então — falei, sentindo-me de repente muito estranho —, você é um fantasma, hein?

— Nossa, como você é perspicaz, não? — disse ela, revirando os olhos. — Vai me ajudar agora ou não?

— Hã...

Suas sobancelhas perfeitamente depiladas se franziram.

— Olha — começou ela, hesitante —, você consegue me ver. E me ouvir. Portanto, você é o único que pode me ajudar. Você *tem* que dizer sim.

Suspirei.

— Para que você precisa de ajuda?

— Para meu assunto pendente.

— Seu o quê?

— Nos livros e filmes, as pessoas viram fantasmas quando têm assuntos pendentes. Deve ser por isso que ainda estou aqui.

— Alguém disse isso para você? Algum, sei lá, *anjo*, imagino, veio te dizer o que você precisa fazer?

Ela balançou a cabeça.

— Hã-hã. Apenas acordei no meio da escola e estava morta. O resto eu estou adivinhando.

— Qual é seu assunto pendente?

Ela girou um anel em volta do dedo.

— Eu meio que roubei algo quando estava viva e acho que preciso devolver.

— Só isso? Nenhum amor não correspondido? Nenhuma vingança não realizada?

— Não.

— E você quer que eu devolva a coisa para que você possa seguir seu caminho?

— Esse é o plano. É a única coisa em que consigo pensar. Tive uma vida ótima. Praticamente todo mundo gostava de mim... a não ser as pessoas que queriam *ser* eu... e eu tive tudo que sempre quis.

— E isso te forçou a se meter numa vida criminosa? Nunca entendi gente rica que rouba.

— Que seja. Você vai me ajudar?

Apoiei meus braços sobre a mesa e deitei a cabeça neles.

— Eu devolvo algumas coisas por você e você me deixa em paz? — perguntei, mais para o tapete do que para ela.

— Sim.

— Para sempre?

— Prometo. — Ela riu. — Eu te daria um aperto de mão, mas, já sabe...

Eu sabia. E não queria fazer aquilo de novo.

Estava achando que teria sido melhor ser simplesmente maluco.

— Jeff?

Olhei para ela. Seu sorrisinho sarcástico tinha desaparecido. A cara feia também.

— Por favor? — perguntou ela num tom de voz totalmente genuíno.

Eu sou um molenga mesmo.

— Está bem, vou te ajudar.

Ela deu um gritinho e uniu as palmas das mãos.

— Obrigada, obrigada, obrigada! — E, então, no mesmo fôlego:

— Precisamos ir até a caverna.

— Caverna?

— É onde as coisas estão.

— Você está em Santa Monica e escondeu coisas numa *caverna*?

— É na praia particular dos meus pais. Eu a descobri quando tinha, tipo, uns dez anos. Desde então tem sido meu esconderijo secreto.

— O.k. — respondi. — Podemos ir lá amanhã.

— Por que não podemos ir hoje?

Fucei na minha mochila e tirei uma edição de *Os Miseráveis* — e não era a versão resumida.

— Porque tenho cem páginas disto aqui para ler esta noite. Sem falar do dever de casa de Cálculo e do gráfico de História em que todos os alunos já vêm trabalhando há uma semana. — A ideia de todo o dever de casa que eu tinha acumulado era quase suficiente para fazer meu problema fantasmagórico parecer pequeno.

Quase.

— Ao contrário de algumas pessoas, eu ainda tenho vida própria — resmunguei.

Os lábios de Kimberlee se apertaram numa linha reta e, antes que eu pudesse pedir desculpa, ela girou nos calcanhares e desapareceu através da porta do meu quarto.

Quando Kimberlee surgiu silenciosamente ao lado do meu armário, na manhã seguinte, tentei me desculpar pelo meu comentário infeliz.

— Eu estava estressado — disse, baixinho, esperando que ninguém estivesse perto o bastante para me ouvir falando sozinho. De novo.

— Devia ter ficado de boca fechada.

— Para mim é indiferente — disse ela, sem me olhar nos olhos enquanto eu fechava meu armário. — Só quero acabar logo com isso.

Eu tinha quase chegado à escada que teria de subir para a sala de Bleekman quando um flash vermelho atraiu meu olhar. Ignorei Kimberlee e acompanhei a ruiva com os olhos.

Finalmente uma coisa boa em Whitestone.

Dedos estalaram na frente do meu rosto.

— Alô? Atenção!

Kimberlee. Prova da beleza da outra garota era o fato de eu ter conseguido, por dez segundos que fosse, me esquecer completamente de Kimberlee.

A Menina Linda estava parada a menos de seis metros de distância, remexendo em seu armário com as costas viradas para mim. Eu estava tentando pensar numa maneira não idiota de abordá-la quando ela parou e se virou. Desviei o olhar, com medo que ela pudesse sentir meus olhos abrindo um buraco em suas costas. Talvez alguns centímetros *abaixo* de suas costas. Após o que eu esperava que fosse um período seguro de tempo, olhei na direção dela novamente. Demorei alguns segundos para encontrá-la.

Abraçando um cara de jaqueta esportiva universitária.

Não conseguia tirar os olhos dos dois. Como se fosse um acidente de carro: você não quer realmente ver o cara todo estourado lá dentro, mas também não consegue parar de olhar. E não era um zé-ninguém de terceira divisão; aquele cara era totalmente sarado e, provavelmente, capaz de quebrar meu pescoço com dois dedos. Talvez com um. Levei alguns segundos para perceber que ele não era muito alto... mas quem precisa de altura quando se tem ombros parecidos a vigas de aço? A ruiva se encostou nos armários ao lado dele e sorriu.

Eu conhecia bem aquele tipo de sorriso. Era um sorriso especial reservado para pessoas especiais. Especial do tipo namorado.

Droga.

Mas, também, por que ela estaria livre? Era realmente maravilhosa e, considerando que estudava em Whitestone, quase certamente rica. Meninas como aquela não ficam dando sopa por aí, sozinhas.

— Curtindo seu momento de fantasia, sonhador? — Kimberlee estava encostada ao meu armário parecendo superentediada.

Ah, sim.

Mas não pude evitar olhar novamente para a menina linda.

— Acredite em mim, deixe aquela ali em paz — disse Kimberlee, seguindo meu olhar. — Ela era uma piranha no primeiro ano, mas agora nem sai com ninguém. Provavelmente não gosta mais de meninos.

Olhei para Kimberlee com minha melhor cara de “dã” e inclinei a cabeça na direção da garota.

— E quanto ao trator humano ali?

— Espere um pouco — disse ela, rindo. — Ele? O Mikhail?

Era *bem* dela achar aquilo engraçado.

— Você está completamente errado. Mikhail é... — Ela fechou a boca depressa, e seus olhos cintilaram de forma estranha. Ela suspirou melodramaticamente. — Devo estar enganada. Afinal, só porque ele estava saindo com alguém alguns meses atrás não significa que ainda estejam juntos. Eu ando *tão* por fora. — Ela suspirou novamente.

Ela estava sendo sarcástica? Senti que havia perdido alguma coisa, mas não podia imaginar o quê.

— É melhor você ficar bem longe dela — continuou Kimberlee. — O Mikhail pode te quebrar no meio sem nem fazer força.

— Apenas me diga o nome dela — sussurrei.

— Por quê? — retrucou Kimberlee. — Para te ajudar a ter uma “vida própria”?

Lá se ia sua suposta *indiferença*.

— Estou ajudando você — relembrei-a.

— Está bem — disse ela, parecendo muito mais irritada do que meu pedido podia justificar. — É Serafina. Serafina Hewitt. Eu te encontro na frente da sala do Keller às três em ponto para irmos até a caverna. Se você der para trás, vai se arrepender. — Ela disparou com uma arma imaginária na minha direção e passou pela parede de armários.

Quatro

Como prometido, Kimberlee estava me esperando depois da aula, perto da porta de entrada.

— Finalmente — resmungou ela.

Abri a porta e instintivamente a segurei aberta para ela sair. Ela abafou o riso ao passar por mim.

— Tá segurando a porta para sua amiga imaginária, é?

— Isso só é um insulto a você mesma.

Ela jogou o cabelo de lado.

— Que seja. Onde está o seu carro? — perguntou.

Abri um sorriso. Não pude evitar. Uma BMW Z4 preta conversível era, na opinião da minha mãe, a definição de um carro bom e prático. Teria alguma coisa a ver com durar para sempre? Me virei para Kimberlee.

— Por aqui.

Eu me dirigi para a parte mais distante do estacionamento, onde quase ninguém estacionava. As vagas em ambos os lados da minha Z4 estavam vazias. Aquilo fazia a caminhada valer a pena.

Kimberlee passou os dedos pelo capô preto como se pudesse, de fato, sentir alguma coisa.

— Vi este carro ontem quando segui você até a sua casa — disse ela, como se seguir pessoas até suas casas fosse algo completamente normal. — É do papai?

Pus meus óculos escuros e apertei o botão de destravar no meu chaveiro.

— Não. É toda minha. Kimberlee, quero que você conheça a Halle.

— Halle?

Não que eu tenha vergonha de ter dado um nome para o meu carro, mas, bem, é meio pessoal, né?

Kimberlee ficou parada diante da porta. Depois de quase trinta segundos, abri a janela.

— Você vem?

— Pensei que você fosse abrir a porta para mim.

— Pensei que eu não devia fazer esse tipo de coisa para minha *amiga imaginária*.

Ela revirou os olhos.

— Está bem. — Ela passou pela porta e se acomodou no banco.

Olhei para ela com tudo que eu já aprendera de Física gritando que aquilo não fazia o menor sentido.

— Por que você não atravessa o piso do carro? — perguntei finalmente.

— Não sei — disse ela com raiva. — Por que você não atravessa o piso do carro?

Balancei a cabeça e pus a chave no contato.

— Devo colocar o cinto de segurança?

— Você consegue?

Aquilo calou sua boca.

— Vamos lá, por que Halle?

Ou seja, não calou completamente.

— *Não* vou te dizer.

— Desembuche!

Eu não tinha energia para mais uma luta de poder com Kimberlee.

— Escolhi esse nome por causa da Halle Berry. Ela fez a Tempestade nos filmes dos X-Men.

— Você é tão nerd. Por que ela?

Podia sentir meu rosto ficando vermelho.

— Bem, você sabe... porque ela é sexy. E negra. E meu carro é sexy e negro.

Kimberlee deu um sorriso afetado.

— Estão você quer fazê-la rodar pela cidade toda?

— *O quê?* Não, é uma homenagem! Como dar o nome de alguém a um barco! Eu só... é só uma bobagem... Esqueça que eu falei qualquer coisa. Podemos deixar esse assunto pra lá?

— Como quiser, Grande Mago.

Balancei a cabeça e dei a partida no carro. Ela estava só me provocando. De novo. Por que eu continuava caindo nas suas provocações?

— Você dirige como a minha avó — disse Kimberlee depois de alguns minutos de deslocamento lento.

— Você acha que isso é um insulto? Vai ter que se esforçar mais. — Eu sabia do que aquele carro era capaz. Na minha primeira semana com ele fiz uma viagem para Las Vegas e fui de Phoenix até a Represa Hoover em pouco mais de duas horas. Meu carro é *rápido*. E, admito, tinha vindo para a escola a uma velocidade bem considerável no dia anterior; mas, então, percebi que a galera ali dirigia como se tivesse fumado crack. Sério. Portanto, depois de quase bater num Miata vermelho, decidi que era melhor tirar o pé do acelerador.

Pelo menos até sair do estacionamento.

Kimberlee me guiou por várias ruas, cada uma mais ampla e mais pomposa do que a anterior, até pararmos na frente de uma enorme mansão branca.

— Uau, que beleza. — Nossa casa era superlegal, mas aquela era o tipo de casa que só se vê nos programas de decoração que a minha mãe assiste. As casas de *exibição*.

— Entre naquela estradinha ali. Vai levar até a praia — disse Kimberlee, claramente pouco impressionada.

— Tem certeza de que ninguém vai mandar me prender por estar aqui? — Porque eu não tinha *nenhuma* certeza.

— Que nada. Tem um portão. Eu te direi o código.

Entrei no caminho do lado direito da casa e parei ao lado de um teclado numérico.

— Oito-seis-quatro-dois-dois, asterisco.

Digitei os números, e então meu dedo pairou acima do asterisco. Fechei os olhos e apertei, esperando ver luzes piscando e policiais com armas em punho. Quase podia ouvir o megafone. *Saia do veículo com as mãos para cima!* Mas tudo que, de fato, ouvi foi o deslizar silencioso do portão que se abria. *Até aqui, tudo bem.*

A estrada se inclinava por um declive marcado antes de terminar num estacionamento para dez carros, em frente a uma praia linda e branca cercada em ambos os lados por penhascos altos.

— Uau! — exclamei ao descer do carro, sentindo-me mais como se estivesse num cenário de filme

do que no que era, em essência, o quintal da casa de alguém.

Kimberlee olhou com a cara fechada para as ondas verdes.

— Você vai me perdoar por não demonstrar o mesmo entusiasmo que você.

— Por quê? Porque você morreu aqui?

— Vamos logo até a caverna.

— Você está lendo a minha mente.

Ela ficou alguns metros à minha frente conforme atravessamos a areia.

Ela não deixava pegadas.

— Esse papo todo de fantasma está me deixando assustado — disse eu, os olhos fixos nos pés dela.

— Pois é — disse ela, sem olhar para trás. — Eu também levei quase um mês para pegar o jeito.

Ótimo.

Quando chegamos ao que parecia ser a face de um pequeno penhasco, ela correu dois passos e pulou; então, entrou basicamente flutuando na caverna.

E eu fiquei parado ali, três metros abaixo.

— Você não presta mesmo — gritei.

— Moloide. Tem apoios para se segurar na subida inteira. Era assim que eu conseguia vir aqui quando estava viva.

Encontrei um apoio para o pé e subi ali para agarrar o apoio seguinte com os braços. Em alguns segundos, estava com pernas e braços apoiados em pequenas saliências e, com certeza, parecia um besouro agarrado à parede com medo de cair; isso a menos de um metro da praia arenosa. Olhei para Kimberlee em busca de ajuda. Ela olhava fixamente para o mar. Uma lufada de vento fez sua saia levantar de repente, dando-me um belo panorama. Congelei, perdi o equilíbrio e escorreguei pela pedra. Ou, mais precisamente, caí esparramado na areia.

— Pervertido — disse Kimberlee com uma risada sinistra que me fez lembrar que o vento não podia tocar suas roupas. Só Kimberlee podia mexer nelas.

— Não faça mais isso — disse, sério. *Pelo menos não enquanto estou pendurado na parede de um penhasco.* Sem olhar para Kimberlee, comecei a escalar novamente, dessa vez com mais cuidado. Foram necessárias umas três tentativas e pelo menos dez minutos, mas acabei conseguindo. Olhei para a praia, lá embaixo. A escalada parecia muito mais curta, vista do alto. — Pronto — disse, enquanto me colocava em pé. — Onde estão as coisas?

Ela inclinou a cabeça para o fundo da caverna. Eu me virei e pisquei, deixando meus olhos se ajustarem à escuridão. Quando isso finalmente aconteceu, meu queixo caiu.

Devia ter umas cem caixas empilhadas nos fundos da caverna, que era mais profunda do que eu havia esperado.

— Algumas coisas? *Algumas coisas!* Você é maluca? — Minha voz ecoou pela caverna, repetindo minhas palavras.

— Jeff... — A voz dela estava atipicamente baixa.

— Isso é ridículo. Você mentiu para mim.

— Não menti, não.

— Ninguém em sã consciência classificaria isso como “algumas coisas”. Você mentiu para me fazer vir aqui e esperou que pudesse simplesmente bater as pestanas e tudo ficaria certo. Bem, não vai ficar. — Recuei, afastando-me da imensa pilha de caixas. — Não vou fazer isso.

— Jeff...

— Eu devia chamar a polícia — disse, recuando. De jeito nenhum eu conseguiria devolver tudo aquilo sozinho, não num período razoável de tempo. — Aposto que eles poderiam...

— Não! — gritou Kimberlee, correndo atrás de mim. — Eles iriam apenas confiscar tudo. Daí, eu ficaria presa aqui para sempre! Jeff, por favor.

— Não. Estou indo embora — disse, tanto para mim mesmo quanto para Kimberlee — e *não* vou voltar. — Olhei sobre a beirada e tentei encontrar os apoios que tinha usado para subir. *São só três metros. Simplesmente pule!* Baixei o corpo o máximo que podia enquanto me agarrava à borda; então tentei cair devagar. Meus pés bateram na areia um instante antes da minha bunda. Meu cóccix doeu, mas, pelo menos, eu tinha saído da caverna da cleptomaníaca. Olhei na direção do meu carro e me obriguei a caminhar devagar em vez de correr... o que provavelmente me faria cair e parecer um idiota.

De novo.

Kimberlee estava bem do meu lado.

— Estão organizadas — argumentou ela. — Vai ser fácil. Um saco para cada pessoa. As caixas estão separadas por categorias. Só algumas viagens e teremos terminado.

Por categoria?

— Algumas viagens? *Algumas* viagens? Talvez se eu tivesse uma carreta. Ali... — falei, apontando para a caverna — tem um monte de coisa, Kimberlee. Você tem um problema.

— Tinha.

— O quê?

Ela deu de ombros.

— Agora não posso mais fazer nada, posso? — Ela riu meio sem convicção por alguns segundos antes de ficar em silêncio.

— Muito engraçado — zombei. Entrei no carro e bati a porta com força antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa. Conforme dirigia, mantive o olhar fixo em Kimberlee pelo espelho retrovisor até que a estrada fez uma curva e ela desapareceu da minha vista. Assim que deixei a rua sem saída onde ficava a casa dela, pisei no acelerador e fui para casa o mais rápido que me atrevia.

Como diabos eu ia sair daquela situação?

Quando cheguei em casa, minha mãe havia saído, mas Tina, nossa empregada, estava limpando as bancadas, e um cheiro bom saía do forno.

— Ah, Jeff, aí está você — disse Tina. — Sua mãe está numa gravação, e seu pai, numa teleconferência. Você sabe, daquelas que sua mãe vive falando para ele parar de atender. Tenho que ir embora assim que tirar os muffins do forno. São dos saudáveis... não conte para o seu pai. Diga que são cupcakes, e ele vai comer tudinho. — Tina estava conosco havia apenas duas semanas, mas já estava decidida a transformar meu pai num adepto da comida saudável; clandestinamente, lógico, embora seus métodos não fossem exatamente dignos de James Bond.

Eu me sentei na bancada e deixei a mochila cair no chão.

— Você está com uma aparência péssima.

Obrigado, Tina.

— Dia difícil?

Na verdade, Tina, foi ótimo. Eu vi uma menina... claro, ela está totalmente fora de alcance, do meu alcance, pelo menos. Ah, e tem essa outra menina... que está fora do alcance de todo mundo! Mas ela é toda minha, quer eu a queira ou não.

— Apenas cansativo — respondi com um dar de ombros. — Muito dever de casa.

Ela estendeu a mão e deu um tapinha na minha cabeça de um jeito confortante, apesar da estranha vovozice.

— Você vai conseguir dar conta de tudo. É um garoto inteligente.

— Obrigado — respondi, sorrindo um pouco. — É melhor eu subir e começar a trabalhar.

Mas, em vez de começar o dever de casa, liguei meu Xbox. Depois do que tinha acabado de ver,

merecia relaxar um pouco. Joguei *GTA* por mais ou menos uma hora e imaginei que tudo em que meu carro batia era Kimberlee ou uma de suas caixas de coisas roubadas. Olhava por cima do meu ombro toda hora, esperando vê-la ou ouvir um de seus comentários engraçadinhos, mas tudo que ouvi foi a sinfonia catártica de tiros e gente gritando.

Por que essa coisa toda de fantasma estava acontecendo *comigo*? Kimberlee disse que eu era a primeira pessoa a vê-la. Nada na minha vida era tão especial assim. *Eu* certamente não era especial.

Talvez fosse alguma coisa em Santa Monica. Nas três semanas desde que havíamos nos mudado para cá, minha vida tinha virado de cabeça para baixo. Minha mãe estava na TV, meu pai era um *workaholic* aposentado que não conseguia ficar longe do antigo negócio e eu tinha um fantasma. E uma empregada doméstica. Um ano antes, qualquer dessas coisas teria parecido piada. Tê-las todas ao mesmo tempo... bem, quem podia me culpar por precisar de um tempo para me adaptar? Mas, até onde eu soubesse, ver fantasmas não era sintoma nem de saudade de casa nem de estresse.

No entanto, eu tinha que dar uns pontos a Santa Monica pela ruiva que vira na escola. *Serafina*, Kimberlee tinha dito. Cara, ela era maravilhosa. Mas eu não podia pensar nela nem por alguns segundos sem voltar ao mesmo problema catastrófico que, de repente, eclipsava todo e qualquer aspecto da minha vida.

Kimberlee.

Será que havia bons exorcistas em Santa Monica?

Cinco

— Jeff? Jeff?

— Já acordei, mãe.

— Abra os olhos, Jeff.

Esfreguei o rosto com as mãos e abri ligeiramente um olho.

— Ave-Maria! — gritei quando Kimberlee entrou em foco. Pulei para longe dela e puxei os cobertores em volta do corpo. — Saia do meu quarto!

— Por quê? — perguntou ela, percebendo a força com que eu agarrava a roupa de cama. — Tá pelado aí embaixo?

— Tô. Agora, saia!

Ela franziu o nariz.

— Ai, credo. Eu só estava brincando.

Revirei os olhos.

— Não estou pelado. Mas estou só de cueca.

Kimberlee deu de ombros.

— Nada que eu já não tenha visto. — Ela tentou agarrar a ponta do meu edredom.

Segurei a coberta com mais força e tentei fugir de seu alcance. Quando sua mão passou através do edredom e meu rosto ficou branco, ela riu como se fosse a coisa mais engraçada do mundo.

— Você é tão estranho — disse ela, analisando-me com os braços cruzados sobre o peito.

— Você queria ver minha roupa íntima.

— Eu te mostrei a minha. Agora é a sua vez.

— Vire de costas para eu vestir um jeans.

Ela girou levantando os braços acima da cabeça como uma bailarina.

— Pronto? — perguntou ela assim que eu subi o zíper.

— Sim.

Ela se virou e me olhou de cima a baixo.

— Sexy. Um pouco magro, porém.

— Como se te importasse...

— Ei, eu gosto de ver caras bonitões tanto quanto qualquer outra morta-viva.

— Você está aqui para implorar e apelar para eu te ajudar de novo? — Entrei no meu banheiro e peguei a escova de dente. — Porque, se for, pode esquecer.

Ela riu com tristeza; uma risada que personificava a palavra *sinistra*. Fiquei todo arrepiado.

— Implorar e apelar? Quem você acha que eu sou? Eu não imploro nem apelo; eu ameaço. Depois de hoje, ou você concorda em me ajudar, ou vou te assombrar de verdade.

Cuspi e tentei parecer mais corajoso do que aquela risada me fazia sentir.

— Como assim, vai gritar *Bu!* na minha cara? Isso vai me convencer mesmo.

— Isso é coisa de amadores. Eu só vou me sentar e ficar olhando para você no chuveiro.

— Posso me acostumar com isso — respondi. *Um dia.*

Ela deu uma risadinha, fazendo os cabelos na minha nuca se eriçarem.

— Eu não terminei ainda. Vou sentar em cima do seu almoço na escola... *bon appétit*; vou acompanhar você nos seus encontros e assustar quem estiver com você e, então, vou gritar e berrar a noite inteira até você ficar insano por falta de sono. É fácil.

Merda.

— Isso não é justo.

Seus olhos se estreitaram.

— Você acha que é justo eu ficar sentada aqui o dia inteiro, todos os dias, sem ninguém com quem conversar e sem nenhuma forma de me virar sozinha? — gritou ela. — Ficar presa num mundo ao qual não pertença e onde não posso fazer nada? — Seu rosto ficou furioso por alguns segundos, então contorceu-se em desespero.

Existe uma razão pela qual as meninas sempre ganham nas discussões comigo. Lágrimas são como kriptonita.

— Não chore, Kimberlee — disse eu, com um suspiro.

— Você também iria cho-cho-chorar — lamentou ela — se só tivesse uma pessoa no mundo inteiro com quem você pudesse conversar.

Pude sentir minha força de vontade indo pelo ralo enquanto caminhava e me jogava na cama.

Kimberlee ficou parada ao lado da porta do banheiro.

Pigarreei e dei um tapinha na cama, ao meu lado.

— Está bem — respondi quando ela se sentou, devagar. — Se eu te ajudar, e estou dizendo se, deverá haver algumas regras.

Ela fungou, mas assentiu com a cabeça.

— A primeira regra é: não entrar no meu quarto até eu me vestir. Entendeu?

Ela respirou fundo e passou a manga da blusa pelo rosto, limpando a expressão triste junto com qualquer vestígio de lágrima.

— Legal. Que mais?

Só havia uma pessoa que eu vira conter as lágrimas com tanta velocidade. Como se houvesse um botão de *liga/desliga*. Minha mãe.

A atriz.

— E nada de fazer... aquela outra coisa que você falou — disse, começando a me sentir um completo imbecil.

Kimberlee apenas deu de ombros.

— Sem problema. Alguma outra exigência?

— Eu... vou pensar em mais regras conforme o andamento das coisas. — Agora eu estava irritado com a choradeira falsa dela.

— Beleza — disse ela, subitamente muito séria. — Vá tomar banho ou irá se atrasar.

— Está bem, mas você fica aqui fora. Nada de espiar, nem de passar pela parede do chuveiro, nem nada.

— Como se eu quisesse — resmungou ela.

Corri para o banheiro e tomei banho o mais depressa que pude. Era verdade que eu não queria me

atrasar, mas o principal motivo foi para que Kimberlee não pudesse mudar de ideia e vir dar uma espiadinha. Saí do banho e vesti meu uniforme, ainda meio molhado; pelo menos estava coberto. Peguei o barbeador elétrico e liguei.

— Pare! *Pare!* — Kimberlee passou pela parede com as mãos cobrindo os olhos. — Solte já esse barbeador. Você realmente faz a barba? — perguntou ela, espiando entre os dedos.

Apontei para o barbeador com minha melhor cara de “dã”.

— Não, eu quis dizer: você *precisa* se barbear? Você fica com aquela aparência de barba por fazer e tudo mais?

— Sim.

— Me deixe ver. — Ela se aproximou e analisou a faixa de pelos no meu queixo e em volta da minha boca.

— Isso é sexy, você não pode tirar.

— Mas as normas da escola proíbem barba.

— Ah, faça-me o favor. Não vão te pegar por uma barba.

— E por que eu iria querer ficar com a barba por fazer?

— As meninas adoram. Se você tem barba, demonstra que é mais viril.

Revirei os olhos.

— Você ao menos sabe o que essa palavra significa?

— Apto a desempenhar sexualmente como macho — respondeu ela, com orgulho. — Eu procurei no dicionário.

Olhei para meu queixo no espelho, e meus pensamentos voaram até Serafina. Talvez aquele fortão de ontem também tivesse a barba por fazer.

— Viril. Quer saber? Estou me sentindo viril.

— Que seja... arrume o cabelo.

Peguei um pente e dividi o cabelo; então o penteei para trás com os dedos.

— Ah, tá brincando?

— O que foi? É o visual bagunçado.

— Eu conheço o visual bagunçado, Jeff, e não é isso aí. Você tem gel?

Última gota.

— Olha, não vou mudar meu cabelo. Se você quer que eu te ajude, vai ter que me aceitar do jeito que sou ou não há acordo.

Kimberlee cruzou os braços sobre o peito.

— Que seja — disse ela. — Mas, se nenhuma menina quiser tocar em você, não diga que eu não tentei.

Foram necessários quinze minutos de instrução antes que Kimberlee ficasse satisfeita. Eu não estava muito convencido. Tinha pontas eriçadas de um lado com uma parte lisa do outro e mechas de uma franja amassada sobre um olho.

— Estou parecendo um idiota.

— Não, você está gato!

— Sei lá, Kim, talvez...

— Kimberlee.

— *Kimberlee.* Talvez esse não seja o visual certo para mim.

— Confie em mim. Você nunca esteve melhor.

Confiar em Kimberlee? Todos os meus instintos se rebelavam contra aquela ideia, mas que escolha eu tinha, de fato? Kimberlee tinha nascido e sido criada em Santa Monica e, baseado no que eu tinha captado de sua presença na internet — sim, eu tinha pesquisado mais —, ela, aparentemente, tinha sido a Rainha de Whitestone por quase três anos, antes que a correnteza interrompesse seu reinado.

Eu não tinha nada.

Além disso, tinha gastado tanto tempo com o cabelo que só tinha dez minutos para chegar à escola. Não dava tempo de refazer.

Enfie a cabeça pela porta da cozinha. Que sorte: minha mãe, meu pai e a Tina. A maior plateia que nossa cozinha já teve àquela hora da manhã. Tentei parecer confiante ao passar rapidamente pela cozinha, tentando não ser visto.

— Jeff! Olha só! — disse a minha mãe, entusiasmada. — Você está parecendo o Ryan Seacrest.

Aquilo era um elogio?

Meu pai nem sequer levantou os olhos do jornal. Por mim, ótimo.

Peguei meu *burrito* para viagem de café da manhã, despedi-me e entrei no carro antes que alguém pudesse fazer mais comentários.

— Afrouxe a gravata — disse Kimberlee, aparecendo de repente no banco do passageiro.

Isso eu podia fazer.

— Muito melhor. Agora, sim, você parece alguém à altura de trabalhar para mim.

Meu queixo caiu.

— Eu. Não. Trabalho. Para. Você — falei, cada palavra dura e curta. — Estou te fazendo o maior favor do mundo e...

— E eu acabo de fazer você se parecer o tipo de cara que alguém daquela escola possa realmente querer beijar. E, levando em conta que você tem que usar uniforme como todo mundo, essa habilidade é bastante incrível. Esperaria que você ficasse agradecido.

— Eu estava bem daquele jeito. Tudo que você fez foi deixar meu cabelo esquisito e me convencer a não fazer a barba. Não diria que se trata de uma “habilidade incrível”. Eu não precisava da sua ajuda.

— Se é o que você diz... — disse ela, tranquilamente.

Fui bufando o caminho inteiro até a escola e cogitei apertar novamente a gravata só de despeito. Entre o fato de meu carro ter um acelerador ultrassensível e eu estar furioso com Kimberlee, cheguei à escola cinco minutos antes de tocar o primeiro sinal. *Perfeito*.

Kimberlee passou pela porta do carro e desapareceu tão depressa que nem pude ver aonde tinha ido. Não que me importasse.

Conseguí estacionar perto da entrada mais próxima do armário de Serafina e comecei a procurar por ela assim que abri a porta. Ela estava ali, tirando coisas da mochila. Enquanto eu a observava, ela ficou na ponta dos pés e tentou colocar um livro na prateleira do alto, fazendo sua saia se levantar alguns centímetros. Suas pernas eram muito, muito bonitas, mas não foi só por isso que eu olhei.

Elas eram totalmente musculosas.

Suas panturrilhas tinham aquela protuberância grande que só se vê em garotas que levantam peso. Não eram pernas cheias de veias, tipo “tomo testosterona de cavalo”, mas perfeitas, de modelo de academia, que provavelmente podiam me espremer feito uma píton se me agarrassem numa chave de perna.

Chave de perna. Ai, Senhor.

Virei para o meu armário e peguei meus livros, desejando ter mais tempo antes que tocasse o sinal novamente.

Mais tempo para falar com ela. Ou, no mínimo, mais tempo para criar coragem.

Ela fechou o armário e veio na minha direção. Quando estava quase passando por mim, cerrei os dentes e me obriguei a dar meia-volta.

— Oi — disse eu. *Brilhante*.

Ela virou, surpresa, como se não soubesse direito quem tinha falado com ela naquele corredor lotado.

— Tu-tudo bem? — falei, aproximando-me um pouco mais e esperando que ela não tivesse percebido a gagueira.

— Bem — disse ela, sorrindo com hesitação.

Fiquei parado ali alguns segundos, só olhando. Foi isso. Eu não tinha mais nada a dizer.

— Ah, meu nome é Jeff. Acabei de me mudar para cá de Phoenix — disse eu, estendendo a mão. — No Arizona — acrescentei. *Burro, burro, burro!*

Ela apertou a minha mão. Só depois que as mãos se juntaram e começaram a balançar para cima e para baixo foi que percebi como aquilo era ridículo.

— Sera — disse ela rapidamente, puxando a mão depois de umas três sacudidas.

Sera. Um dos meus nomes favoritos. A partir de agora.

Olhei para cima rapidamente quando o sinal tocou.

— Bem, está na hora — disse Sera, afastando-se.

— Te vejo por aí — respondi, dando meu melhor sorriso.

Não acho que ela tenha notado.

No entanto, não tinha sido tão ruim. O primeiro contato fora feito e tal. Ela agora sabia meu nome, pelo menos. Era o primeiro passo. Havia mais uns vinte e quatro passos, envolvendo ela descobrir que eu era o amor da vida dela e dispensar o namorado atleta, mas o que é mesmo que se diz sobre toda jornada começar com um único passo? Aquele era meu único passo.

— Legal — disse Kimberlee, tirando-me do meu devaneio. — Agora, em vez de ser um zé-mané desconhecido, você é o pamonha que disse a ela em que estado fica Phoenix. Muito bem.

Só sabem criticar.

Seis

A primeira coisa com que trombei ao entrar na aula do Bleekman foram as costas do Langdon. Literalmente.

— Eeeeeeei, Jeff, certo? — disse Langdon, passando um braço musculoso pelo meu pescoço. Um braço bem pesado.

— Sim? — respondi, hesitante, com um pouco de medo de apanhar na frente de todo mundo.

— O que você vai fazer sábado à noite, amigão?

Amigão?

— Hã... — Havia algumas pessoas em volta agora. Não eram todos brutamontes como Langdon, mas, definitivamente, pertenciam à elite de Whitestone; você sabe, daquele tipo para o qual todo mundo abre passagem nos corredores. Eles têm um certo... ar de intimidação, suponho. Uma espécie de linguagem internacional de superioridade.

Notei que a maioria também tinha cabelo espetado e todos estavam com o colarinho desabotoado sob a gravata frouxa, igualzinho a mim. Nunca tinha pensado em cabelo e roupa como camuflagem, mas talvez agora eles achassem que eu era do time deles.

Ou, talvez, Kimberlee os tivesse forçado a isso. Será que ela podia fazer aquilo?

— Vamos fazer uma festa do chope em Harrison Hill — continuou Langdon. — Vai ser selvagem. Você é aluno novo e acho que precisa de uma acolhida digna de Whitestone.

Essa é a diferença entre os atletas de Whitestone e os da escola pública: em Whitestone eles sabem usar palavras como *acolhida*.

— Ah, é? — falei, hesitante.

— Cara, todo mundo vai estar lá — disse um dos rapazes com mais cara de típico estudante americano. — Nós damos festas lá algumas vezes por ano e é o lugar certo onde estar.

— Você devia ir — disse Langdon, com uma expressão no olhar que fez eu me sentir um daqueles peixinhos minúsculos, cujo único propósito na vida é servir como comida para os peixes maiores e mais caros da loja. — É sério, cara — disse ele, estendendo uma mão enorme para mim —, você será meu convidado de honra.

Kimberlee passou por mim enquanto eu ia até minha carteira. Ela me olhou com uma sobrancelha levantada.

— Por que esse sorrisinho alegre? Você parece um idiota.

Fui convidado para uma festa, escrevi no meu caderno.

Kimberlee me honrou com uma expressão impassível.

— É fantástico; uma festinha de nerds jogando Dungeons & Dragons.

Revirei os olhos e lhe dirigi um olhar furioso, que consegui tirar do rosto um segundo depois de perceber que Bleekman iria pensar que era para *ele* que eu estava olhando daquele jeito.

Eu nem jogo D&D.

E é verdade. Já faz anos que não jogo D&D. Bem, *um* ano, pelo menos.

É uma festa do chope em Harrison Hill.

— Harrison Hill? Sério? — perguntou Kimberlee. “Gritou” provavelmente defina melhor. — Eu *adoro* as festas em Harrison Hill!

Admito que fiquei aliviado ao ouvir aquilo. Agora sabia que a festa era de verdade. Provavelmente.

— Espere aí — disse Kimberlee, a voz mortalmente séria. — Você foi convidado? — Ela pôs uma mão na cintura e levantou o dedo como se estivesse dando bronca numa criança de cinco anos, em vez de... hã, alguém de dezesseis. — Não se atreva a aparecer em Harrison Hill sem convite.

Olhei para ela e assenti levemente.

— Por quem? Você não pode ser convidado por um zé-mané

e achar que está realmente convidado só porque algum nerd conseguiu ficar sabendo da festa.

Por alguma razão, depois da nossa discussão no primeiro dia, eu não queria admitir para Kimberlee que tinha sido o Langdon. Além disso, o outro carinha também tinha se intrometido. Era o suficiente, certo? Como era um pouco difícil descrever alguém que estava vestido exatamente como todo mundo — a gente não percebe o quanto usa as roupas para descrever pessoas até chegar a um colégio onde todos usam uniformes e parecem clones —, desenhei um gráfico rápido para indicar o carinha que também tinha falado comigo.

Kimberlee se virou para olhar para ele.

— Neil? — Ela ergueu as sobrancelhas, ponderando, parecendo até mesmo um pouco impressionada. — Está bem então. Você foi convidado. — Ela sorriu. — Beleza. Está vendo? Foi o cabelo.

O triste era que, provavelmente, ela estava certa.

Quando tocou o sinal para o almoço, algumas horas depois, fiquei tenso enquanto fechava a mochila. Tinha me concentrado tanto em Kimberlee no dia anterior que nem me lembrara do ritual todo do almoço. Halle, eu e um pacote de batatas fritas encontrado embaixo do banco do carro costumava ser um almoço bastante aconchegante.

Agora, a não ser que eu quisesse ser o típico carinha que se senta sozinho todo dia, precisava encontrar uma mesa.

E torcer para não ter estragado tudo com meu comportamento antissocial do dia anterior. Coisa séria, isso! E foi por isso que Kimberlee me encontrou parado no meio da cantina, segurando uma bandeja cheia de comida e sofrendo um ataque de paralisia da análise.

— O que você está fazendo, mané? — ela perguntou.

— Hummmm... — respondi honestamente.

Ela parou por um instante; então suspirou.

— Eu devia deixar você aqui sozinho e permitir que fizesse papel de bobo, mas fala sério, Jeff, que impressão você acha que vai dar parado aí enquanto seu almoço esfria? Vá se sentar, caramba!

Ela tinha razão.

Eu estava prestes a ir para uma mesa meio cheia e tentar puxar conversa com estranhos quando Sera entrou pela porta.

Com o grandalhão de jaqueta universitária.

Merda.

Olhei para a minha bandeja e decidi que meu purê de batata estava precisando loucamente de um

pouco de pimenta extra. Dei meia-volta e voltei até o balcão dos condimentos, enrolando com o pimenteiro muito mais tempo do que podia ser justificado racionalmente, mas, provavelmente, ninguém estava me observando.

Provavelmente.

Sera foi até o final da fila e se virou. Ela encontrou meu olhar quase imediatamente; provavelmente teve algo a ver com o calor queimando na parte de trás de sua cabeça, para onde eu vinha olhando fixamente pelos últimos dois minutos. Ela baixou os olhos quase com agitação e afastou uma mecha de cabelo para trás da orelha. Achei que fosse ficar naquilo, mas, após um segundo, ela ergueu os olhos e sorriu com timidez. Perguntei-me quanto tempo minha vida duraria nas mãos do grandalhão se eu sorrisse de volta para ela.

Resolvi arriscar.

Após um segundo, ela desviou o olhar e começou a ir na direção contrária à do balcão de condimentos. Não obstante, eu estava aceitando qualquer vitória que pudesse ter, por menor que fosse.

Para a minha surpresa, Mikhail não a seguiu; ele foi se sentar numa mesa com um grupo de caras tão musculosos quanto ele. Bem, *quase* tão musculosos. Sera se dirigiu para uma mesa que estava ficando mais concorrida rapidamente, no outro lado do salão.

Ela estava a uns três metros de distância... e eu estava a ponto de admitir derrota e me sentar sozinho, quando ela parou e se virou para mim.

— Ei, é Jeff, né?

Sério?

— Hã, sim — respondi com todo o charme do mundo.

— Você parece... perdido.

Perdido?

— Quer vir se sentar comigo e com alguns amigos... hoje, pelo menos?

Que convite meia-boca; vou aceitar. Dei um sorriso, provavelmente besta, e resmunguei algo afirmativo antes de segui-la.

— Não se esqueça do namorado e de todos os ossos no seu corpo que podem se que-braaaaaaaaar... — cantarolou Kimberlee enquanto eu me afastava. Resisti à vontade de mandá-la para aquele lugar.

Quando nos sentamos, notei que Sera trocou um olhar com Mikhail, no outro lado do salão, e sorriu.

Um problema de cada vez, lembrei a mim mesmo. Eu já estava feliz por ela ser mais que um rostinho incrivelmente bonito. Quer dizer, ela tinha me chamado, um zé-ninguém novo na escola, para vir se sentar com ela. No mínimo aquilo significava que ela era legal.

— Ei, quem é o seu amigo, Sera? — perguntou uma garota de cabelo castanho e sombra de olhos cintilante, olhando para mim um pouco como se eu fosse um mero pedaço de carne.

Era muito estranho.

— Ah, este aqui é o Jeff. Ele é novo na escola. — Então, ela pousou sua bandeja e começou a indicar as pessoas em volta da mesa, recitando uma dúzia de nomes. Havia um Hampton e uma Jasmine, um cara chamado Wilson e acho que havia duas Jewels. A menina cintilante se chamava Brynley... ou seria Breelee? Algo assim. Qual era o problema com os pais nesta cidade, hein? Ninguém nunca tinha ouvido falar em chamar os filhos de Kevin, Amber ou qualquer coisa mais comunzinha?

— Então — disse uma das Jewels quando Sera terminou. — De onde você é?

— Eu? — *Dã.* — De Phoenix.

— Oh, tem cobras cascavéis por lá?

— No deserto, sim. Mas eu morava na cidade. — *No bairro pobre,* quase acrescentei. *Bem, não era*

exatamente pobre, mas comparado a aqui? Pobre.

— Ah. — Ela parecia decepcionada.

— O que você joga? — perguntou um cara. Seria Wilson?

— Hã... Xbox? — respondi com uma risada nervosa.

— Não, quer dizer, você é bem alto... joga basquete ou algo parecido?

— Mais ou menos — respondi. Mentira deslavada. As pessoas sempre supõem que jogo basquete porque sou alto. Gostaria de perguntar se elas jogam minigolfe só porque são baixinhas, mas tive um pressentimento de que soltar essa naquele momento não iria fazer ninguém gostar de mim. — Ouvi dizer que o nosso time é bom — complementei. Mais mentiras.

— Sim, você deveria vir assistir a um jogo — disse o carinha. — Sera e Jasmine são animadoras de torcida.

— Você é uma animadora de torcida? — Agora eu entendia as pernas musculosas.

— Sou a cocapitã júnior da equipe — disse ela. Eu não sabia o que aquilo queria dizer, mas parecia importante.

— Então, você é aquela garota que eles sempre, tipo, jogam no ar? — perguntei.

Ela empinou o queixo só um pouco.

— Às vezes, mas geralmente sou aquela que dá cambalhotas na frente.

A imagem de Sera pulando numa saia curtinha atçou em mim uma súbita paixão pelo esporte. *Ora, é claro que eu adoro basquete. Vai, time!* E, nota mental: descubra qual é o time da escola. Provavelmente “Colegiais Lutadores” ou coisa parecida.

— Legal — disse, perguntando-me se devia ficar contente por ter encontrado a animadora simpática ou ainda mais convencido de que ela estava fora do meu alcance. Ela tinha um perfil perfeito. Cílios longos que eram provavelmente ruivos ou louros sob o rímel. A única certeza que eu tinha naquele momento era que podia olhar para aqueles olhos o dia inteiro.

Mais dez minutos de conversa fiada à minha volta. Não que eles falassem de coisas que não eram interessantes — shows de bandas locais, quem estava ficando ou rompendo com quem, quais professores eram os piores —, só que eu não sabia o suficiente sobre nada para participar da conversa.

Quando houve uma trégua, criei coragem para me virar para Sera e perguntei:

— Então, você soube da festa que vai haver neste fim de semana?

Ela olhou para mim, mas não disse nada.

— Harrison Hill? — acrescentei nervosamente, esperando que Kimberlee... para não dizer Langdon e seus amigos, não tivesse me sacaneado com relação à festa.

— Siiiiim — disse ela, esticando a palavra. — Ouvi falar qualquer coisa a respeito.

— Eu estava aqui pensando que talvez fosse ver você por lá.

— Eu não vou a festas do chope — disse ela, seu sorriso ficando mais rígido. — Não é a minha praia.

— Você não vai? — Eu *não* tinha um plano B para aquele caso.

— A Sera não é muito de festas — comentou Wilson, “prestativo”.

— Por que não? — perguntei.

Sera deu de ombros.

— Estou bem no meio da competição das animadoras de torcida.

A última coisa que preciso é encher a cara nos fins de semana.

— Você não *precisa* beber. — *Em vez disso, você poderia, digamos, ficar se agarrando comigo.* Mas tive a sensação de que não seria muito recomendado dizer aquilo em voz alta.

— Pode acreditar em mim, essas festas só são divertidas se você estiver bêbado — disse ela.

Eu ri, mas ela não pareceu achar graça.

— Eu vou — disse Brynley, olhando para mim.

— Eu também — acrescentou Hampton.

Tirei mais uma carta da manga.

— Eu vou com o Langdon — disse, esperando que ele realmente fosse tão popular quanto Kimberlee o fizera parecer.

— Langdon? — disse Sera, embora não no mesmo tom de voz que eu tinha dito.

— E Neil — acrescentei, já não tão confiante no meu convite.

Ela pareceu prestes a dizer alguma coisa e, então, mudou de ideia e, ao contrário, comeu um bocado de comida.

— Talvez eu *devesse* aparecer por lá — disse ela depois de engolir.

— Bom trabalho, cara — disse Wilson baixinho, cutucando meu ombro. — Ela não vai a uma dessas festas desde o primeiro ano. — Ele sussurrou *primeiro ano* como se fosse um segredo. Como se ser aluno do primeiro ano fosse algo vergonhoso.

As pessoas à minha volta deram risadas nervosas, mas eu fiquei boiando.

Após alguns segundos, Sera sorriu, sem jeito, e segurou as bordas de sua bandeja.

— É melhor eu...

— Você vai levar seu namorado? — perguntei, interrompendo-a completamente. Sim, sou um mané mesmo.

Todo mundo na mesa se calou.

— Você tem alguma novidade para contar para a gente? — perguntou a *outra* Jewel, inclinando-se nos cotovelos, com os olhos faiscando.

— Não — disse Sera apenas.

Não?

Não!

— E aquele carinha, o Mikhail? — perguntei, evasivo.

Sera ergueu uma sobrancelha e olhou para mim, confusa.

— Khail?

— É, o... atleta de luta olímpica? — Agora todos estavam olhando para *mim*, e eu quis sumir, afundar no chão como Kimberlee era capaz de fazer. Então, quase ao mesmo tempo, todos começaram a rir. Não de um jeito social, educado; eram gargalhadas do tipo: *Nossa, que fora!*

E eu não fazia a menor ideia do porquê.

Devo ter feito uma cara muito infeliz porque Sera, finalmente, ficou com pena de mim.

— Khail é meu irmão. Nós somos bem próximos, mas nem *tanto* assim — acrescentou, sarcasticamente.

Minha chama de esperança se reacendeu no mesmo instante. Não. “Chama” é pouco; era uma verdadeira labareda, uma fogueira, uma *explosão* estratosférica de esperança.

A Kimberlee ia se ver comigo.

Sete

Kimberlee só voltou a aparecer depois das aulas, surgindo ao meu lado enquanto eu caminhava pelo corredor, como se nada tivesse acontecido.

— Estamos indo embora?

— Você está tão encrencada — eu disse baixinho.

— Do que você está falando? — perguntou ela a todo volume. Acho que ela gostava de poder falar alto quando eu não podia.

Saí pela porta da frente rumo ao ar fresco de janeiro. Um pouco frio, mas, basicamente, um dia perfeito de sol. Como praticamente todos os dias em Santa Monica. Fiquei calado até entrar no carro e Kimberlee se acomodar no banco do passageiro.

— Abra a capota — disse Kimberlee. — É, tipo, um sacrilégio ficar com a capota fechada num dia como este.

— Só depois que eu terminar — respondi.

— Qual é o problema?

— Sera e Mikhail?

— O que têm eles?

Ela tinha muita cara de pau.

— Sera e Mikhail *Hewitt*. Vou te dar uma dica: eles não são casados.

Ela teve, pelo menos, a cortesia de parecer um pouco envergonhada. *Muito* pouco.

— E daí?

Olhei feio para ela.

— Tá, tudo bem, eu devia ter te contado. Grande coisa.

Continuei olhando feio.

— O que você quer que eu faça? — disse Kimberlee, não parecendo nem um pouco arrependida.

— Vai levantar a capota ou não?

— Hoje não — resmunguei.

Kimberlee revirou os olhos.

— Tenha dó. Eu simplesmente esqueci.

— Você realmente espera que eu acredite que você *esqueceu* que ele era irmão dela?

— Está bem, não esqueci. Mas, vamos, foi *engraçado*! Você devia ter visto a sua cara. Foi impagável.

— Você não entende. Eu gosto dessa garota, Kimberlee. — Tipo, gosto muito. Estranhamente muito.

— Mais motivo ainda para eu te afastar dela. É sério, Jeff, ela é totalmente intocável.

— Que raio quer dizer isso? Primeiro, você diz que ela é uma piranha, depois me deixa pensar que ela está namorando o próprio irmão e, agora, ela é *intocável*?

— Você pode estar preparado para entregar seu coração de bandeja para ela, mas ela não vai fazer o mesmo. Ela é fria.

— Ainda que isso fizesse sentido, por que eu deveria acreditar em você? Você mente com a mesma frequência com que diz a verdade. Até mais, na verdade — acrescentei, percebendo quão verdadeiro era aquilo.

— Bem, pode acreditar desta vez. Ela não é o anjo inocente que aparenta ser.

— E você é?

— Você não está se envolvendo comigo, está? — Ela levantou as sobrancelhas. — Muito embora você pareça ser do tipo que tentaria, se pudesse.

Podia jurar que ela tinha um botão a mais da blusa abotoado na última vez que eu tinha olhado.

— Eu sou no mínimo tão sexy quanto ela. E meus peitos são muito maiores. — Outro botão havia misteriosamente desaparecido.

Eu me concentrei na estrada e não olhei de novo para ela.

— E falsos, provavelmente.

— Ei, não parecem falsos quando você põe as mãos neles.

Quase saí da estrada.

— Você está falando sério? — Meus olhos voltaram involuntariamente para os peitos dela; não *pareciam* falsos.

Kimberlee sorriu, vitoriosa, e abotoou novamente a blusa.

Virei para olhar para a estrada, sentindo-me um completo imbecil. Ela sabia direitinho como me pegar e eu caí feito um patinho. Kimberlee, um; Jeff, zero.

Apesar de ser a minha segunda viagem até a caverna, ainda me sentia um invasor. Mas, pelo menos, consegui escalar a parede mais depressa.

Infelizmente, o cenário não havia mudado.

Não fosse pelas paredes e pelo chão de pedra, podia ser o almoxarifado de um escritório. Caixas com tampa para a armazenagem de arquivos estavam alinhadas em fileiras, com um corredor no meio e um estranho código de números e letras que eu não entendia escrito em caneta hidrográfica preta em cada caixa. Ao lado, uma pilha de caixas ainda desmontadas embrulhadas em plástico e eu podia imaginar Kimberlee, ainda viva, comprando — ou melhor, roubando — as caixas na expectativa de obter mais itens furtados.

Era meio doentio, na verdade.

— Não entendo — admiti enquanto separávamos as caixas. Bem, *eu* separava e ela dava as instruções. Desvantagem de se trabalhar com fantasmas: só um de vocês pode realmente trabalhar. Por sorte, Kimberlee ia interpretando alegremente o código estranho nas caixas, e os sacos em cada uma delas estavam etiquetados organizadamente com nomes e datas.

— Puxa, não é tão difícil assim — disse Kimberlee. — Este número significa...

— Não o código — respondi, pegando outra caixa. — Você. Eu vi a sua casa... obviamente, você é super-rica. E até entendo esse lance da emoção de furtar coisinhas nas lojas, mas... *isto*? — perguntei, indicando o amontoado de caixas. — Isto já é outra coisa. Por quê?

Kimberlee balançou a cabeça, baixando os olhos para o chão da caverna.

— Não sei — disse ela, encabulada. — Eu simplesmente... não podia evitar.

— Mas você manteve tudo que roubou escondido aqui. Nunca usou nenhuma dessas coisas.

— Não era esse o objetivo — disse Kimberlee, num tom seco. — Além do mais, esse tipo de coisa faz a gente ser pega. Eu não sou burra.

— Não disse que você era. — E não *disse* mesmo. — Então... você nunca foi pega? Mesmo depois de tudo isso?

— Chegou perto, algumas vezes.

— E as pessoas simplesmente... não percebiam?

Agora um sorriso dissimulado passou por seu rosto.

— Ah, elas notavam, sim.

Aquilo não parecia nada bom.

— E o que isso quer dizer?

— Houve um... *pouco*... de escândalo por causa dos roubos em Whitestone, durante vários meses, antes de eu morrer — disse Kimberlee, evitando meu olhar. — A situação... estava bem feia e eu andava pegando um monte de coisas.

Ótimo. Simplesmente ótimo.

— O diretor Hennigan recebeu reclamações de alunos, professores, pais, todo mundo. Ele estava obcecado em apanhar o culpado. Ficava tentando fazer a polícia atuar e, tipo, mandar algum agente disfarçado... ele é tão trouxa... mas, obviamente, as coisas por fim pararam de desaparecer e todo mundo seguiu em frente com a própria vida.

— E ninguém se deu conta de que as coisas pararam de desaparecer quando você *morreu*? — perguntei ceticamente.

— As pessoas nunca veem aquilo que não querem ver, né? — disse Kimberlee, olhando para o oceano. Para qualquer lugar, menos para mim.

— Mas quando essas coisas começarem a reaparecer as pessoas vão perceber que tinham sido roubadas antes, certo? — Justo quando achei que não dava para ficar pior.

— Talvez — disse Kimberlee baixinho.

— Talvez? Acho que não tem talvez nenhum aí, a não ser que a escola inteira seja muito menos inteligente do que os folhetos dizem. Devolver essas coisas não deveria chamar a atenção... deveria ser algo sutil. — Quando concordei em fazer aquilo, não fazia ideia de que fosse tão... grande.

— E *pode* ser sutil — disse Kimberlee, tentando claramente parecer otimista.

— Tenho sérias dúvidas — respondi, secamente. — Principalmente levando em conta que temos três caixas de coisas só dos professores.

— Estou tentando reparar erros — disse Kimberlee, a irritação permeando sua voz. — Meu futuro todo... o que quer que isso signifique... depende disso. O que você quer que eu faça?

E enquanto estava ali parado, olhando caixa após caixa de coisas roubadas, percebi que não tinha a menor ideia de como responder àquela pergunta.

— Então — disse Kimberlee, parecendo estranhamente distante. — Você quer primeiro devolver as coisas para as pessoas ou para as lojas?

Fechei os olhos e suspirei. Devia estar louco quando concordei com aquilo.

— Vamos tentar primeiro com as pessoas.

— Muito bem. Caixa número *uno*. Srta. *Serafina* — disse ela, batendo as pestanas.

Ah, sim, Sera, pensei e sorri, lembrando-me novamente de que ela não tinha namorado. Até perceber que, se Kimberlee tinha um saco para Sera, havia algo ali que ela havia roubado.

— O que você pegou dela? — indaguei.

Ela revirou os olhos.

— Vá ver.

Resmunguei baixinho enquanto procurava entre os sacos até encontrar os marcados com o nome de Sera. Uma saia e um par de tênis de animadora de torcida. Pareciam novinhos em folha, mas já

fazia mais de um ano que Kimberlee havia morrido.

— Quando foi que você pegou isto aqui?

Silêncio.

— Kimberlee?

— A data está no saco, tá bom?

Claro que estava. Como eu poderia esperar algo diferente da Srta. Cleptomaníaca com TOC?

— Quando ela estava no primeiro ano? — perguntei, calculando.

A cabeça de Kimberlee apontou das caixas. Do *meio* das caixas. Nunca iria me acostumar com aquilo.

— Ela foi a primeira aluna de primeiro ano em Whitestone a entrar na equipe de animadoras da escola.

— Então, você achou que devia tirar um pouco da alegria dela? Bem legal, isso.

— Cale a boca. Não pedi comentários. — Eu não sabia dizer se ela estava irritada ou magoada.

— Bem, ela é uma garota incrível mesmo. — *E linda. Tão, tão linda.*

— Quem disse? Você a conhece faz... o quê... um dia?

— Sim, mas ela foi legal comigo sem nem saber quem eu era. Mais legal do que qualquer pessoa que conheci até agora — acrescentei num resmungo.

— Ei, eu *falei* com você — argumentou Kimberlee.

— Eu disse *legal*. — Enfie o uniforme de animadora na minha mochila. — Tem espaço para mais coisas; quem mais?

Consegui reunir sacos com os nomes de uma meia dúzia de alunos que Sera tinha me apresentado no almoço antes que a mochila começasse a parecer a menina do chiclete de amora da *Fantástica Fábrica de Chocolate*. A pilha de caixas não parecia ter diminuído nada. Ao contrário: parecia ter *aumentado*.

— Dia um — murmurei.

Minha mãe vivia me dizendo que começar, em qualquer projeto, era a parte mais difícil. Esperava que ela estivesse certa e que o pior já houvesse ficado para trás. Tanto no quesito Kimberlee quanto no quesito Sera.

Quando foi que a minha vida virou uma novela, hein?

Tive a ideia quando vislumbrei uma gráfica, enquanto dirigia para casa e tentava ignorar Kimberlee cantando alto e desafinado ao meu lado.

— O que você veio fazer aqui? — perguntou Kimberlee, olhando para a loja simples.

— Nós.

— Hã?

— O que *nós* viemos fazer aqui. Você tem que ajudar.

— Ajudar no quê?

— Você vai ver.

Empurrei a porta coberta de cartazes e algo tocou os primeiros acordes de “Raindrops Keep Fallin’ on My Head”. Um homem de suéter de botões apontou a cabeça pela abertura de uma porta nos fundos da loja.

— Te atendo num minuto — disse ele.

— Não tem pressa — respondi, virando-me para um mostruário de adesivos e etiquetas.

Kimberlee bufou ao meu lado, de forma nada discreta.

— Shhhh — sibilei para ela.

— Por quê? O Sr. Rogers ali atrás não pode me ouvir.

Revirei os olhos e virei novamente para os adesivos.

Depois que eu já tinha olhado por alguns minutos, o vendedor veio se posicionar atrás do caixa.

— No que posso ajudá-lo? — perguntou ele, arrastando o bloco de pedidos à sua frente.

— Vocês fazem todas essas coisas personalizadas, certo?

— É claro.

— Para quando você poderia fazer para mim?

— Se você usar um de nossos modelos e só acrescentar palavras, posso imprimir tudo para você em uma hora. Se for para entregar em domicílio, leva cinco dias úteis.

— Seus modelos estão o.k. Você pode me dar estes aqui, ovais e brancos? — aponte para uma tira de adesivos lisos brancos.

O homem rabiscou em seu bloco de pedidos.

— O que você quer escrito neles?

— Sinto muito, vírgula, Kimberlee. É K-I-...

— Você está me sacaneando? — gritou Kimberlee. — Não pode simplesmente revelar ao mundo que, de repente, eu estou devolvendo um monte de coisas depois de morta!

Dirigi-lhe um olhar furioso, mas ela nem notou.

— Eu te proíbo de colocar meu nome aí! Se quiser colocar o nome de alguém, que seja o seu. — A voz dela estava arranhando meus ouvidos e parecia ficar mais alta a cada palavra.

Eu me encolhi quando o vendedor perguntou:

— Vem M depois? Certo?

Kimberlee gritou novamente, um som que, provavelmente, teria quebrado as vidraças se ela estivesse viva... e tive que fazer força para não tapar os ouvidos.

— Sabe de uma coisa? Tive uma ideia melhor; me dê estes aqui, ao contrário. — Aponte para os mesmos adesivos redondos, mas um pouco maiores com uma flor vermelha bonita e umas folhas decorativas impressas na parte inferior. — Deixe sem nome. Só imprima “Sinto muito” neles, com a flor. — Lancei um olhar duro e muito acentuado para Kimberlee.

O vendedor olhou para mim com preocupação, mas não disse nada enquanto riscava o pedido e começava a escrever novamente.

— Isso é ridículo — disse Kimberlee. — Mas, pelo menos, é melhor do que o lance com o nome.

Revirei os olhos e me virei novamente para o homem.

— Quantos? — perguntou ele.

Era deprimente só de pensar. Olhei para o mostruário. Havia desconto por quantidade para mil. Parecia ser o suficiente.

Esperava eu.

— Mil — respondi, procurando minha carteira no bolso de trás da calça.

O cara me olhou por cima da armação dos óculos por um instante, provavelmente se perguntando quão arrependido eu podia estar pelo que quer que tivesse feito.

— Está bem. Mais ou menos uma hora.

Kimberlee nem sequer se incomodou em esperar até sairmos da loja antes de recomeçar:

— Por que você está fazendo isso?

— É o princípio — respondi, entrando no carro. — Se você está presa aqui até reparar os danos, deveria fazer mais do que simplesmente devolver as coisas. *Deveria* estar arrependida.

— E se não estiver? — bufou ela, com os braços cruzados diante do peito.

— Quando tivermos terminado, aposto que vai estar. Mas, se começar a tentar pedir desculpa então, será tarde demais. Comece agora. — Eu me acomodei no meu banco e puxei o cinto de segurança. — Se vou ter que fazer isso, terá que ser da forma correta. Você não tem escolha nesse caso.

Kimberlee revirou os olhos.

— Você é a coisa mais ridícula que já me aconteceu. — Então ela deu meia-volta e foi embora.

Oito

Existe algo em brigar com um fantasma que faz você ficar paranoico pelas manhãs. Eu não conseguia parar de olhar por cima do ombro enquanto tomava banho e espiei pela porta do banheiro antes de correr até o guarda-roupa para pegar a camisa que tinha me esquecido de trazer comigo.

Mas, no fim, Kimberlee só apareceu ao meu lado enquanto eu mexia no armário, dois minutos antes de tocar o sinal, agindo como se nem tivéssemos discutido.

Acho que foi naquele momento que entendi como ela estava desesperada. Ela podia ficar furiosa e bufar e me ignorar a noite inteira, mas, no fim, precisava de mim. Por alguns segundos me senti muito poderoso, antes que a culpa me engolisse. Claro que eu era poderoso. Ela era um fantasma impotente. Fosse ela uma chata ou não.

Está bem, não há nenhum motivo para terminar essa frase com “ou não”.

Não obstante, quando pusemos nosso plano em ação algumas horas depois, fiquei feliz por ela estar ali.

— Tem alguém vindo aí? — perguntei.

— Não, mas seja rápido.

Kimberlee vigiou as portas enquanto eu corri pela cantina até a mesa onde vira Sera se sentar no dia anterior e abri minha mochila. Joguei bem em cima da mesa retangular comprida seis sacos plásticos de quase quatro litros de capacidade cada um e me afastei correndo, com o coração a uns trezentos batimentos por minuto.

— Tudo tranquilo — disse Kimberlee, os olhos ainda varrendo os corredores. — Apenas aja com tranquilidade e mantenha seu passe para ir ao banheiro onde os professores possam ver.

Não usava um passe para ir ao banheiro desde, sei lá, a terceira série... e *nunca* tinha usado um do tamanho de um prato. Mas, em Whitestone, eles insistiam que um passe daquele tamanho diminuía o número de alunos que ficavam vagando pelos corredores. Eu, particularmente, achava que era motivo mais do que suficiente para segurar o xixi até o intervalo.

— Por que não podemos simplesmente procurar o endereço de todo mundo na lista telefônica e deixar as coisas na porta da casa deles? — resmunguei.

— Ora, por favor — disse Kimberlee. — Pessoas que têm dinheiro para mandar os filhos estudar em Whitestone *não* estão na lista telefônica. E, mesmo que estivessem, você sabe o nome dos pais desses alunos todos? Eu não sei, e venho estudando com eles desde o jardim de infância.

Olhei de relance para o passe.

— Está bem.

Faltavam dez minutos para o almoço quando devolvi o passe gigantesco ao lugar onde ficava e comecei a fazer a tarefa que agora seria meu dever de casa, já que eu não tinha feito nada durante a aula inteira. Maravilha.

Estava tudo tranquilo... tão tranquilo que, quando o sinal tocou, levei um susto e derrubei meu livro no chão. Eu jamais deveria me candidatar a trabalhar no FBI. Pelo bem da humanidade.

Entrei na cantina com hesitação e não era só porque as coisas devolvidas estavam lá. Sera não tinha exatamente *dito* que eu estava convidado a voltar, mas o pessoal ali parecia me achar legal o bastante, e ela me encontraria na festa. Portanto... significava que eu podia me sentar com ela de novo, certo?

Não vi Sera em lugar algum, mas não ia cometer novamente o erro de ficar parado ali feito um idiota com a bandeja cheia de comida; fui até a mesa e esperei que meu convite não tivesse um prazo de validade.

— Que droga — disse Wilson justo quando me aproximei o bastante para ouvir —, alguém deixou um monte de lixo na nossa mesa. — Ele levantou um braço para empurrar tudo para o chão.

Pare! Não faça isso!, minha mente gritou. Se aquelas coisas fossem jogadas fora, Kimberlee iria me assombrar *para sempre*.

— Espere um pouco. — Hampton se aproximou e pegou um dos sacos. Ele tirou de dentro uma agendinha cheia de desenhos feitos com caneta hidrográfica. — Isto aqui é meu. — Ele olhou fixamente para a agenda, confuso; então a folheou, parando em algumas páginas. — Perdi isto quando estava na sétima série. Tinha cem dólares guardados nela. — Ele procurou num bolsinho na última página e tirou uma nota de cem. — Não acredito. Legal!

Brynley tirou uma camiseta rosa-choque de outro saco.

— Esta era minha camiseta favorita no primeiro ano do ensino médio. Alguém a roubou do meu armário de Educação Física.

Fiz força para não olhar feio para Kimberlee, mas a ouvi pigarrear às minhas costas.

Brynley olhou novamente para o saco.

— O que é isto? — perguntou, apontando para o adesivo.

Comecei a ficar muito interessado na parede à minha esquerda.

— “Sinto muito”? Que estranho. — Mas ela jogou o saco vazio na lata de lixo sem mais uma palavra e guardou a camiseta em sua mochila, com um sorriso.

Vi Sera vindo para a mesa e, disfarçadamente, dei um passo atrás de forma a não bloquear a cadeira ao lado da minha bandeja. Sim, eu sou supersutil...

Algumas outras pessoas estavam pegando coisas da pilha sobre a mesa quando ela se aproximou: havia um objeto roubado dois anos antes e outro, apenas algumas semanas antes de Kimberlee se afogar. Era emocionante ver as carinhas felizes à minha volta e tentei não ser óbvio demais ao me virar para ver Sera encontrar seu saco.

Ela se sentou e olhou fixamente para sua saia e seus tênis por um bom tempo, sem qualquer expressão no rosto, enquanto todos os demais começavam a comer. Por fim, quando o barulho na mesa diminuiu um pouco, Sera disse:

— Isso é sinistro demais.

— Por quê? — tentei perguntar casualmente. — Alguém ficou com peso na consciência.

Sera balançou a cabeça.

— Não. Eu sei quem roubou estas coisas e ela nem sequer tinha uma consciência. — Ela se dirigiu à mesa toda: — Todos vocês se lembram da Kimberlee. — Não era uma pergunta.

Wilson fungou.

— E quem poderia esquecer *aquela* bruxa?

Olhei em frente, não me atrevendo a olhar para Kimberlee. Ela me disse que não tinha sido pega;

então como é que Sera sabia?

— Foi *ela* que roubou isto aqui — disse Sera. — Eu a vi roubando. Mas ela jamais iria confessar. Tentei parecer o mais ingênuo possível.

— Que Kimberlee?

— Schaffer — disse ela com um gesto indiferente. — Foi antes de você chegar.

— Então, ela se regenerou e devolveu suas coisas? — Eu esperava que aquilo parecesse uma teoria natural... e desinformada.

— Cara, ela tá morta — disse Wilson.

— E já foi tarde — murmurou Sera para seu prato de massa.

Olhei para ela, chocado. Aquela *não* era a reação que eu esperava. Claro, Kimberlee podia ser irritante que nem o diabo, mas pensei que era apenas porque *eu* não era amigo dela. Ela não tinha me falado sobre a vida maravilhosa que tivera? Como ela era popular? Antipatia explícita não era exatamente o que alguém tão popular assim deveria receber.

Principalmente depois de morto.

Arrisquei olhar em volta. Não vi Kimberlee em lugar algum.

* * *

Ela não apareceu novamente até eu entrar no carro depois da aula.

E, mesmo então, ela se sentou silenciosamente em seu lugar.

— Oi.

— Vamos para a caverna — respondeu ela, curta.

Fomos até a praia e eu enchi a mochila com sacos para devolver na segunda-feira e comecei a arrumar duas caixas para me prover pelo resto da semana quando ela finalmente falou alguma coisa.

— Eu, provavelmente, não deveria ter pegado essas coisas — disse ela, a admissão ecoando pela caverna.

Parei por um instante, e então voltei a puxar o zíper da minha mochila.

— Não tem nada de “provavelmente” nisso. Você disse que tinha de *tudo*. Por que não era suficiente?

Ela se sentou numa caixa e olhou para o chão.

— Tentei não fazer isso, mas não conseguia parar. Você não sabe como é. E se eu te pedisse para parar de respirar ou de comer... você conseguiria?

— Mas não se trata de respirar ou comer, Kimberlee. É *roubar*.

— Você acha que eu não sei? — retrucou ela. — Você não acha que toda vez que eu vinha aqui com mais coisas para guardar eu não odiava a mim mesma?

— Olha, eu jamais desconfiaria — disse eu, indicando os montes de caixas que nos rodeavam.

Ela olhou para mim por um longo tempo; não com raiva, apenas me estudando até que comecei a ficar pouco à vontade.

— Você acha que ser cleptomaníaca significa que eu *gosto* de roubar coisas? Não gosto. Odeio roubar. Odeio roubar mais do que qualquer outra coisa neste mundo.

— Então por que você não *parou*?

— Não conseguia. Sei que você não acredita nisso, mas é verdade. Eu tentei tanto. Consegui parar por, tipo, uns quatro meses, uma vez. Então, um dia, estava andando atrás de uma mulher no shopping,

e ela tinha um chaveiro ridículo peludinho na alça da bolsa. E eu queria tanto pegá-lo que não

conseguia pensar em mais nada. Tentei me afastar. Fui me sentar perto do bebedouro e tentei pensar em qualquer coisa que não fosse o chaveiro. E comecei a tremer. Meu corpo inteiro tremia como se estivesse tendo convulsões. Fiquei com medo de que fosse morrer se não encontrasse aquela mulher e pegasse o chaveiro dela. — Ela tinha o olhar fixo no chão, com algo que se parecia estranhamente a vergonha dominando seu rosto.

— Então, o que aconteceu? — perguntei baixinho.

— Eu a encontrei e peguei o chaveiro dela — ela respondeu como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — E nunca me senti tão bem e tão mal ao mesmo tempo. Tive essa euforia incrível, como se pudesse conquistar o mundo. Mas foi naquele momento que eu soube que nunca, jamais conseguiria deixar de roubar. — Ela deu de ombros com tristeza. — Meio que desisti de tentar depois disso. Não parecia haver nenhuma finalidade. Acho que morrer foi a única forma de parar.

— Sinto muito. — Mas pareceu algo estúpido a se dizer.

Ela deu de ombros.

— A culpa é minha por ter nadado naquela correnteza traiçoeira.

— Todos nós cometemos erros.

— Nem todos morremos por causa deles.

— Não, mas alguns acabam se sentindo infelizes pelo resto da vida. — Eu me calei por um momento, pensando naquilo. — Talvez seja pior.

— Em comparação a ser infeliz pelo resto da sua pós-vida?

Alguma coisa em sua voz me fez sentir pena dela e não era um sentimento que eu quisesse ter. Precisava me manter racional e no controle. Kimberlee era um rolo compressor emocional e eu estava constantemente em risco de ser atropelado. Sentei-me ao lado dela, mas não perto o bastante para tocá-la. A sensação fria e sinistra ainda me assustava.

— Mas pode ser que não dure muito tempo. Você devolve tudo e pede desculpa e poderá sair daqui e ir para... aonde quer que seja.

— Vai ser um bom lugar, não vai? — disse Kimberlee, começando a sorrir.

Um pouco.

Mas eu era a pessoa mais errada do mundo a se perguntar.

Quando em dúvida, minta.

— Absolutamente — respondi, sem olhar em seus olhos.

Nove

— **A**corda, preguiçoso! — gritou Kimberlee na manhã seguinte, aproximadamente umas duas horas antes da hora racional de se acordar. — Hoje é dia de festa em Harrison Hill!

— Certo — respondi, agarrando um travesseiro e cobrindo a cabeça com ele. — E, caso você não tenha escutado direito, eu vou para lá às dez da *noite*.

— Dã. Precisamos ir fazer compras para você ter alguma coisa decente para vestir. Aquilo me animou tanto quanto um chute na cabeça.

— Fazer compras? Hã... não.

— Cara, eu já vi o que tem no seu armário. Camisetas velhas e jeans desbotados. E tênis All Star. Faça-me o favor, né?

— São *vintage* — corriji, defendendo minha coleção eclética de camisetas selecionadas com muito cuidado nas melhores lojas de segunda-mão de Phoenix.

— Que seja. Não é bom o bastante para Harrison Hill. Quando você estuda numa escola com uniforme, tem que aproveitar ao máximo qualquer oportunidade de exhibir seu bom gosto. Essa festa vai ser um desfile de moda e as suas roupas vão chamar a atenção. E não de forma positiva.

— Nunca chamei a atenção em Phoenix — resmunguei, afundando o rosto novamente no travesseiro.

— Aqui não é Phoenix.

Resmunguei alguma coisa incoerente no travesseiro.

Ela se sentou na cama, quase me tocando, e eu me encolhi.

— É a sua primeira oportunidade de causar uma boa impressão na cena social. Você vai querer fazer direito.

Às vezes, Kimberlee tinha razão.

— Está bem — respondi. — Mas nada muito extravagante. Não quero parecer uma aberração, esteja na moda ou não.

— É claro — prometeu Kimberlee. — Vamos mirar em chique e elegante, em vez de barato e chamativo.

Chique. Elegante. Parecia bom. Bom o bastante para me arrancar da cama e fazer tomar um banho gostoso.

Admito, não me apressei. Enrolei bastante para tomar meu café com donuts, que meu pai tinha declarado que seriam a nova tradição dos sábados de manhã — acho que era sua forma de se rebelar

contra a cruzada secreta de comida saudável de Tina — e eu também *precisava* assistir ao final do noticiário que estava passando na TV. Notícias atuais, certo? Quando finalmente peguei minhas chaves, já fazia quinze minutos que Kimberlee vinha andando de um lado para outro e me lançando olhares furibundos.

— Até que enfim! — resmungou ela quando preendi o cinto de segurança.

— Onde é o shopping? — perguntei, dando seta e saindo do meu bairro.

— Você está brincando, né? Pessoas como nós não fazem compras no shopping. Não para comprar roupas para Harrison Hill.

Bem, minha chance de pegar algo rápido e simples na Macy's acabava de ir pelo ralo.

— Onde, então?

— Ah, por favor; na avenida Montana, dã!

— Hein?

Ela me olhou, boquiaberta, e me deu seu melhor olhar de “como você é idiota”.

— Você não conhece a avenida Montana? Todo mundo conhece a avenida Montana. É o melhor lugar para fazer compras. — Ela se recostou no banco. — Vamos encontrar algo fabuloso lá.

O sinal ainda estava vermelho, mas iria abrir a qualquer segundo.

— Para que lado eu vou? — perguntei, ignorando seu sermão.

— Não acredito que você não sabe.

— Acredite. Para que lado?

O sinal abriu e o Mercedes atrás de mim buzinou.

— Para que lado? — perguntei, apertando o volante.

Kimberlee olhou para mim como se eu fosse uma espécie de inseto particularmente asqueroso e o Mercedes buzinou de novo.

— Em frente, então — resmunguei, saindo.

— Você devia ter virado à esquerda — disse Kimberlee sem mudar de expressão.

Rilhei os dentes e segurei a raiva enquanto, casualmente, muito devagar e prestando muita atenção, cortei na frente de uns seis carros, fazendo um retorno que deixou pintado um arco preto de borracha de pneu em três faixas de trânsito.

Mais tarde eu pediria desculpa para Halle.

Kimberlee soltou um grito e tentou se agarrar em alguma coisa, mas acabou caindo esparramada no meu colo. Bem, esparramada *dentro* do meu colo, já que ela afundou nas minhas coxas. Ofeguei com o calafrio que subiu pela minha espinha e fiquei completamente paralisado pelo frio de quebrar ossos que quase me fez largar o volante. Depois daquilo, ela calmamente me guiou pela autoestrada 10 de Santa Monica até

o Lincoln Boulevard. Quando finalmente chegamos ao calçadão comercial, que parecia ter uns três quilômetros de extensão, eu já havia recuperado um pouco da calma.

Pelo menos Kimberlee estava animada. Ela desceu do carro, empertigou os ombros e respirou fundo.

— Vamos lá — disse com alegria, como se nada houvesse acontecido.

Fui atrás dela, arrastando os pés.

Tenho que admitir, a avenida Montana era impressionante, embora eu tentasse parecer indiferente. Margeando as ruas havia todo tipo de loja que se pudesse imaginar, as vitrines tão coloridas que era quase difícil olhar. Centenas de pessoas passeavam por ali, a maioria parecendo turistas deslumbrados ou modelos de passarela.

Adivinha em que categoria eu me enquadrava?

Passamos por uma loja com ternos feitos sob medida e camisas sociais coloridas penduradas na vitrine.

— Vamos entrar aqui — sussurrei para Kimberlee. Aquilo era clássico e chique, não era? As meninas gostam do look metrosssexual. Acho.

Mas Kimberlee franziu o nariz.

— Na SEAN? Ah, tenha dó. Você é o quê, hein? Um futuro executivo? Não, não responda; nem quero saber. Vamos. — Dei uma última olhada na vitrine antes de me arrastar atrás dela.

— Aqui — disse ela, com as mãos na cintura, analisando a frente de uma loja de decoração toda estilosa. — Esta aqui parece promissora.

Olhei para o letreiro da loja. Citron. Meu olhar desceu para a vitrine. Não dava nem para ter certeza de que aquilo era roupa. Quer dizer, havia uns tecidos nos manequins, mas era tudo meio drapeado e cheio de estampas esquisitas. Muitas cobras, flores e... Budas?

— Tem certeza? — perguntei.

— Entra, entra! — ela ordenou.

Alguém me ajude. Ao empurrar a porta, soou uma sineta baixinha nos fundos, e uma mulher alta e magra, com batom marrom-escuro, veio na minha direção com um sorriso enorme no rosto.

— Bem-vindo à Citron. Posso te ajudar a encontrar alguma coisa?

— Diga a ela que, no momento, você está só olhando — disse Kimberlee, já estudando as araras de roupas.

— Estou só olhando, obrigado — resmunguei. — E agora? — perguntei, examinando a arara que Kimberlee estava vendo.

Ela fungou.

— Sugiro que você comece indo até a seção *masculina*.

— E como eu vou saber a diferença?

Ela revirou os olhos e foi até o outro lado da loja. Olhei em volta, comparando os dois lados. Acho que realmente havia uma diferença. O lado masculino parecia um pouco mais marrom. Olhei bem.

É, definitivamente, tinha mais marrom ali. Suspirei e fui até o lado de Kimberlee.

— Pegue esta aqui — disse ela, apontando para uma camisa de botões amarela horrenda toda estampada com redemoinhos amarronzados.

— Você está brincando, né?

Ela me deu um olhar cheio de labaredas e pus a monstruosidade diante do meu peito.

— Não — disse Kimberlee. — Pode devolver.

Obrigado, universo.

Ela me fez pegar várias outras camisas — algumas menos horrendas e outras um pouco mais, mas nenhuma sequer chegava a um nível que eu considerasse usável. Levantei uma coisa preta semitransparente de mangas longas, com um desenho prateado confuso, e Kimberlee fez uma pausa. Então, ela andou à minha volta, parou à minha frente e ficou olhando. Eu já estava começando a ficar incomodado quando ela assentiu.

— Leve essa aí.

Olhei em volta.

— Esta?

— Sim.

— Você não quer que eu experimente nem nada?

Ela riu como se fosse a ideia mais boba do mundo.

— Eu sei que tamanho você usa. Vá e compre.

— Está bem — bufei.

Levei a camisa até o caixa sem olhar novamente para ela, e a vendedora tagarelou que era a peça mais recente de não sei que coleção de primavera ou sei lá o quê. Então, levou dez minutos para

dobrar a camisa e colocá-la numa sacola gigante, embrulhada em papel de seda e tudo mais a que tinha direito.

— Aqui está — disse ela com aquele sorriso falso. — São oitenta e quatro dólares e noventa e nove centavos.

Dei meia-volta e olhei, com os olhos arregalados, para onde Kimberlee estivera apenas dois segundos antes, mas ela havia, convenientemente, desaparecido. Peguei meu cartão de crédito, feliz que minha mãe tivesse mencionado no dia anterior mesmo que eu deveria comprar umas roupas novas. Talvez ela entendesse.

Estava com medo de onde Kimberlee iria me levar em seguida, mas fiquei aliviado ao ver que ela me conduziu até uma loja chamada Blue Jeans Bar. Não podia ser tão ruim assim.

E não era... até ela me fazer comprar um cinto prateado cintilante.

— Combina com a camisa — protestou ela quando me recusei a sequer tocar no acessório cheio de brilho.

— E daí? Essa camisa é horrível!

— A camisa é incrível. Confie em mim.

— Confiar em você?

— Talvez seja a frase errada. — Ela fez uma pausa, pensando. — Acredite no meu senso de moda que nunca se enganou.

Meus ombros se encurvaram. De fato, era *ela* quem tinha ido a todas as festas de Harrison Hill antes.

Peguei o cinto.

— Eu sabia que você tinha bom senso — disse ela, saltitando em direção a um mostruário enorme de calças jeans folgadas e rasgadas.

Tentei argumentar contra o jeans desbotado e remendado que parecia exatamente igual aos que eu tinha em casa e, ainda mais enfaticamente, contra a jaqueta jeans que ela queria combinar com a calça. Mas, em se tratando da moda adotada pela elite de Santa Monica, eu não tinha a menor noção e, embora nunca tivesse visto Kimberlee usando nada além do uniforme, meio que supus que ela entendesse de moda.

Nem olhei para o valor total quando o caixa terminou de somar. Eu ia decidir se tinha ou não valido a pena depois da festa.

— Mais uma parada — disse Kimberlee, saindo para a rua.

— Não, não, não, não, não! — respondi o mais baixo que pude. — Não vou comprar sapatos — disse, interrompendo-a.

— O quê?

— Não vou comprar sapatos. — Apontei para as sacolas que estava carregando. — Isto é suficiente.

— Quem falou em sapatos?

Bem, era algo tranquilizador.

Eu a segui por mais alguns passos até entrar numa loja e fiquei parado ali uns bons segundos até perceber que estava rodeado de roupas íntimas de todos os formatos, tamanhos e cores que pudesse imaginar.

E algumas que minha imaginação jamais alcançaria.

As dez ou doze mulheres na loja estavam me encarando.

Congelei por alguns segundos antes de murmurar “desculpe” e sair correndo. Assim que cheguei à calçada em segurança, olhei para o letreiro da loja: LISA NORMAL LINGERIE. Perfeito. Kimberlee ataca novamente.

Kimberlee saiu da loja com aquela expressão de inocência com a qual eu estava ficando

enjoativamente acostumado.

— Você não quer entrar e dar uma olhada comigo? — perguntou ela. — Não consigo exatamente mover os cabides sozinha.

— Você acha que eu tenho medo de pôr a mão em roupas íntimas? — explodi. Lembrando-me de que ninguém via Kimberlee além de mim, abaixei a voz e virei a esquina da loja. — Não é por causa da roupa íntima. É que você não para de fazer isso! De me colocar em situações estúpidas ou vergonhosas e, depois, age como se não fizesse a menor ideia de como aconteceu. Bem, eu *não* vou entrar lá para te fazer um favor depois de você fazer isso comigo. Não!

— Que seja. Você só não quer entrar numa loja de lingerie.

— Não tenho medo de sutiãs! — disse, sabendo, no mesmo instante em que as palavras saíam da minha boca, que parecia um completo idiota.

Kimberlee suspirou de forma teatral.

— Está bem. Vou ter que torcer para dar sorte com uma das compradoras.

— E eu não vou ficar aqui na calçada te esperando.

— Que seja — disse ela e entrou na loja sem olhar para trás. Peguei minhas sacolas e fui andando de volta para o carro. Ela podia muito bem voltar sozinha.

Dez

Às nove e meia daquela noite, parei diante do espelho de corpo inteiro na porta do meu closet com uma roupa que ninguém, em sã consciência, descreveria como chique ou elegante.

— Estou ridículo — sussurrei para Kimberlee, que, como eu desconfiava, tinha reaparecido bem a tempo de “dirigir”, como ela dizia, a minha transformação.

— Por favor — repreendeu Kimberlee. — Eu fui a *líder* da revolução da moda por aqui. Quando estava viva, não só usava roupas da moda; eu *criava* moda. Você está fantástico. Pare de reclamar.

Vi minhas sobrancelhas se arquearem no espelho.

— Essa roupa acentua sua forma física — insistiu Kimberlee, fazendo com a mão um gesto estranho de silhueta. Achei que estava era me fazendo parecer magricela.

Para começo de conversa, a calça era grande demais; a única coisa que a impedia de cair em volta dos meus tornozelos era aquele cinto brilhante medonho equilibrado nos ossos do meu quadril. A camisa estava coberta pela jaqueta jeans, que era pequena. Só chegava até a minha cintura e era apertada demais para que eu pudesse fechar o zíper na frente.

— Não é para aquecer — protestou Kimberlee quando observei aquilo. — É para dar estilo.

Pelo menos ela me deixou usar minhas botinas surradas Doc Martens.

— São praticamente *vintage* — disse ela, usando o mesmo adjetivo que, até aquela manhã, não fora suficientemente bom para minhas calças jeans e minhas camisas.

Pouco me importava como ela quisesse chamar minhas botas, desde que me deixasse usá-las.

— O.k. — disse Kimberlee depois de me analisar dos pés à cabeça. — Vamos. — Ela fez uma pausa. — A não ser que você queira passar delineador... um pouquinho, talvez?

Meus olhos se arregalaram. *Nem que a vaca tussa.*

— Não achei que fosse querer mesmo — disse ela, indo para a porta. — Vamos lá, então; vou te ensinar o atalho.

Aquela era a parte difícil.

— Hã... Kimberlee?

— Sim? — disse ela, distraída.

— Posso ir sozinho?

Ela fez uma pausa e se virou para me olhar.

— Sozinho?

Assenti.

— Por quê?

Dei de ombros.

— Eu ficaria mais à vontade.

Ela continuava me encarando.

Eu ia ter que contar a ela.

— Vou me encontrar com a Sera lá. — *Mais ou menos.*

Kimberlee se enrijeceu.

— Ela não vai a essas festas.

— Bem, ela vai a esta. Escute — eu disse, antes que Kimberlee pudesse falar —, eu sei que você não gosta dela. Então, acho que seria melhor para nós dois você não ficar por perto quando eu estiver com ela.

Ela riu, um som curto, condescendente.

— E você acha que isso irá acontecer com muita frequência?

— Talvez sim, talvez não. Mas vai acontecer hoje à noite e eu quero um pouco de privacidade.

Ela não disse nada.

— Kim — falei com o máximo de gentileza de que era capaz.

— Kimberlee — corrigiu ela, mas parecia mais magoada do que com raiva.

— Não acho que seja muito pedir uma noite sozinho.

— Está bem — resmungou ela. — Vá. — Ela se jogou na minha cama.

— Kimberlee? — disse, com hesitação. — Você quer que eu... ligue a TV para você ou algo assim?

— Apenas vá embora — disse ela, dando-me as costas.

Abri a boca para me explicar mais, mas, depois do inferno pelo qual ela tinha me feito passar, decidi que devia aproveitar a chance de ir e ter a esperança de que ela não mudasse de ideia. Pus a mão na porta e estava prestes a girar a maçaneta quando Kimberlee disse, muito baixinho:

— Espere.

Olhei para ela e ela parecia um pouco surpresa por ter falado.

— O quê? — perguntei, sem me dar ao trabalho de disfarçar a irritação.

Ela baixou as sobrancelhas por um segundo e, então, disse:

— Vá com cuidado.

— Sim, mamãe — resmunguei baixinho.

— E fique longe do Langdon — acrescentou ela, com pressa.

— Langdon? — perguntei, minha mão apertando a maçaneta. Eu ainda não tinha contado a ela que fora Langdon quem me convidara. — Pensei que vocês fossem amigos íntimos.

— E éramos — disse Kimberlee, fazendo-me pensar que havia muito mais por trás *daquela* história. — É por isso que eu sei que ele é um bêbado maldoso. — A preocupação desapareceu de seu rosto quando ela jogou o cabelo para trás. — Só fique fora do caminho dele.

Eu não estava cem por cento confiante de que Kimberlee não tinha me vestido como um palhaço por vingança. Então, quando cheguei à festa em volta da fogueira, saí bem devagar do carro e fui andando com os ombros encurvados. Mas, para minha surpresa, a maioria dos caras ali parecia clones meus; alguns tinham até cinto com brilhos. Quando alguém colocou um copão de plástico vermelho cheio de cerveja na minha mão, eu já estava me sentindo bem mais confiante. Olhei para o líquido âmbar espumoso que quase chegava à borda do copo enorme e farejei um pouco, hesitando.

Agora, não é que eu nunca tivesse bebido álcool antes. Sempre tomava um pouco de champanhe no Natal e, às vezes, um copo de vinho no jantar. Mas nunca tinha tomado cerveja. Lá em Phoenix, eu e os meus amigos estávamos planejando dar uma festa quando a escola terminasse; portanto, era algo a acontecer no meu futuro, mas nenhum de nós ainda tinha criado coragem para comprar uma cerveja sozinho.

Não tinha cheiro muito parecido com vinho. Mas todo mundo ali estava mandando para dentro como se fosse crack líquido; não podia ser tão ruim assim. Certo?

Certo.

Respirei fundo e tomei um golão. Blargh! *Engula, simplesmente engula*. Finalmente consegui fazer descer e olhei em volta para os demais convidados com um novo olhar. *O que passa pela cabeça dessa gente? Isto aqui é asqueroso*. Talvez o segundo gole não fosse tão ruim, agora que eu já sabia o que esperar; além disso, eu também não tinha gostado de vinho logo de cara. Dessa vez, tomei um gole menor. *Humm, não melhorou muito. Talvez só um pouquinho*. Bebi de novo. Faltava alguma coisa. *Açúcar?* Tentei um pouco mais. *Sal*, decidi, mas duvidava que fosse encontrar por ali. Teria que ir simplesmente bebendo e andando e bebendo e andando enquanto esperava Sera aparecer.

Conforme andava pelo lugar, vi rostos conhecidos por toda parte. Em retrospecto, pensei que talvez devesse ter levado uma mochila cheia de sacos da cleptocaverna de Kimberlee. Podia ter devolvido uns vinte sacos para as pessoas que estavam bêbadas demais para lembrarem no dia seguinte quem tinha dado aquilo para elas.

Se bem que, por alguma razão, não conseguia imaginar Kimberlee muito feliz com esse plano. Ah, paciência.

No fim, terminei minha cerveja e consegui pegar um pouco mais, fresca do barril. Tomei um gole e fiz uma nota mental muito importante para mim mesmo: cerveja é melhor gelada. Quem tinha me dado cerveja quente antes? Não me lembrava. Mas gelada era muito melhor.

“Melhor” relativamente falando, é claro; ainda era asqueroso.

— Eeeeeei, amigo — ouvi alguém dizer, arrastado, enquanto um braço enorme descia sobre os meus ombros.

Olhei para o rosto sorridente de Langdon. Tinha quase me esquecido dele.

— Estava esperando que você viesse — disse ele.

— Ei... Lang — respondi, retribuindo o sorriso.

Ele ergueu o copo na minha direção e eu o toquei com o meu. Saúde.

— É seu primeiro? — perguntou Langdon.

— Segundo.

— Precisamos dar um jeito nisso — disse Langdon com uma risada, fazendo-me andar. Na direção contrária à do barril. Resisti um pouco, sem saber ao certo se queria abandonar a segurança das massas.

E, bem, eu queria ficar de olho para quando Sera chegasse. Mas o braço de Langdon era realmente pesado.

Por sorte, não abandonamos a multidão, apenas nos afastamos um pouco.

— Tá com eles aí? — perguntou Langdon a um cara que estava distribuindo doses de bebida tiradas de uma caixa onde havia uma porção de garrafas semiescondidas.

— Claro — resmungou o cara e ergueu um isopor cheio de potinhos plásticos com gelatina.

Bem, não era *exatamente* gelatina. Era gelatina alcoólica, em copinhos plásticos. Eu sabia o que era, embora nunca houvesse experimentado antes. Olhei para a minha cerveja e, depois, para o mostruário colorido de copinhos de gelatina alcoólica. Eu não era muito fã de gelatina, mas qualquer coisa era melhor que cerveja.

Passei a hora seguinte ouvindo Langdon e seus amigos fazerem piadas bobas enquanto eu acalentava minha cerveja até o gosto ficar ruim demais e, depois, trocava por gelatina alcoólica — Langdon tinha sempre uma à mão para mim — para tirar o gosto ruim da boca. Então, só porque tomar cerveja parecia ser a coisa “certa” a se fazer numa festa do chope, eu me resignava a começar outro copo. Depois de tomar umas e outras, o gosto da cerveja já não parecia tão ruim assim. Na verdade, estava começando a ficar bom. E as piadas de Langdon estavam até começando a ficar

engraçadas.

Perdi a noção da hora e dei um pulo quando Sera se aproximou de mim e tocou no meu braço.

— O-o-o-o-o-i — falei, a voz arrastada.

Aqueles olhos verdes maravilhosos olharam para mim e, então, se reviraram.

— Você está completamente bêbado.

Droga.

— É — respondi, com um sorriso torto. — Mas, tudo bem, porque você pode ficar com esta aqui.

— Entreguei a ela o resto da minha cerveja.

— Obrigada — disse ela, secamente, e despejou tudo no chão.

— Quer um drinque de gelatina?

— Tá... tudo bem — disse ela. Então ela olhou para Langdon e, juro, a temperatura caiu uns graus.

— Langdon, eu não diria que é um prazer vê-lo, mas, enfim, olá.

Sutil.

O ego de Langdon pareceu desinflar por um segundo, mas ele se recuperou depressa.

— Sera, minha animadora de torcida predileta. Veio se juntar às festividades desta vez?

— Acho que você sabe que não devia nem sequer perguntar — disse Sera com frieza. Ela pegou um copinho de gelatina, balançando-o levemente. — Drinque de gelatina? Sêrio? Foi isso que você passou a tomar?

— Cara, é uma *delícia* — disse eu.

— É — disse ela, segurando o copinho com dois dedos antes de devolvê-lo à mesa e dando as costas para Langdon. — Quantos destes você já tomou?

Quantos eu tinha tomado? Tentei contar, mas, de repente, não tinha muita certeza. Quatro? Cinco? Vinte e oito? Não fazia a menor ideia.

— Foi o que pensei — respondeu ela, diante do meu silêncio. — Está pronto para irmos?

— Ir? Aonde?

— Você está bêbado. Vou te levar para casa.

— Não — disse eu, tentando parecer charmoso. — Eu é que devia levar *você* para casa. — E toquei com o dedo na ponta do nariz dela. Ou, pelo menos, era essa a intenção. Fico feliz por não ter enfiado o dedo em seu olho.

Ela deu um sorriso condescendente.

— Pois é, acho que esta noite não está muito boa para isso. Vamos.

— Ei, ele não quer ir. — Senti aquele braço pesado novamente em volta dos meus ombros. — Ele quer curtir a festa. Não é mesmo, amigão?

— Cale essa boca, Langdon — retrucou Sera. — Jeff, onde estão as chaves do seu carro?

— Sem chance, Barbie — disse Langdon e, de repente, ele já não parecia mais tão bêbado. Ou tão alegre. — Você acha que pode aparecer aqui e estragar nossa diversão? Pode voltar para a sua toca.

Aquele tom na voz dele me trouxe à mente, de um só golpe, as palavras de Kimberlee. *Bêbado maldoso*. Agora eu estava vendo.

— Sabe, quando ouvi dizer que você tinha convidado o Jeff, tive esperança de que fosse só um convite eventual... que você tivesse deixado para trás essa estupidez. Mas nós dois sabemos aonde isso vai parar e nem morta eu vou deixar o Jeff aqui com você.

— E você acha que eu vou simplesmente permitir que isso aconteça? — perguntou Langdon, empertigando-se para ficar mais alto do que ela.

Sera nem sequer piscou.

— Está vendo isto aqui? — disse ela, mostrando alguma coisa preta e... lustrosa? *Ah, é um celular! E brilha.* — Estou a um toque de chamar o Khail se você não largar o Jeff neste instante. Não estou disposta a tolerar suas idiotices hoje.

Eu não sabia por que aquilo era uma ameaça tão grande, mas, depois de um segundo, o braço de Langdon deixou meus ombros. Ele parecia estar furioso, mas não tentou impedir Sera quando ela agarrou minha mão e foi me puxando para longe.

Eu me virei para dar um tchauzinho, mas Langdon só olhou feio para mim com um nível de ódio que não combinava com o cara sorridente que vinha me dando drinques de gelatina durante a última hora. E eu estava bêbado demais para que aquilo fizesse algum sentido.

— Me dê as chaves — disse Sera ao me arrastar até o estacionamento de terra onde todos os carros estavam parados. — Vim de carona com Brynley e ela ainda não quer ir embora.

— Ah, não — disse eu, cobrindo o bolso com a mão. — Ninguém além de mim dirige a Halle.

Ela me olhou por um longo momento antes de sorrir e dizer:

— Bem, talvez eu possa te fazer mudar de ideia.

Gostei daquilo.

Ela segurou a minha mão e me puxou mais perto.

— Você gosta de mim, não gosta, Jeff?

— Claro.

— Não vai se importar se eu fizer isso, vai? — Ela deslizou a mão pela lateral do meu quadril.

— Nããããã — *Oh, por favor, não quero que isso termine nunca mais.*

— Você podia passar os braços em volta de mim.

Eu estava no céu. Minhas mãos foram escorregando por sua cintura e pararam exatamente sobre suas nádegas. *Ah, sim.*

— A-hã.

Olhei para ela com o que esperava que fosse uma expressão neutra convincente.

— Um pouco mais para cima, ou você terá que ir para casa *a pé* — disse ela, com um sorriso rígido.

Subi as mãos alguns centímetros.

— Muito melhor assim.

A mão dela estava fazendo alguma coisa no meu quadril, mas eu estava ocupado demais tentando olhar em seus olhos. Se pelo menos ela ficasse parada!

— Você é linda.

— Ah, é?

— É. Quero beijar você desde o primeiro instante que te vi.

— Verdade?

— Hã-hã. — Se eu não aproveitasse essa chance, talvez não tivesse outra. Aproximei meu rosto, e ela não recuou. Eu estava quase lá e deixei meus olhos se fecharem quando ela deu um passo para trás e algo faiscante e tilintante foi sacudido diante do meu rosto.

Olha, chaves!

Oh... são as minhas chaves.

— Está bem — disse ela. — Vamos embora.

Eu sou um mané mesmo.

Onze

Eu não disse mais nem uma palavra até estarmos os dois em segurança dentro do meu carro.

— Tem certeza de que sabe dirigir carro com câmbio manual? — perguntei quando ela apertou a embreagem e virou a chave.

Ela mal olhou para mim conforme saía da vaga do estacionamento.

— Acho que consigo me virar — disse ela, acelerando e mudando a marcha graciosamente de primeira direto para terceira. Sem nem tirar os olhos da estrada, ela trocou a estação do rádio, diminuiu o nível do grave no som e piscou o farol alto para um carro que se aproximava na direção contrária, como se conhecesse todos os botões do meu carro.

— Você já fez isso antes — falei, sem conseguir formular uma frase mais coerente.

Ela riu.

— Meu pai tem um destes. Eu o dirijo o tempo todo.

E eu que achava que meu carro fosse muito especial.

Enquanto fazíamos as curvas do caminho de volta a Santa Monica, comecei a me sentir um pouco enjoado. Não sei direito como eu tinha imaginado voltar para casa. Acho que não tinha planejado tomar mais de uma cerveja. Realmente, foi muito bom que Sera tivesse ido me resgatar.

Inclinei o assento para trás e virei a cabeça apenas o suficiente para olhar para ela. As luzes da rua caíam sobre seu rosto conforme ela dirigia, fazendo-a parecer um pouco irreal. Ou, talvez, mais do que real. Ela tinha ido além do esperado por mim hoje. Ou realmente gostava de mim ou era incrivelmente simpática. Talvez um pouco das duas coisas.

Viramos mais algumas curvas e percebi que meu estômago estava começando a ficar com raiva de mim. Devo ter ficado com cara de enjoado porque Sera parou o carro em frente a uma espécie de parque.

— Vamos — disse ela, abrindo a porta do seu lado e caminhando até um parquinho infantil.

Eu me senti muito melhor com o ar fresco.

Fomos até os balanços e, enquanto Sera se balançava com força, eu meio que fingia balançar um pouquinho. O alívio inicial do ar fresco estava lentamente dando lugar à náusea. Após uns dez minutos, tive que fincar os pés na areia para parar completamente de balançar. Qualquer movimento fazia com que me sentisse pior.

Sera olhou para mim e, então, deu um salto, jogando-se do seu balanço e aterrissando ao que parecia ser uns trinta metros de distância.

— Uau — eu disse, antes de cobrir a boca com a mão.

— Vamos — disse Sera, puxando meu braço. — Você vai se sentir melhor depois de vomitar e as crianças que brincam aqui vão se sentir melhor se você não o fizer em cima dos balanços.

Eu não podia abrir a boca para discutir.

Ela me puxou até um tambor grande de lixo e foi gentil o bastante para se afastar um pouco enquanto eu vomitava o que parecia ser um oceano de cerveja.

Eu certamente não bebi tudo isso.

Nem comi tanta gelatina...

... ou sim?

Quando finalmente consegui me endireitar, meu alívio físico deu lugar ao constrangimento. Constrangimento *extremo*. Aqui estava eu, vomitando até as tripas na frente de uma das meninas mais bonitas que já tinha conhecido. Agora só faltava Kimberlee aparecer e começar a rir de mim.

Finalmente me virei para Sera.

— Desculpe — resmunguei.

— Tudo bem — disse ela. — O verdadeiro teste é se você vai encher a cara de novo na próxima vez que o Langdon der uma festa.

Fiz uma careta e balancei a cabeça para a frente e para trás.

— Não, obrigado.

Sera vasculhou em sua bolsa por alguns segundos.

— Tome — disse ela, oferecendo um pacote de lenços de papel e um frasco tamanho viagem de Listerine. — Já tinha separado isso para você.

Olhei para aquilo por um longo tempo, sentindo-me de repente muito sóbrio.

— Você sabia que eu ia dar uma de idiota — murmurei.

— Bem, eu não *sabia*. Procuro dar a todo mundo o benefício da dúvida. Mas praticamente todo mundo cai no encanto de ser o *convidado de honra* de Langdon — disse ela e, então, deu de ombros.

— Eu mesma cáí.

— Sério?

Ela deu um sorriso rígido e assentiu.

— Fim da temporada de futebol no meu primeiro ano... na festa para comemorar o último jogo. — Ela se virou e começou a subir um morro gramado. Eu bochechei com Listerine e cuspi o líquido forte antes de segui-la. Fiquei alguns passos atrás dela conforme subia o morro, bochechando com o enxaguatório o tempo inteiro.

Quando finalmente chegamos ao topo, o frasco já estava vazio, eu sentia minha boca limpa, com meu estômago já voltando ao normal. O ar estava fresco e revigorante, e senti uma segunda chance surgir à minha frente.

— Langdon me convidou pessoalmente. Eu me senti o máximo. Ele foi me dando doses de Jägermeister até eu perder a conta. E sei que continuei tomando por um bom tempo, depois disso. — Ela chegou ao topo do morro e se sentou na grama.

— Jägermeister?

— Pois é, pode crer: os drinques de gelatina são muito mais... gentis. Mas eu estava no primeiro ano e queria ser popular; então fui tomando até o gosto começar a ficar bom.

Isso me parece familiar. Sentei-me ao lado dela, perto o bastante para que nossas coxas se tocassem.

— Então você também ficou bêbada e vomitou em tudo?

Ela deu uma risada súbita.

— Bem que eu queria que tivesse sido tão simples assim. Sim, fiquei bêbada e, sim, a certa altura, vomitei tudo. Mas Khail tinha descoberto com alguém os planos de Langdon. Eles iam me embebedar

o suficiente para poder me fazer de idiota na frente de todo mundo. Suponho que fosse envolver fotos também.

— O que aconteceu? — sussurrei, quase com medo da resposta.

Mas ela sorriu.

— O Khail me resgatou.

— Como você fez comigo hoje? — falei, com um sorriso.

— Não, hoje eu apenas intervim. Khail teve que realmente me *resgatar*. Quando ele finalmente me encontrou, ficou claro que eu estava muito mal. Ele me arrastou e me colocou no carro dele. Eu estava praticamente desmaiada, mas me contaram depois que ele... fez um estrago mais ou menos no Langdon. Quebrou o nariz dele, amoleceu um ou dois dentes. Ele estava com os dois olhos roxos quando foi para a escola na segunda-feira.

— Parece que mereceu.

— Ah, mereceu, sim — disse ela, séria. — Mas se o Langdon não tivesse ficado com medo de dizer alguma coisa, podia ter causado problemas sérios para Khail. Esse é o tipo de coisa que ninguém quer ver escrito no seu histórico. Meu irmão se arriscou muito por mim, ao dar uma lição em Langdon.

Assenti com tristeza.

— Mas terminou tudo bem.

— Sim. Langdon mal me dirigiu uma palavra desde então e... — Ela hesitou e, então, pareceu mudar de ideia. — Digamos apenas que todo mundo recebeu o que merecia.

Ela sorriu para mim, mas seu sorriso estava rígido.

— Agora é uma tradição de Harrison Hill. Alguém é a vítima do humor bêbado de todos os outros. Não é... muito bonito. E eu nunca consegui descobrir quem seria a vítima a tempo de ajudar. Fico contente por tê-lo feito hoje — disse ela, olhando para o céu.

Meu estômago se azedou de novo. Não era de admirar que ela tivesse prestado tanta atenção de repente, quando eu disse que Langdon tinha me convidado.

Eu queria que ela achasse que eu era popular. E, durante o tempo todo, ela sabia a verdade.

Ela se virou para mim, e a lua iluminou sua pele clara. Ela tinha sardas que, provavelmente, detestava — aparentemente, todas as meninas detestam —, mas eu gostava.

— Que bom que você ficou bem. Fico feliz que o Khail estivesse lá.

— Eu também — disse ela baixinho.

O momento pareceu sério e cogitei lhe dar um beijo, mas parecia não ter passado tempo suficiente desde que eu... bem, vomitara todo meu orgulho junto com a cerveja e a gelatina. Então, em vez disso, passei as mãos pelo cabelo, sentindo as pontas duras de gel se transformarem na bagunça macia com que eu estava acostumado.

Ela olhou para mim e sorriu.

— Faltou um pedacinho — disse, baixinho. Então, estendeu a mão e esfregou meu cabelo, suavizando mais algumas pontas duras. — Pronto — disse ela, depois de alguns momentos. — Muito melhor.

— Assim é melhor?

Ela assentiu e riu, puxando minha jaqueta jeans.

— E não vou nem começar a falar da sua roupa.

— Você não gostou? — Introduza aqui o efeito sonoro do que restava da minha autoconfiança se partindo em sete bilhões de caquinhos.

— É legal — disse ela, dando de ombros —, só acho que não é *você*. Quer dizer, na primeira vez que te vi, você parecia... à vontade. Ninguém em Santa Monica fica à vontade. Você estava de All Star e parecia tão à vontade quanto é possível ficar naquele nosso uniforme estúpido. Então, alguma coisa

aconteceu... talvez os alunos de Whitestone tenham te influenciado... mas você mudou completamente. O cabelo esquisito, o look metrossexual.

— Espere um pouco — falei e minha mente estava tentando fazer uma conexão que eu ainda estava bêbado demais para conseguir facilmente. — Você me notou no meu primeiro dia? Tipo, antes de eu fazer isso no cabelo — acrescentei apontando para o meu cabelo “arruinado”.

Sera baixou os olhos para o colo e, mesmo na escuridão, vi seu rosto se enrubescer.

— Eu sou monitora na escola — disse ela, de forma evasiva. — Eu noto todos os alunos novos.

Claro que sim.

— Está bem, chega de esquisitice — disse eu, com um sorriso. — Isso eu consigo fazer.

Ela passou os dedos pelo meu queixo.

— Disto eu gosto, porém.

A barba por fazer. Ponto pra mim!

— Faz você parecer mais...

— Viril? — sugeri.

— Eu estava pensando em algo como *descontraído* — disse Sera, rindo.

Hesitei, mas concluí que não tinha nada a perder sendo honesto.

— Eu só queria impressionar você hoje.

Ela levantou uma sobrancelha.

— É verdade, eu vi você aquela primeira vez e...

— No dia em que você achou que eu era namorada do Khail? — ela provocou.

Suspirei.

— Eu deduzi que, como você era uma animadora de torcida muito popular, ia gostar deste tipo de cara — disse eu, indicando minhas roupas.

Sera riu novamente e balançou a cabeça.

— Não sou exatamente uma animadora típica. Nem gosto muito da atividade em si. Mas me dá a chance de treinar e competir em ginástica.

— E você não pode fazer isso na... aula de ginástica?

Ela desviou o olhar.

— É meio complicado. Eu... estava na aula de ginástica. Estava treinando para competir em nível nacional, mas tirei alguns anos de folga justamente quando o treinamento era mais importante. Portanto, basicamente, fiquei para trás. Não é fácil recuperar o tempo perdido, pode crer. Tenho um treinador particular agora, mas não posso competir nem nada parecido. — Ela deu de ombros e sorriu com tristeza. — Algum dia, talvez eu seja boa o bastante para entrar numa equipe universitária, mas, no momento, não sou tão boa assim e é estranho competir contra meninas de treze anos. Então, em vez disso, eu sou animadora de torcida.

— Por que você tirou esse tempo de folga, se o treinamento era tão importante assim?

Sera desconversou.

— Aconteceu.

Ficamos calados por alguns minutos antes de eu me inclinar e bater com o ombro no ombro dela.

— Então, quer dizer que você não gosta desse lance de caras que andam na moda e tal? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

Despentei meu cabelo um pouco mais.

— Que alívio.

Ela sorriu e olhou para mim.

— O que você teria vestido hoje se não estivesse tentando me impressionar?

— Jeans. Uma das minhas camisetas *vintage*. Um moletom com capuz. É o que normalmente uso.

— É exatamente como eu imaginei você.

Minha cabeça ainda estava girando e, embora eu desconfiasse que não era só pela companhia, disse mesmo assim (podia nunca ter outra chance):

— Sinceramente? Eu provavelmente não teria ido à festa se você não tivesse concordado em aparecer por lá.

— Ah, é?

— Te-tem alguma coisa em você... alguma coisa diferente — gaguejei. — Venho querendo te conhecer desde a primeira vez que te vi no corredor.

Levantei a mão e deixei meus dedos deslizarem pelo rosto dela. Não sei de onde tirei a coragem, mas minha mão deslizou por trás do pescoço dela e deixei minha cabeça tombar adiante até as testas se tocarem.

— Hum — disse Sera, hesitante —, você está seriamente tentando me beijar, depois de ter vomitado no latão de lixo quinze minutos atrás?

Congelei.

— Não?

Ela sorriu.

— Sei, vou acreditar. — Ela estendeu a mão e apertou meu braço enquanto afastava a cabeça da minha. — Talvez em outra oportunidade — disse baixinho.

Por ora, é o bastante.

Observamos as seis ou sete estrelas que lutavam para brilhar através da poluição e das luzes de Santa Monica e rimos quando uma das “estrelas” voou para longe. Conversamos preguiçosamente sobre nada até que Sera gemeu e tirou a mão do bolso. O brilho azul suave de seu Rolex nos trouxe de volta à Terra.

— É quase uma hora. Esse é meu horário de voltar nos finais de semana. — Ela olhou para mim. — Acho que você ainda não está pronto para voltar a dirigir. Vou te levar para casa e pedir para o Khail ir me buscar.

Sacudi a cabeça, melancólico.

— Eu estaria bem se não fosse por aqueles drinques de gelatina.

— Quantos você tomou?

Sorri para ela, envergonhado.

— Depois de uns tantos fica muito difícil lembrar.

Ela riu e me cutucou no estômago.

— Você é um fracote mesmo.

— E você não? — retruquei, dando uma cotovelada de leve em suas costelas.

Ela revirou os olhos. Eu me levantei e estendi a mão para ajudá-la a se levantar.

— Obrigado — falei. — Por... tudo.

Ela hesitou.

— Jeff?

— Sim?

— Na próxima vez que houver uma festa importante, em vez de ir à festa você não quer vir bater papo comigo?

— É sério?

Ela encolheu um ombro.

— Você é legal. Diferente — disse ela, olhando-me de soslaio —, mas legal.

— Claro que quero — prometi. — Isso aqui foi muito melhor do que qualquer festa poderia ter sido.

E, com um sorriso como o dela, eu nem precisava de cerveja para ficar zonzinho.

Doze

— Onde diabos você estava?

A voz ressoou dolorosamente pelo meu crânio enquanto eu tentava abrir os olhos. No instante em que eles se depararam com a luz ofuscante da manhã, voltei a fechá-los.

— Então?

Esse, definitivamente, não era o jeito que a minha mãe costumava falar comigo... nem quando eu fazia coisa errada. Cobri os olhos com as mãos e espiei entre os dedos. *Sim, era Kimberlee.*

— O que você tem a ver com isso? — resmunguei e afundei o rosto no travesseiro.

— Fiquei entediada e fui até a festa; não estava seguindo você nem nada, fui para ver outras pessoas. E você havia sumido! Não tinha ideia do que tinha acontecido com você. Morto na estrada, raptado e estuprado pelos integrantes do clube de xadrez... sei lá!

Levantei a cabeça por alguns segundos, sem energia sequer para ficar bravo com ela por ter descumprido sua promessa.

— Ah, você se importa. Que bonitinha. Dá para calar a boca agora? — Afundei novamente no travesseiro. Minha cabeça latejava e cada palavra que ela dizia ecoava dentro dela como uma bola de squash.

Ela continuava andando de um lado para outro e gritando, mas não ouvi muito depois disso. Puxei o travesseiro por cima da cabeça e, no silêncio relativo, consegui voltar a dormir.

Quando acordei novamente, ela tinha ido embora.

Graças a Deus.

Meu estômago roncou e eu olhei para o relógio: uma da tarde. *Droga.*

Cambaleei para fora da cama, desci a escada tropeçando pelo caminho e fixei a mira no bule de café... que, por sorte, ainda continha algumas xícaras. Era exatamente o que eu precisava naquela manhã. Tarde. Sei lá.

Quando minha mão tocou na cafeteira, minha mãe disse:

— Nada disso, Jeff. Café só vai desidratar você.

Dei meia-volta e quase derrubei a caneca quando as luzes da cozinha riscaram meu campo de visão.

A risada musical da minha mãe penetrou nos meus ouvidos como um martelo quebrando uma vidraça.

— Desculpe, não quis assustar você. — Ela indicou a cadeira em frente. — Sente-se.

Fiz o que ela mandou e deitei o rosto na superfície fria da mesa. Estava quase passando para o sono de novo quando minha mãe tocou no meu ombro.

— Confie em mim, isto aqui é melhor.

Levantei a cabeça e vi um copo grande de suco de tomate, um bagel com cream cheese de morango, um copo menor de suco de laranja e dois comprimidos brancos. Apontei para os comprimidos e murmurei:

— Hã?

— Para a dor de cabeça.

Cara, eu estava realmente encrencado. O bagel pelo menos parecia comível. Mordisquei um lado para evitar pensar no suco de tomate gigante.

— Tome os dois copos... você precisa de líquidos e eletrólitos.

Assenti como se estivéssemos discutindo o clima, em vez da minha noitada de bebedeira — ou de, hã... tomação de gelatina —, sendo menor de idade. Peguei o copo grande de suco de tomate e me forcei a dar dois goles.

Quando terminei o bagel e os dois copos de suco, já não me sentia mais batendo às portas da morte... era mais como se estivesse esperando na portaria. Minha mãe me preparou mais um bagel com cream cheese e trouxe junto com um copo de água.

— Então — começou ela —, quer me contar sobre ontem à noite?

Gemi e afundei a cabeça nas mãos.

— Não quero nem *pensar* sobre ontem à noite. Foi horrível.

— Quanto você bebeu?

— Mais ou menos metade do que vomitei.

Ela riu.

Eu me encolhi.

— Desculpe.

— Foi culpa minha. — Eis um fato curioso: já me livrei de mais castigos com essas três palavras do que você poderia imaginar.

— Foi, sim.

— Como você soube?

— Fui pegar suas roupas para lavar enquanto você estava dormindo e tudo fedia a fumaça e cerveja; essa foi a primeira pista. Mas, principalmente, porque tentei acordar você e você nem sequer se mexeu. — Ela parecia achar graça. — Também havia muito ronco e baba.

Não havia muito que eu pudesse argumentar contra aquilo.

Então, ela fez sua “cara de mãe”. A cara de “Jeff fez coisa errada”.

— Como você chegou em casa? Seu carro está aqui; espero que não tenha dirigido bêbado. Há consequências muito sérias para isso. E nem estou me referindo à lei.

— Alguém me trouxe em casa.

— No *seu* carro?

Pousei o rosto novamente na mesa fria.

— Hã-hã.

— Esse alguém estava bêbado na hora?

— Não, ela não bebe.

Minha mãe se inclinou, apoiando os cotovelos na mesa.

— Ela? Uma menina?

Ela nunca mais vai parar de falar sobre isso. Assenti.

— Uma menina especial?

— Talvez.

Minha mãe assentiu, devagar.

— Muito bem. Então, você não dirigiu embriagado. E aí, o que achou de ficar bêbado?

— Horrível.

— Quão horrível?

— Muito. Mas não tanto quanto a ressaca. Estou morrendo, mãe.

— Eu diria que essa é uma consequência bastante boa, você não acha?

Assenti.

— Você ainda não se livrou totalmente — advertiu minha mãe. — Ainda há consequências por vir depois que eu conversar com o seu pai, mas, por ora, acho que você já está se castigando o suficiente.

— Obrigado — resmunguei.

— Não me agradeça ainda. Parte do seu castigo, definitivamente, será me contar mais a respeito dessa menina que ficou com pena de você.

Suspirei, derrotado, e cobri os olhos com as mãos.

— Espero que tenha se divertido ontem à noite — disse Kimberlee do outro lado do quarto, enquanto eu tentava calçar as meias.

Caí da cama de susto.

Detesto ressacas. Mais do que gravatas. Mais do que crachás de identificação. Talvez até mais do que fantasmas maldosos e cleptomaníacos.

— Então?

— Então, o quê?

— Como foi?

— A festa foi uma droga e eu não entendo o que as pessoas veem em cerveja.

Kimberlee zombou:

— A Sera te deu um chega pra lá, né?

Sorri.

— Não. Ela me salvou da cerveja.

Meu celular tocou e remexi desesperadamente na calça jeans para encontrá-lo. Só queria que aquele barulho ensurdecedor parasse. Finalmente o encontrei e apertei o botão para atender.

— Alô?

— Jeff?

Sera! Minha ressaca pareceu desaparecer no ar. Bem, metade dela, pelo menos. Talvez um quarto.

— Oi, como vão as coisas?

— Bem — respondeu Sera. — Só queria ver se você estava bem.

— Melhor agora.

Kimberlee fez de conta que enfiava o dedo na garganta e entrou no meu closet. Atravessando a porta, é claro.

— Como você conseguiu o número do meu telefone?

— Eu já disse: sou monitora na escola.

Eu ri.

— Você *roubou*?

— Sou uma ótima ladra. — Gostaria que Sera pudesse imaginar ao menos uma fração da ironia que havia naquelas palavras.

Levei alguns segundos para perceber que, como não havia aula hoje, ela devia ter pegado meu número *antes* da festa. Legal.

Certamente havia alguma resposta fantástica e mordaz que eu pudesse dar para aquilo, mas tudo em

que pude pensar foi:

— Pois é. — *Que idiota.*

— Você está se sentindo bem?

— Melhor do que estava há uma hora.

— Bem o bastante para fazer alguma coisa esta noite?

— Depende do que você estiver pensando — provoqueei, sabendo que iria topar qualquer coisa que não fosse, talvez, furar os próprios olhos com agulhas em brasa.

E, ainda assim, se fosse envolver um rala e rola, eu iria pensar seriamente no assunto.

— Não tenho nada planejado, mas alguns filmes legais estão passando no cinema. E eu sou do tipo de menina que gosta de comer; então, quando digo que compro a pipoca se você comprar as entradas, dá exatamente meio a meio.

Meio a meio? Até parece que eu ia deixar essa menina pagar *alguma coisa*.

— Está bem, combinado — respondi. Minha cabeça começou a girar. Então deitei por cima do edredom com a triste constatação de que não iria a lugar algum num futuro próximo. Olhei para o relógio. Uma e quarenta e oito da tarde. — Que tal lá pelas sete?

— Então, o que aconteceu *exatamente* ontem à noite? — perguntou Kimberlee, reaparecendo no instante em que desliguei. — Você disse que a festa foi uma droga e, agora, vai sair para um encontro com uma garota que *notoriamente* não vai a festas. Você ao menos foi? — perguntou ela com aquele tipo de tom que minha mãe usaria para perguntar se fugi do jantar com meus avós. — Porque, se você foi convidado por Neil e não foi, *nunca mais* será convidado. Eu dei um duro danado para te arrumar e você, como sempre, foi um ingrato e eu deveria saber que você iria estragar tudo por causa dessa garota idiota...

— Pare! — consegui finalmente dizer, interrompendo sua torrente de palavras. — Eu fui à festa, tá bom?

— Então, o que aconteceu?

Tombei sobre a cama, fechando novamente os olhos.

— Eu fui, o Langdon me embabadou, e a Sera me resgatou.

— Langdon? E o Neil? Eu te disse para ficar longe de Langdon.

— Neil não me convidou... foi o Langdon — respondi, ainda sem abrir os olhos.

— Você mentiu para mim?

Nem sequer tive energia para honrar aquela pergunta com uma resposta.

— Por que você não me disse? — indagou ela, a voz ficando mais aguda.

— Três palavras — respondi, tentando desesperadamente agarrar a ponta do cobertor para cobrir a cabeça. — Convidado de honra.

Aquilo a fez calar a boca. Bem, por alguns segundos.

— Langdon chamou você para a festa como convidado de honra dele? — disse ela, baixinho.

— Sim — respondi debaixo do edredom. — Obrigado por me avisar, viu?

Ela ficou em silêncio por uns bons trinta segundos. Esperei que estivesse se sentindo culpada.

— Eu aqui encalhada com o mané que foi levado a Harrison Hill para ser o convidado de honra de Langdon. Estou no inferno *mesmo*.

Meus olhos se abriram com tudo e olhei para ela.

— Sério? — grasei. — Quase me queimei na frente de todo mundo e você está preocupada com a sua reputação? A qual, a propósito, não tem a menor importância porque você está *morta*? — Talvez estivéssemos os *dois* no inferno.

— Ah, lógico — disse Kimberlee. — Pode jogar isso na minha cara. É muito justo mesmo.

— Não estou tentando *jogar* coisa alguma. Só estou dizendo que você podia ter me avisado que o Langdon é um babaca e dito para eu ficar *sempre* longe dele, não só quando ele estivesse bêbado.

— Ei, o Langdon é um cara legal.

— Não, Kimberlee, não é! Ele é um sociopata. Qualquer pessoa capaz de embebedar os outros só para rir deles é um imbecil sem qualquer valor. Ponto final. Fim de caso.

Kimberlee fechou a boca de repente e apertou o maxilar. Por um momento assustador pensei que ela fosse começar a gritar novamente. Então, por alguma razão, ela rompeu em lágrimas e foi embora.

Jamais vou entender as meninas.

Treze

Quando cheguei à casa de Sera, tudo que consegui fazer foi ficar sentado no meu carro, olhando. Aquilo não era uma casa. Era um cruzamento de mansão com castelo. Um manstelo. Nem a casa de Kimberlee era tão grande assim.

Ao final de uma calçada serpenteante, quase fiquei surpreso por encontrar uma porta dupla de madeira em vez de uma ponte levadiça. Tentei decidir se era mais apropriado bater ou tocar a campainha e cogitei brevemente se haveria um mordomo.

Finalmente decidi que, a não ser que *realmente* houvesse um mordomo parado a um metro da porta, ninguém jamais iria me ouvir bater. Respirei fundo e apertei o botão branco faiscante à direita da porta. Sinceramente, esperava ouvir algo como um gongo batendo lá dentro, mas o que de fato ouvi foi nada. Estava começando a me perguntar se a campainha estaria quebrada ou se eu tinha apertado o suficiente quando a maçaneta girou.

Tive quase certeza de que não era um mordomo, mas, dado que a pessoa que abriu a porta era um homem de terno, acho que minha confusão momentânea foi justificável. Ficamos nos encarando por uns cinco segundos até que o homem levantou uma sobrancelha e perguntou:

— Posso ajudá-lo?

E como eu sou sempre muito calmo sob pressão, graciosamente respondi:

— Sim, hã, Sera e... A Sera está... quer dizer, posso... — finalmente estendi a mão e disse, com um sorriso idiota: — Sou o Jeff.

Ele olhou para a minha mão por um segundo antes de apertá-la sem muita confiança. E não me refiro a *autoconfiança*.

— Vim buscar a Sera — disse, ainda sorrindo como um bobo e tentando deduzir quem era aquele cara. O pai? Um tio esquisitão? E eu ainda não tinha excluído *completamente* a possibilidade do mordomo.

— Ah — disse ele, os olhos se estreitando. Aquilo certamente inclinava a balança a favor de ser o *pai*. Irrracionalmente, desejei ter colocado uma gravata.

— Estou aqui! — gritou Sera do alto da escadaria, vindo depressa. Pouco antes que o pai se virasse para ela, ela enunciou *sinto muito* silenciosamente para mim.

Conseguimos sair da casa sem muito drama, embora a mãe de Sera tivesse espiado de uma das muitas portas para lembrá-la de voltar para casa antes das dez. Ou, pelo menos, ela disse as palavras: “Sera, lembre-se, em casa às dez”, mas o tempo todo olhando diretamente para mim.

Uma vez que a porta da frente se fechou e nos afastamos o suficiente para eu ter *quase* certeza de que eles não podiam nos escutar, perguntei:

— Cara, por que é que os pais conseguem sempre ser as pessoas mais assustadoras na face da Terra?

— Nem me fale — resmungou Sera.

Olhei para ela de soslaio.

— Eles são assustadores para você também?

— Eles controlam a minha vida.

Imagino que ela tivesse razão, mas eu nunca havia pensado nos *meus* pais daquela forma. Eles eram legais; sempre foram. Nota mental: tenho sorte.

Entramos no carro e saí do meio-fio com Halle. Tinha uma ligeira desconfiança de que os pais de Sera não iriam ficar muito contentes se eu ralasse as pedras imaculadas na frente da sua casa.

— Você pode, hã, escolher o que quiser ouvir — falei, apontando para o rádio.

Sem uma palavra, ela mudou as estações e colocou em uma de rock, mas não pesado; então abaixou o volume a um nível que permitisse conversar. *Excelente*.

— E então, aonde você quer ir? — perguntei.

— Bem, eu tinha mencionado vermos um filme — disse ela, prestativa.

Hesitei.

— Sim, mas... eu estava esperando que pudéssemos conversar. Ontem à noite... — ri, passando os dedos pelo cabelo — eu não estava muito bem. — Eu me perguntei se o simples fato de lembrá-la já era estúpido. — Eu só... quero passar mais tempo com você quando estamos ambos bem.

Ela sorriu.

— Entããããão — disse ela, arrastando a palavra —, você tem alguma sugestão?

— Você está com fome?

— Como qualquer garota que se preze ao sair para um encontro cujo destino é desconhecido, estou *meio* com fome.

— Hã... como assim?

— É quando você come um pouco antes de sair de casa, de forma a ter apetite suficiente se o carinha te levar para comer e não ficar morrendo de fome, caso contrário.

Sera sempre tinha um plano. E, provavelmente, um plano B.

Eu nunca tenho nenhum plano.

— Que tal uma sobremesa? — perguntei.

— Sobremesa?

— É, já que você está *meio* com fome, né? — *Espere um pouco...* Formulei a pergunta cuidadosamente: — Você... come sobremesa? — Quer dizer, a gente nunca sabe, com as meninas.

Ela me deu um sorriso enorme e eu quase derreti.

— Adoro sobremesas.

Parei no primeiro restaurante que vi e, alguns minutos depois, estávamos acomodados numa mesa de cabine com um milk-shake de manteiga de amendoim e um sundae de chocolate com brownie à nossa frente, assim como uma Coca-Cola Diet. Sempre acho esquisito ver pessoas que pedem sobremesas... e Coca Diet.

— Eu gosto do sabor — disse Sera quando fiz a observação.

— Seeeeeei — respondi, pegando uma colherada do chantilly que cobria meu milk-shake.

Terminamos nossas sobremesas em quinze minutos, mais ou menos, e depois ficamos ali sentados, conversando. Ela me contou sobre Whitestone; contei a ela sobre Phoenix. E tive que lhe perguntar como era morar numa casa tão imensa.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não gosto — admitiu ela. — Temos uma academia e uma

sala de cinema; eu tenho meu próprio banheiro, esse tipo de coisa. Mas... sei lá, quando penso em “família”, não penso nos meus pais. Penso em Khail. Só nele. Acho que preferiria ter uma família de verdade e uma casa menor.

Sorri e contei a ela sobre meus pais e seu difícil começo de vida.

— Tenho algumas lembranças de morar num apartamento onde o “meu quarto” era o sofá — disse, e ela balançou a cabeça.

— Parece que todo mundo quer aquilo que não tem — disse ela, então olhou para mim. — Mas você meio que tem tudo que deseja agora, não?

Dei de ombros.

— Tenho sorte, imagino. — Ou teria, se pudesse me livrar da fantasma minha psicótica e continuar progredindo com Sera.

Passou mais uma hora de conversa fiada, mas, estranhamente, sem pausas constrangedoras, até que os olhares fuzilantes da garçonete ficaram óbvios demais para serem ignorados.

— Acho que aqui não é exatamente o tipo de restaurante em que se pode ficar fazendo hora com o café, né? — disse Sera com uma risadinha enquanto caminhávamos até o estacionamento. Perguntei-me se seria estranho demais eu pegar a mão dela. Afinal, estávamos só a uns cinco metros do meu carro.

Mas também parecia estranho não fazer nada. Finalmente, quando estávamos quase no carro, coloquei minha mão na parte baixa de suas costas. Ela não reagiu; eu não sabia se aquilo era bom ou ruim. Quando chegamos ao carro, ela se virou e olhou para mim, encostando-se à porta.

— E então, o que fazemos agora? — perguntou ela, com um sorriso tímido.

Eu me flagrei sorrindo em resposta.

— Não sei.

Ela olhou para seu relógio.

— Bem, tenho que voltar em vinte minutos, mas isso nos dá uns dez minutos antes de precisarmos ir.

Será que ela estava tentando dizer alguma coisa? Eu não tinha certeza.

Finalmente concluí que, no mínimo, ela estava dizendo *alguma coisa*; portanto, pus as mãos cautelosamente em volta de sua cintura, tomando cuidado para não chegar nem perto do traseiro. Para não repetir meus erros crassos da noite anterior.

Ela me olhou sorrindo como se estivesse fazendo uma concessão, mas não se afastou.

— Eu não sou muito o tipo de cara com quem você geralmente sai, sou? — perguntei. Era melhor saber logo.

Ela riu e balançou a cabeça.

— Talvez não.

— Então... por que você aceitou? — Parte de mim não queria saber, mas, ei, depois de ter me humilhado tanto na noite anterior, não era uma pergunta simples como aquela que iria estragar tudo.

— Bem — disse ela, parecendo pensativa por alguns segundos. — Já faz algum tempo que não tenho namorado...

Que ótimo. Sou o cara do rebote. Preparei-me para o pior.

— Mas quando namorava com frequência, era sempre com os atletas ou os carinhos mais populares, e eles acabavam sendo uns babacas. — Ela deu de ombros. — Você parece legal. Legal *de verdade*... não só fingindo para me ganhar.

Bem...

— E acho que, desta vez, estou tentando seguir meus instintos, em vez das coordenadas sociais.

Aquilo era um elogio ou não? Que se dane... não me importava.

Então, eu a beijei.

Sua boca era tão macia e quente que eu mal podia acreditar que fosse de verdade. Mas quando fiquei nervoso e tentei me afastar, ela pressionou os dedos às minhas costas e passou o outro braço pelo meu pescoço, puxando meu rosto para perto do seu. Minhas mãos, que ainda estavam em sua cintura, a puxaram de encontro ao meu corpo, nossos quadris se encaixando. Eu podia sentir o gosto da bala de menta do restaurante em seu hálito. Ela agarrou meus ombros, quase como se precisasse de ajuda para se equilibrar. Com as frentes ainda em contato, relutantemente terminei nosso beijo.

E, quando ela sorriu, comecei outro.

Mal consegui levá-la para casa a tempo.

Catorze

— E então, quando vamos pôr o plano em prática? — perguntou Kimberlee pouco antes de sair do carro na manhã seguinte. Não era um *grande* plano, mais iria funcionar.

— Não durante a aula do Bleekman. Nem do Wilkinson. Eu já saí da aula dele na sexta-feira. Ele vai ficar desconfiado.

— Está bem, e que tal na segunda aula? Daí eu vou ter tempo suficiente para pegar as senhas dos armários. Você pode dizer à Sra. Campbell que precisa fazer xixi.

Meus ombros se encurvaram ao pensar em carregar novamente aquele passe de banheiro pela escola.

— Está bem — respondi. — Você faz a sua parte, eu faço a minha.

— Beleza — disse ela, jogando o cabelo sobre o ombro e se afastando. Ela parecia tão normal e sólida, até alguém passar perto demais e um braço ou um ombro atravessá-la. Estremeci só de pensar.

Por sorte, eu tinha algo muito mais agradável à frente.

— Oi! — eu disse, sorrindo, ao me aproximar de Sera diante de seu armário.

Ela se virou e sorriu de volta e tentei me aproximar para um beijo que ela transformou num abraço.

Legaaaaaal.

— Desculpe — disse Sera, parecendo muito sincera e agarrando impulsivamente a minha mão. — Juro, não sei mais como se faz isso. Vou ser sincera: já faz um tempo que não namoro. Tipo, mais de um ano. Estou... enferrujada. — Seu rosto ficou vermelho e fiquei surpreso ao perceber que ela não estava tendo dúvidas *a meu respeito*; só estava realmente sem prática.

Com isso eu podia lidar.

— Sera — disse e esperei até ela olhar para mim. — Está tudo bem, é tudo meio novo. Mas eu tive um fim de semana excelente com você e não quero perder isso. — Sorri e inclinei o rosto mais perto do dela. — E se você só quiser me usar como treino para voltar ao jogo, bem... poderia ser pior.

Ela deu um sorriso enorme.

O sinal tocou, um barulho alto nos meus ouvidos que me fez rilhar os dentes, mas, pelo menos, estava tudo às claras.

— Então... te vejo no almoço? — perguntei, trocando a mochila de ombro.

— Sim.

Não tentei beijá-la de novo, só apertei sua mão. Eu gostava dela de verdade e não ia estragar tudo

sendo impaciente. Podia esperar.

Um pouco.

Além disso, tinha trabalho a fazer. Não ouvi uma só palavra da aula do Bleekman, só pensando se Kimberlee iria aparecer para me buscar. Quer dizer, era a salvação dela e tal, mas eu nunca sabia direito o que esperar.

No entanto, pouco antes de a aula de inglês terminar, Kimberlee apareceu — atravessando a parede — e começou a sussurrar números no meu ouvido. Eu anotei tudo verticalmente no meu caderno, esperando que, se alguém olhasse por cima do meu ombro, não conseguisse deduzir do que se tratava.

E, talvez, porque me fazia sentir meio agente secreto.

Kimberlee me seguiu até a segunda aula e ficou urubuzando em cima da minha carteira da forma mais irritante possível. Lógico.

A aula começou e, sem nem dizer um olá, a Sra. Campbell se colocou em frente ao quadro e começou a explicar a matéria. Minha turma em Phoenix não estivera tão adiantada quanto esta; portanto eu não podia me dar ao luxo de perder nada. Tentei me desligar de Kimberlee, que não parava de perguntar “Já está na hora?” a cada três minutos e esperei até a metade da aula para levantar a mão, envergonhado.

A Sra. Campbell olhou para mim ceticamente quando peguei minha mochila a caminho da porta, mas ela não me impediu. Afinal, eu estava carregando um passe tamanho gigante e tinha deixado meu livro sobre a carteira. Não era exatamente a combinação ideal para fugir da aula.

Assim que a porta se fechou, Kimberlee me levou até o armário mais próximo. Pela primeira vez, fiquei feliz por ela estar ali. Eu teria gastado meus dez minutos plausíveis de pausa para banheiro só procurando o armário certo. Quando a fechadura de combinação se abriu com um “clique”, olhei furtivamente para os dois lados do corredor, certo de que alguém iria aparecer a qualquer momento.

— Vai! — impeliu Kimberlee.

Abri o zíper da mochila, verifiquei novamente o nome no saco, joguei dentro do armário e fechei a porta depressa. Tinham passado menos de dez segundos. Meu coração batia loucamente enquanto Kimberlee corria até o armário seguinte e a adrenalina bombeava pelo meu corpo trêmulo.

Repetimos o procedimento mais duas vezes antes de Kimberlee olhar para o meu relógio.

— Fizemos um tempo bom — disse ela. — Agora volte correndo para a aula.

Agora eu estava tão apavorado que realmente precisava fazer xixi. Infelizmente, a despeito do passe enorme na minha mão, eu não tinha mais tempo.

Voltei para a classe e me sentei na carteira, certo de que todos os olhares estavam em mim. Mas não ouvi nada além de lápis raspando sobre papel à minha volta. Após uns dez minutos, consegui voltar a respirar normalmente.

Todos os dias naquela semana, eu e Kimberlee escapávamos de uma aula diferente e encontrávamos mais três ou quatro armários. Se isso parece ser um progresso enorme, deixe-me explicar melhor: não era. Era como tentar esvaziar uma banheira com uma colher de chá.

Mas, pelo menos, estávamos fazendo *alguma coisa*.

Kimberlee geralmente desaparecia durante a maior parte da manhã — muito mais tempo do que deveria ser necessário para obter as senhas dos armários-alvo. Por mim, tudo bem; quanto menos ela estivesse na minha vida, melhor.

Graças a Sera, eu havia começado a ver a hora do almoço como a melhor hora do dia. As coisas estavam ficando menos estranhas com os amigos dela, embora eu ainda não participasse muito das conversas. Mas começava a perceber que Sera também não. Não que ela fosse antipática; só era quieta. Talvez até um pouco tímida. Era como se usasse a camuflagem de animadora de torcida para se encaixar, mas não era exatamente uma delas, em vários aspectos.

Na sexta-feira saímos da mesa da cantina quinze minutos antes da aula seguinte. Sera estava falando sobre um trabalho de Trigonometria enquanto tirava livros do armário e até que eu escutava um pouco, mas admito que ela estava usando uma das suas saias mais curtas e eu estava me aproveitando do fato de ela estar de costas para mim. Além do mais, eu já estava em Cálculo Avançado... se ela me fizesse alguma pergunta, eu *provavelmente* conseguiria dar uma resposta decente a tempo de não ser flagrado.

Sera fechou a porta de seu armário ruidosamente e se virou para mim, sorrindo.

— Você é tão bom ouvinte — disse ela, com gratidão.

Dei de ombros com falsa modéstia. *Só não me pergunte sobre o que você esteve falando.*

— Outros namorados que tive queriam falar sobre seus jogos e sua última sessão na academia e... bem, sobre eles mesmos, basicamente, o tempo todo.

— Essa é a vantagem de namorar com um nerd — respondi. — Os homens são praticamente todos iguais. Gostamos de falar sobre como somos incríveis e sobre todas as coisas legais que já fizemos na vida. No caso dos atletas, é o maior gol que já fizeram em futebol americano...

— Chama-se *touchdown* — corrigiu Sera com um sorriso.

Tá vendo, eu sou engraçado, pensei, rindo internamente da minha piadinha besta.

— Isso, isso — disse. — Mas a coisa mais legal que já fiz foi sair com a... — *Como era mesmo que ela tinha se chamado?* — Cocapitã júnior da equipe de animadoras de torcida. — O sorriso largo que ela me deu comprovou que eu tinha acertado o título.

E, então, porque eu estava me sentindo confiante e arrojado, peguei a mão dela, entrelaçando meus dedos aos seus. Prendi a respiração, esperando para ver se ela iria se retrair.

O que não aconteceu. Na verdade, ela se aproximou ainda mais. Meu coração estava disparado quando ela inclinou a cabeça na direção da minha e me beijou.

Não foi um beijo de estacionamento escuro. Era um beijo público, na escola, na frente dos colegas todos. Um beijo capaz de iniciar fofocas e cimentar relacionamentos.

Vou te falar uma coisa: um bom relacionamento depende de se encontrar um terreno comum.

E, então, se beijar nele.

Quase morri de susto quando alguém bateu na porta do armário bem do lado da minha orelha.

— Vamos parando com isso, Srta. Hewitt — disse o Sr. Hennigan, sem diminuir o passo.

O rosto de Sera ficou um pouco vermelho, mas nem pisquei.

Consegui outro beijo rápido ao deixar Sera em sua aula de História. Pelo que me dizia respeito, aquilo era sinal verde para nosso relacionamento ir adiante a toda a velocidade. As possibilidades eram infinitas. Sentei na minha carteira e comecei a planejar meus fins de semana.

Filmes demorados em um cinema escuro, passeios demorados em um carro escuro, conversas... demoradas... num parque escuro.

Já começava a ver um tema se repetindo.

— O.k., já peguei as senhas — disse Kimberlee, tirando-me do meu devaneio.

Só olhei estupidamente para ela, não totalmente desperto do meu sonho luxurioso.

— Você pode pegar seu lápis? — gritou ela. — Não vou me lembrar de todos esses números para sempre!

Senhas de armários... certo. Olá, vida real.

Quinze

— Não podemos fazer isso por muito mais tempo — sibilei para Kimberlee quando saímos da sala de aula e percorremos depressa o corredor. — Meus professores vão achar que tenho uma infecção urinária ou algo parecido.

— Não estou vendo você ter nenhuma ideia brilhante — disse ela, a voz ao mesmo tempo tensa e desesperada. Ela estava me lembrando de que *ela* também tinha poucas opções.

— Vou pensar no assunto — respondi ao chegar ao primeiro armário. — Este aqui é o do Khail? — Eu vinha carregando o saco com as coisas do Khail desde a terça-feira. Mas, por três dias seguidos, Kimberlee se recusara a pegar a senha do armário dele por motivos que eu não conseguia nem sequer imaginar. Só quando ameacei parar de devolver as coisas foi que ela, finalmente, me trouxe os números dele. Senti que devia a Sera, como seu namorado novo, a devolução das coisas de seu irmão.

— É, sim, juro. Agora termine logo com isso e vamos em frente.

— Fique de vigia.

Ela se afastou alguns metros e se pôs a olhar para o final do corredor.

Infelizmente, as pessoas vinham de ambos os lados. Nem sequer ouvi os passos de Khail até ele me agarrar pela frente da camisa e me socar contra os armários.

— Que diabos você pensa que está fazendo?

Eu estava apavorado demais para soltar um pio.

Com seus punhos de ferro ainda me mantendo prisioneiro, Khail deu dois passos na direção da porta do banheiro e usou meu corpo para empurrá-la.

Em seguida, fui jogado contra a parede de azulejo. Doía muito mais que os armários, mas, felizmente, ficava mais escondida.

Kimberlee se aproximou com timidez e ficou num canto, observando.

— Por que você estava arrombando meu armário? — perguntou Khail.

Sua voz estava incrivelmente calma... *assustadoramente* calma. Eu ainda não conseguia falar nada, mas pude me acalmar o suficiente para erguer a mão, ainda segurando o saco com as coisas dele.

Os olhos de Khail se desviaram até o saco e, em seguida, se arregalaram. Ele me soltou. Um pouco.

Com uma das mãos ainda agarrando meu colarinho, ele pegou o saco que eu segurava. Depois de examiná-lo por um minuto, ele me soltou completamente.

— Você fica paradinho aí — disse ele, enfiando um dedo do tamanho de uma linguiça no meu peito.

Sim, senhor!

Ele abriu o saco e tirou um boné preto e surrado dos Yankees.

— Não acredito — disse ele, quase baixo demais para ser ouvido. Enquanto ele olhava fixamente para o boné, uma cueca vermelha de seda escapou do saco e caiu no chão. Ele a observou por apenas um segundo antes que a ficha caísse e sua mão voasse para pegar a peça e a enfiasse no bolso.

Então, ele viu a etiqueta no saco.

Seus olhos se estreitaram e, em menos de meio segundo, sua mão voltou para a minha garganta.

— Pode ir me contando o que você pensa que sabe.

Sabe?

— Eu não sei de nada!

— Então, por que pegou isto aqui?

— Eu não peguei nada. Só estou devolvendo coisas.

Ele se calou por um segundo.

— Você devolveu a saia e os tênis para Sera?

— Sim. — A honestidade parecia ser a melhor coisa no momento, embora Kimberlee estivesse gritando: “Negue! Negue!” com todas as forças.

— Onde você pegou essas coisas?

— Simplesmente encontrei — respondi numa voz muito mais aguda do que a que geralmente uso, com sua mão apertando meu pescoço. Eu sempre achara que ter um metro e oitenta e oito de altura me desse alguma vantagem contra os brutamontes intimidadores. Aparentemente, não fazia nenhuma diferença para aquela massa de músculos de pouco mais de um e setenta.

— Estou de olho em você dando em cima da minha irmã a semana inteira.

Ai, merda.

— E não fiz nada para te impedir. Você parecia ser um cara legal. Mas agora? Me dê uma só razão para eu não te deixar de olhos roxos e prometer quebrar seus braços se você falar com ela novamente.

Então, ele ergueu seu punho da morte e eu fiquei num nível tal de desespero que seria capaz de fazer ou dizer qualquer coisa para impedir a dor inexorável que estava vindo na minha direção.

— Kimberlee Schaffer é um fantasma! — gritei, então cobri o rosto com as mãos. Como se fosse adiantar alguma coisa. Era provável que eu acabasse com os olhos roxos e as mãos quebradas.

Mas o braço de Khail se imobilizou.

— De que diabos você está falando?

— Não, não! — gritou Kimberlee. — Ele é a *última* pessoa no mundo a que você deve contar isso!

Mas eu desembuchei tudo, mesmo assim.

— Kimberlee é um fantasma, mas eu posso vê-la e ela não vai me deixar em paz a não ser que eu a ajude a devolver todas as coisas que ela roubou eu não tenho escolha e não estou tentando machucar ninguém apenas achei que estava fazendo o bem. — As palavras saíram num fôlego só.

Khail me olhou feio por um longo tempo.

— Você pensa que eu sou burro?

— É verdade. Tem uma caverna grande na praia dos pais dela que está cheia de coisas que tenho que devolver e todos os dias Kimberlee descobre as senhas dos armários para mim.

— Kimberlee. A Kimberlee que *morreu*?

Kimberlee jogou o cabelo, num gesto ofendido, mas eu assenti.

— Kimberlee Schaffer. Eu nem deveria saber quem ela é; acabei de me mudar para cá. Não estou mentindo.

— Você está maluco.

— Não, não, eu vou te mostrar. Olha. — Lembrei-me da tática que Kimberlee tinha tentado usar comigo naquele primeiro dia. — Mostre um número atrás das costas.

— O quê?

— Um número. Com os dedos — expliquei. — Faça com a mão atrás das costas. Vou fechar os olhos, e Kimberlee vai me dizer que número é e eu falo para você.

Khail revirou os olhos.

— Você acha que sou idiota?

— Por favor? Só uma vez.

Khail me fuzilou com o olhar.

— Nem pense em sair correndo.

— Não vou.

Ele suspirou e tapei os olhos com as mãos.

— Pronto — disse Khail, parecendo entediado.

— Kimberlee?

Ela cruzou os braços.

— Isso é a coisa mais ridícula do mundo. Não vou te ajudar; não vou ajudar a *ele*!

Apontei o dedo para ela — ou, pelo menos, tentei; era meio difícil ter certeza com os olhos fechados — e sibilei:

— Você vai me falar ou estará tudo acabado. Juro que não vou mais te ajudar!

Ela soltou um suspiro irritado.

— Eu te odeio!

— Pode me odiar quanto quiser. Qual é o número?

— Você não bate bem — resmungou Khail.

— Kimberlee, se ele bater em mim, eu vou te largar e você vai ficar penando na terra *para sempre* — grunhi entre os dentes cerrados.

Kimberlee ficou em silêncio por vários segundos dolorosamente longos, mas, finalmente, ela me disse o que eu precisava saber.

— Você não está mostrando número nenhum — eu disse a ele. — Está só com o punho fechado.

Khail não disse nada por alguns segundos. Então, ele me fez dar meia-volta, não só me segurando numa gravata, mas cobrindo firmemente meus olhos com o antebraço.

— Faça de novo — disse ele, a voz baixa, controlada e com um tom mortal que quase me fez cagar na calça de medo.

— Dois — sussurrei, irracionalmente agradecido quando Kimberlee disse o número sem vacilar.

Um momento se passou e nada aconteceu.

Nada.

Então, o antebraço enorme recuou e a luz do sol atingiu meus olhos. Depois de piscar algumas vezes, olhei para Khail. Ele parecia ter engolido algo grande demais para passar por sua garganta.

— Você acredita sinceramente no que está me dizendo, não é?

Eu estava apavorado demais para responder. Sentia que o resto da minha vida dependia daquele momento. Apenas assenti.

Khail passou a língua pelos lábios.

— Pergunte a ela o que eu lhe dei no seu décimo aniversário — disse ele, após uma longa pausa.

— Hã, cara, ela não é surda.

Olhos ferozes se viraram na minha direção.

Levantei as mãos.

— Desculpe.

Kimberlee revirou os olhos.

— Pergunta capciosa. Ele não foi a nenhuma das minhas festas de aniversário desde que eu tinha, sei lá, uns oito anos.

Transmiti a mensagem.

O maxilar de Khail se enrijeceu, os músculos de seu maxilar — até *eles* eram imensos! — se moveram ferozmente nas laterais de seu rosto.

— Pergunte a ela... pergunte a ela... — Então, ele se calou.

O banheiro ficou em silêncio por um longo tempo e eu não sabia dizer se Khail estava mais inclinado a acreditar em mim ou a querer me matar novamente.

— Jeff — disse Kimberlee elevando um pouco a voz. — Diga-lhe que ele não precisa perguntar.

— Hã... ela disse que você não precisa perguntar.

— Que raio significa isso? — perguntou Khail, mas sua voz agora estava baixa.

— Diga a ele que eu não contei para ninguém. Nem para você. — Era a coisa mais sincera que já ouvira Kimberlee dizer, e ela encarava Khail como se aquilo fizesse seus olhos doerem.

Olhei para Khail novamente.

— Ela disse que não contou para ninguém. — Dei de ombros. — Nem para mim. — Esperei parecer tão perdido quanto me sentia.

Ele arregalou os olhos e, de repente, parecia que estava tendo um ataque de asma. Sua respiração ficou entrecortada e ele olhou em volta do banheiro como um homem encurralado.

Ou assombrado.

— Onde ela está? — ele perguntou.

Apontei para a minha esquerda, onde Kimberlee estava parada.

O olhar de Khail se dirigiu para onde eu apontava e seus olhos se estreitaram como se ele estivesse se forçando a ver. Finalmente, ele soltou a frente da minha camisa.

— Diga a ela que eu a odeio.

— Ela pode...

— Quero que *você* diga a ela.

— Ele te odeia — papagaiei obedientemente.

Em vez de parecer rebelde, ou entediada, como eu esperava, Kimberlee olhou para o chão, constrangida.

— Diga a ela que ela nem imagina o estrago que fez e como estou feliz que esteja morta.

Repeti as palavras novamente.

Quando terminei, a cabeça de Kimberlee estava tão baixa que eu não podia mais ver seu rosto. Depois de alguns momentos, um soluço irrompeu de seu peito e ela ofegou com ele. Engoli em seco; poucas vezes na vida eu tinha ouvido aquele som... uma vez fora da minha mãe, no enterro da sua irmã.

— Não fui eu — disse Kimberlee, engasgada.

— Ela disse que não foi ela — sussurrei, desejando que Khail pudesse ouvi-la pessoalmente. — Acho que está dizendo a verdade. — Queria mencionar as lágrimas, aquele som terrível, mas tive a sensação de que Kimberlee iria me matar se eu o fizesse.

Mas Khail não pareceu se alterar nem um pouco.

— Ela é uma mentirosa — disse ele, a voz gelada como o aço.

Kimberlee fugiu do banheiro sem mais uma palavra.

— Isso não acabou — disse Khail. — Eu não *a* quero — pronunciou como se fosse um palavrão — na vida de Sera, nem como sua amiga invisível. — Ele hesitou. — Não conte nada para Sera — advertiu ele. — Nem uma palavra. — Então, foi embora e a porta se fechou ruidosamente atrás dele antes que eu pudesse recuperar o fôlego.

— Sem problema — sussurrei para o espaço vazio.

Dezesseis

Fui à caverna sozinho naquela tarde; Kimberlee não tinha aparecido desde a nossa discussão com Khail no banheiro. Era a primeira vez que eu ia até lá sozinho. Irritante ou não, a falação de Kimberlee fazia a praia parecer mais... *viva*. Agora estava tudo silencioso demais e um tanto sinistro demais. Quase morri de susto quando uma gaivota voou baixo e soltou um grito agudo. Naquele momento parecia fácil imaginar alguém morrendo ali. O local parecia solitário e vazio. Cogitei quanto tempo Kimberlee havia passado ali sozinha quando estava viva e se ela também se sentira solitária e vazia.

Entrei na caverna e pisquei, na escuridão. As caixas intermináveis olharam para mim. Quando peguei uma porção de sacos de uma caixa marcada simplesmente como *Whitestone*, quase me despereei com a dimensão da minha tarefa.

Não dava para continuar fazendo as coisas daquela maneira. Mal havíamos começado e eu já tinha sido pego uma vez. Ninguém acreditaria que eu tivesse que mijar tanto assim e, finalmente, alguém acabaria notando que eu estava fazendo algo suspeito.

Mas o que eu devia fazer? Tinha concordado em ajudar e, ainda que não contasse com a ameaça de um fantasma doido pendendo sobre a minha cabeça, tinha de admitir que era legal devolver as coisas. Deixava as pessoas contentes.

Bem, exceto Sera.

E Khail.

Mas até ele pareceu ficar satisfeito em ter suas coisas de volta. Um boné e uma cueca de seda. *Aí* estava uma história que eu gostaria de saber.

Ainda assim, naquela velocidade, eu iria me formar na *faculdade* antes de conseguir terminar as devoluções.

Quando cheguei em casa, enfiei a cabeça pela porta da garagem e chequei se havia algum sinal de vida antes de atravessar a cozinha quase correndo, os braços carregados de coisas roubadas, e subir rapidamente a escada para o meu quarto. Consegui só derrubar dois sacos enquanto tentava abrir a porta do quarto. Praguejei baixinho e chutei os sacos para dentro, esperando que não contivessem nada muito frágil.

Kimberlee estava sentada em um dos imensos pufes em forma de saco que eu tinha ganhado de Natal. Vou falar uma coisa: é muito esquisito ver alguém sentado num pufe sem afundá-lo. Nem um pouquinho. E por que ela não caía através dele? Ou do piso do meu quarto, a bem da verdade? As leis

da física aplicadas à fantasmagoria de Kimberlee continuavam me desconcertando. Mas, também, em se tratando de Kimberlee, o que é que *fazia* sentido? Desde sempre?

Minha reação automática era exigir uma explicação ou, talvez, cumprimentá-la de forma sarcástica depois de ter sido abandonado o dia todo, mas me lembrei de como ela havia soluçado no banheiro e resolvi só dizer um “oi”. Guardei as coisas num canto do meu closet e fechei a porta antes de me virar para encará-la.

— Você está bem?

— Sim, claro — disse Kimberlee, parecendo completamente impassível.

Fiquei em silêncio, esperando que ela dissesse... sei lá. Alguma coisa.

— Então — soltei, finalmente —, dia estranho, né?

Ela apenas ergueu uma sobrancelha e deu de ombros.

Eu me sentei na cama e comecei a desamarrar minhas botinas.

— Ora, vamos. Você não tem o direito de fazer uma cena daquelas com o Khail, desaparecer a tarde inteira e apenas dar de ombros. O que rola entre você e ele?

— Nada — respondeu Kimberlee, direta. — Não há absolutamente nada entre nós.

— Bem, agora não há mais. Mas...

— Em vida também não havia nada entre nós.

— Ah, faça-me o favor. Ele te odeia; você o odeia... a não ser que você esteja pensando em alegar que odiava todo mundo quando estava viva; então, definitivamente há alguma coi...

— Eu não o odeio — disse Kimberlee. Sua voz ainda continha aquele tom seco, misterioso. — Só não suporto ficar perto dele.

Ah. Agora eu estava entendendo.

— Você *gostava* dele?

Ela engoliu em seco. Já era resposta suficiente.

— Está bem — eu disse, tentando manter o tom de voz leve. — Então, você gostava dele e, aí, morreu. É isso?

— Basicamente.

Basicamente o escambau.

— Então, por que ele te odeia?

— Porque eu sou insuportável — disse ela simplesmente, como se fosse a resposta mais óbvia do mundo.

— Vamos — disse eu, tentando olhar nos olhos dela. — Você não tem mais ninguém com quem conversar a não ser comigo e eu não posso contar para ninguém sobre você.

— Exceto para o Khail.

Contive uma resposta atravessada.

— Exceto para o Khail, com quem espero nunca mais falar para não acabar morrendo antes da hora. Portanto, desembuche.

— Eu gostava dele, tentei ficar com ele, ele me rejeitou e eu... — Ela revirou os olhos e não sei se foi porque não acreditava no que estava dizendo ou porque não podia acreditar que estava dizendo aquilo. — Eu reagi mal.

— Como assim, reagi mal?

— Fui maldosa com ele. Meio que o chantageei com algumas coisas; atormentei a irmã dele — respondeu ela. — Eu sou uma pessoa rancorosa e horrível, tá? Pronto, falei. Tá feliz?

— Com o que você o chantageou?

Ela balançou a cabeça.

— Nem pense. Aprendi a minha lição... é assunto dele, não meu. É só que... eu fui uma bruxa; fim de caso.

— Está bem. — Então, o resto de sua admissão calou na minha mente. — Você atormentou a irmã dele? — perguntei, a voz alta demais.

Kimberlee se recostou novamente nas minhas almofadas com um suspiro irritado.

— É uma história antiquíssima; você não pode deixar isso pra lá?

— Não posso deixar pra lá se o assunto continua voltando e me destruindo. Hoje quase de forma literal. Tem mais alguma coisa que você queira me contar, já que está num momento confessional? Tipo, *por que* todos os alunos na minha mesa da cantina te odeiam? O que você fez para eles? Você também os atormentou?

— Não! — respondeu Kimberlee, ficando irritada. De alguma forma, vê-la irritada era melhor do que triste. Menos assustador. — Eu era a rainha da escola. Caso você não esteja familiarizado com a hierarquia, significa que eu era a pessoa que todos adoravam ou odiavam porque morriam de inveja de mim. Isso *não* é culpa minha.

— Inveja? Isso explica *tudo* — falei com sarcasmo. — Quem é que *gostava* de você?

— Langdon!

— Ah, bom, Langdon, o babaca. Estou muito orgulhoso de você.

— E o Neil — continuou ela, de forma quase desesperada. — A Kyndra também gostava de mim. A gente meio que dominava a escola, tá bom?

— Com punhos de ferro, imagino? Estou começando a pensar que você não passava de uma valentona prepotente com mão leve para roubar.

— Eu não era valentona! — protestou Kimberlee.

— Ah, não? Acho um pouco difícil de acreditar vindo de alguém que admite ter sido maldosa com alguém de quem *gostava*. Como então você tratava as pessoas de quem *não* gostava?

— Vá se danar! — exclamou Kimberlee, ficando em pé na minha cama. — Você não faz ideia do que é ser eu!

— Isso é porque na metade do tempo você não quer me contar nada e, na outra metade, você está mentindo! — gritei de volta, sem pensar, até que as palavras tivessem saído da minha boca, que meu pai, pelo menos, devia estar em casa. Se eu conseguisse sobreviver a esse martírio fantasmagórico sem ser trancado numa cela acolchoada, poderia ficar orgulhoso de mim mesmo.

Kimberlee me olhou feio por um segundo e, então, afundou pela minha cama e desapareceu do meu quarto através do piso. Apesar de tudo que havia acontecido nas últimas semanas, minhas mãos começaram a tremer com a horripilação do momento. Consegui respirar fundo umas duas vezes para me tranquilizar, quando meu celular tocou, fazendo meu coração disparar novamente.

E ver o nome de Sera no identificador de chamadas talvez o tenha feito acelerar-se mais ainda.

— Oi — disse eu, esperando que minha voz não estivesse tremendo.

— Oi. Meus pais estão me enlouquecendo. Você quer fazer alguma coisa hoje à noite? De preferência fora da minha casa?

— Estou bem; obrigado por perguntar. E você, como vai?

Ela começou a rir e o estresse das últimas horas pareceu sumir.

— Desculpe — disse ela. — Dia cansativo. Semana cansativa, na verdade. Queria te ver com mais frequência.

— Eu também — respondi, a verdade das palavras penetrando até meus ossos.

— Então, será que poderíamos, por favor, por favor, fazer alguma coisa esta noite?

Adorei a forma como ela perguntou aquilo, como se eu pudesse até sonhar em dizer não.

— Bem, como você pediu por favor... Tem algo em mente?

— Alguma coisa completamente fútil — respondeu ela. — Que tal se realmente fôssemos ao cinema dessa vez?

— Por mim, ótimo. O que está passando?

— E isso importa? — perguntou Sera num tom de voz que, de repente, me fez me sentir muito ansioso em ir.

— Não, não, não importa — respondi. — Quando podemos ir?

— Daqui a uma hora? — sugeriu ela.

— Meia — retruquei, sorrindo.

— Fechado.

Eu ri; minha mãe bateu de leve na porta e enfiou a cabeça pelo vão.

— Você tem visita — disse ela, num tom estranhamente animado que me fez desconfiar que ela me ouvira gritando com Kimberlee. Coitada da minha mãe.

— Desço num segundo, mãe — respondi, mas ela abriu mais a porta, revelando o olhar duro de Khail. Os ombros dele eram da largura da minha porta.

Só para ficar mais estranho ainda, Kimberlee estava parada atrás dele com os braços cruzados sobre o peito. Desconfiei que eles tivessem “se encontrado” no jardim em frente de casa. Minha boca ficou seca e acho que minha garganta começou a se fechar.

— Sera — eu disse a ela, as palavras jorrando da minha boca. — Pensando melhor, vamos daqui a uma hora. Eu passo te buscar, o.k.?

Assim que ela deu algum tipo de resposta afirmativa, desliguei com um “tchau” rápido.

— Oi, Khail — disse, tentando, sem sucesso, acrescento, não deixar minha voz vacilar.

Minha mãe foi embora e Khail deixou a porta se fechar atrás dele, empurrando-a até que fizesse um clique. Provavelmente só quisesse me bater em particular. Era compreensível.

Nem ele nem Kimberlee falaram nada, resultando num minuto de silêncio, como num funeral. No caso, o *meu* funeral.

— Quero ver a caverna — finalmente disse Khail, numa voz surpreendentemente baixa.

— A caverna?

Khail me apontou um dedo substancial.

— Você disse que havia uma caverna — ele disse num tom cheio de acusação.

— Ah, a caverna de Kimberlee. Sim, claro, é lógico. — Como se eu fosse dizer não, né? — Hã... vamos lá agora. — Passei por ele e abri a porta com a sensação de que estava abrindo a porta de uma cela e conduzi meu pequeno séquito escada abaixo, Khail a passos pesados e resolutos e Kimberlee em silêncio e com um bico enorme.

Falei qualquer coisa sobre ir ao shopping center para a minha mãe e fui para a garagem. Enquanto a porta se levantava, perguntei:

— Você quer, hã, vir comigo no carro ou...? — Deixei a oração pendendo no ar.

— Vou te seguir — disse Khail, indo na direção de uma caminhonete com suspensão elevada, rodas cromadas e toda incrementada com filetes de néon que estava estacionada ali em frente. Parecia adequada.

Tirei Halle da garagem e fui em direção à casa de Kimberlee.

— Isso não é uma boa ideia — disse Kimberlee, a voz cheia de pânico. — Além do mais, quem foi que disse que você podia levá-lo até a minha propriedade?

— Você vai chamar a polícia?

Kimberlee cruzou os braços e parou de falar.

A caminhonete de Khail estava logo atrás de mim quando passamos pelo portão e descemos até o pequeno estacionamento. Tanto Kimberlee quanto Khail ficaram em silêncio enquanto eu os conduzia até a caverna e escalava a parede — de forma bem impressionante, a meu ver. A prática estava compensando.

Khail, por outro lado, escalou de forma no mínimo tão eficaz quanto eu, só que, para ele, era a primeira vez. *Esses atletas. Blé.*

Fiz um gesto como se apresentasse Khail às fileiras e mais fileiras de caixas. Estranho como a caverna ainda parecia exatamente igual, apesar de termos tirado quase oito caixas.

— Você está falando sério? — perguntou Khail.

— Hã... — Não fazia ideia do que ele estava perguntando.

— Todas estas caixas estão cheias de coisas que a Kimberlee roubou?

— Pois é.

— Sera tinha razão — disse ele baixinho. — Ela me disse que Kimberlee roubou a saia e os tênis dela e apostou que ela estava por trás de um roubo grande que houve na escola há algum tempo. Não quis acreditar. Quer dizer, acreditei que Kimberlee houvesse roubado as coisas de Sera... ela não ia mentir para mim sobre aquilo, mas não achei que Kimberlee estivesse envolvida em algo tão sério. — Ele se virou para mim. — Alguém deve tê-la ajudado.

— Que eu saiba, não.

Khail soltou um assovio.

— Caramba, ela era maluca *mesmo*.

Tentei dar uma tossida e afastei o olhar.

— O que foi?

Dei de ombros e apontei o polegar na direção de Kimberlee.

— Ela está aqui?

— Ela não tem mais nada a fazer e passa a maior parte do tempo atrás de mim.

— Não precisa tentar me fazer parecer uma fracassada nem nada assim — disse Kimberlee acidamente. — Eu já estava indo embora. — E, antes que eu pudesse impedi-la, ela foi até a borda da caverna e saltou graciosamente para fora da minha vista.

— O.k., *agora* ela foi embora — disse.

Khail estava com as mãos na cintura, contemplando, ao que me parecia, as rochas encostadas à parede em vez de olhar para as pilhas de coisas roubadas.

Eu também não iria querer olhar para elas.

— Ainda não sei o que pensar — disse ele baixinho. — Você tem todas as respostas corretas. Coisas que não deveria saber... caramba, esta caverna inteira deveria ser prova mais do que suficiente. Mas...

— Eu sei — respondi quando ele não continuou. — É totalmente inacreditável. — Dei de ombros. — Ainda acho, às vezes, que vou acordar logo. Possivelmente num sanatório qualquer.

— Tem tanta coisa!

Assenti, tristemente.

— Cara, você vai precisar de ajuda.

Gaguejei por alguns segundos.

— Ah, tenha dó. Não fui *eu* quem roubou; eu já te disse. Eu...

— Não quis dizer isso — respondeu Khail, interrompendo-me. — O que quero dizer é que você nunca vai conseguir devolver todas essas coisas sozinho.

Lembrei-me da caminhonete que estava parada no estacionamento. Tinha um tamanho considerável.

Não se afobe. Ousei perguntar:

— É uma oferta?

Seus olhos se viraram para mim, depois para as caixas.

— Pode ser. — Ele foi andando cuidadosamente até os fundos da caverna e pude vê-lo contando em silêncio, tentando estimar a quantidade de caixas. Eu já sabia a resposta. Cento e trinta e sete. Havia contado umas dez vezes. — Ela vai sumir assim que estas coisas forem devolvidas, certo?

Assenti.

— É essa a ideia.

Ele voltou até onde eu estava e parou bem perto.

— O quanto você gosta da minha irmã?

Engoli em seco.

— Muito.

— Suficiente para fazer o que for preciso para tirar o fantasma de Kimberlee da vida dela?

Como se aquilo não fosse o que eu também queria.

— Absolutamente.

— O.k. Me encontre no Perennial Park amanhã ao meio-dia. Eu trarei a caminhonete e vou ver se

consigo reunir uns caras. Vamos levar a metade... — Ele fez uma pausa, olhou novamente para as

caixas e retratou suas palavras. — Vamos levar uma parte dessas coisas de volta na segunda-feira. —

Então, ele se virou e começou a baixar pela encosta do penhasco.

— Segunda? Espere aí! — Fui descendo rapidamente atrás dele pela parede de pedra e bati o

joelho. — Quem são esses caras? Como vou planejar algo tão grande assim até segunda-feira? Quer

dizer, não podemos simplesmente aparecer e dizer: “Olha só, isto aqui é daquela menina morta”.

Talvez eu nunca mais saia da cadeia.

Khail nem sequer desacelerou.

— Esse é o trato — disse ele bruscamente. — Eu forneço a mão de obra e a caminhonete. Você

pena num plano, sabichão. Colabore comigo, resolva isso ou Sera estará fora do seu alcance até

você conseguir resolver tudo sozinho. — Ele se virou, fixando em mim um olhar furioso. — Está

entendendo o que estou dizendo?

Hesitei, mas que escolha tinha? Além disso, realmente terminaria mais depressa assim.

— Amanhã ao meio-dia — concordei.

Então, cantando pneu, ele foi embora.

Entrei no carro, sentando ao lado de Kimberlee e dei a partida. Estávamos quase saindo do beco

em que ficava sua casa quando ela abriu a boca.

— Então?

— Então, o quê?

— O que aconteceu? Vocês ficaram lá um tempão.

— Ele veio, viu tudo e se ofereceu para ajudar.

— Ele se ofereceu para *ajudar*?

— Eu gaguejei?

Ela se recostou novamente no banco, a expressão cheia de confusão.

— É um truque. Ele vai fazer você ser pego — concluiu ela, por fim.

— Eu não acho.

— Acredite em mim. Ele me odeia.

— É por isso que ele quer ajudar, na verdade. Para fazer você desaparecer de forma a não ter que

viver no mesmo mundo que você.

— Nossa, muito sensível da sua parte — resmungou ela.

— Olha, eu vou levar meses para entregar todas aquelas coisas sozinho e, provavelmente, serei

pego antes de terminar. Você quer seguir adiante, ou seja lá o que for, não quer?

— Claro que sim — disse ela num tom que não me convenceu totalmente.

— Então, esse é o melhor caminho. Khail vai me encontrar amanhã com alguns caras e...

— Alguns caras? Você está *implorando* para ser pego. As pessoas por aqui *não sabem* guardar

segredos, Jeff. Isso vai acabar explodindo na sua cara.

— Talvez, mas que escolha eu tenho? Não posso fazer tudo sozinho e não vou mais tentar. —

Hesitei antes de acrescentar, baixinho: —

E você não pode me impedir, de qualquer forma.

— Como é injusto eu estar encalhada com você — respondeu ela.

— Eu que o diga.

Dezessete

No dia seguinte, cheguei ao Perennial Park uns bons quinze minutos antes do meio-dia. Tinha convencido Kimberlee a ficar em casa dessa vez. Para valer. Não a queria tagarelando no meu ouvido enquanto eu tentava me concentrar. Não podia evitar a sensação de que algo importante estava para acontecer. Ou isso, ou eu estava prestes a ser pego e expulso da escola, batendo o recorde de aluno de permanência mais curta em Whitestone. De qualquer forma, eu não queria distrações.

Não demorou muito para que os carros comesçassem a chegar. Uma porção de caras, a maioria de constituição física parecida com Khail, saiu dos carros e se encostou aos veículos. Finalmente, a enorme caminhonete preta de Khail se aproximou e os caras foram até ela feito mísseis teleguiados. Khail desceu e seu olhar se encontrou imediatamente com o meu. Ele fez um gesto para o grupo e todos vieram na minha direção; devia haver uns quinze rapazes. Pela primeira vez me senti confiante.

Aquilo poderia realmente dar certo.

— Jeff — disse Khail, aproximando-se com uma caixa embaixo do braço —, quero que conheça a equipe de luta olímpica da escola. Equipe, este é o Jeff. — Ele tagarelou um monte de nomes dos quais eu provavelmente não iria me lembrar.

Fomos até um quiosque com algumas mesas de piquenique, e Khail soltou a caixa enquanto todos se sentavam. Quando a equipe terminou de se acomodar, Khail mergulhou a mão na caixa.

— Stevens — gritou e um dos caras ergueu os olhos pouco antes que o saco lhe atingisse no peito. — Moore. — Outro cara, outro saco. Logo, todos os lutadores, exceto um, tinham recebido um saco. — Desculpe, Sig — disse Khail, e eu tive um breve momento para cogitar se Sig era abreviatura de Sigfried ou, talvez, de Sigmund... O que os pais de hoje em dia tinham na cabeça, hein? — Não encontrei nenhum para você.

Eu tinha dito a Khail qual era a senha do portão da casa de praia, mas não esperava que ele fosse, de fato, voltar à caverna. Eu me perguntei quantas horas ele devia ter passado na noite anterior procurando os sacos de seus companheiros de equipe. Claramente, eu havia subestimado seu comprometimento com o projeto.

Ou, talvez, seu ódio por Kimberlee.

Os lutadores começaram a vasculhar seus sacos, alguns tirando um item, outros tirando dois ou três, com murmúrios de surpresa e até mesmo risos antes que um dos caras — o que Khail chamara de Moore — olhasse para ele e dissesse:

— Que diabo é isto?

— São todas as coisas que foram roubadas de vocês durante os últimos anos — disse Khail.

— Isso eu estou vendo — respondeu o cara, claramente descontente. — E por que estão com você?

Khail olhou para mim.

— Jeff estava explorando umas cavernas há algumas semanas... coisa de nerd — acrescentou ele, e a equipe inteira assentiu como se aquilo explicasse tudo. — E ele encontrou uma caverna cheia dessas coisas.

— Uma caverna? — perguntou outro cara.

— Uma caverna — respondeu Khail com firmeza. — Eu fui até lá, vi com meus próprios olhos.

Algum problema?

O cara ergueu as mãos como se apagasse seu comentário, mas a expressão em seu rosto ainda era de descrença.

— Está cheia de toneladas de coisas — disse Khail —, tipo essas que eu acabei de entregar. — Ele se empertigou um pouco mais. — Quero devolver tudo. Todo mundo merece ter seus pertences de volta.

— Então, devolva. Para que você precisa da gente?

— Venham aqui — disse Khail, indicando que o seguissemos. Fomos até sua caminhonete e notei pela primeira vez que havia um grande encerado verde na carroceria. Khail se inclinou sobre a borda da carroceria e levantou um canto do encerado, revelando um mar de sacos plásticos. — Isto é só uns... dez ou quinze por cento das coisas que tem na caverna — disse Khail. — É por isso que preciso de vocês. Tem algo para praticamente todo mundo da Whitestone, inclusive os professores. — Ele cobriu o espólio novamente com o encerado e olhou para os lutadores. — E então, vocês vão ajudar ou não?

— Essas coisas são daquele roubo grande que ocorreu, né? — perguntou um dos caras menores.

Khail assentiu.

O cara balançou a cabeça.

— Não posso me envolver com isso. Hennigan já me colocou na lista negra porque eu tenho um histórico de roubo em loja de quando estava no fim do ensino fundamental. Ele vai me culpar. Droga, ele provavelmente vai me *expulsar*.

— Esse é o risco — disse Khail, assentindo. — E não só para você. Todos vocês sabem como Hennigan ficou obcecado. Ele ainda não consegue falar sobre o assunto sem perder a calma. Ele não vai se importar com quem realmente roubou essas coisas. Qualquer um de nós que for pego estará perdido.

— Então, para que se dar ao trabalho de fazer isso?

— É a coisa certa a se fazer — disse Khail calmamente, sem nem sequer vacilar. — Eu fiquei contente em receber minhas coisas de volta... vocês não ficaram?

Ele olhou em volta do círculo conforme cada lutador olhava para seu saco de coisas roubadas.

— Como sabemos que não foi você que roubou tudo? — perguntou um cara que achei que não fosse nem de longe grande o bastante para acusar Khail de forma tão direta.

— Tenho meus defeitos, mas jamais roubaria dos meus companheiros de equipe e acho que todos vocês sabem disso — respondeu Khail, não parecendo nem um pouco ofendido.

— E quanto a ele? — disse o carinha menor, elevando a voz. — Eu nem mesmo o conheço.

Abri a boca para me defender, mas Khail falou primeiro.

— Jeff acabou de se mudar para cá. Acho que estar a seiscentos e cinquenta quilômetros de distância é um álibi bem bom, não?

— Por que você não leva tudo para a polícia? — perguntou outro cara.

— Você acha que a polícia vai devolver alguma coisa? — perguntou Khail com frieza. — Eles vão

confiscar tudo, etiquetar como evidência e ninguém vai ver essas coisas novamente. — Ele fez uma pausa. — Quero que tudo isso volte para o lugar de onde *veio*. Ninguém gosta de ser roubado. — Ele se calou por um segundo, então pigarreou. — Portanto, eu estou nessa, quer vocês topem ou não. Mas todo mundo é livre para pular fora agora mesmo. — Ele apontou um dedo para o grupo. — Vocês estão todos comprometidos a guardar segredo sobre tudo que eu contei até agora; não se enganem: vou garantir que

qualquer um que abrir o bico pague... até você, Vincent — disse ele, olhando para o único cara maior do que ele. — Mas não vou obrigar ninguém a colaborar conosco. Eu e o Jeff vamos fazer tudo sozinhos se for preciso. — Ele se calou e olhou para o semicírculo de rapazes. — Quem topa?

Os caras olharam uns para os outros e, então, para os sacos de coisas roubadas. Por fim, o grandalhão — Vincent? — empinou o queixo.

— Eu topo.

Um dos caras menores assentiu.

— Eu também.

Mais alguns rapazes responderam e, depois de uns trinta segundos, todos eles acabaram concordando, até o carinha com o histórico de roubar em lojas. Senti um peso palpável sendo retirado dos meus ombros quando olhei em volta, para o grupo que havia concordado em me ajudar. Bem, ajudar o Khail. Ah, quer saber? Eu nem ligava; eles iam ajudar e pronto.

— O.k. — disse Khail. — Aquele que abrir o bico vai levar porrada do resto do grupo, e não pense que isso não te inclui, Jeff.

— Quê? *Eu* é que não vou falar nada!

— Só estou esclarecendo as regras — disse Khail.

— Então, o que nós vamos fazer? — perguntou, finalmente, um carinha magricela.

Khail se virou para mim e todos seguiram seu exemplo.

Acho que comecei a suar frio no mesmo instante.

— Hum. — Cocei a nuca e esperei que não estivesse ficando vermelho. — Na verdade, eu não tive lá muito tempo para planejar, ontem à noite. — De repente, rezei para que Khail não soubesse que eu tinha saído com a irmã dele. E, pela primeira vez, me perguntei quanto ela teria contado a ele sobre mim. Mais especificamente, sobre o que estivemos fazendo durante o filme todo. Minhas orelhas estavam começando a ferver só de pensar. — Mas eu pensei que, se carregássemos um monte de coisas na caminhonete e etiquetássemos tudo direitinho, poderíamos, provavelmente, deixar tudo numa pilha no ginásio. — Olhei para Khail. — Você sabe, começar de forma simples.

— Como se fosse Dia de Natal? — soltou um carinha lá atrás.

— É, cabeça — disparou outro. — Talvez devêssemos arrumar uma árvore de Natal para completar o cenário.

Os dois começaram a discutir, mas o olhar de Khail se iluminou e um meio sorriso surgiu em seu rosto.

— Galera, parem com isso. Isso seria incrível, vocês não acham?

— O que, uma árvore de Natal? — perguntei. — Mas estamos em janeiro.

— Não, tô falando sério, imagine só. Vamos ter uma assembleia- geral amanhã para falar sobre nossa competição em Northridge. Isso dá desculpa para todos nós sairmos da aula. Daí, pouco antes do almoço, todo mundo vai até o ginásio e encontra uma árvore de Natal de três metros de altura cheia desses sacos embaixo. A escola inteira iria pirar!

Os rapazes estavam começando a sorrir e falar, e eu me aproximei um pouco mais de Khail.

— A ideia não é fazer *ninguém* pirar. Eu queria resolver isso tudo atraindo o mínimo de atenção possível.

— Jeff — disse Khail, sério —, você tem mais de cem caixas de

trilhas roubadas para devolver. Não tem como fazer isso sem ninguém perceber. Já comecei a ouvir pessoas comentarem sobre coisas que reapareceram de repente e você mal começou a devolvê-las. Você não está entendendo como esse caso do ladrão foi sério. Alunos sendo tirados da escola, polícia patrulhando os estacionamento. Foi pesado. Acredite em mim, as pessoas vão comentar. Se vamos fazer isso... vai ser notado, de qualquer forma... — Ele deixou a frase no ar, complementando então com um sorriso e um floreio. — Melhor fazermos com classe.

— Onde vamos arrumar uma árvore de Natal nessa época do ano? — perguntou um dos lutadores.

— Meus pais sempre decoram nossa calçada com árvores de três metros. Elas ficam estocadas. Eles jamais saberão que uma sumiu — ofereceu Khail.

Uma árvore de Natal. A ideia estava começando a me agradar. Afinal, não havia nada de errado em mostrar um pouco de *classe*, como Khail havia colocado. Nós nos juntamos mais e começamos a discutir os

detalhes, principalmente como iríamos levar tudo para dentro do ginásio sem sermos pegos. Mas, com uma porção de atletas com mochilas enormes que, de qualquer forma, viviam no ginásio, e com Kimberlee como vigia invisível, concluí que poderíamos conseguir.

— O.k. — disse Khail quando começamos a nos despedir —, há sacos suficientes aqui para cada um pegar quinze. Enchem suas mochilas, suas bolsas de ginástica, o que for. Tragam na segunda-feira.

— Ah! — disse eu, lembrando. — Vocês vão precisar disto aqui. — Saquei meu rolinho de adesivos de “Sinto muito” e rasguei uma tira para cada um.

— Por que temos que colocar estes adesivos? — perguntou um dos carinhos mais baixos.

— Você não acha que seja lá quem tenha feito isso está arrependido? — perguntei. Mais ridículo impossível.

O carinha olhou, com expressão de dúvida, para a enorme pilha de sacos.

— Talvez? — disse ele, mais pergunta do que resposta.

— É um logotipo — respondi, ainda estendendo os adesivos para o Baixinho. — As coisas que já devolvi tinham esses adesivos e, se não colocarmos agora, ninguém vai saber que são da mesma pessoa.

— E daí?

— Cara, é legal — intrometeu-se Khail. — Nós vamos ficar super- famosos na escola.

— Sim, mas ninguém vai saber que somos nós.

— Isso é parte da graça. Seremos como uma sociedade secreta. Uma liga. — Ele estava realmente se empolgando com aquilo.

O Baixinho olhou com dúvida para as tiras de adesivos em sua mão.

— Acho que tudo bem — resmungou.

Khail e eu ajudamos a distribuir os sacos. Lentamente, os colegas de Khail voltaram para seus carros e foram embora. Finalmente, ficamos só Khail e eu e quinze sacos.

— Você calculou tudo direitinho — disse eu, observando enquanto Khail guardava os sacos que restavam em sua própria mochila.

— Não conseguia dormir ontem à noite — respondeu Khail de forma evasiva.

— Como você sabia que todos iriam concordar?

— Porque conheço minha equipe. São ótimos rapazes.

— Estou vendo — respondi baixinho, perguntando-me se eu iria me arriscar por alguém que não conhecia. Mal tinha concordado em fazer aquilo sob a ameaça de uma assombração psicótica. — Nem te agradei — acrescentei.

— Bem, meus motivos não são exatamente altruístas — disse ele, livrando-se do assunto.

— Na verdade, são, sim — contrariei. — Você não está ganhando nada com isso. Ainda que seja

por Sera, não te beneficia diretamente.

— Que seja. Tenho meus próprios motivos — disse ele, dando-me as costas.

Nota mental: não entrar em assuntos pessoais com Khail.

A terceira aula nunca pareceu tão longa. Fiquei ali sentado ouvindo a Sra. Wilkinson debulhar sua lenga-lenga sobre Economia sem absorver uma palavra sequer. Khail tinha insistido que, dessa vez, eu não iria ajudar.

— Você precisa ter um álibi — disse ele, sério. — O resto de nós pode alegar que achou que estivesse só ajudando na assembleia. Mas, se a suspeita levar até você, você precisa provar que não estava envolvido.

— Mas eu sou o único que pode falar com Kimberlee — argumentei. Kimberlee tinha concordado, até mesmo se oferecido para ficar de olho nos professores, zeladores e, principalmente, no diretor Hennigan enquanto os lutadores colocavam em prática seu antigolpe.

Ela parecia estar mais concentrada desde que Khail se envolvera no caso. Acho que ela, assim como eu, já tinha quase desistido da ideia de devolver tudo. Havia coisas demais para uma pessoa só. Mas, agora, com uma equipe inteira de lutadores ajudando, poderíamos terminar em algumas semanas! Achei que ela fosse ficar feliz, mas ela parecia mais séria. Talvez aquilo fosse bom, na verdade.

— Cara, ela consegue atravessar paredes; pode correr direto até você se houver algum problema... o que não vai acontecer — acrescentou ele, confiante —, e você pode pegar o passe do xixi e vir nos avisar.

Eu ainda não estava convencido. Mas Khail tinha certeza de que eles podiam fazer tudo sozinhos e ele tinha certa razão quanto ao lance do álibi.

O sinal tocou para a assembleia e me obriguei a arrumar minha mochila num ritmo normal antes de acompanhar o resto da minha classe e me juntar à multidão de alunos indo para o ginásio. Meu coração começou a se acelerar conforme nos aproximávamos das portas do ginásio, por onde as pessoas já começavam a entrar. Havia mais ruído do que o normal? Menos? Era minha primeira assembleia-geral em Whitestone. Eu não fazia ideia do que esperar.

Cerrei os punhos e entrei pela porta.

Meu queixo caiu.

Khail realmente tinha se excedido. Uma árvore de Natal de três metros de altura estava no centro do ginásio, decorada às pressas com as cores da escola. Havia bandeirolas e bexigas, e alguém tinha jogado punhados de confete por cima de tudo.

E, sob a árvore, pilhas e pilhas de sacos Ziploc, também cobertos de confete. Já havia gente remexendo nas pilhas, chamando nomes e jogando os saquinhos uns para os outros. Havia alunos sorrindo e caindo na risada enquanto os poucos professores presentes tentavam, em vão, afastá-los da árvore.

— Legal, hein? — disse Kimberlee, de repente ao meu lado. Eu estava extremamente orgulhoso por não ter caído durinho ali mesmo num ataque convulsivo.

— Eles fizeram um trabalho excelente — continuou ela, tranquila. Saí de onde estava, parado à porta, para não ser pisoteado pela multidão de alunos, e me encostei à parede com Kimberlee.

— Isso é incrível — sussurrei pelo canto da boca.

— Khail é um exibido mesmo. — Mas ela parecia satisfeita.

Sera estava parada a um lado da multidão, observando tudo com os braços cruzados sobre o peito. Fui até ela e passei o braço por sua cintura.

Ela não reagiu; apenas continuou olhando em frente. Pensei se deveria tirar o braço. Mas,

finalmente, me inclinei mais perto de seu ouvido e sussurrei:

— Está tudo bem?

Ela ergueu os olhos como se tivesse acabado de notar que eu estava por ali.

— Sim — respondeu, voltando a olhar para a multidão. — Eu só... quer dizer, fala sério. O que é isso?

Consegui dar de ombros, casualmente.

— Eu seria capaz de apostar que são mais coisas que Kimberlee roubou. E aí está, todo mundo animado. Por que não estão furiosos? Deveriam estar completamente fúrios da vida. Isso é... isso é doentio. — Ela se afastou com uma expressão apologética e foi em direção à saída. — Vou tomar um pouco de ar. Te vejo daqui a pouco.

Voltei a olhar para a árvore. Já não parecia mais tão festiva.

Quase a hora inteira reservada para a assembleia foi usada para afastar a massa de alunos da árvore e fazê-los subir nas arquibancadas, onde deveriam estar. O Sr. Hennigan estava sem fôlego e vermelho depois de dez minutos tentando arrastar gente para longe da árvore. Mas nada adiantava. Ele gritava com cinco ou seis alunos de um lado da árvore e os fazia sair, só para vê-los sendo substituídos por outros cinco no outro lado.

Uma vez que a ordem foi restaurada, fomos presenteados com um longo sermão sobre comportamento e seguir regras e a utilização adequada das dependências da escola.

— Eu sei quem está fazendo isso — disse Hennigan numa voz baixa que ele mal conseguia controlar. Estremeci, perguntando-me se havia alguma forma de aquilo ser verdade. — Está claro que é a mesma

pessoa, ou pessoas, envolvidas nos roubos do ano passado.

Um leve murmúrio percorreu a multidão. Mas tudo que pude sentir foi alívio. Hennigan não tinha a menor ideia.

— Quando eu pegar os culpados — disse ele, e fiquei um pouco chocado ao ver como parecia furioso —, haverá suspensões. Expulsões. E ações judiciais! Isto — disse ele, apontando o braço na direção da árvore — implicou faltas e violação da propriedade da escola. Sem falar no furto desses objetos, para começo de conversa.

O medo fez meu estômago se revirar. Khail tinha me avisado de que Hennigan ficara obcecado com o ladrão, mas, aparentemente, eu o havia subestimado.

— Não pensem que isso será tratado com negligência só por causa desses adesivos de “sinto muito” — continuou ele, mostrando um adesivo rasgado. — Quem quer que seja esse aluno, ou esses alunos, vocês serão apanhados e serão punidos. — Ele se afastou do microfone, e o salão ficou em silêncio a não ser pelo farfalhar de uma centena de sacos plásticos.

Ainda assim, não pude evitar sentir uma ponta de orgulho quando as animadoras de torcida finalmente entraram — dando início, oficialmente, à assembleia já mais que atrasada — e não havia um só saquinho embaixo da árvore.

Dezoito

Naquela noite, eu fui à minha primeira competição de luta olímpica. Queria dar meu apoio a Khail e aos rapazes depois do que tinham feito. Quer dizer, o que eles haviam conseguido em um único dia, eu teria levado *meses* para fazer.

E Sera estaria lá, animando a torcida.

Mais ou menos. Elas estavam sentadas na borda do tatame, com seus uniformes, gritando e sacudindo os pompons. Acho que eu valorizaria mais se fosse lutador.

Certamente valorizava como espectador.

Já a luta em si, nem tanto. Ver Khail lutar me fazia lembrar de que era mortal. Sério. Ele não tinha recebido um monte de ofertas de bolsas de estudo à toa. Eu sempre soubera que ele era enorme e sarado, mas não dá para entender o real significado de *sarado* até ver alguém com aquelas roupinhas mínimas de luta olímpica. Camadas de músculos, toneladas de músculos, músculos *com* músculos e só um collant diminuto cobrindo tudo. Acho que o oponente de Khail também teve uma chance de encarar a própria mortalidade, nos vinte e quatro segundos que levou para Khail retorcê-lo numa posição capaz de fazer qualquer contorcionista gritar, antes de fazer seu ombro tocar no piso.

Vi cenas de mim mesmo estrebuchando no chão caso alguma coisa desse errado com o nosso pequeno plano. Era apavorante, para dizer o mínimo.

Depois da luta, Sera veio correndo me abraçar, disse alguma coisa sobre seu uniforme ridículo; então correu para trocar de roupa antes que eu pudesse dizer que ela não precisava se incomodar. Ah, paciência, quem sabe outro dia.

Eu estava encostado à parede quando ouvi alguém sussurrar meu nome e, antes que pudesse me virar, Khail agarrou meu braço e me puxou pela esquina até o corredor escuro.

— Se você queria ficar sozinho comigo, era só pedir — brinquei, esfregando o ombro.

Ele apenas me encarou.

— Hã, boa... luta — falei, sem jeito.

— Que nada — disse Khail, bufando. — O cara é novato. Só conseguiu entrar na equipe da escola porque o cara com quem eu *deveria* lutar não alcançou o peso exigido. Odeio quando isso acontece.

— Ah, é mesmo. Muito chato. — Eu não fazia a menor ideia do que ele estava falando. — Enfim, cara, aquela árvore de Natal ficou incrível.

Khail abriu um sorriso.

— Ficou mesmo, não ficou? Foi ideia do Stevens colocar as bandeiras e tal e, vou te contar, eu

não estava muito convencido de que ia ficar legal. Mas ficou o máximo!

— Ficou mesmo; foi incrível.

— Então, como será a próxima?

— Como assim?

— A próxima *devolução* — disse Khail com um sorriso. — Estamos todos prontos!

Minha garganta ficou seca.

— Qual é a pressa?

— Quero terminar logo com isso! — disse Khail. Ele respirou fundo. — Além do mais, só temos duas semanas até as competições estaduais. Depois, a temporada de luta olímpica estará encerrada. Você ficaria surpreso com a liberdade que temos de perambular pela escola durante a temporada. Se um professor me parar, é só eu mostrar minha sacola e dizer: “O treinador me pediu para... sei lá, qualquer coisa.” Eles caem como patinhos. Mas depois das lutas voltamos a ser como todo mundo. Temos tempo para fazer uma entrega esta semana e uma na semana que vem. Até mesmo no começo da semana seguinte, se for extremamente necessário, mas aí já estaríamos arriscando.

— Escute — falei, enfiando as mãos nos bolsos. — Hoje foi tudo muito legal e vocês me ajudaram pra caramba, mas... — hesitei. O xis da questão era que eu *queria* que eles continuassem me ajudando. Mas não era justo pedir. — Acho que vocês não deveriam mais fazer isso.

A expressão de Khail ficou séria.

— Por que não?

— O Hennigan está falando em expulsão, Khail. Não acho que ele esteja brincando. Não posso pedir que vocês se arrisquem por mim. Não é justo.

Khail suspirou e se encostou à parede.

— Sei que você está preocupado com a gente, Jeff, mas nós não queremos parar.

Olhei para ele.

— Verdade?

— Eu falei com os rapazes antes da luta hoje. Eu também estava preocupado com Hennigan; então disse para eles que tinham uma chance única de pular fora. E todos quiseram continuar.

Eu não entendia.

— Por quê?

— Você é novo aqui e não conhece todos os alunos; então eles não vêm falar com você sobre as coisas que recuperaram. Algumas coisas são importantes. Na verdade, *a maioria* é. Tem um carinha na minha aula de Cálculo que recuperou um boneco colecionável que valia quase mil dólares e que ele tinha trazido uma vez para uma exposição na escola. Uma menina na minha aula de História recuperou um gorro tricotado por sua melhor amiga que havia se mudado para longe. Tem um cara que recuperou um par de luvas que sua mãe tinha lhe dado de Natal alguns meses antes de morrer num acidente de carro. O cara estava aos prantos, Jeff.

— Uau. — Eu não sabia o que dizer. Estivera tão concentrado em Kimberlee que não tinha pensado no que significaria para as pessoas a devolução de suas coisas roubadas.

— Os rapazes sentem que estão ajudando em algo com significado verdadeiro, sabe? — Ele deu um tapa no meu ombro e tentei não demonstrar quanto doeu. — Estamos com você, meu irmão. — Ele começou a voltar para o vestiário; então deu meia-volta antes de virar a esquina. — A não ser que você esteja amarelando?

Balancei rapidamente a cabeça.

— Não, não é isso. Só não quero arrastar vocês todos comigo para o buraco caso alguma coisa dê errado.

Khail deu um passo para trás.

— Tomaremos cuidado — disse ele, com sinceridade. — Muito cuidado. Vamos ficar na surdina pelo resto da semana. Não vamos devolver nada. Depois, voltamos à ativa.

— E como é que eu vou conseguir pensar num plano tão rápido assim?

Khail apenas sorriu.

— Tempos difíceis pedem medidas extremas. — Ele se virou e começou a se afastar. — Ah — disse ele, enfiando a mão no bolso. — Tenho uma coisa para você. — E me entregou um telefone celular simples, barato.

— Para quê? — perguntei.

— Não quero que você pense que não levo a sério a ameaça de Hennigan. Todos os rapazes têm esse número, e ele não pode ser rastreado; paguei em dinheiro. Quando tivermos terminado, simplesmente jogue numa caçamba de lixo qualquer em Chino ou outra cidade vizinha, o.k.?

Eu me senti estranhamente comovido pelo fato de Khail estar meio que cuidando de mim.

— Obrigado — respondi baixinho.

— Vamos levar isso até o fim. Você pensa num plano e nós estaremos lá. — Ele continuou andando e, dessa vez, virou a esquina e desapareceu.

Soltei a respiração que não tinha percebido que estava prendendo.

— Ótimo — falei, trêmulo. — Ótimo. — Esperei mais alguns segundos para dar a Khail a chance de chegar ao vestiário, para que ninguém percebesse que estivéramos conversando.

Minha consciência estava em sérios conflitos. Quer dizer, era ótimo ter todos aqueles caras ao meu lado, sentindo que estavam fazendo algo nobre, mas isso não me deixava mais tranquilo quanto à possibilidade de fazer com que fossem expulsos. E eu odiava ter que esconder a coisa toda de Sera. Mas não só havia prometido a Khail não contar nada para ela como, a julgar por sua reação à árvore de Natal naquela manhã, não tinha certeza de que ela fosse gostar que eu estivesse envolvido. Menos ainda que fosse a pessoa no comando.

Dei uma espiada pela esquina para garantir que Khail tivesse ido embora e recuei depressa quando Sera saiu do vestiário feminino. Sentindo-me um idiota por me esconder da minha própria namorada, estava prestes a sair quando alguém chamou o nome de Sera.

— Nós estamos indo para a casa do O'Brien; você vem?

— Esta noite, não — respondeu Sera. — Vou sair com o Jeff.

— Está bem — disse a garota, hesitante. Ela começou a se afastar e me preparei para sair novamente, mas, então, a garota parou e deu meia-volta.

— Posso falar com você um segundo?

Perfeito. Minha escolha de momento não podia ser melhor. Não queria ficar escutando escondido a conversa delas, mas agora *não* parecia um bom momento para aparecer, de repente.

— Hã, claro — disse Sera, hesitando.

— Você sabe que eu te amo e que sempre estive ao seu lado, desde que você entrou para a equipe e até depois, quando... enfim, tudo. Mas... Jeff? Sério?

— O que tem ele? — perguntou Sera, na defensiva.

— Não fique assim — disse a garota, parecendo se importar, embora eu não achasse que aquilo fosse da conta dela. — Só estou preocupada. Ele não é como os carinhas que você costumava namorar.

— Essa é a melhor coisa nele. — Ouvi Sera responder secamente.

— Não quero que você se jogue em cima de um nerd qualquer só porque já faz algum tempo...

Uau. Que cruel. Não sabia bem se aquela sinceridade toda era sinal de amizade verdadeira ou se ela era alguém a se evitar.

— Não é nada disso — respondeu Sera baixinho. — Ele é... muito legal. Ele me ouve e parece

realmente se importar com o que eu penso. Não me força a fazer coisas que não gosto e... preciso de alguém assim no momento. E admito: é bom começar de novo do zero. Quase todo mundo em Whitestone me conhece desde que eu usava fraldas. É... acho que preciso de alguém que só conheça quem eu sou agora.

— Só quis conferir — disse a outra garota. — Deixar claro que ainda cuido de você. — Houve uma pausa que eu só podia supor que contivesse algum tipo de abraço ou outro gesto feminino, mas mesmo no silêncio pude sentir uma sinceridade que, estranhamente, me deixou feliz. Por Sera.

— Obrigada. De verdade — respondeu Sera.

— O.k. Bem, até mais — disse a garota.

Esperei alguns segundos. Então saí do corredor escuro, contente ao ver que Sera ainda estava de costas para mim. Tinha a sensação de que ela não ficaria muito satisfeita se soubesse que eu tinha acabado de ouvir sua conversa. Não tinha certeza se *eu* estava muito satisfeito. *Novo começo?* Detestei que me fizesse pensar que algo do que Kimberlee vivia dizendo sobre Sera pudesse ser verdade. Tentando afastar aqueles pensamentos, aproximei-me dela por trás e coloquei a mão em sua cintura.

E mal tive tempo de segurar sua mão antes que ela me estapeasse no rosto.

— Ai, me desculpe! — disse ela, cobrindo a boca com as mãos. — Você me assustou!

Sorri para ela. Era meio engraçado vê-la alterada.

— Tudo bem. Você não me bateu. Eu devia ter feito algum barulho antes de me aproximar furtivamente de você.

— Só estou nervosa — disse ela com um suspiro, começando a ir em direção às portas da frente.

— Esse lance todo das coisas serem devolvidas está me deixando receosa. É como se cada vez que eu me virasse estivesse esperando ver... sei lá. Um fantasma ou coisa parecida.

Ri de um jeito que esperava que não fosse falso demais. *Mal sabe ela.*

— É bobagem, eu sei. — Ela deu de ombros. — Estou à beira de um ataque de nervos.

Passei o braço por seus ombros.

— Bem, vamos te afastar dessa beira, então. — Eu tenho as cantadas mais imbecis do mundo.

Por sorte, Sera não riu, provavelmente por ter acabado de quase me dar um tapa nas fuças.

— Então, o que vamos fazer?

— Sei que você só tem uma hora, mas está com fome? Tipo, não só meio com fome, mas com fome de verdade?

Ela inclinou a cabeça para um lado.

— Na verdade, sim. E você?

— Faminto.

— Então, vamos.

Peguei-a pela mão e a levei até meu carro, lembrando-me, no último segundo, de abrir a porta para ela; então, saímos do estacionamento. Quando chegamos à lanchonete In-N-Out, entrei com o carro no drive-thru. Fiz o pedido para nós dois e entreguei os sacos quentes para Sera enquanto ela me olhava com um sorriso curioso. Ela parecia sentir que eu tinha algum plano; então, não comentou nada quando nos afastamos do restaurante.

Então, dirigi para o parque.

Sim, *aquele* parque. Aquele onde tivera aquela noite desastrosa que tinha se transformado numa noite zilhões de vezes melhor do que deveria, levando em conta como começara.

Eu tinha pensado em fazer aquilo no nosso primeiro encontro, mas não conseguira encontrar o parque. Estar semissóbrio quando ela me levou para casa não mudava o fato de eu não fazer a menor ideia de onde estávamos. Durante a última semana, eu havia passado horas dirigindo por ali à procura

do parque. E estava pelo menos oitenta por cento seguro de que aquele era o lugar certo.

Os oitenta por cento se transformaram rapidamente em cem quando Sera sorriu e disse:

— Aqui?

Desci do carro sem responder e fui até o lado dela, pegando os sacos.

— Todo mundo tem direito a uma segunda chance na vida, certo? — perguntei com um sorriso. —

Esta é a minha.

Comemos na mesa de piquenique como se fosse o meio do dia, em vez de quase dez horas da noite.

— Você realmente trabalha muito como animadora — disse, pegando uma batatinha frita. — Jogos

de basquete, competições de luta. Além disso, você treina todos os dias, certo?

— Todo dia, depois das aulas. Além de participar das competições entre animadoras, que acontecerão no final deste mês.

— Parece muito trabalho para alguém que diz que não gosta de ser animadora.

Sua mão se deteve no ar; então, ela quebrou uma batatinha em dois pedaços e examinou as pontas.

— Não é que eu *não* goste. Só gosto de algumas partes mais do que outras.

— Tipo, de ver o Khail lutar?

— É. Isso é legal. Mas também me dá uma desculpa para sair de casa. E meus pais gostam que eu fique ocupada. Eles me deixam em paz. *Isso*, sim, faz valer a pena — disse ela, apontando para mim com seu pedaço de batata frita.

— Nem me fale — disse eu, pensando nos breves momentos que tivera com os pais dela.

— Eles gostam de você, eu acho.

— Como você sabe? — perguntei, dando uma risada.

— Ah, é sutil — respondeu ela. — Também ajuda o fato de você sempre me levar para casa na hora certa.

— Não que eu queira — disse, inclinando-me à frente para lhe dar um beijo rápido. — Nunca.

Vamos — disse, apontando com a cabeça para os balanços. — Esta noite nós dois podemos balançar.

Apesar de seus protestos risonhos, eu a puxei até o meu colo e balançamos juntos por algum tempo. Gostei da sensação do peso dela sobre as minhas pernas, do vento soprando as pontas enroladas de seu cabelo no meu rosto. Após algum tempo, ela foi para seu próprio balanço e nós apostamos quem conseguia subir mais alto, mais depressa.

— Aposto que consigo pular mais longe do que você — gritei para ela, cujo cabelo esvoaçava às costas conforme ela ia para frente e para trás.

— De jeito nenhum! — gritou ela.

Eu me concentrei na areia à frente enquanto Sera contava. No três nós dois soltamos do balanço e, apenas por um segundo, me lembrei da sensação de voar que não experimentava desde que era pequeno, da emoção de ver a terra vindo depressa na minha direção. Bati no chão e rolei, enquanto Sera aterrissava graciosamente em pé, mas eu estava uns quinze centímetros à frente.

— Ganhei! — disse, apontando para a marca que meus joelhos haviam feito quando caí.

— De jeito nenhum — disse Sera, rindo. — Você tem que medir daqui, de onde seus pés pousaram.

— Você só está dizendo isso porque não pensou em se jogar para a frente a fim de ir mais longe — respondi, passando os braços em volta dela e levantando-a para fazê-la girar. Quando ficamos zonzos demais para continuar girando, peguei a mão dela e a puxei até o morro em que havíamos subido depois da festa. Sentei-me na grama fresca e indiquei o lugar ao meu lado. Ela sorriu e sentou ali comigo e passei o braço por seu ombro, puxando-a mais perto e pousando a cabeça sobre seus cabelos.

— Então, foi uma segunda chance boa? — perguntei, mais sério agora. — Podemos simplesmente esquecer que aquela noite aconteceu?

Ela hesitou e eu fiquei um pouco nervoso.

— Vai acontecer novamente? — perguntou ela, séria.

— O quê? Ir à festa em Harrison Hill? Hã, não. Pode crer.

— Não só em Harrison Hill — disse ela. — Você vai continuar indo a festas?

Eu ri.

— Você faz parecer que é um hábito meu. Mesmo quando morava em Phoenix eu não ia a muitas festas.

— Não estou me referindo a isso — disse ela. — É só que... eu já experimentei um monte de coisa.

— Ela riu baixinho. — Um *monte* de coisa. E... é tudo ruim, Jeff. Acaba com você. Acabou comigo — acrescentou ela, baixinho. — E, no final, consegui me livrar sem muitos danos. — Ela engoliu em seco e, por um segundo, o silêncio carregado de segredos me deixou gelado. — Acho você ótimo, mas... não posso me envolver novamente com aquele mundo. Nem mesmo através de você. Portanto, se cair na farra todo fim de semana é sua ideia de diversão, então... — Ela deixou a frase no ar.

Embora meu cérebro estivesse gritando para eu lhe perguntar o que era esse *monte de coisa* — combinado com o que a outra animadora de torcida tinha acabado de dizer sobre *cuidar dela* —, eu sabia que aquele não era o momento certo.

— A ressaca foi horrível — confessei. — Acho que estou fora desse tipo de festa por algum tempo. Um *longo* tempo.

— Está bem — disse ela, virando-se e deitando a cabeça no meu ombro.

— *Agora* nós podemos esquecer que isso aconteceu?

— Já está esquecido — sussurrou ela. Eu me deitei na grama, desejando ter pensado em trazer uma manta, e Sera se curvou ao meu lado e encostou a testa no meu rosto. Uma de suas mãos pousou no meu peito por um momento e, então, após um instante de hesitação, ela enfiou a mão sob a minha camisa, colocando-a na minha barriga e despertando praticamente todos os nervos no meu corpo.

— Minha mão está gelada — alegou ela como desculpa.

Por mim, tudo bem.

Afastei o cabelo de seu rosto.

— Obrigado por me resgatar.

— Na festa? — perguntou ela.

— Também — respondi, inclinando-me mais perto. Queria que aquele beijo significasse algo... que mostrasse a ela quanto ela importava. Não sabia bem como colocar tudo aquilo num beijo, mas tentei.

De alguma forma, ela pareceu entender. Por baixo de seu gloss de baunilha, juro que pude *sentir* quanto ela me queria naquele momento, e a emoção daquilo me deixou zozinho. Eu não estava simplesmente

beijando — *ela* estava *me* beijando. E estava realmente, realmente sendo sincera.

E aquilo fez todo o resto valer a pena.

Dezenove

— Você está maluco?

As palavras de Khail ecoaram no meu ouvido mesmo eu tendo afastado o telefone.

— Khail, apenas escu...

— Nós *não* podemos invadir a escola!

— Fale baixo! — sibilei. Quem sabe quem poderia estar escutando na casa dele?

No mínimo, Sera.

— Eu te disse que ele não iria topar — disse Kimberlee do banco do passageiro.

— Era você que queria fazer tudo com *classe* — falei ao telefone, acenando para Kimberlee ficar quieta. Não que alguém pudesse ouvi-la.

— Só que isso está mais para, tipo, um trabalho profissional. E ilegal — acrescentou ele, como se eu não estivesse pensando naquilo.

— E fácil, quando se está trabalhando com uma pessoa invisível — eu disse.

Aquilo o calou.

— Kimberlee? Sêrio?

— Sim! Ela pode conseguir todas as senhas de segurança para a gente, vigiar se vem alguém, garantir que a escola esteja vazia... você sabe, esse tipo de coisa.

— Só tem um problema, gênio. A chave mestra. As senhas dos alarmes vão ajudar e tal, mas aquelas portas ainda precisam ser abertas com chave e, pelo que eu entendi, sua amiguinha não pode tocar em nada.

— Bailey — falei, citando nossa vice-diretora. — Ela tem todas as chaves, mas nunca é responsável por trancar a escola. Aposto que poderíamos roubar sua chave mestra, e ela levaria semanas para perceber.

Khail ficou um longo tempo em silêncio.

Como ele não estava discutindo comigo, tirei vantagem da situação.

— Pense nisto: entramos à noite, tipo, talvez na segunda-feira, abrimos as portas da frente, você digita a senha do alarme, eu começo a destrancar as salas de aula, deixamos uma pilha de coisas em cima da mesa de cada professor — expliquei, sorrindo ao aplicar o golpe de misericórdia.

— E por que diabos a gente iria deixar as coisas nas mesas dos professores? — perguntou Khail, direto.

— É aí que está a beleza da coisa. O lance de recuperar algo perdido é que, como você disse, às

vezes é algo importante. Se pelo menos uma fração das coisas que devolvermos para os professores for importante, eles vão parar de se importar tanto em nos apanhar e nós poderemos devolver um monte de coisas para os alunos nesse meio-tempo.

Silêncio mais uma vez. Eu me obriguei a respirar devagar enquanto Khail pensava a respeito.

— Está bem — disse ele, devagar. — Entendi. Isso... isso vai dar certo! Está vendo, é por essa razão que você é o cérebro por trás da operação. É genial, Jeff. Genial!

Decidi não contar a ele que tinha sido ideia de Kimberlee. Era seu grande sonho de aplicar um golpe de verdade.

Só que, nesse caso, seria um antigolpe.

— Tem vários detalhes que teremos que combinar com precisão, no entanto — disse Khail, ficando sério. — As câmeras, por exemplo.

— Só existem aquelas quatro que todo mundo conhece — respondi, agindo como se *eu* soubesse da existência delas antes de Kimberlee me contar. — Nas portas de entrada, na cantina, na diretoria e no laboratório de computação.

— Podemos evitar todas, exceto a da entrada.

— E a da diretoria.

— Por que precisamos entrar na diretoria?

— É onde fica o painel do alarme.

Uma longa pausa.

— E como você sabe disso?

Dirigi um olhar apologético para Kimberlee e, então, respondi:

— Estou trabalhando em conjunto com a cleptomaníaca; ela sabe onde fica tudo. — Tudo *mesmo*. Quando ela veio me falar pela primeira vez sobre aquele plano, pensei em mais ou menos um bilhão de argumentos, e ela tinha uma resposta pronta para cada um deles. Uma resposta que fora, claramente, bastante analisada. A ironia de realizar o grande crime de seus sonhos para desfazer centenas de crimes menores não me passava despercebida.

— E então... o que faremos com essas câmeras?

— Essa é a parte arriscada. Alguém vai ter que se aproximar delas o suficiente para cobri-las e acho que deveria ser eu.

Praticamente pude ouvir Khail se eriçando.

— Por que você?

— Porque a sua estrutura física é muito característica. De todos vocês. Admita: vocês *parecem* lutadores.

— É, acho que sim — disse ele, contrariado.

— E todo mundo vai ter que usar luvas.

— Obviamente — disse Khail e me perguntei se ele estaria andando de um lado para outro. Fiquei bem quieto, deixando que ele ruminasse aquilo tudo. — Então — disse ele, depois de algum tempo —, você e Kimberlee roubam a chave, conseguem as senhas e depois? Simplesmente nos reunimos na escola?

— Na sua caminhonete. Todo mundo na caçamba, onde não poderão ser vistos. Eu corro e destranco as portas, digito as senhas e cubro as duas câmeras. Depois disso, começarei a destrancar as salas de aula com a chave mestra e os rapazes poderão entrar e deixar coisas em uma ou talvez duas salas cada um.

— Isso vai levar tempo demais. Você precisa me deixar ajudar, Jeff.

Franzi os lábios, não querendo que Khail se arriscasse mais por mim.

— Que tal isto, então: você lida com a chave; eu cuido das senhas e das câmeras. Duas vezes mais rápido... estaremos fora de lá em dez minutos, no máximo.

Hesitei, perguntando-me brevemente como diabos eu tinha conseguido me meter nessa enrascada.

— Tá bem — respondi, baixinho. — Mas você tem que me prometer que vai evitar as câmeras o máximo que puder.

— Você acha que eu *quero* ser pego?

Falar com Khail era quase impossível quando seu ego estava presente.

— Quando? — perguntou Khail quando eu não respondi.

— Que tal na segunda-feira? Vou tentar roubar a chave esta semana quando surgir uma oportunidade.

— Vou avisar os caras. Você consegue escapulir de casa às duas da manhã?

— Acho que sim — respondi. *Espero* que sim.

— O.k. — disse Khail. — Combinado. — Então ele desligou sem se despedir.

Segurei o telefone junto do ouvido por um bom tempo antes de relaxar o braço e soltá-lo. Olhei para Kimberlee, sentada ansiosamente na beira da minha cama.

— Ele topou — falei debilmente, percebendo que estava esperando que ele fosse recusar.

Kimberlee apenas sorriu.

* * *

— Deveríamos fazer alguma coisa diferente hoje — disse Kimberlee, em seu lugar de costume no chão do meu quarto, onde estava deitada de bruços e me olhava escovar os dentes.

— Claro, mesmo porque não temos feito nada de emocionante ultimamente — respondi, seco. Kimberlee finalmente havia conseguido decifrar a programação da Sra. Bailey e quando ela estaria longe de sua mesa. Com Kimberlee de vigia, eu havia conseguido entrar no escritório dela e encontrado seu chaveiro repousando inocentemente sobre a mesa.

Agora, com uma chave a menos.

Vinte e quatro horas mais tarde e meus nervos ainda não tinham se recuperado.

— Bem, é sábado, então que tal irmos ao shopping?

Ao shopping? A última vez que eu tinha mencionado o shopping para Kimberlee ela não tinha se animado nem um pouco.

— Não estou precisando comprar nada.

— Não para comprar; para devolver coisas.

Soltei um gemido enquanto desligava o barbeador.

— Você está brincando, né?

Ela me olhou feio.

— Falando sério, Kimberlee, quando você vai perceber que sou *eu* quem está fazendo um favor a *você*, e não o contrário? — Olhei novamente para o espelho e acrescentei, baixinho, mas alto o suficiente para ela ouvir: — Provavelmente só quando você vir aquela luz no fim do túnel de que todo mundo fala.

A despeito dos meus melhores argumentos, várias horas depois me flagrei na frente de uma loja de esquina no shopping, examinando a lista que tinha nas mãos.

— Claire's?

— Ah, sim — disse Kimberlee atrás de mim. — Essa loja é tão fácil de roubar. Eles têm essas vendedoras avoadas que estão mais interessadas em suas próprias unhas do que no trabalho. Nem sequer têm câmeras.

— E é por isso que você tem *quatro* sacos de coisas deles? — perguntei pelo canto da boca.

— O que posso dizer? — perguntou ela, já se adiantando na direção da loja. — Era tentação demais.

Soltei um longo suspiro e a segui. Já fazia duas horas que estávamos no shopping, e meus pés doíam. Eu tinha enchido meu carro com três caixas de mercadorias que, aos poucos, repassava para minha mochila, levava até a loja, deixava lá, geralmente com um funcionário prestativo, mas confuso, e ia embora. Comecei com coisas pequenas, principalmente porque estava nervoso: em pequenos stands, dos quais Kimberlee havia furtado talvez um par de brincos ou algum tipo de maquiagem. Viagens curtas; uma coisinha ou duas. Nada que chamasse a atenção.

Mas estava na hora de começar a levar mercadorias de volta às lojas maiores. E que tinham vários sacos de coisas.

A primeira loja foi a Claire's.

Como era de esperar, a garota atrás do balcão era muito mais baixa do que eu e parecia também ser mais jovem. *Muito* mais jovem.

— Sim? — perguntou ela numa voz esganiçada quando fiquei uns cinco minutos parado diante do balcão tentando atrair sua atenção.

— Oi — disse eu com o que esperava ser um sorriso extremamente não ameaçador. — Eu trouxe umas coisas.

Ela observou de olhos arregalados eu colocar o primeiro saco de quase quatro litros de capacidade sobre o balcão.

— Eu te conheço?

Olhei para ela, confuso.

— Ah, não, essas coisas não são para você pessoalmente... são para a loja.

— Para a loja?

— É. Estou devolvendo algumas coisas.

— Hã, você tem as notas fiscais? — perguntou ela, em dúvida.

— Não, são de graça. — Coloquei o último saco no balcão e sorri. — Tenha um bom dia.

— Espere! — exclamou ela. — Volte aqui.

Idiota que sou, eu me virei. Burro.

— Sim?

Ela hesitou, abrindo o saco e remexendo o conteúdo, pegando alguns itens.

— Nem sequer reconheço a maior parte destas coisas. Quanto tempo faz?

— Hã... — Olhei de soslaio para Kimberlee.

Ela deu de ombros.

— Dois, três anos algumas delas... acho.

Ela pegou um par de brincos de argola de prata e levou até o leitor de códigos de barra. Nada.

— Acho que não posso aceitar isto de volta — disse ela. — Nem sequer tem o registro no meu computador. Como é que eu vou vender?

Dei de ombros.

— Só achei que a loja deveria ter essas coisas de volta, só isso.

— Você tem ideia de quanto tempo vai demorar para eu fazer o inventário de tudo isto?

— Desculpe, não é problema meu — respondi.

— Espere, não posso receber estas coisas — disse ela, dando a volta no balcão e tentando colocar tudo de volta nos meus braços.

Ah, mas não mesmo.

Apertei o passo um pouco mais e cheguei à porta de entrada ao mesmo tempo que ela.

— É sério, você deveria... — Ela prendeu a respiração quando minha mochila bateu em algo

grande e sólido.

Dei meia-volta e me vi encarando uma camisa branca com um logotipo em forma de insígnia.
Perfeito. Simplesmente perfeito.

Vinte

Revelou-se que os guardas de segurança do shopping tinham sua própria sala de interrogatório. Tá, tudo bem, não era exatamente uma sala de interrogatório, mas foi bem essa a sensação que tive, ali sentado na cadeira, com dois seguranças me olhando de cima.

— Então, filho...

— Não sou seu filho — insisti, num rompante de coragem.

Os dois seguranças trocaram um olhar cheio de significado. Tenho certeza de que era algo do tipo *um moleque espertinho*.

— Tudo bem, *Jeff*, preciso que você nos explique novamente por que tem uma mochila cheia de joias femininas. E um carro cheio de roupas novinhas em folha.

— Como você sabe sobre o meu carro? — perguntei. Isso mesmo, é exatamente assim que se deve manter a calma sob pressão. *Só que não*.

— Estávamos de olho em você. Agarrando a mochila, parecendo nervoso, vagando a esmo. Só faltava um cartaz pendurado no pescoço dizendo *ladrão*. Você ficava indo até seu carro lá fora e voltando até aqui. Então, fomos dar uma olhada. Tem um monte de mercadoria lá dentro. Você gostaria de me explicar isso?

Que vergonha.

— Eu tenho uma... amiga... ela é uma menina — acrescentei estupidamente. — E alguns anos atrás ela passou por uma fase de furtar coisas. Agora ela mudou de ideia e eu concordei em ajudá-la a devolver as coisas furtadas.

— A-hã. E a sua *amiga*, aparentemente, não tem nome.

— É claro que ela tem nome — bufei. — Só não vou contar para você. — *Porque daí eu vou acabar parecendo um doido e não vai ser na detenção juvenil que vão me trancar e jogar a chave fora*.

Os seguranças trocaram outro olhar demorado.

— Seja forte — disse Kimberlee, do canto. — Eles não são policiais; não podem fazer nada exceto te escoltar para fora do recinto.

Respirei fundo, devagar.

— Ou chamar os policiais de verdade, suponho.

Mal podia olhar para Kimberlee, de tão furioso que estava. Ela era a ladra mestra; será que não podia ter me dado, sei lá, umas dicas para eu não ser pego? Ou, pelo menos, para não fazer nada que instigasse os seguranças do shopping a *me seguir*?

O Segurança Grande pegou um caderno.

— Está bem, garoto. Preciso do nome dela e você vai me dizer.

— Eu adoraria, senhor, mas infelizmente dei minha palavra de que manteria sua identidade anônima.

— Garoto, você *tem* que me dizer.

— Não tenho, não. — Cruzei os braços diante do peito. — Tenho o direito de permanecer calado.

Os dois guardas olharam para mim por um longo tempo, enquanto Kimberlee morria de rir no canto dela. Dei-lhe uma olhada furiosa.

Os guardas me disseram para ficar ali e saíram da sala. Escutei-os resmungando no outro lado da porta, mas não me levantei para tentar espionar. Sinceramente, acho que não *conseguiria* me levantar naquele momento, nem que quisesse. Kimberlee podia já ter estado naquela sala uma dúzia de vezes, mas eu nunca tinha me encrocado daquele jeito. Nunca.

O guarda maior entrou e cruzou os braços musculosos diante do peito.

— Eis o que vamos fazer: Joe está ligando para a polícia e eles vão mandar alguém aqui para te levar para casa. Para garantir que você chegue direitinho e para contar a seus pais o que você vem fazendo.

Merda.

— Não quero ver você neste shopping center por algumas semanas. E nunca mais quero ver você causando problemas de novo, ou os policiais vão fazer mais do que te acompanhar até em casa. Entendido?

— Sissinhô — sussurrei.

— Assim está melhor — resmungou ele. — Agora esperamos até as autoridades chegarem.

Ele se inclinou e ligou uma televisão.

— Você gosta de beisebol, Jeffrey?

Maravilha.

O policial Herrera disfarçou um sorriso ao examinar o conteúdo da minha mochila.

— Eu cuido disso, senhores — disse ele para os seguranças, dispensando-os.

Os dois seguranças me dirigiram um olhar maligno antes de desaparecerem atrás da porta. De volta ao jogo de beisebol, com toda certeza.

— Vamos sair por aqui — disse o policial baixinho, indicando uma saída pelos fundos. Kimberlee foi na nossa frente, passando pela parede antes que o policial chegasse.

— Onde está o seu carro? — ele perguntou, com as mãos na cintura. Provavelmente era uma pose casual, mas eu só conseguia me concentrar na arma que, agora, estava a meros centímetros de sua mão.

— Por ali — respondi, apontando para a fila onde Halle estava. Fomos até lá, e o policial Herrera me fez destravar as portas e ficar parado com as mãos sobre o capô enquanto ele examinava as mercadorias. Pelo menos não me algemou.

— O.k. — disse ele. — Já vi o suficiente. Vamos para o meu carro.

Meu rosto deve ter ficado branco porque Kimberlee disse:

— Você se preocupa demais — enquanto tentava, de brincadeira, agarrar a arma do policial. — Este cara obviamente acha os seguranças uns imbecis. Ele só vai te dar uma carona. Eu vou no banco da frente! — exigiu ela.

Mas, quando chegamos ao carro, o policial Herrera abriu a porta do passageiro para mim.

— Eu não tenho que ir na parte de trás? — perguntei, indicando com a cabeça o assento atrás da forte grade de metal.

— Bem, acho que depende de você — disse ele. — Mas, se você sentar lá, terei que acionar as luzes da viatura.

Enquanto Herrera dava a volta até o outro lado do carro, olhei para Kimberlee e apontei disfarçadamente com o polegar para o banco de trás.

— Te odeio — disse ela, acomodando-se atrás da grade. Não pude evitar sorrir. Tecnicamente, era ali que ela deveria ficar.

O policial Herrera ficou calado durante vários minutos, depois de ter colocado meu endereço no GPS.

— Bem, os seguranças parecem achar que você é uma ameaça para a sociedade, além de mentiroso — disse ele, começando a percorrer ruas conhecidas. — Particularmente, acredito na sua história. Principalmente porque seu carro está cheio de coisas de menina.

E, então, terei mais sorte do que eles em fazê-lo entregar a sua amiga?

Suspirei.

— Ela morreu, tá bom? Só achei que as coisas que ela roubou deveriam ser devolvidas. — Cara, como era bom contar aquilo para alguém! Ainda que não fosse *toda* a verdade.

Herrera riu.

— Você parece ter saído do confessionário da igreja depois de uma noite selvagem de sábado. Mas faz sentido, suponho. As mercadorias são antigas. E imagino que, se ela está morta, a questão dos furtos em si já está resolvida. Exceto pelo fato de que, agora, você tem um carro cheio de mercadorias roubadas.

— Nem me fale — resmunguei.

— Seus pais sabem que você está fazendo isso?

— Não. — Endireitei-me no banco. — Olha, eu sei que você tem que contar para eles, mas será que poderia omitir a parte sobre a minha amiga estar morta? Eu não contei a mais ninguém e não quero que ela fique com a reputação de ladra. — A bem da verdade, aquela não era minha maior preocupação, mas achei que parecia um argumento racional.

O policial deu de ombros.

— Não gosto de falar mal dos mortos. Dá azar. Posso guardar segredo. — Ele se virou um pouco. — Eu venho aqui algumas vezes por semana e levo adolescentes para casa nesse tipo de missão e já desenvolvi um bom faro para saber quem é culpado e quem não é. E vou dizer: ondas de inocência emanam de você.

Obrigado, universo!

— Deixe-me dizer uma coisa, Jeff. Vejo muitas vítimas na minha profissão. Vítimas de assaltos, furtos... quando as pessoas são roubadas, elas não perdem apenas suas coisas. Perdem uma parte de sua segurança, de sua habilidade de acreditar que o mundo seja justo. Vi pouquíssimas vítimas a quem as coisas foram devolvidas. Mas quando isso acontece... — ele fez uma pausa — é incrível. Elas recuperam a confiança. E, às vezes, mais do que tinham antes. De repente, a humanidade não parece tão ruim; o mundo não parece tão escuro.

Seu discurso ardente me fez querer, de repente — e irracionalmente —, contar a ele sobre as outras coisas que eu tinha devolvido. Mas achei melhor não forçar a barra.

— Você parece ser um bom garoto — disse o policial Herrera. — Portanto, vou lhe dar uma sugestão: nenhuma dessas lojas vai se beneficiar com o que você está fazendo; as mercadorias já estão ultrapassadas. No máximo, os empregados vão levá-las para casa, mas é provável que sejam simplesmente jogadas no lixo. Se você realmente é tão sincero quanto diz ser, procure uma instituição de caridade que tenha um bazar de segunda mão e doe tudo. Tipo a Goodwill, a Deseret Industries, a Saint Vincent DePaul, esse tipo de lugar. Acho que é uma homenagem melhor à memória da sua amiga do que devolver uma porção de fivelas de cabelo a uma corporação que já deu baixa

desses produtos no ano passado. Assim, talvez você estará fazendo o bem para alguém.

— Essa é uma ótima ideia, na verdade — respondi, pensando nas outras seis caixas cheias de mercadorias que ainda estavam na caverna.

Quando chegamos à rua da minha casa, o policial Herrera estacionou a viatura e olhou para mim.

— Tenho que acompanhar você até sua casa e explicar as coisas para os seus pais, mas vou tentar fazê-los ver que foi, em grande parte, um mal-entendido.

Apesar de suas garantias, não acho que exista nada capaz de tornar mais fácil o momento em que sua mãe abre a porta e dá de cara com você e um policial. Ela ficou pálida e olhou para o policial Herrera com uma expressão estupefata no rosto.

— Não se preocupe, minha senhora, seu filho não se meteu em nenhuma encrenca. — Ele deu uma risadinha. — Não com a polícia, pelo menos.

Rá-rá.

— O que aconteceu? — perguntou minha mãe.

— Jeff foi pego pelos seguranças do shopping center tentando devolver algumas mercadorias que uma amiga tinha roubado.

Os guardas não acreditaram nele e me chamaram. Particularmente, acho que ele está dizendo a verdade. Mas faz parte do protocolo que eu o acompanhe até em casa; então, aqui estamos. — Ele fez uma curta pausa e, então, tirou da carteira um cartão de visita com seu nome e número, e me entregou. — Se você tiver mais algum problema com relação a isso, se os seguranças o incomodarem ou algo parecido, é só me avisar. Está bem? — Ele me entregou minha mochila e acenou com a cabeça para a minha mãe antes de voltar para a viatura.

Ela acompanhou o policial alto com o olhar e ficou observando enquanto seu carro desaparecia pela rua. Só quando já não tinha mais para onde olhar foi que ela se virou para mim.

— Uau — disse ela. — Esse deve ser o policial mais gostoso que eu já vi na vida.

— Mãe!

— Estou casada, não morta. — Já falei que meus pais às vezes me horrorizam? Ela olhou uma última vez para a rua antes de fazer sua cara de mãe. — Então?

— Então... o quê?

Ela levantou uma sobrancelha.

— Nem tente se fazer de bobo.

Olhei para a calçada bem iluminada onde sempre parecia haver velhinhos passeando com seus cães e, naquele momento, também olhando para mim.

— Podemos pelo menos fechar a porta?

Minha mãe revirou os olhos para mim e fechou a porta.

— Pronto. Agora, desembuche.

Cara, odeio mentir para a minha mãe. Mas que outra coisa eu podia fazer?

— Foi o que o policial Herrera disse. Encontrei um monte de coisas roubadas e estou tentando devolver ao lugar de direito.

— Você simplesmente *encontrou* um monte de coisas roubadas. Alguém deixou na sua porta ou coisa parecida?

— Mãe. — Fiz uma pausa, tentando decidir o que dizer. — Eu dei algum trabalho quando era criança?

Seu olhar se suavizou.

— Não — admitiu ela.

— E eu conto tudo para você, certo? Quer dizer, contei até quando fiquei bêbado.

— É verdade. Você ganhou muitos pontos com aquilo.

— O.k. Então, quero que você entenda como é estranho, para mim, dizer que não posso lhe contar

nada. Mas... — acrescentei quando ela começou a interromper — o que vou dizer é que estou tentando intensamente fazer o que é certo. E quero descontar todos os pontos que ganhei nos últimos dezesseis anos por ser um bom menino e pedir para você confiar em mim. — Era tudo que eu podia fazer.

— Você está metido em alguma enrascada, Jeff?

— Não, não estou. Juro. — *Enrascada* não era exatamente o termo adequado.

Minha mãe olhou para mim, com os lábios franzidos. Mas eu podia ver que ela estava avaliando a situação.

— Está bem — cedeu ela, por fim. — Mas, por favor, nunca mais seja trazido em casa pela polícia. Isso meio que abala a confiança, sabe?

— Vou fazer o melhor que puder — respondi.

Minha mãe me olhou intensamente por um bom tempo antes de dar um passo à frente e me abraçar. Então, ela deu um tapinha no meu rosto — algo que ela fazia desde que eu me conhecia por gente. Geralmente me fazia sentir uma criancinha, mas, naquele momento, não me incomodou tanto.

— Eu te amo, Jeff.

— Também te amo, mãe. — Sorri para ela, e um movimento acima de sua cabeça atraiu meu olhar. Olhei para cima e vi Kimberlee no alto da escada. No instante em que meu olhar encontrou o dela, ela baixou os olhos, girou no calcanhar e desapareceu no meu quarto.

Vinte e Um

Cinco da manhã chega cedo demais no domingo.

— Não sei por que temos que fazer isso a esta hora da madrugada — reclamou Kimberlee enquanto eu enfiava uma camiseta pela cabeça e tentava amarrar os cadarços com os dedos desajeitados.

— Para que ninguém me veja. Você pode não estar correndo o risco de ser expulsa, mas eu certamente estou.

— Por que *eu* tenho que ir? Não posso ajudar mesmo...

— Considere um castigo. E você pode ficar de vigia — respondi, muito baixinho. Meus pais estavam dormindo como qualquer outra pessoa sã em Santa Monica. Eu havia chegado à conclusão de que o policial Herrera estava certo; devolver as coisas que Kimberlee furtara às grandes corporações mais de um ano depois não ajudaria ninguém. Com certeza, qualquer que fosse o poder cósmico que estivesse segurando Kimberlee como refém na terra iria compreender um toque de criatividade nesse caso. Os bazares de segunda mão também iriam simplesmente vender as coisas, barato ou não. Eu tinha uma ideia melhor. Iríamos a um abrigo para pessoas sem-teto. Pesquisei qual era o mais próximo.

Não era muito perto.

Tá, eu não tinha muita certeza do que um bando de sem-teto iria fazer com roupas de marca e acessórios da moda, mas já ouvi dizer que roupas de seda podem ser bem quentinhas.

Kimberlee reclamou durante todo o caminho até a casa de seus pais.

— Que inferno, Kimberlee! — exclamei, minha paciência finalmente estourando. — Não sei do que você tanto reclama. Até parece que você é capaz de dormir, né? Eu é que estou podre de cansaço aqui!

Ela me olhou com raiva.

— Só porque eu não posso dormir não significa que, automaticamente, goste de manhãs. — Mas pude ver que até ela percebeu que era uma explicação fraca.

— Encare — disse eu, caminhando pesadamente pela areia, o ar frio da manhã atravessando meu moletom. — Isto é tanto um projeto seu quanto meu. Que diabos estou dizendo? Esse projeto é muito mais *seu* do que meu. O que eu estou ganhando? Nada. Nadinha. — Eu me virei e olhei para ela. — Sinceramente, não sei por que ainda estou fazendo isso! — gritei. Eu *não* sou uma pessoa animada de manhã.

— Fique quieto — disse Kimberlee, olhando para onde se podia divisar o alto do telhado da casa dela. — Meus pais estão em casa no momento.

Revirei os olhos.

— Ótimo! Talvez alguém me veja, descubra o que tem na caverna e leve tudo embora. Daí eu poderia sair dessa situação maluca.

— Olha, eu sinto muito, tá? — disse Kimberlee, claramente mais interessada em me acalmar do que em se desculpar.

— Que seja — resmunguei.

Precisei fazer cinco viagens para carregar meu carro com o resto das mercadorias furtadas de lojas. E, ainda que tivesse motivos totalmente altruístas, admito que o fato de levar tantas coisas em uma só viagem era um bônus.

Tirei do bolso o rolo de adesivos que rapidamente diminuía e grudei um em cada caixa.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Kimberlee. — Com Hennigan surtado daquele jeito é mais provável que você seja pego por usar esses adesivos em tudo, mesmo não sendo na escola.

— É minha marca registrada — respondi. — Eu *gosto* — acrescentei friamente. Talvez só gostasse do fato de que aquilo a irritava. Pequenas vitórias.

— Bem, quando Hennigan te chutar para fora da escola, não diga que não avisei.

Dirigimos por quase meia hora até chegar ao albergue-barra-sopão-dos-pobres que eu havia encontrado pela internet. Não havia ninguém na porta dos fundos, apesar da fila enorme na frente. Aparentemente, os funcionários estavam no intervalo entre levar o lixo para fora e fazer a pausa para fumar. Podia durar alguns minutos... ou apenas segundos.

Com o coração aos pulos, corri do carro até a entrada e de volta ao carro, várias vezes, empilhando as caixas o mais rápido possível. Praticamente joguei a última caixa no alto da pilha e, quando dei meia-volta, escutei-a cair no chão. Olhei para trás e vislumbrei algo dourado e brilhante rolando pelo pavimento, mas não me atrevi a voltar.

Já estava um pouco preocupado em ter sido pego por alguma câmera de segurança e estar prestes a sofrer minha primeira perseguição policial. E duvidava que todos os policiais fossem tão legais e compreensivos quanto o policial Herrera.

Acho que já estava dirigindo pela estrada há uns bons dez minutos quando comecei a respirar normalmente. E, o milagre dos milagres, Kimberlee ficou quieta durante todo o tempo.

Dei uma olhada rápida no relógio do painel. 6h21.

— Ótimo. Tenho tempo suficiente para ir para casa e dormir mais algumas horas — disse, tentando abafar um bocejo.

— E o que eu devo fazer?

Dei de ombros.

— O que você quiser. Não sou seu assessor social.

— Sim, mas estou entediada. Você nunca está por perto. Se eu te deixar dormir, podemos ir assistir a um filme à noite?

Eu só queria que ela parasse de falar.

— Não posso. Tenho um encontro com Sera. — Supondo-se que eu conseguisse chegar em casa antes de dormir ao volante e bater o carro.

— Trocada mais uma vez pela animadora de torcidas boladona — resmungou ela.

— Você poderia calar a boca? — Até me surpreendi quando as palavras jorraram de mim, aos gritos.

Kimberlee me olhou com olhos arregalados.

— O que foi?

— Nada... nem mais uma palavra sequer sobre Sera, está entendendo?

— Eu tenho o direito de não gostar dela.

— Então, guarde para você! — Agarrei o volante com mais força. — O fato de você não gostar dela é, provavelmente, um elogio.

— Vá se danar! — retrucou Kimberlee.

— Desde que conheci Sera, você não parou de criticá-la e de tentar me afastar dela. Mas quer saber de uma coisa? Eu gosto dela. Gosto *pra caramba*. E eu gosto muito mais dela do que sabe quem? De você!

— Claro, porque ela é muuuuito melhor do que eu.

— Isso é óbvio.

— Porque ela é tão inocente? Aconteceram coisas antes de você chegar que você nem *imagina*, e a Sera estava bem no meio de tudo. Ela tem sorte por não estar na *cadeia*. Meu pai a teria condenado num segundo.

Eu me lembrei brevemente das palavras de Sera na noite anterior — *Acaba com você. Acabou comigo* —, mas as afastei para um canto da mente.

— E você acha que eu vou simplesmente acreditar nisso?

— Por que eu mentiria?

— Por que você roubaria? Sei lá! Porque você é uma *psicopata*! — Agora eu estava gritando, e a sensação era boa. Semanas segurando a raiva, apesar de tudo, explodiram da minha boca:

— Você é má, mesquinha e rancorosa! Você odeia todo mundo... pelo que eu saiba, você *sempre* odiou todo mundo, e não sei por que não consegue entender quando todo mundo odeia você em retribuição!

— Pelo menos não sou eu quem está feito um cachorrinho atrás de um rostinho bonito e uma bunda gostosa e se recusando a dar ouvidos a todo mundo ao redor!

Pisei com força no freio e derrapei para a lateral da estrada.

— Já chega. Saia!

Kimberlee olhou pela janela.

— Aqui? — perguntou ela, enrugando o nariz. Sua voz estava calma... como se a conversa toda não tivesse acontecido.

— Aqui. Saia e não volte mais até que esteja disposta a aceitar meu relacionamento com Sera. Porque se você disser mais uma coisa que seja sobre ela... estou falando sério, mais *uma* coisa, vou pegar tudo que ainda resta naquela caverna e jogar no mar e você *nunca* vai poder seguir adiante.

Era uma ameaça vã, mas algo na minha voz deve tê-la convencido de que eu estava falando sério porque seu queixo caiu e, por um segundo, achei que ela fosse chorar. Então, seus olhos se estreitaram e me fuzilaram.

— Está bem — sibilou ela. — Mas quando ela deixar seu coração em mil pedacinhos, porque ela não é o anjo perfeito que você pensa, não venha chorando para o meu lado porque tudo que eu vou dizer é: Eu. Te. Disse. — Ela deu meia-volta e se afastou, o cabelo voando, passando através da porta do passageiro. Acelerei pela estrada e me obriguei a não olhar pelo retrovisor, com medo de que vê-la parada na beira da pista me fizesse mudar de ideia.

Eu ainda estava um pouco irritado quando toquei a campainha da casa de Sera naquela tarde.

— Ah, Jeff — disse a mãe dela, obviamente nem um pouco feliz em me ver. — Entre. Você está adiantado?

— Talvez um pouco — admiti. Tá bom. Meia hora. Mas fiquei cansado de ficar em casa me assustando com cada ruído, com medo de que fosse Kimberlee.

— Deixe-me ir ver se Sera ainda está no ginásio.

Cara, eu não iria sentir a menor falta disso. Eu me apressei a seguir a mãe de Sera pelos corredores. Na semana anterior, Sera tinha me contado sobre o ginásio. Não que tivesse aros de basquete e quadras de tênis, mas tinha um piso com amortecimento e uma série de equipamentos de ginástica e de musculação, assim como grandes colchonetes de espuma que podiam ser desenrolados para Khail praticar sua luta. Parecia maravilhoso, mas, até agora, eu não tinha acessado a casa o bastante para, de fato, vê-lo. Estava praticamente esfregando as mãos de ansiedade quando a mãe de Sera abriu uma porta de aparência completamente normal.

E lá estava ela.

Ela estava de costas para nós e não acho que tivesse nos ouvido entrar. Ela usava um collant azul-marinho com um shortinho minúsculo por cima. E estava fazendo exercícios de elevação nas barras assimétricas. Contei enquanto ela se esforçava para fazer a sexta elevação antes de se soltar e cair no chão, esfregando os braços.

Eu não sabia dizer se era sexy ou intimidante ter uma namorada capaz de fazer mais barras do que eu.

Sexy, acabei decidindo. Desde que nunca tivéssemos que competir um contra o outro numa espécie de concurso público. Aí seria muito humilhante.

Então, a mãe dela estragou tudo, pigarreando. Sera se virou e, assim que me viu, abaixou a cabeça, e seu rosto e pescoço ficaram completamente vermelhos.

— Jeff está um pouco adiantado — disse a mãe dela como se isso não fosse a coisa mais óbvia do mundo

— Oi — disse eu, cumprimentando-a com um aceno totalmente ridículo.

Mas Sera apenas olhou para a mãe.

— Vou terminar dentro de cinco minutos; daí eu o mandarei de volta para a cozinha antes de ir tomar banho.

— Por favor, faça isso — disse a mãe de Sera ao sair do ginásio, mas não antes de apanhar um pesinho de mão e colocá-lo para segurar a porta aberta.

Ceguei mais perto de Sera e indiquei a porta aberta.

— Sério? — sussurrei, caso a mãe dela ainda estivesse ao alcance da minha voz.

Sera revirou os olhos.

— Ela me mantém numa rédea bastante curta. Pelo menos quando está na cidade. Adoro quando ela acompanha meu pai em viagens de negócios. Quanto mais tempo fora, melhor.

— E por que a rédea tão curta?

Sera ficou calada por alguns segundos.

— Há alguns anos eu me meti em problemas — disse ela, baixinho.

Precisei enfiar as mãos nos bolsos para evitar me remexer.

— Que tipo de problemas? — perguntei, não querendo acreditar em nada do que Kimberlee dissera, mas não sendo tolo o bastante para ignorar todas as insinuações que vinha ouvindo nas últimas semanas.

Sera dispensou a pergunta com um gesto enquanto apanhava um suéter e o enfiava pela cabeça.

— Você não precisa se vestir toda para mim — falei com um sorriso, estendendo um braço para envolvê-la pela cintura.

Ela arrumou o suéter lentamente sobre o peito antes de sussurrar:

— Se dependesse de você, eu não usaria roupa *nenhuma*.

Ah. Sim.

— Mas estou com frio. — Para provar seu argumento, ela colocou dedos gelados nos dois lados do meu rosto. Puxei-a mais para perto e beijei seu nariz e, quando ela deu uma risadinha baixa,

ataquei sua boca.

— A porta — sussurrou ela, soltando-se.

— E então — disse eu, examinando o piso caro com amortecimento. — Você vai fazer alguma coisa legal para mim?

Ela balançou a cabeça.

— Desculpe, acabei de fazer a parte de musculação e não se deve nunca dar cambalhotas depois da musculação. É mais provável que cause uma lesão. — Ela ficou nas pontas dos pés e deu um beijo suave no meu rosto. — Você vai lá ser simpático com a minha mãe e eu vou me arrumar. Descerei em quinze minutos.

Funguei, duvidando.

— O que foi? Minha mãe não é tão ruim assim. Ela vai basicamente ignorar você.

— Não é isso. Quinze minutos? Nunca vi uma garota tomar banho e se arrumar em quinze minutos.

Ela me lançou um olhar confiante por cima do ombro.

— Pode me cronometrar.

Sera levou exatamente catorze minutos e trinta segundos para ficar pronta e eu sei disso porque olhei no meu relógio a cada quinze segundos durante todo o tempo em que ela esteve longe de mim. Não que a Sra. Hewitt ficasse me interrogando... Ela simplesmente não fez *nada*. Nos primeiros trinta segundos depois que entrei na cozinha, ela colocou um copo d'água na minha frente — sobre um porta-copo, claro — e depois não disse mais nada. Ela arrumou as bancadas da cozinha, folheou uma revista, anotou alguma coisa num caderno — eu só podia esperar que não fosse nada sobre mim — e mais nada. Nem uma palavra, nem um pio.

Portanto, quando digo que a chegada de Sera foi um verdadeiro colírio para os olhos, o que quero dizer é que ela realmente foi uma visão mágica e que meus olhos estavam realmente doendo.

— Está pronta? — perguntei, levantando-me. Não peguei a mão dela e nem sequer a toquei. Concluí que aquilo poderia vir depois, longe das vistas de sua mãe.

— Volte antes das dez — disse a mãe dela, erguendo os olhos da revista. — Tem escola amanhã.

Sera suspirou assim que se viu em segurança no meu carro.

— Minha mãe — disse ela. — Eu sei que ela tem boas intenções, mas ela é tão perfeccionista.

— Bem, ela não está aqui agora — respondi, cobrindo a mão dela com a minha. — Só você e eu.

Quando chegamos ao cinema, fomos até a bilheteria e começamos a olhar os títulos.

— Acho que já assisti a todos — disse Sera.

— Tipo, umas três vezes — respondi. — Estou meio surpreso por não haver nada novo. Estes aqui já devem estar para sair de cartaz.

— Você se importa em ver um deles de novo?

Hesitei.

— Talvez eu não esteja a fim de ver um filme, afinal.

— Bem, é que eu pensei que, como já assistimos antes, não iremos nos... distrair tanto — disse ela, deslizando os dedos sobre a minha barriga ao passar o braço pela minha cintura.

Minha voz estava um pouco vacilante quando me virei para o bilheteiro. Nem me lembro do filme que escolhi.

Mas foi muito melhor aquela quarta vez.

Vinte e Dois

Estava eu agachado no meio dos arbustos em frente de casa alguns minutos antes das duas da manhã quando a caminhonete de Khail chegou e a porta do passageiro se abriu. A bem da verdade, foi mais difícil sair de fininho *da minha própria casa* do que eu imaginava que seria invadir a escola. Mesmo depois que consegui passar pelo alarme e pelo portão, ainda levei na cara um flash de luz acionada por movimento, no último segundo.

Quando a caminhonete parou, saí correndo dos arbustos para entrar nela e me senti uma criança tentando escapar do monstro de baixo da cama.

— Está pronto? — perguntou Khail, parecendo profundamente calmo. Não faço ideia de como ele conseguia.

— Sim — respondi, sentindo o suor brotar nas axilas enquanto apertava a chave com tanta força que minha mão começou a doer.

Eu sou um mentiroso mesmo. — Cadê os rapazes?

— Na caçamba, todos eles carregados. — Espiei pela janela traseira e os vi, capuzes ocultando os rostos e mochilas nos braços, espremidos na caçamba da caminhonete feito sardinhas em lata.

Eu havia separado as coisas com Khail naquela tarde e enchido quase a caçamba inteira com as mochilas dos outros lutadores, cada uma etiquetada com o nome de um professor e cheia de sacos plásticos até a boca. Conseguimos retirar tantas coisas da caverna que só seria preciso voltar mais uma vez para terminar tudo.

Mas, agora, não dava para pensar nisso. Uma viagem de cada vez.

— Ela... ela está aqui?

A culpa queimou no meu peito. Eu não via Kimberlee desde o domingo, quando a havia abandonado na beira da estrada. Ela ainda devia estar furiosa... em algum lugar.

— Ela vai se encontrar com a gente lá — resmunguei.

E me perguntei se estaria dizendo a verdade. Ela tinha ficado tão animada com o plano; com certeza iria voltar. Caramba, era ideia *dela*.

Ela nunca tinha ficado tanto tempo longe, mas agora já estava tudo preparado e, se Kimberlee realmente não aparecesse, acho que eu não teria coragem de pular fora.

Além disso, sua grande participação era com as senhas e isso já estava resolvido. De qualquer maneira, ficaríamos bem.

Provavelmente.

Khail apagou os faróis quando entramos no estacionamento da escola e parou embaixo de um grande olmo.

— Preparado? — sussurrou ele.

Nem um pouco.

— Sim. — Agarrei uma balaclava velha que tinha encontrado na garagem de casa e que mal entrava na minha cabeça e a vesti.

Com um aceno de cabeça, Khail saiu do carro e correu até a porta de entrada. Quando o alcancei, ele já havia trepado na grade da escadaria e coberto a lente da câmera com um saco de papel, fixando-o com um pedaço de fita adesiva.

Minha vez.

Tirei a chave do bolso e, respirando fundo, enfiei-a no buraco da fechadura. Virei no sentido horário e, por um instante, achei que não fosse abrir. Um pouco mais de pressão e ouviu-se o inconfundível clique de uma fechadura se abrindo.

— A fantasma diz que a barra está limpa? — sussurrou Khail.

Assenti sem pensar. Mas a culpa me atingiu meio segundo depois. Porém, era *provável* que a barra estivesse limpa àquela hora da noite.

Da manhã. Sei lá.

— Então, vamos — disse Khail, passando por mim e empurrando a porta. Um bipe contínuo nos recebeu, exatamente como Kimberlee tinha dito.

— Cuide das portas. Eu tenho o código do alarme. Vamos *sair* em dez minutos.

Certo.

Apertei a chave com mais força e corri pela escuridão com ela em uma das mãos e uma lanterninha de bolso na outra.

Não leve nada maior que uma lanterna de bolso, Kimberlee tinha avisado. *Ou alguém verá as luzes pelas janelas.*

Afastei da cabeça os pensamentos sobre Kimberlee e enfiei ela na porta da primeira sala de aula. Dez portas a cada lado do corredor, dois andares. Quarenta portas, dez minutos.

Estava na segunda porta quando o bipe-bipe do alarme parou. Perfeito. Continuei destrancando portas e abrindo-as, com os ouvidos atentos aos passos dos outros lutadores.

E quase dei de cara com um deles antes de ouvi-lo.

— Prossiga — ele sussurrou ao passar por mim, mal emitindo um ruído. Percebi que todos eles usavam seus sapatos de luta de solado macio.

Brilhante, pensei com um sorriso, subindo a escada dois degraus de cada vez. Mais da metade já tinha ido.

Fui em zigue-zague pelo corredor do segundo andar, e o lutador mais baixinho me alcançou quando cheguei à última porta: o laboratório de química avançada.

— Terminou — sussurrou ele. — Volte para a caminhonete.

Eu já estava quase na escada quando ouvi o vidro estilhaçar.

Dei meia-volta e apontei a lanterna para a última sala de aula, juntamente com alguns outros lutadores que estavam saindo das salas com as mochilas já vazias. O Baixinho apareceu. E um monte de fachos minúsculos de luz o iluminou.

— Está tudo bem! — disse ele, bloqueando as luzes com as mãos. — Foi só um béquer ou... sei lá o quê. Tinha um monte de tralhas em cima da mesa da Campbell. Eu derrubei um negócio. Vamos embora! — disse ele, passando correndo por nós.

Nem precisa dizer duas vezes.

Uns seis de nós, mais ou menos, já estávamos quase na porta quando um som agudo encheu meus ouvidos.

— Droga, Khail! — gritei acima do barulho quando cheguei à porta, de onde ele estava acenando para os caras saírem. — Achei que você tivesse cuidado do alarme.

— Cuidei; o que foi que você fez? — Ele apontou pelo corredor, onde uma luz intensa estava piscando. — É o alarme de *incêndio*, gênio.

Fechei os olhos com força.

— O laboratório de química. O Baixinho quebrou alguma coisa.

Khail deu um soco na porta e soltou uma fiada de palavrões que lhe teriam valido umas seis detenções.

— Devia ter produtos químicos no vidro.

— Tenho que ir lá verificar. — Eu me virei, e Khail quase arrancou meu braço da articulação ao me puxar de volta.

— Não há nada que você possa fazer, e os bombeiros chegarão em três minutos. Talvez menos. Precisamos dar o fora daqui.

— Mas...

Khail me agarrou pelos dois ombros e aproximou o rosto do meu.

— Você é bombeiro, Jeff?

Balancei convulsivamente a cabeça.

— Então, deixe com os profissionais. Mande a fantasminha ir dar uma olhada, se quiser, mas nós vamos sair daqui *agora*.

Corremos para a caminhonete, e Khail levou uns três segundos para fazer uma contagem rápida antes de dar a partida e sair do estacionamento.

Sem sombra de dúvida, foram os dez minutos mais rápidos e enervantes de toda a minha vida. Doze minutos, talvez.

E Kimberlee não estava ali para ver.

Ela teria adorado.

Mas nem dera as caras.

Estávamos dirigindo a uma velocidade razoavelmente acima do limite quando ouvi as sirenes. Khail saiu da estrada principal antes que eu pudesse vê-los, mas, na minha mente, eles pararam em frente à Whitestone, que já devia estar completamente envolta em chamas.

Khail me deixou em casa uns três minutos depois, mal parando o carro para que eu descesse. Consegui passar novamente pela corrida de obstáculos de segurança que é a minha casa, mas meus nervos ainda estavam em frangalhos; então, enfiei os fones com abafador de ruídos no iPod e mandei ver. Deitei na minha cama, meus tímpanos vibrando com o volume da música e, lentamente... muito, muito lentamente, comecei a relaxar.

Quase uma hora se passou antes que eu, finalmente, sentisse o celular descartável vibrar no meu bolso. Eu me sentei e arranquei os fones de ouvido.

— Sim? — disse, em voz baixa.

— Está tudo bem — disse Khail, baixinho. — Todos os rapazes já estão em casa... tudo foi entregue e, quando passei de carro em frente à escola, parecia que os bombeiros já estavam se preparando para ir embora.

— Você viu a escola? Parecia ter mais alguém lá? Hennigan? Bailey?

— Não faço ideia. Nem desacelerei. Além do mais, *ela* poderá te contar tudo mais tarde.

— Sim, sim, claro — respondi de forma evasiva. — Só estava curioso. — Hesitei. — Então, está tudo bem? A escola não pegou fogo e ninguém foi apanhado, certo?

— Tudo beleza, meu irmão. Totalmente beleza.

Vinte e Três

A manhã seguinte foi como um pesadelo se realizando.

Quando cheguei à escola, guardas de segurança particular estavam parados à entrada, orientando todo mundo a ir para o ginásio para uma assembleia de última hora. Eu sabia que era sobre a gente. Queria poder falar com Khail... ou até mesmo com o Baixinho. Mas nós tínhamos decidido que, pelo menos até que tudo terminasse, deveríamos agir como se não nos conhecêssemos na escola.

Consegui encontrar Sera, no entanto.

— O que você acha que está acontecendo? — perguntou ela depois de me cumprimentar com um beijo que me fez querer desesperadamente fugir daquela assembleia.

— Nem ideia — menti.

Ela pegou a minha mão e entramos juntos no ginásio, eu farejando sutilmente o ar em busca de fumaça. Mas tudo parecia, e cheirava, bem. Por enquanto.

À minha volta, sussurros confusos e pessoas perguntando o que estava acontecendo. Ouvi algumas mencionando os bombeiros, mas metade dos alunos parecia achar que era um rumor exagerado.

Quando a maior parte dos alunos havia se acomodado, o Sr. Hennigan foi até o centro do ginásio, onde haviam montado um pódio.

E ficou ali, parado.

Os alunos se calaram, a princípio, e depois começaram a se agitar quando o silêncio se estendeu. Sou capaz de jurar que ele ficou ali parado na nossa frente uns dez minutos. Quando finalmente abriu a boca, foi para falar num tom baixo e furioso que me deu calafrios na espinha.

— Um ato de vandalismo terrível... para não dizer custoso... foi cometido ontem — disse ele.

Custoso? Aquilo provocou movimentos bastante incômodos no meu estômago.

— Os detalhes não são relevantes. Não vou glamorizar o incidente espalhando rumores que só irão estimular o criminoso. Criminosos, deveria dizer. — Ele endireitou os ombros e pigarreou, parecendo muito sistemático. — Você terá uma chance, uma única chance de se entregar. Se optar por fazê-lo, serei benevolente com as consequências.

Alguma coisa no tom dele me disse que aquilo era uma mentira muito da sem-vergonha.

— Mas depois de hoje usarei todos os recursos possíveis para apanhá-lo e farei com que pague por isso. — Ele fez uma pausa, e seus olhos percorreram as arquibancadas, parecendo absorver cada aluno ali. — Quero que todos entendam que o fato de esse indivíduo estar devolvendo coisas que foram roubadas de vocês não o torna um herói. Ele não é o mocinho nessa história. E... —

acrescentou o Sr. Hennigan — se alguém aqui quisesse *ajudar* essa pessoa a fazer a coisa certa, bem... — uma risadinha seca escapou de sua garganta — vocês sabem onde fica o meu escritório. Outra coisa: as aulas da Sra. Campbell serão dadas no laboratório do Sr. Lewis hoje. Isso é tudo.

Sem mais uma palavra, o Sr. Hennigan desceu do pódio e caminhou de forma resoluta até a porta. Deixando Kimberlee em seu lugar.

— Isso mesmo! — gritou ela, agitando o punho. — Vocês são todos meus escravos e irão me ajudar a pegar essa pessoa terrível, terrível, que, a propósito, come criancinhas no almoço. Criancinhas! — gritou ela novamente.

Eu sabia que mais ninguém podia vê-la ou ouvi-la, mas já estava superparanoico e não consegui evitar olhar em volta para ter certeza.

Mas todos estavam ocupados sussurrando sobre o que poderia ter acontecido e Sera estava, calmamente, reaplicando seu gloss labial.

Eu queria ficar mais tempo ali para perguntar a Kimberlee onde ela estivera, e para contar o que havíamos feito e pedir desculpa pelo que eu tinha dito a ela.

Mas, no momento, não dava. Não era o dia de agir de forma estranha.

Consegui trocar um olhar com Kimberlee só por um segundo antes de ser varrido para fora do ginásio com o resto dos alunos. Ela parou com sua falação. Então, sorriu rigidamente, quase como se pedisse desculpa, e começou a acenar adeuses para a multidão totalmente alheia à sua presença.

A mão de Sera puxou a minha, fazendo minha atenção voltar para ela.

— De que diabos você acha que ele estava falando?

Tentei parecer ingênuo.

— Sei lá.

— Parece que houve outro ataque de quem quer que esteja devolvendo as coisas. — Ela revirou os olhos. — É tão ridículo.

— Por que ridículo? Parece que estão fazendo uma coisa boa. —

E, você sabe, causando danos custosos.

Ela deu de ombros.

— Pode ser. Mas depois de mais de um *ano* acho que deveriam simplesmente jogar tudo no lixo e fazer as pazes consigo mesmo. Isso só faz criar confusão tudo de novo.

Alguém atrás de nós pigarreou.

— Srta. Hewitt? — disse o Sr. Hennigan, a voz ecoando pelo corredor como só as vozes dos diretores são capazes de fazer.

Nós nos viramos e olhamos para ele ao mesmo tempo.

— Você poderia, por gentileza, vir até o meu escritório? — disse ele, com um gesto de mão.

Sera jogou o cabelo e, parecendo completamente relaxada, disse:

— Claro. Que seja. — Mas ela se virou e sussurrou no meu ouvido: — Você me espera? — E pude perceber o pânico que ela não estava demonstrando.

— É claro — respondi automaticamente. A aula do Bleekman que se danasse. Eu só tinha uma advertência dele por chegar atrasado mesmo.

A porta se fechou com um clique e me encostei à parede para esperar.

Kimberlee se aproximou e assumiu a mesma posição, a apenas alguns centímetros do meu ombro.

— Oi — disse ela baixinho.

Ergui os olhos para mostrar que a vira, mas não disse nada.

Ela fez uma pausa e olhou para o chão durante alguns segundos antes de, relutantemente, olhar nos meus olhos.

— Desculpe por não estar presente. Eu... não devia ter sumido. Vocês, provavelmente, poderiam ter se valido da minha ajuda.

Engoli em seco e assenti com a cabeça.

Ela baixou os olhos novamente.

— Você tinha razão — disse, finalmente. — Você está me fazendo um favor enorme, e o mínimo que posso fazer é agradecer... ou, ao menos, me interessar... e não me meter na sua vida social. Eu... tentarei fazer isso daqui pra frente.

Pensei que já tivesse ouvido de tudo, vindo de Kimberlee. Gritaria, berreiro, choro, piadas ruins, críticas, reclamações, risadas, mas nunca, nunquinha, um pedido de desculpa.

Era meio estranho. E eu não tinha certeza se podia confiar naquilo.

Mas queria confiar.

Suspirei e olhei para ela com um sorrisinho e dei de ombros. Desculpas aceitas, suponho. O que mais eu podia fazer?

Ficamos ali, ombros quase se tocando, por alguns segundos amigáveis.

— Não acredito que vocês dispararam o alarme de incêndio.

— Foi um acidente — sussurrei pelo canto da boca. — O Baixinho quebrou alguma coisa. Devia ter produtos químicos dentro.

— Bem, o que quer que fosse, queimou um buraco no piso. O laboratório está um caos, todo encharcado.

Maravilha. Que maravilha.

Depois de outra pausa em silêncio, Kimberlee se virou para mim.

— Você quer que eu... você sabe...? — perguntou, apontando com o polegar para o escritório do diretor. Eu estava tentando decidir se seria uma quebra muito grande de privacidade mandar um fantasma espionar sua namorada quando a porta se abriu e Sera saiu de lá.

— Pense com muito cuidado a respeito — disse o Sr. Hennigan com firmeza.

Sera não respondeu, mas seus olhos estavam arregalados e escuros no rosto pálido.

Esperei alguns segundos até Hennigan fechar a porta novamente.

— Você está bem? — perguntei, pegando sua mão. Estava gelada.

Ela olhou para mim e piscou e, em questão de segundos, seu rosto mudou. Ainda estava pálido e eu podia ver traços de preocupação em seus olhos, mas seu sorriso era calmo e as linhas de estresse em sua testa tinham desaparecido.

— Sim, estou bem. Hã, o Hennigan só estava preocupado com relação a eu ter créditos suficientes para me formar no ano que vem. Achou que eu iria precisar de mais aulas de matemática, mas foi um engano. — Ela se virou e começou a se afastar pelo corredor; então fui atrás. — Rápido, vamos chegar atrasados.

Meu sentido de aranha entrou em alerta. Não queria acreditar que minha namorada estivesse mentindo para mim, mas tinha quase certeza de que a ameaça de aulas extras de matemática não iria deixá-la com aquela cara de assustada.

Levei-a até sua classe e, quando ela tentou se afastar, entrelacei os dedos aos dela e a puxei de volta. Beijei-a de leve e, então, olhei bem em seus olhos, esperando que ela fosse mudar de ideia e me contar o que realmente havia acontecido na diretoria. Mas ela só sorriu e me acenou um tchauzinho antes de deixar a porta da sala se fechar e bloqueá-la da minha visão.

— Uau — disse Kimberlee numa voz que parecia, pela primeira vez na vida, mais preocupada do que irônica. — Isso não foi nada bom.

— Nem me fale.

Devolver as coisas dos professores surtiu um resultado melhor do que eu havia esperado. Quase todos ficaram de bom humor e não tiveram qualquer problema em ajudar a entregar os sacos que estavam sobre sua mesa aos alunos certos.

Vários puseram em exibição sobre a própria mesa os seus objetos devolvidos, como se fossem troféus. Na aula de inglês, o Bleekman chegou a passar metade da aula contando a história da pequena escultura que fora devolvida à sua mesa após uma ausência de dois anos.

Tive vontade de pegá-la de volta.

A parte realmente interessante foi que, graças às rosinhas desenhadas nos adesivos, a escola inteira estava falando no Restituidor da Rosa Vermelha; sério, assim, com maiúsculas. As conversas se dissipavam instantaneamente caso o Hennigan aparecesse, e, cara, ele vivia patrulhando os corredores. Mas todos estavam sussurrando sobre a gente... sobre mim... como se fôssemos heróis. Quase ninguém mencionava a teoria de que o Restituidor também fosse o ladrão. Como se não importasse, agora que as coisas estavam sendo devolvidas.

Havia uma porção de teorias interessantes, desde que o ladrão-barra-Restituidor fosse o matusalêmico zelador da escola, o Sr. Benson, até a mais ousada, de que era o próprio Sr. Hennigan, e que suas explosões de raiva eram apenas para mantê-lo fora das atenções. Infelizmente, os rumores mais comuns eram de que fosse um aluno do último ano, tentando compensar os erros cometidos no colégio antes de se formar; esses eram os que me deixavam preocupado por Khail e por seus companheiros atletas. E esses eram os mais lógicos.

— Vocês os entregariam se soubessem quem são? — perguntei para a nossa mesa no almoço dois dias depois, no que eu esperava que fosse um tom de voz inocente.

— Tá brincando? — disse Wilson. — E ser linchado pelo resto da escola? De jeito nenhum. Quem quer que seja esse Restituidor, está fazendo um favor a todo mundo.

— Eu iria totalmente dar em cima dele — disse Jasmine, de forma um pouco sonhadora, acariciando um chaveiro de pé de coelho que ela recuperara no episódio da árvore de Natal. Ela parecia estranhamente apegada a ele. Mas, ei, quem sou eu para julgar?

— E se fosse uma menina? — perguntei.

Sera me chutou por baixo da mesa.

— Você bem que queria ver a Jasmine beijar outra menina — disse ela, secamente.

— Desculpe, só estava brincando — disse, defendendo-me.

— Bem, ninguém sabe quem é e, mesmo que soubessem, ninguém iria falar nada. — Ela se levantou sem esperar resposta e jogou a maior parte de seu almoço na lixeira antes de sair rapidamente da cantina.

A mesa ficou em silêncio e todos os olhos se voltaram para mim. Era, claramente, um trabalho para o namorado.

— Até mais — resmunguei antes de jogar fora uma parte significativa do meu almoço para seguir Sera pelo corredor.

Tive que correr para alcançá-la quando ela saiu pela porta dos fundos da escola e se sentou numa mureta do estacionamento. Sentei-me ao lado dela, sentindo-me bastante sem jeito.

— Cara, que saudade de quando eu fumava — disse ela depois de um longo suspiro, desembulhando um chiclete e enfiando-o na boca.

— Você fumava? — perguntei, genuinamente chocado.

Ela riu, tensa.

— Como eu disse, nem sempre fui uma boa menina.

O vento soprou alguns fios soltos de cabelo sobre seu rosto. Estendi a mão e, com gentileza,

afastei-os.

— Por que você está tão angustiada com essa situação?

Ela suspirou novamente e esfregou as têmporas por alguns segundos.

— Não espero que você entenda — disse ela. — Eu mesma não entendo. Mas Kimberlee Schaffer tem que estar envolvida nisso. Eu sei que ela está morta, mas, de alguma forma, ela está *ligada* a tudo e eu tenho... — Ela hesitou. — Tenho um histórico ruim com ela e, agora, tudo está voltando a cair na minha cabeça e eu simplesmente não posso lidar com isso no momento.

— Bem — falei, torcendo para não dar a impressão de que sabia demais —, tem que terminar logo, né? Ela não pode ter roubado *tanta* coisa assim. E, daí, você poderá deixar o assunto pra lá, certo?

— Não — disse Sera com uma firmeza espantosa. — Preciso descobrir quem está fazendo isso. *Preciso*. — Ela encostou a testa nos joelhos, que abraçava junto ao peito. Quando falou novamente, sua voz saiu abafada. — Talvez ela tenha, sei lá, um primo ou coisa parecida. Tem que haver alguma conexão.

Esfreguei gentilmente os braços de Sera, sentindo-me o pior namorado do mundo. Estava praticamente a ponto de confessar. Até inclinei a cabeça mais perto do ouvido dela quando ela fungou e disse:

— Eu iria entregar o desgraçado num segundo se soubesse quem é. Num segundo!

Encostando o rosto às suas costas, fiz a única coisa que podia fazer.

Fiquei calado.

Vinte e Quatro

— Cara, tô te dizendo, vai dar tudo certo — falei a Khail pelo telefone, ao mesmo tempo que ia de carro, por estranho que possa parecer, para a casa *dele*, depois da aula. — Você ouviu o povo falando. Todos nos amam!

— Não sei, não, cara. Não existe muita gente capaz de guardar segredos. E você está dizendo para confiarmos em, tipo, quinhentas pessoas ao mesmo tempo.

— Sim, mas, se fizermos tudo no momento certo, não tem como sermos apanhados.

Eu tinha tido a ideia enquanto não prestava atenção à aula de Cálculo, depois do almoço. Precisávamos de uma maneira de devolver tudo que ainda restava na caverna de uma só vez para que eu pudesse parar de mentir e de ser um namorado desprezível. Mas, à exceção de Sera, a verdade era que todos estavam do nosso lado.

E nós podíamos usar aquilo.

— Se começarmos a espalhar na sexta-feira um rumor de que haverá uma devolução grande na segunda, as pessoas farão nosso trabalho por nós durante o fim de semana.

— Sim, mas aí o Hennigan vai trancar a escola. É provável que ele faça pessoalmente a patrulha só para nos pegar.

— Mas o ponto de devolução não precisa ser na escola. Aí é que está a beleza da coisa. Nós começamos o rumor, e o Hennigan fica sabendo. Ele coloca toda a pressão do mundo sobre a escola, mas a devolução não é feita *lá*. — Esperei um segundo para aumentar o suspense. Acho que herdei da minha mãe uma tendência ao drama e só agora é que estava percebendo. — Será na casa do Hennigan.

— O quê? Você está *querendo* ser pego?

— Não, é sério. É o único lugar em que ele jamais pensaria. Ouvi uns carinhas na aula de inglês comentando que ele mora a apenas um ou dois quarteirões da escola e Kimberlee irá segui-lo até sua casa hoje para confirmar. Mas, se for verdade, os alunos poderiam invadir a casa dele durante a hora do almoço que ele não iria poder fazer absolutamente nada.

Um longo silêncio se seguiu.

— Você pode ter razão — disse Khail finalmente.

— Sim! Então, você topa?

— Deixe-me pensar um pouco — respondeu ele. — Tenho que ir tomar um banho. Estou fedendo.

— Está bem. Estarei na sua casa daqui a pouco, só para você saber. Não quero que você dê de cara

comigo e surte.

— Falou. Só vou continuar fingindo que não te conheço, tá bom, nerdão?

— Obrigado — respondi secamente.

Entrei na rua de Sera e estacionei o carro no lugar de costume, pouco abaixo da longa entrada para a casa. A Sra. Hewitt estava lá fora, podando rosas.

— Jeff — disse ela, sucinta. Eu havia pensado que, quanto mais frequentasse aquela casa, mais à vontade ela se sentiria comigo. Aparentemente, estava enganado.

— Oi, Sra. Hewitt — respondi, obrigando-me a sorrir.

Ela olhou para suas luvas de jardinagem sujas de terra e, então, novamente para mim, como se estivesse encarando uma questão de vida ou morte.

— Sera está lá em cima, no quarto. Não quero levar terra para dentro de casa.

Ah. Entendi.

— Suponho que, nessas circunstâncias, você pode entrar e ir até lá chamá-la, mas desça logo em seguida. Além do mais — acrescentou ela, a voz vagamente ameaçadora —, Khail também está lá.

Tentei parecer um pouco intimidado conforme assentia e entrava.

A casa estava particularmente quieta quando subi a escada. Tinha ficado com um pouco de vergonha de dizer à mãe de Sera que, na verdade, eu não sabia qual era o quarto dela; então, esperava que houvesse alguma placa na porta dizendo *Quarto de Sera*. Não tive tanta sorte.

Espiei cuidadosamente pela primeira porta que encontrei aberta. Era, obviamente, um quarto de hóspedes. A cama arrumada com perfeição, quadros nas paredes, duas poltronas combinando... mas nada pessoal. As duas portas seguintes estavam fechadas, mas a última estava completamente aberta. Enfieei a cabeça pela abertura e ouvi o som leve de água corrente. As decorações pretas e masculinas, complementadas por uma cama bagunçada que podia facilmente ser a minha, me indicaram que aquele não podia ser o quarto dela; portanto, demorei um pouco para perceber que os cabelos avermelhados que estava vendo eram, de fato, a cabeça de Sera.

Então, percebi o que ela estava fazendo. Segurava numa mão uma calça jeans que era obviamente de Khail e o celular dele na outra, apertando rapidamente alguns botões.

— Sera?

Ela soltou um gritinho quando eu falei aquilo e enfiou o celular depressa no bolso da calça.

— O que você está fazendo?

O rosto dela ficou supervermelho e ela continuou remexendo na calça que segurava.

— Você me assustou! Eu estava, hããã, procurando chiclete — disse ela. — Eu fiquei sem, e o Khail geralmente tem uns no bolso, mas, não... tudo bem, então vamos. — Ela soltou a calça no chão e me empurrou para fora do quarto, fechando a porta com força atrás de si.

— O que você está fazendo aqui em cima? — perguntou ela, sem olhar para mim, indo até uma das portas fechadas. — Minha mãe nunca deixa garotos subirem aqui sozinhos. Na verdade, ela quase nunca deixa que subam mesmo com supervisão.

Ela abriu a porta e fiquei sem palavras ao entrar em seu quarto. Era como todos os quartos estereotípicos de adolescente rebelde que a gente vê nos filmes. As paredes estavam cobertas de pôsteres de bandas de rock, a cama estava desfeita, estrelas negras pontilhavam o teto, e a única luz vinha de um abajur sobre uma escrivaninha bagunçada.

— Hã... ela estava podando rosas ou coisa parecida. Su-suja, entende? — gaguejei. — Uau — disse, quando vi o pôster enorme do Cryptopsy acima de sua cama. — É o...? — Apenas apontei, sem dizer nada.

Sera me olhou com estranheza.

— O que foi? Só porque eu sou animadora de torcida não posso gostar de heavy metal?

— Não, tudo bem, mas... sei lá... isso aí é meio, tipo, emo e tal.

— Sim, bem, a verdade é que não gosto mais da maioria destas coisas, mas elas incomodam a minha mãe pra caramba; então eu deixo tudo aí.

Eu não conseguia parar de olhar em volta. Não sei bem o que esperava, exatamente, mas não eram pôsteres de meninas de minissaia gritando no microfone ao lado de percussionistas de delineador nos olhos e cabelo espetado. Era estranho demais. Claro, quando se estuda num colégio com uniforme, é um pouco difícil saber quem é patricinha e quem é gótica. Mas eu via Sera quase todos os dias, dentro e fora da escola, e ela sempre tinha me parecido meio patricinha, meio casual. Não... aquilo.

— Falando na minha mãe, é melhor descermos antes que ela surte. *A sua* mãe está em casa?

— Estava, quando eu saí.

— É o suficiente. Não posso fazer meu dever de casa aqui; não hoje. — A mãe de Sera tinha a regra de que ela só podia ir à casa de um garoto se os pais dele estivessem lá. Eu já estava começando a acreditar que a mãe de Sera tinha regras para todas as situações possíveis e imagináveis. Como ela previra, a primeira coisa que a mãe de Sera perguntou foi se a minha mãe estava em casa. Esperava não estar mentindo quando respondi que sim. Meus pais normalmente iam e vinham como lhes dava na telha.

Enquanto eu dirigia e Sera tagarelava, tentei afastar da mente a imagem dela remexendo no celular do irmão. Quer dizer, se eu tivesse uma irmã, provavelmente também mexeria no celular dela. Mas, no momento, Khail era muito mais que apenas o irmão de Sera. Ele era... acho que eu podia dizer que ele era meu melhor amigo.

No fim, minha mãe realmente estava em casa, mas ela era muito mais permissiva do que a mãe de Sera. Então subimos para o meu quarto e fizemos o dever de casa por uma hora.

E, com fazer o dever de casa, quero dizer que ficamos nos agarrando.

É quase a mesma coisa.

— Já é seguro entrar aí? — perguntou Kimberlee, apontando a cabeça pela porta do meu quarto com os olhos tapados pelas mãos.

Kimberlee e eu tínhamos, aparentemente, chegado a uma espécie de trégua. Ela mantinha distância quando Sera estava por perto e, ainda que não fosse exatamente *legal* comigo, pelo menos não vivia tentando me insultar. Parecia genuinamente impressionada pela nossa pequena invasão — isso e desconfio que ela tivesse ido até a caverna e visto como havia pouca coisa sobrando. Acho que nem mesmo a implacável Kimberlee Schaffer podia negar os resultados.

— Levei Sera para casa há uma hora. Fica fria.

— Fica fria? Ora, por favor, ninguém mais diz “fica fria”, seu mané. — Mas até seus insultos tinham adquirido um tom mais provocador, nos últimos dias.

Ao ver que a barra estava limpa, ela entrou no quarto e se afundou em um dos pufes. *No seu lugar*, como ela o chamava.

— Eles estavam certos? — perguntei. — Com relação à casa de Hennigan?

— Sim! — disse Kimberlee, os olhos brilhando. — Não tenho a menor ideia de como eu não sabia disso quando estava viva, mas a casa dele é praticamente logo atrás do estacionamento da escola. É perfeito.

— Beleza — disse e procurei o celular no meu bolso para mandar uma mensagem para Khail. Hesitei antes de clicar em enviar, lembrando-me de Sera mexendo no celular dele, mas, de qualquer maneira, aquele número não estava registrado; era exatamente para isso. Eu estava provavelmente sendo paranoico.

— Então — disse Kimberlee, hesitante, quando guardei meu telefone —, por falar no Hennigan, você perguntou à Sera o que aconteceu hoje?

— Não — respondi, sem tirar os olhos do meu dever de História.

— Por que não?

— É assunto dela, não meu. Se ela quiser me contar, tudo bem.

— Muito proativo da sua parte.

— O que você quer dizer?

Mas Kimberlee apenas deu de ombros.

— É que o momento que ele escolheu pareceu um pouco conveniente demais, na minha opinião.

— Que eu *não pedi*, a propósito — respondi.

— Não importa. Só achei que deveríamos ficar alertas, só isso.

— Porque é realmente estranho ou só porque se trata de Sera?

— Porque é *estranho* — respondeu Kimberlee. — Estou falando sério, Jeff, se você estivesse namorando outra pessoa, eu iria ficar igualmente preocupada. Pense um pouco. A *sua* namorada, que também vem a ser a *irmã* do cara com quem você está trabalhando, é chamada na sala do diretor psiquiátrico no dia seguinte a uma devolução enorme dos objetos roubados e, então, começa a agir de forma estranha. Se você tirasse os nomes e esquecesse a nossa história, isso não faria você ficar desconfiado?

— Não. Acho que você está vendo coisas onde não existem — respondi. — Além disso, vamos fazer a última entrega na segunda-feira e, então, estará tudo terminado.

— Eu não entendo você, Jeff.

— Estou falando a mesma língua que você, *Kimberlee*.

Ela soltou um de seus suspiros melodramáticos.

— Entendo as palavras que você está dizendo; não entendo *você*. Você acha que todo mundo é bom e nobre e sei lá o quê. Você tem certeza de que Sera é inocente e acredita piamente que Khail não tem outra motivação senão ser um irmão mais velho muito *batuta*. — Ao dizer *batuta*, ela ergueu um punho no ar como se fosse a protagonista de um seriado dos anos 50.

— E o que há de errado nisso?

— Você está vivendo num mundo de fantasia. E quanto mais tempo fingir, mais difícil será quando descobrir que nós todos somos uns perturbados. Principalmente *ela*.

Ergui os olhos do dever de casa.

— E você gosta de vilificar as pessoas. Isso é mais realista, por acaso?

— Eu não vilifico as pessoas — argumentou Kimberlee. — Apenas as vejo como são.

— Sei.

— É verdade!

— Então o Langdon é um cara legal e a Sera é uma bruxa? Não acho que isso tenha qualquer base verídica.

— Ele era legal comigo — murmurou ela.

— E quanto ao Khail?

— O que tem ele? — perguntou Kimberlee, parecendo subitamente interessada no guia da programação da TV que eu tinha deixado aberto no chão.

— Ele não fez nada para você.

— “Não há no inferno ferocidade como a de uma mulher desprezada” — respondeu Kimberlee, encerrando o assunto com um gesto.

— Não acredito nisso — respondi, simplesmente. — Você não vai me dizer que ficou tão furiosa assim ao ser rejeitada que acabou descontando na irmã mais nova de Khail. Isso nem sequer faz sentido.

— E quando é que o amor faz sentido? — resmungou Kimberlee.

— Por que ele te odeia?

Ela hesitou.

— Não posso te contar.

Eu devia saber que não podia falar sério com Kimberlee.

— O.k., bem, tenho um monte de dever de casa para fazer hoje... que canal você quer assistir? — perguntei, pegando o controle remoto.

— Eu não estou mentindo!

— Você está *sempre* mentindo — falei, conforme passava pelos canais.

— Não dessa vez.

— Ah, está bem — murmurei, jogando o controle remoto e voltando para meu livro de Cálculo.

Kimberlee assistiu a uns dois minutos de um comercial de produto de clareamento dental antes de romper o silêncio.

— É que... a cara-metade de Khail foi para um acampamento correcional. E ele acha que eu é que fui responsável por isso.

— Acampamento correcional? — Eu já tinha ouvido falar de pais que mandavam os “filhos problemáticos” para “refúgios” especiais em meio à natureza para serem disciplinados de forma rígida, mas também tinha ouvido que a maioria desses lugares já fora fechada; tinha havido muitos escândalos com relação a maus-tratos e até mesmo algumas mortes. Com certeza nunca conhecera alguém que tivesse sido mandado a um deles. — E por que o Khail pensaria que você teve alguma coisa a ver com a namorada dele ser mandada para um acampamento correcional?

Kimberlee tinha uma expressão estranha no rosto, como se estivesse tentando respirar e prender a respiração ao mesmo tempo.

— Não era namorada — disse ela, finalmente, antes de enterrar o rosto no pufe.

— Como assim, não era namo... Oh! — A ficha caiu. — O *Khail*? Você tá de sacanagem comigo?

A cabeça dela continuou afundada no pufe, suas palavras foram abafadas e eu mal as compreendi.

— Os pais do Preston são fanáticos religiosos ou sei lá o quê...

De alguma maneira, eles descobriram o que estava acontecendo e tiveram uma reação superexagerada. Khail acha que foi através de mim que eles souberam.

— E por que ele pensaria isso? — Mas o que eu queria realmente perguntar era: *O que foi que você fez desta vez?*

Kimberlee me olhou feio.

— Eu já te disse. Eu gostava dele e ele me desprezou. *Ninguém* me despreza! Eu queria descobrir qual era o lance e meio que comecei a... segui-lo.

— Você começou a espioná-lo?

— Não estava *espionando*!

Agitei as mãos tentando acalmá-la.

— Continue.

— Eu não estava espionando. Anos de furtos me deixaram muito hábil em não ser vista.

— Aposto que sim. — A coisa tinha ficado, de repente, meio surreal.

— E eu... descobri que o melhor amigo dele... era mais que só um amigo.

— E ele *soube* que você tinha descoberto?

— Dã — disse ela, olhando para mim como se eu fosse particularmente lerdo. — Qual é a vantagem de se descobrir um segredo obscuro se você não sai por aí tripudiando a respeito? E algumas semanas depois, o Preston foi mandado para o acampamento.

— Muito conveniente — respondi.

— Não fui eu! — gritou ela. — Eu não contei a *ninguém* o que sabia. Bem, a não ser para o Khail.

— Por que será que não acredito em você, hein?

— Sei lá! — protestou ela. — *Ninguém* acredita em mim! O Khail me encurralou um dia depois da

aula e tentou me fazer admitir que eu tinha aberto o bico, mas não tive nada a ver com o que aconteceu!

— E é por isso que ele ainda te odeia, um ano depois da sua morte?

Ela fez uma pausa.

Oh, não.

— Bem... talvez essa não seja a *única* razão.

Justo quando eu achava que não podia ficar pior.

— O que foi? — perguntei, mais para meu livro do que para ela.

— Os pais do Preston o mandaram embora antes que ele pudesse se despedir. Então, tudo que Khail tinha para se lembrar dele eram os dois objetos que Preston havia deixado na sua casa.

— Deixe-me adivinhar — falei, nem me dando ao trabalho de dar qualquer inflexão à minha voz.

— Um boné dos Yankees e uma cueca vermelha.

Kimberlee teve a decência de parecer envergonhada.

Minha primeira discussão com Khail agora fazia muito mais sentido.

— Como Sera se encaixa nessa história? — perguntei, sem muita certeza de que queria mesmo saber.

Ela deu de ombros.

— Ah, por favor — falei. — Não vamos fazer esse jogo de novo.

— O que você quer que eu diga? Preston foi embora e Khail agiu como se nem ligasse; então comecei a atormentar Sera porque sabia que isso iria deixá-lo furo da vida. E talvez eu tenha me empolgado um pouco. Era mais divertido atormentar Sera; ela ficava toda furiosa e agitada — disse Kimberlee, como se estivéssemos falando sobre o clima, em vez de como ela tinha azucrinado a minha namorada. — Fazer bullying com Khail é como bater contra uma parede de tijolo, mas, se você for em cima da Sera, aí *os dois* ficam furiosos. É surpreendentemente satisfatório.

— Você é doente mesmo — disse eu, com toda sinceridade. Estava seriamente horrorizado.

Kimberlee revirou os olhos e se voltou novamente para a TV.

— Que seja. Eu nunca fui a Srta. Simpática com Todo Mundo. Isso não é nenhuma novidade. Mas nunca contei a ninguém, exceto a você, sobre Khail *ou* Preston.

— Ah, sim, você é *completamente* inocente. — Minha cabeça girava. *Diga a ela que eu a odeio.* Khail estava realmente sendo sincero.

E agora eu sabia por quê.

— Por que você me contou? Está esperando que eu vá te defender para o Khail? — perguntei, já com receio de como seria *essa* conversa.

— Não! — disse Kimberlee, virando-se novamente para me encarar, os olhos mortalmente sérios. — Você não pode contar para ele! Tem que me prometer. Acho que nem mesmo Sera sabe a respeito. Então ele vai deduzir quem foi que te contou e aí sim não vai acreditar que não fui eu quem revelou a verdade sobre ele e Preston.

— Por que você se importa com o que ele pensa? Vou dizer da forma mais carinhosa possível: você está *morta*.

Sua expressão ficou imediatamente neutra e prática.

— Porque sim, está bem? — respondeu ela, virando-se para o comercial.

Parece que a paixonite de certa pessoa não morreu junto com ela.

À sua maneira deturpada, Kimberlee realmente se importava com Khail. Ainda. Isso, sim, era um amor condenado. *Ele é gay, ela está morta, a seguir cenas dos próximos capítulos.*

Voltei para o meu dever de Cálculo, mas estava tendo dificuldade para me concentrar. Parecia que vinha guardando segredos de todo mundo. De Sera, dos meus pais... e, agora, de Khail, a única pessoa que sabia tudo sobre Kimberlee. E o que era mais estranho: era o segredo dele mesmo que eu estava

guardando.

Só mais uma entrega, eu disse a mim mesmo. Então poderia voltar à minha vida, Khail, à dele, sem jamais descobrir que eu sabia precisamente aquilo que ele não queria que *ninguém* soubesse.

Três dias. E tudo isso estaria acabado.

Vinte e Cinco

Na sexta-feira de manhã, o plano entrou em ação. O primeiro passo foi ridiculamente simples. Khail se aproximou de uma garota durante a primeira aula e disse:

— Ouvi dizer que o Restituído da Rosa Vermelha vai fazer algo importante na segunda-feira.

A partir daí, a notícia se espalhou. Lá pela hora do almoço, todo o corpo estudantil já falava a respeito.

Eu esperava que Sera se irritasse, como sempre acontecia com qualquer coisa relacionada ao Restituído da Rosa Vermelha, mas ela não parecia estar com raiva. Parecia estar com *medo*. Tentei abordar a possibilidade de um encontro, mas ela me dispensou pela primeira vez desde que havíamos começado a namorar.

— Tenho um monte de dever de casa para fazer — disse ela, vagamente. — Não posso fazer nada neste fim de semana.

— Mas você acabou de completar aquele seu trabalho grande de História e não tinha mencionado mais nada...

— Pois é, bem, meu dever de casa não é exatamente a coisa mais interessante do mundo de se discutir — insistiu ela.

— Você vai ter que comer em algum momento — pressionei-a. — Não posso te levar para um almoço rápido no sábado ou no domingo?

— Não tenho tempo — disse ela, passando por mim e indo para sua próxima aula.

Agarrei sua mão e a fiz parar.

— Eu fiz alguma coisa errada? — perguntei, baixinho.

Seu olhar se suavizou.

— Não, de forma alguma. — Ela puxou meu rosto até o dela e me beijou. — Você é maravilhoso. Eu só... tenho um trabalho especial para fazer neste fim de semana e preciso fazê-lo sozinha. Tudo bem? No fim de semana que vem poderemos voltar ao normal, eu prometo.

— Está bem — respondi, derrotado por ora. — Vejo você na segunda-feira, então. — Observei seus quadris balançando enquanto ela se afastava, só piscando quando a porta se fechou às suas costas.

— Não gostei nem um pouco disso — disse Kimberlee, por cima do meu ombro esquerdo.

Dei um pulo e trombei com uns alunos do primeiro ano que me olharam feio, mas não disseram nada. Eu já devia estar ganhando a reputação de ser convulsivo.

— Gostaria que você não fizesse mais isso — sussurrei o mais baixo possível. Fui para a aula de Cálculo com Kimberlee atrás de mim.

Ela se virou e olhou para a porta pela qual Sera acabara de desaparecer.

— Ela está agindo de forma estranha. Vai me dizer que não percebeu?

— São os exames de meio de semestre. Todo mundo está estressado.

— Há quanto tempo ela vem agindo assim?

— Não sei — retruquei. — Desde que os exames começaram?

— Não será desde que ela foi chamada na sala do Hennigan, não?

Eu me virei para olhar para Kimberlee, feliz que os corredores já estivessem praticamente vazios — ainda que isso significasse que eu estava atrasado para a aula.

— Admito, o momento é estranho, e o que quer que Hennigan tenha falado obviamente a perturbou muito. Mas ela parece saber que foi você que roubou essas coisas que, de repente, estão reaparecendo. Você consegue imaginar *alguma razão* para ela ficar perturbada ao pensar em você?

Por alguns segundos, Kimberlee fez de tudo para não olhar para mim. Finalmente, seu olhar se encontrou com o meu.

— Ela poderia estar espionando para o Hennigan.

Bufei, incrédulo, um segundo antes que a terrível possibilidade me atingisse em cheio.

— De jeito nenhum. Ela não faria isso.

— Você ficaria surpreso com o que as pessoas são capazes de fazer sob o tipo certo de pressão.

— Você é suspeita para falar e...

— Eu sei — respondeu Kimberlee com um suspiro. — Só estou dizendo... não estou nem sequer acusando. Quero que você tenha cuidado. Você já quase terminou... tudo estará terminado na segunda-feira. — Então, a atitude insolente voltou quase tão depressa quanto havia desaparecido. — Só tente não ser pego nesse meio-tempo, está bem?

No sábado de manhã me encontrei com Khail na caverna para carregar o resto das coisas. Enquanto trabalhávamos, repassamos nosso plano para a segunda-feira.

Fiel à sua promessa de ser extracuidadoso, ele havia emprestado a caminhonete de um amigo de Santa Barbara para carregar os sacos que faltavam. Ele a guardaria na garagem da casa de hóspedes de seus pais antes que eles chegassem em casa e a tiraria depois que eles houvessem saído para o trabalho, na segunda.

— Portanto, às oito e dez, estarei prontinho para sair — disse ele, arrastando a última caixa. Digo, a última caixa da maldita caverna inteira.

Fazia uma hora que eu tentava criar coragem para dizer algo, e aquela era minha última chance.

— Cuidado com Sera — desembuchei.

Khail fez uma pausa e pude ver os músculos em seu braço se retesarem.

— Por quê? — disse ele, com uma tranquilidade forçada.

— Acho que poder haver... uma possibilidade... uma pequena possibilidade — corrigi — de que ela esteja tentando descobrir quem somos.

Khail ergueu a cabeça e olhou feio para mim.

— Do que você está falando? De *espionagem*?

— Deixa pra lá — respondi. — Foi bobagem minha dizer isso.

Khail pulou da caminhonete e se aproximou até me encarar.

— Não, explique — disse ele, cruzando os braços enormes diante do peito. — Quero saber o que te faz pensar que ela iria nos espionar.

— Não se preocupe com isso — repeti.

— Não, você não tocaria no assunto se não tivesse um bom motivo; quero ouvir qual é. Suspirei.

— Ela foi chamada na sala do Hennigan logo depois da nossa invasão da escola, e vem agindo de forma bastante estranha desde então.

— E daí?

— Ela remexeu nos bolsos da sua calça enquanto você estava tomando banho, quando eu fui lá... ela estava fuçando no seu celular.

Khail riu abertamente.

— É por essas e outras que sei que você é filho único, Jeff. Isso é totalmente normal. Eu também a espiono o tempo todo. — Ele sorriu. — Cara, as coisas que eu poderia te contar...

Hesitei alguns segundos antes de jogar minha última cartada. Era a única forma de descobrir com certeza.

— Aposto que sim. Ouvi algumas coisas a respeito do... hã, primeiro ano de Sera na escola...? — deixei a pergunta pendendo.

O sorriso de Khail desapareceu imediatamente.

— Você não pode usar isso contra ela, Jeff. Ela não sabia o que estava acontecendo. Você, dentre todas as pessoas, sabe que ela, deliberadamente, jamais deixaria alguém morrer.

Putá merda!

— O quê?

A boca de Khail se fechou de repente.

— Droga — sussurrou ele, passando os dedos pelos cabelos. — Eu não devia ter dito nada. Só deduzi que a Kimberlee tivesse te contado. Ela não é exatamente boa em guardar segredos — quase resmungou.

Caramba, que saia justa. Concluí que a melhor coisa que eu podia fazer era ficar de boca fechada.

Khail franziu os lábios; então algo mudou no seu olhar.

— Só vou te contar para que você saiba a verdade, entendeu? — Ele olhou em volta, como se alguém pudesse estar escutando. — Foi uma fase bem difícil. Meu pai tinha sido despedido; ele disse que poderíamos perder a casa e tudo mais... Ele e a minha mãe estavam falando... gritando, na verdade... em se divorciar. Brigavam o tempo todo. Tipo as brigas feias que a gente vê na televisão, só que era tudo real e era a nossa vida. Sera tinha só catorze anos e ficou arrasada. Eu... me envolvi com alguém, então nunca estava por perto. Sempre cogitei se as coisas teriam sido diferentes se eu estivesse mais presente ao lado dela. — Ele deu de ombros. — Mas eu não estava e, agora, não posso mudar isso.

“Sera parou de fazer o que as pessoas queriam que ela fizesse. Meus pais sempre a estimularam muito com relação à ginástica olímpica, então ela parou de treinar; recusava-se até mesmo a fazer uma estrela para seu treinador. Repetiu matérias para as quais antes não precisava nem mesmo estudar. Abandonou seus antigos amigos e arrumou amigos novos. Amigos ruins. Muito mais velhos do que ela. Ela tinha dinheiro e eles alegremente se aproveitavam dela por isso. Viciaram-na em maconha, depois em cocaína e, uma noite, todos estavam tão drogados que experimentaram heroína. — Ele deu de ombros. — Ela estava totalmente fora de si quando aconteceu de a única outra garota da idade dela ter uma overdose. — Khail suspirou e se encostou à caminhonete. — Se alguém ali estivesse suficientemente lúcido para chamar uma ambulância, eles poderiam tê-la salvado.”

— Putá merda. — Não consegui pensar em outra coisa para dizer.

— Meus pais finalmente perceberam que seus problemas ridículos estavam afetando os filhos. Sera foi mandada, por ordem judicial, para um centro de reabilitação durante dois meses; minha mãe e meu pai começaram a fazer terapia, resolveram algumas coisas e, por fim, não se divorciaram, mas, a essa altura, já era um pouco tarde... nós já estávamos abalados — disse ele numa voz baixa que

fervilhava de raiva.

Não falei nada. Não *podia* falar nada. Sera me contara que havia passado por um período difícil, mas deduzi que ela se referia a algo... sei lá... mais leve. Ela parecia boa demais e pura demais para se envolver em algo remotamente parecido àquilo.

— Ela se esforçou muito para superar tudo isso. E, pode crer, não foi fácil. Há coisas que ela *jamais* irá recuperar. Sua consciência limpa, por exemplo. Sei que, à noite, ela ainda é assombrada por isso. E, para completar, ela perdeu a oportunidade de competir em nível nacional na ginástica olímpica. Ela muda de assunto, se você tenta falar a respeito, mas é um ponto nevrálgico doloridíssimo para ela. Ela tem muitos arrependimentos, mas acabou lidando com eles e seguiu adiante. — Ele subiu na tampa da caçamba da caminhonete e me dirigiu um olhar duro. — Foi por isso que comecei a te vigiar quando Sera me disse que gostava de você. Por que você acha que alguém bonita como ela não namora há quase dois anos? Ela não confia em si mesma para escolher alguém bom. Alguém capaz de entender que ela cometeu alguns erros e que permita que ela siga em frente. Se você não puder fazer isso, então deveria...

Levantei a mão, na defensiva.

— Não, você não está entendendo. Eu não tenho qualquer ressentimento por isso. — Esperava estar dizendo a verdade, mas sentia uma leve pontada na boca do estômago. Cocaína? Heroína? Nunca tinha nem sequer *visto* esse tipo de coisa, quanto menos experimentado. — Mas... e se o Hennigan tentou usar isso contra ela? Para pressioná-la? — disse, evasivo.

Mas Khail já estava balançando a cabeça.

— Ela admite o passado... admite seus erros. Jamais deixaria outra pessoa sofrer pelo que ela fez. Além disso — acrescentou ele, ao ficar em pé na caçamba e erguer outra caixa —, a maioria das pessoas em Whitestone já sabe do caso, ou pelo menos ouviu rumores. A quem o Hennigan ameaçaria contar? A você?

Ele tinha razão. Não fazia muito sentido. Mas...

— Ela odiaria o fato de estarmos ajudando Kimberlee — disse Khail. — Mas garanto que nunca poderia me entregar. — Ele deixou a caixa cair com tudo na caçamba da caminhonete. — E acho que também não entregaria você.

Assenti e tentei abafar a sensação de que alguma coisa estava errada; no entanto, a dúvida continuou me perseguindo... tal e qual o fantasma de uma garota afogada.

Vinte e Seis

— Você quer fazer outra coisa? — perguntou Kimberlee, irritada, quando não consegui disfarçar outro bocejo.

— Não, tudo bem — respondi, tentando me sentar direito e parecer interessado.

— Certo — resmungou Kimberlee.

Como Sera estava ocupada, eu estava assistindo TV com minha única outra amiga não secreta (mané, eu? imagina...), e, como ela estava num momento de nostalgia infantil, estávamos assistindo ao décimo episódio de *Meu Querido Pônei*. Argumentei que ela nem estava viva ainda quando passava *Meu Querido Pônei* na TV, mas ela respondeu que também não estava viva agora e eu não tive como responder a isso.

Após mais alguns minutos de pôneis cintilantes, ela se virou para mim.

— Vai terminar tudo na segunda-feira, certo?

Tive que fazer uma força enorme para me concentrar. *Talvez* eu estivesse cochilando um pouco. Possivelmente, babando.

— Quê...? As entregas? Das coisas na caverna? Sim. Vamos terminar de entregar tudo na segunda.

— E depois?

— Hein?

Kimberlee se virou de corpo inteiro para mim.

— Depois. E depois? — repetiu ela, como se o problema estivesse nos meus ouvidos.

— Eu ouvi — respondi, revirando os olhos —, mas não estou entendendo o que você quer saber. Nós devolvemos as coisas, e você, *puf*, desaparece e eu recupero a minha vida; fim. — Me virei de lado e fechei novamente os olhos.

Ela ficou calada por alguns segundos e, então, perguntou:

— Sim, mas o que acontece comigo?

Concluí que se ela tinha feito a mesma pergunta três vezes era porque, talvez, estivesse preparada para ouvir uma resposta séria. No entanto, não era uma resposta que eu soubesse.

— Sinceramente? — falei, com hesitação. — Acho que você simplesmente some. Fica em paz e deixa de existir.

Ela se empertigou.

— Que diabo você quer dizer com “deixa de existir”?

Talvez aquilo fosse um pouco sério *demais*.

— Está bem — falei, virando-me para encará-la e apoiando o queixo nos braços cruzados. — Sempre achei que, quando alguém morre, simplesmente acaba. Mas, agora, tem você. Quer dizer, você é um anjo, um espírito ou o quê? — Nenhuma daquelas hipóteses parecia se aplicar ainda que remotamente a Kimberlee. — Minha teoria é que você seja meio que o eco de uma pessoa. E ainda está aqui porque não consegue encontrar paz. Portanto, uma vez que a consiga, talvez desapareça lentamente, como se caísse no sono.

— Então você está fazendo tudo isso porque quer que eu simplesmente *desapareça*! — Ela parecia genuinamente horrorizada.

— Não, não é nada disso. *Eu* gosto da ideia de ir desaparecendo aos poucos depois de morrer. Se você não gosta, então acredite em outra coisa.

— Mas *você* acha que eu vou desaparecer?

Pois é, talvez como agnóstico eu não seja o melhor conselheiro espiritual do mundo. O que ela queria que eu dissesse?

— Não acho nada. Só estava... expondo uma possibilidade. Você também pode se transformar no abominável homem das neves e aterrorizar os esquiadores pelo resto da eternidade.

Ela estreitou os olhos.

— Agora você está sendo idiota.

Soltei um suspiro frustrado.

— Olha, eu não *sei* o que vai acontecer com você... não ligo muito para os detalhes. Eu não sei; é isso que significa ser *agnóstico*.

— Então você simplesmente vive a sua vida sem saber de nada?

— Eu sei um monte de coisas — retuquei e, então, dei de ombros. — Se existe um deus ou não, simplesmente não é uma delas. Não parece tão importante assim para mim.

Ela retesou os músculos do maxilar e olhou novamente para a televisão, embora eu duvidasse que ela tivesse percebido que os letreiros haviam começado a passar.

— Bem, parece extremamente importante para *mim* no momento.

— Posso entender isso.

— E nem mesmo lidar com um *fantasma* faz você querer descobrir mais?

— Na verdade, não. Nada neste mundo irá provar que existe nem que não existe um deus. Pelo menos na *minha* opinião. Religião é algo muito bom para algumas pessoas, mas ser agnóstico funciona bem para mim. Como Einstein.

— Einstein era agnóstico?

— Muito.

— Humm. — Ela ficou em silêncio por um tempo. — O que te faz querer ser bom?

— Não sei. Apenas quero.

— Isso é tolice. Para que se dar ao trabalho?

Tive que parar e pensar sobre aquilo. *Porque sempre foi assim* parecia um pouco batido.

— Acredito que já existam coisas ruins o suficiente no mundo e que a gente deva se esforçar para colocar algo de bom nele porque é a coisa certa a se fazer.

— Você é simplesmente uma pessoa boa, acho.

Dei de ombros.

— Talvez.

Outro silêncio interminável.

— Então... — disse eu, passando para o episódio seguinte. — Está pronta para assistir a mais um?

Ela encarou a televisão agora sem imagem como se ali pudessem estar as respostas para todas as suas perguntas. Então, balançou a cabeça.

— Não estou a fim. Vou embora. — Sem esperar por uma resposta, ela foi na direção da janela.

— Espere um segundo — disse, levantando-me. — Quando você vai voltar?

Ela olhou para as luzes da rua, iluminando a calçada na frente da minha casa.

— Não sei. Amanhã, talvez?

Assenti, mas não disse nada.

Com um “tchau” que mal pude ouvir, ela passou pela janela e desceu até o chão. Fiquei olhando enquanto ela se afastava. Sua cabeça estava baixa e os ombros encurvados à frente. Ela parecia tão real e, naquele momento, tão *pesada*. Sobrecarregada. Ao vê-la, ninguém jamais teria imaginado que não passava de um fiapo de ar.

Vinte e Sete

Na segunda-feira acordei cedo e não consegui voltar a dormir. Era hoje: o dia em que me livraria da minha amiga fantasmagórica.

Kimberlee não falou uma palavra sobre nossa conversa no sábado à noite nem sobre seu sumiço durante o domingo inteiro e tive a sensação de que ela não queria que eu tocasse no assunto, principalmente em seu dia *especial*.

— Esse plano é sensacional! — soltou ela no que era, possivelmente, seu primeiro elogio sincero para mim. — O Hennigan vai ficar tão fulo da vida. Capaz de cair duro e ter um ataque cardíaco ali mesmo.

— Ah, que ótimo — resmunguei —, daí poderei carregar isso na consciência pelo resto da vida. — Não sabia direito por que não estava conseguindo entrar no clima da coisa como ela. Talvez porque a entrega ainda não estivesse feita ou por causa de tudo que eu descobrira na semana anterior.

— Não seria *nenhuma* perda — disse Kimberlee, analisando a si mesma no espelho. — Ele é tão imbecil. Gostaria de poder vestir outras roupas. Umas roupas de festa. Ou, pelo menos, arrumar o cabelo — acrescentou ela, enrolando-o e empilhando no alto da cabeça. Mas, assim que ela o soltou, voltou a cair em volta de seus ombros. — Ah, paciência. — Ela se afastou do espelho. — Talvez eu possa fazer mais coisas no lugar aonde estou indo.

— Pois é — falei, esperando que meu sarcasmo pudesse esconder o nervosismo. — É um dia importante para *você*. — Para ela, era fácil ficar despreocupada, posto que não era sua vida que estava em risco.

Se Kimberlee percebeu meu tom, não deu qualquer indicação.

A sincronização era delicada. Dirigi até a escola, coloquei o carro no estacionamento e corri até a parte sul, onde Khail estava me esperando na caminhonete emprestada.

Então, fomos para a casa do Hennigan.

Kimberlee estava *realmente* de vigia hoje. Ela ia e vinha, para garantir que Hennigan ainda estivesse percorrendo desconfiadamente os corredores da escola e para verificar que ninguém estivesse observando a casa dele.

A entrega em si levou menos de um minuto. Foi, em grande parte, ideia do Khail. Nós empilhamos tudo sobre a lona da caminhonete e colocamos outra lona por cima. Às oito e trinta e cinco, colocamos a caminhonete de ré sobre a calçada, em cima do jardim da frente da casa do Hennigan. Então, eu e Khail corremos até a caçamba e a desamarramos. Demos um puxão e a lona — com todos

os sacos de plástico em cima — deslizou para fora da caçamba.

Levamos mais uns dez segundos para pegar um cartaz grande na caçamba que era uma versão tamanho gigante dos adesivos: a rosa vermelha e os dizeres *Sinto muito*.

Essa parte foi, na verdade, ideia de Kimberlee. Ela disse que funcionaria como um outdoor e que, com certeza, algum aluno atrasado veria.

Khail e eu entramos na caminhonete e demos o fora dali. Khail parou atrás da escola e me deixou ali para ir descartar a caminhonete, partindo quase antes que eu fechasse a porta do carro. Hennigan provavelmente ficaria desconfiado quando Khail faltasse à primeira aula, mas Khail me garantiu que saberia lidar com isso.

Gostaria também de ter essa segurança. Se eu o fizesse ser pego, Sera jamais me perdoaria.

De qualquer forma, eu tinha que ir para a aula antes de também ser apanhado. Estava só uns sete minutos atrasado, mas, se me sentasse com mais de dez minutos de atraso, ficaria com falta.

E eles iriam telefonar para a minha mãe, o que era quase mais assustador do que a expulsão, depois da promessa que eu lhe fizera de me manter longe de qualquer problema. Depois do que, obviamente, eu havia invadido a escola.

— Jeff, espere! — chamou Kimberlee, mas eu não tinha tempo para parar e sabia que ela me alcançaria.

Quase trombei com o Sr. Hennigan antes de vê-lo. Única vez na vida em que eu *deveria* ter dado atenção a Kimberlee.

— Está com pressa, é? — perguntou o Sr. Hennigan, incisivo.

Fiz minha melhor voz de sou um idiota e apontei para meu relógio.

— Atrasado — falei.

O Sr. Hennigan me rodeou feito um urubu.

— E isso, por acaso, não teria a ver com a suposta devolução das coisas roubadas hoje, teria?

— Hein? — respondi, tentando parecer confuso. — Ah, as coisas roubadas. Pois é, não. Se eu estivesse sentindo falta de alguma coisa, seria por ter deixado para trás em Phoenix. Acabei de me mudar para cá. — Sutil, polido e absolutamente estúpido. Perfeito.

Hennigan olhou por cima da armação dos óculos e me analisou.

— Ah, sim. Sr... Sr. Clayson, certo?

— Sim, sou eu mesmo.

A frustração cruzou o semblante do Sr. Hennigan, mas ele só se permitiu dar um pequeno suspiro antes de voltar ao estado de alerta.

— Vá indo, então — disse ele, dispensando-me. — Você tem um minuto para chegar à classe antes de ganhar uma falta.

Saí no segundo em que seus olhos me deixaram, caminhando o mais rápido possível, e consegui me esgueirar pela porta da sala do

Sr. Bleekman justo quando o relógio deu oito e quarenta.

O Sr. Bleekman olhou para mim, e seus grandes olhos voaram até o relógio. Com uma decepção óbvia, ele registrou só um atraso em seu caderno de notas.

* * *

Vinte minutos depois do sinal, uma menina chamada Katie (que, como ela mora em Santa Monica, é apelido de Katerina e não de Katherine) entrou correndo na classe com o rosto corado.

O Sr. Bleekman sorriu muito levemente e foi até seu caderno de notas.

— Mais de dez minutos de atraso, Srta. Chardon; você receberá falta por essa aula.

— Desculpe — disse Katie, parecendo distraída.

Assim que ela se sentou, vi que retirava um saco Ziploc de sua mochila e, após uma olhada rápida para as costas de Bleekman, entregava-o para a garota na fila ao lado.

A garota deu uma risadinha e perguntou numa voz tão alta que metade da classe pôde ouvir:

— Onde?

— No Hennigan! — gritou Katie, atraindo um olhar severo do Sr. Bleekman. Mas ninguém mais prestava atenção nele.

— No Hennigan? — perguntou outro rapaz. — Tipo, na casa dele?

— É. Bem no jardim da frente! Tem um cartaz e tudo. Eu vi quando estava vindo para a escola. Foi por isso que cheguei tão atrasada — acrescentou ela num sussurro. Como se não tivéssemos deduzido isso.

Na fileira da frente, a mão de uma menina se ergueu.

Bleekman a ignorou.

— Sr. Bleekman — disse ela, recusando-se a ser dissuadida tão facilmente.

Bleekman suspirou.

— Sim, Srta. Sanderson?

— Preciso sair. Tipo, ir ao banheiro — acrescentou ela.

Ele olhou feio para ela por um longo tempo, mas nenhum professor em sã consciência diz a uma menina que ela não pode ir ao banheiro. Finalmente, ele suspirou e apontou para sua mesa.

— Pegue o passe.

Ela praticamente pulou até a mesa dele para pegar o passe e quase saiu correndo.

— Sou o próximo quando ela voltar — disse uma voz baixa e ameaçadora.

Eu sabia de quem era a voz antes mesmo de me virar, mas fiquei tão surpreso que tive de olhar assim mesmo.

Langdon.

Infelizmente para ele, ele não iria encontrar nada lá. Langdon era um dos poucos alunos de quem eu sabia que Kimberlee não havia roubado nada. Acho que amizade significava *alguma coisa* para ela.

Quando chegou a hora do almoço, a escola estava em polvorosa e cheia de sacos com adesivos, metade dos alunos estava atrasada para a terceira aula e o Sr. Hennigan percorria os corredores num surto de fúria.

Mas nós havíamos terminado.

Kimberlee apareceu ao meu lado.

— Estão sobrando seis sacos — disse ela, nervosa. — E se ninguém os pegar? E se essas pessoas faltaram hoje?

— Não se preocupe — sussurrei, enquanto fingia arrumar livros no meu armário. — Mesmo que já tenham saído da escola, algum amigo vai pegar para eles. Eu garanto.

Ela assentiu, relutante.

— Acho que você tem razão. Vou voltar lá só para ter certeza.

Eu a vi sair correndo e dei uma risadinha, balançando a cabeça. Agarrei minha mochila e fui para a cantina me encontrar com Sera. Não a via desde a sexta-feira. O que significava que eu não falava com ela desde que Khail admitira que ela estivera envolvida na morte de uma amiga.

Tinha de admitir: eu estava nervoso. Não queria pensar mal de Sera... não tinha sido culpa dela; mas será que eu era maduro o suficiente para deixar tudo aquilo de lado? Achei que o jeito de saber com certeza seria vê-la cara a cara.

Estava prestes a virar a esquina do corredor quando escutei o Sr. Hennigan chamar o nome dela.

— Srta. Hewitt — disse ele, a voz austera, mas também um pouco rouca. Desconfiei que ele viesse gritando com alunos o dia inteiro. Não que pudesse fazer qualquer coisa com relação aos montes de sacos plásticos entrando na escola. Nada que contivessem era proibido ali, e ele não podia suspender ninguém, a não ser que pudesse provar seu envolvimento no caso.

Após uma pausa, o Sr. Hennigan disse, gélido:

— Precisamos conversar.

Espiei em volta da esquina e vi Sera parada na frente do escritório do diretor. Mas ela não tinha a postura confiante e ereta que eu estava acostumado a ver. Seus ombros estavam curvados e a cabeça pendia à frente, o cabelo quase ocultando o rosto.

Ela parecia... culpada. E aquilo me destruiu por dentro.

Não queria que ela soubesse que eu a vira ser chamada na sala do Sr. Hennigan; então, depois que a porta se fechou, passei em frente à diretoria e fui para a cantina, até a mesa onde normalmente nos sentávamos.

Ela não voltou durante o almoço inteiro. Tive que pegá-la a caminho de sua aula de História.

— Ei — chamei, colocando a mão em seu ombro.

Ela se virou e sorriu, mas percebi que parecia muito com um dos sorrisos de Kimberlee. Os falsos.

— Ei! — disse ela, a voz intensamente animada.

— Você não apareceu no almoço — comentei, recusando-me a perguntar onde ela estivera. Queria ver o que ela iria dizer.

— Ah — disse ela, agitando uma mão, dispensando o assunto —, tive que ficar depois da aula de Inglês. Eu arruinei completamente uma tarefa e tive que ficar trabalhando com o Bleekman para consertar. Desculpe por não ter te avisado. Eu só soube na hora.

Ela não olhava nos meus olhos.

— Ah, tudo bem — respondi, baixando os olhos para os meus pés.

— Mas podemos fazer alguma coisa amanhã depois da escola — sugeriu ela.

Assenti e aceitei um beijo antes de ela desaparecer em sua aula de História. Foi estranhamente amargo.

Ela mentira.

Mas, também, quem era eu para julgar? Tecnicamente, vinha mentindo para ela desde o primeiro dia. Tentei me lembrar disso enquanto caminhava até minha própria aula.

Vinte e Oito

Quando cheguei em casa, Kimberlee estava no meu quarto, andando de um lado para outro sem parar.

— E se não der certo? — disse ela, sem nem me cumprimentar. — E se algo se perder ou alguém roubar o saco de outra pessoa e eu ficar encalhada aqui para sempre?

— O destino não vai te responsabilizar pelas ações de outra pessoa — resmunguei, já de mau humor; que raio eu ia saber sobre destino? — Você só é responsável pelas coisas que realmente fez. — Eu tinha quase certeza de que tinha visto isso num filme. Ou algo parecido.

Ela fez uma pausa e olhou para mim, largado em cima de um pufe com um pote de sorvete que tinha pegado na cozinha a caminho do quarto. Tratamento de glicose.

— Tem certeza de que a caverna está completamente vazia?

— Kimberlee — disse eu, com firmeza —, você checkou duas vezes. Estava *totalmente* vazia. Tudo que você roubou foi devolvido ou doado para uma instituição de caridade.

Mas minha mente não estava no nosso último golpe. Não conseguia evitar de me sentir furioso por Sera não ter admitido que fora chamada na sala de Hennigan. E, se ela havia mentido dessa vez, provavelmente também mentira na vez anterior. Se ela *tinha* sido pressionada para colaborar com ele, já não importava mais. Mas a ideia de Sera em conluio com Hennigan me fazia vê-la de uma forma diferente. O que me deixava furo da vida.

Mais do que o lance das drogas. Para isso eu conseguia pensar num milhão de desculpas. Ela tinha feito más amizades, más escolhas e, então, chegara a um ponto em que já não tinha escolha alguma.

Mas o que estava acontecendo agora parecia estranhamente pessoal.

E, se ela estava mentindo sobre ele, sobre o que mais estaria mentindo? Afinal, nunca havia me contado sobre a menina que morrera. Eu arrancara aquilo de Khail. E ela não tinha dito absolutamente nada sobre seus problemas com Kimberlee. Ela fora a vítima naquela situação... *por que* não me contara? Será que eu não tinha o direito de saber? Eu era o namorado dela.

Mas por outro lado... isso significava que ela me devia uma confissão de sua vida inteira? Eu também não queria pensar desse jeito. Meu senso de certo e errado, ou de justificável e imperdoável, parecia estar totalmente confuso.

Kimberlee se sentou no outro pufe.

— Por que ainda não aconteceu? — disse ela numa vozinha baixa. — Já não deveria ter acontecido a essa altura?

Dei de ombros, minha mente girando tão depressa que mal podia me concentrar no que ela estava dizendo.

— Talvez seja uma dessas coisas que acontecem à meia-noite ou à noite quando você... ou eu estiver dormindo. Vai acontecer — falei, alongando os braços acima da cabeça.

Khail e eu tínhamos conseguido conversar muito rapidamente no banheiro... tinha sido um pouco nostálgico, na verdade, levando em conta nossa primeira conversa, e o papo pela escola confirmava que, antes da quinta aula, tudo que estava na frente da casa do Hennigan tinha sumido. Inclusive a lona. Tudo tinha sido, definitivamente, feito.

Só restava esperar que Kimberlee se escafedesse.

— Sente-se — falei a Kimberlee. — Tenho uma surpresa.

Ela se sentou, embora um pouco cautelosa, e peguei algo numa sacola ao meu lado. Havia parado na locadora de vídeos a caminho de casa; achei que um presentinho de despedida fosse apropriado. Com um pequeno *tá-dá!* tirei da sacola um filme romântico brega que ela tinha me convencido a assistir no começo da coisa toda. O rosto de Kimberlee murchou.

— O que foi? — perguntei. Olhei para a caixa do filme. Eu tinha pegado o filme certo, não tinha? Todos aqueles romances açucarados me pareciam iguais.

— Não, não — disse ela, balançando as mãos. — É fantástico, sério. É só que... você tem sido tão legal comigo. Depois de tudo. Eu quase fiz você levar uma surra naquele primeiro dia e te enchi o saco com relação a Sera e fiz você devolver todas aquelas coisas. E você ainda me traz um filme que você detesta. Acho que eu... bem... até que para um nerd você é bem legal.

Agora ela estava ficando chorosa e não era do jeito fingido que costumava usar quando queria alguma coisa de mim. Aquilo era novidade e não era de todo agradável. Não queria deixá-la constrangida com um ato exagerado... está bem, eu *queria*, mas sabia que não era algo muito legal de se fazer; então, apenas sorri e assenti antes de me virar e colocar o vídeo.

Acho que esses filmes românticos de menina têm superpoderes.

É sério. São tão chatos que tenho a teoria de que, de fato, ondas de supersono são emitidas pela tela da televisão quando você está assistindo. Porque sei que o filme não terminou muito depois das oito e, quando os letreiros começaram a subir, eu já tinha apagado. Tipo, apagado completamente. Só fui acordar às seis da manhã seguinte.

Com Kimberlee diante da minha cara, gritando. Não era aquela gritaria de costume, mas sim gritos descontrolados de pânico.

— Não funcionou. Jeff, acorde! Não funcionou. Estou aqui olhando os minutos passando e nada. Nada!

Ela continuou falando enquanto eu tentava me sentar. Parecia que todos os ossos das minhas costas estavam fora de alinhamento e meu pescoço não virava mais do que quarenta e cinco graus para a esquerda. Minha boca estava seca e amarga depois de comer tanto sorvete antes de dormir, mas consegui fazê-la funcionar e resmunguei:

— Espere um segundo; não estou entendendo.

— Eu ainda estou aqui! — gritou ela, mais parecida com seu eu normal e irritado.

— Isso eu posso ver — respondi, balançando a cabeça. Minha visão começava a se desanuviar e, por trás da névoa, espreitava uma sensação incômoda. Isso *não* era o que eu havia planejado.

Finalmente consegui me levantar, trôpego... ainda usando meu uniforme completo, inclusive a gravata, veja você, e esfreguei um olho, então o outro, enquanto olhava para o relógio e para a janela, onde a fraca luz do sol começava a romper no horizonte.

Kimberlee estava calada, pela primeira vez na vida, e me encarava com um olhar vazio, inexpressivo.

— Eu não fui embora — disse ela, por fim, a voz trêmula.

Soltei um grande suspiro.

— Não, definitivamente, não foi. — Fui até perto dela e me sentei na beira da minha cama. — Talvez... talvez demore mais tempo.

Mas Kimberlee apenas balançou a cabeça.

— Eu deveria ter ido embora ontem ou, pelo menos, por volta da meia-noite. — Ela se soltou na cama ao meu lado e lágrimas, lágrimas de verdade, que agora eu já podia diferenciar, correram por seu rosto. — Estou presa — sussurrou ela, tremendo. — Já passou mais de um ano e já fiz tudo aquilo em que podia pensar e, agora, estou presa.

— Você não está presa — falei, com muito pouca convicção. — Fantasmas não ficam presos. — Mas, sério, o que eu podia saber? Nem mesmo acreditava em fantasmas até conhecer Kimberlee. A dúvida que eu não podia disfarçar na minha voz estraçalhou qualquer esperança à qual ela viesse se aferrando. Seu queixo tombou para o peito, e seus ombros se curvaram conforme os soluços chacoalhavam seu corpo inteiro.

— Kim — falei baixinho. — Não...

— Odeio isso — disse ela, a voz um pouco abafada. — Odeio tudo com relação à minha vida. Minha não vida, ou seja lá que droga for!

É tortura todo dia e estou tão *cansada*.

— Não é tão ruim assim — respondi, desejando poder dar um tapinha em seu ombro ou coisa parecida.

Ela ergueu os olhos e jogou o cabelo para trás.

— Não, você não entende. Eu sou uma maluca. Sou um caso sério de cleptomania, alguém que deveria estar trancado numa cela acolchoada, e ser um fantasma está acabando comigo.

Por um segundo, achei que tivesse entendido mal.

— Espere aí, você está furiosa porque *não pode roubar*? —

A expressão em seu rosto era resposta suficiente. — Kimberlee!

Ela não queria me olhar nos olhos.

— Achei que morrer tornaria tudo mais fácil.

O quê?

— Você achou que *morrer* tornaria tudo mais fácil? Você me disse que tinha sido pega pela correnteza!

— E fui. Não me suicidei, tá bom? Fica frio. — Ela ficou calada por um longo tempo, mas lágrimas continuavam correndo por seu rosto. — Mas pensei em me suicidar — confessou ela num sussurro. — Eu estava lá na nossa praia, meus pais tinham saído, como sempre, e eu estava superdeprimida. Roubei, sei lá, umas seis coisas naquele dia tentando me sentir melhor e nada estava funcionando. Então... cogitei essa possibilidade. Quem nunca?

Dei de ombros, em vez de responder. Mas pensar e fazer eram coisas muito diferentes.

— Estava sol, mas a água estava gelada e eu entrei no mar mesmo assim. Estava lá sozinha na água, bem no fundo... eu, a água e meus dentes batendo de frio. E talvez estivesse um pouco bêbada, então não estava pensando direito. Comecei a boiar de costas com um espaguete flutuador, olhei para o céu e desejei poder simplesmente flutuar para o oceano e morrer.

Acionei meu sentido de aranha, mas o alarme não parecia ter disparado. Cautelosamente, concluí que ela estivesse falando a verdade. Por enquanto.

— Então, eu... chorei bastante e comecei a nadar de volta. E percebi que estava muito mais longe da praia do que pensava e tentei lutar contra a correnteza estúpida, coisa que não se deve fazer, e, depois de algum tempo, fiquei tão cansada e com tanto frio que não conseguia mais me segurar no espaguete e afundei. — Ela olhou para mim, os olhos úmidos. — E acontece que todos os seus problemas ficam, na verdade, muito piores quando você está morto. Inclusive os roubos.

— Mas você não *consegue* mais roubar nada. Não foi melhor assim?

— Antes fosse — disse ela. — Parar com algo a sangue-frio é terrível. Eu não podia tocar em nada. Os primeiros meses foram um inferno. Não, é sério — disse ela, virando-se para mim por um segundo. — Pensei que estivesse no inferno. Tudo em mim gritava para que eu pegasse coisas, roubasse coisas. E eu. Simplesmente. Não. Podia. E isso *doía*. Passei tanto tempo berrando, gritando e amaldiçoando Deus, Buda, Alá e qualquer um que pudesse ter me transformado em fantasma. Mas nada adiantou. — Ela apontou para si mesma. — Obviamente.

— A necessidade finalmente desapareceu?

Ela deu de ombros, de forma evasiva.

— Sim e não. Quer dizer, descobri formas de lidar com ela... não tinha escolha, mas é como ser alcoólatra ou um fumante inveterado ou algo assim. Você pode parar, mas nunca perde aquele impulso, principalmente quando está perto de coisas boas. E eu estou perto de *coisas* o tempo todo. O melhor que posso fazer é me distrair com outras atividades. Posso ir aonde quiser e escutar conversas particulares. Espiar momentos privados. Às vezes, roubar a privacidade das pessoas é quase tão bom quanto pegar suas coisas. Mas não é... não é o mesmo. E... — Ela fez uma pausa para respirar algumas vezes e controlar suas emoções. — É tão *difícil*.

— Eu não sabia — respondi baixinho. — Quer dizer, eu *sabia* sobre a cleptomania, mas não sabia que te afetava desse jeito. Eu... sinto muito.

— Eu não queria que você soubesse. Só queria devolver as coisas e seguir adiante, seja lá o que isso signifique. — Ela deu de ombros, desamparada. — E agora isso não vai acontecer. — Ela voltou a cair sobre a minha cama e começou a chorar novamente.

— Não chore, Kim, por favor — implorei. — Vamos encontrar uma maneira. Vamos fazer acontecer.

Ela abriu os olhos molhados, delineados de preto, e olhou para mim.

— Você acha?

Eu sabia que a morte ou a vida de suas esperanças jazia na minha resposta. Uma resposta que eu já sabia que teria de ser mentira.

— Eu *sei* — respondi, com tanta convicção quanto pude reunir. Fé nunca fora o meu forte; nunca tinha visto muita utilidade para ela. Mas, mesmo que só estivesse sentindo dúvida, Kimberlee precisava de mais que alguns *ses* e *talvezes*. — Encontraremos um jeito. Eu... — *Essa é a parte mais difícil de se dizer*. — Eu vou te ajudar.

Uma pequena parte de mim morreu ao dizer aquilo. Eu sabia que *iria* ajudá-la... no mês que se passara nós havíamos nos tornado... não sei se *amigos* era a palavra certa, mas éramos alguma coisa. Então, eu ia ajudá-la. Mas a que preço seria? No mínimo, teria que mentir para Khail e Sera. E até quando? Eu já não tinha mais ideias.

Mas ela não tinha mais ninguém.

— Verdade? — Ela se levantou num cotovelo, os olhos se iluminando um pouco.

— Sim — respondi, tentando parecer casual. — É claro. — Sorri. — Eu sou aquele que consegue ver você; isso deve significar que posso te ajudar. Só precisamos descobrir como.

Ela cruzou os braços.

— Se devolver todas as coisas não funcionou, não sei o que vai funcionar.

— Vamos pensar no assunto por alguns dias — falei, tentando manter o pânico sob controle enquanto exibia uma expressão totalmente impassível. — Algo vai surgir. Encontraremos a resposta.

Kimberlee ficou com os olhos fixos no chão por um bom tempo, antes de me olhar nos olhos.

— Obrigada — disse ela, a voz baixa. Então, seu olhar se desviou.

— De nada. — Inclinei a cabeça na direção do banheiro. — Preciso tomar um banho — disse. —

Parece que já é outro dia.

Kimberlee passou os braços pelo rosto, limpando as lágrimas. Ela tinha incorporado novamente sua cara de paisagem. A cara que mantinha o mundo a distância e não deixava ninguém chegar perto demais... nem saber quanto ela estava sofrendo. A cara com que eu estava acostumado.

Kimberlee estava de volta.

Vinte e Nove

Kimberlee me seguiu pela escola o dia inteiro novamente, mas se manteve a distância e não falou nada. Mesmo com sua fachada corajosa, ela não estava exatamente animada, e uma nuvem de melancolia parecia rodeá-la. Depois de todas aquelas semanas com um fantasma na minha vida, eu finalmente estava me sentindo *assombrado*.

E ela não era a única agindo de forma estranha.

— Quer vir em casa depois da aula hoje? — perguntou Sera, um pouco alegre demais. — Meus pais viajaram e Khail tem uma festa importante depois da luta para comemorar a ida dos caras para as competições estaduais.

Competições estaduais. Que péssimo amigo eu sou. Nem tinha perguntado quais dos meus amigos haviam passado para as estaduais. Ficara tão preocupado com a última devolução que nem sequer perguntei como tinha sido a luta classificatória.

— Poderíamos ter algum tempo a sós — disse ela, aconchegando-se a mim.

Em qualquer outro momento eu teria ficado superanimado com a ideia, mas, hoje, tudo parecia estranho. Minha vida inteira parecia estar de cabeça pra baixo e meu cérebro não parava de me lembrar que Sera tinha mentido e que eu detestava aquilo. Contudo... não podia recusar um convite daqueles.

Tentei pedir desculpas com o olhar para Kimberlee enquanto saía pela porta com Sera depois da aula, mas não tive certeza se ela viu.

Ela me perdoaria, contudo. Não tinha muita escolha. Estava presa a mim. Talvez para sempre.

Ou seria eu quem estava preso a ela?

Tentei afastar da mente os pensamentos de *para sempre*, mas eles continuaram ali, à espreita, em algum lugar. Sera abriu a porta de sua casa para entrarmos e fomos até a cozinha pegar alguma coisa para comer. Ela tagarelava sem parar, mas eu sentia dificuldade em acompanhar sua conversa por mais de dez segundos. Na terceira vez que disse algo como “Hã? É. O quê?”, ela suspirou e olhou para mim com uma mão na cintura.

— Você está tão distraído hoje. Venha aqui. — Ela agarrou a minha mão e me puxou para que a seguisse.

Os Hewitt tinham uma sala de TV maravilhosa, praticamente tomada por um sofá de módulos cuja peça central tinha um metro e meio de largura e que fazia o sofá parecer a cama mais gigantesca do mundo. Dava para se jogar nele, e o sofá se amoldava a seu corpo com a combinação perfeita de

maciez e suporte. É sério: era o melhor sofá do mundo para namorar.

E, até agora, eu ainda não o experimentara.

Sera colocou um filme, mas deduzi que fosse apenas para fazer ruído de fundo quando ela se deitou ao meu lado e passou os braços pelo meu tronco e uma perna por cima da minha coxa.

Eu me inclinei sobre ela e afundei o rosto em seu pescoço. Ela começou a me beijar e, por um tempo, correspon-di a seus beijos, começando a sentir que podia deixar todo o resto de lado e simplesmente me concentrar nela, mas meus pensamentos não paravam de voltar para Kimberlee, repassando tudo que ela tinha me contado. Tentei pensar no que restaria para ela agora.

E por que eu? Por que eu, dentre todas as pessoas, deveria ajudá-la? Havia alguma coisa especial em mim relacionada ao que ela precisava fazer? Fazia sentido, mas eu não conseguia imaginar o que poderia ser. Talvez, se tivéssemos uma conversa demorada naquela noite, eu pudesse descobrir algo que ela ainda não tivesse me contado. Algo que ela...

— Alô? — disse Sera, agitando a mão diante de seu rosto.

Meus olhos voltaram rapidamente para ela e soltei um gemido. Há séculos que queria um dia exatamente como aquele e não estava conseguindo curtir direito.

— Sinto muito — disse. — Isso aqui está delicioso e você é maravilhosa e venho querendo ficar a sós com você desse jeito há séculos, e estou tão...

— Distraído? — sugeriu Sera.

Assenti, tristemente.

Ela se acomodou ao meu lado.

— Eu também — disse ela baixinho. — Venho planejando isso desde que descobri, na semana passada, que meus pais iriam viajar — disse ela, olhando-me sob as pestanas. — Queria... queria que fosse realmente especial. Mas as coisas andam meio estranhas na minha vida e você, obviamente, está estressado com alguma coisa e... bem, eu deveria parar de forçar a barra.

— Tudo bem — respondi, passando o braço em volta dela. Ela se aconchegou a mim. Eu sabia que, provavelmente, era melhor ficar calado, mas eu queria contar para *alguém*.

— Venho lidando com um problema complicado que achei que tivesse, finalmente, solucionado, mas vi que estava errado. Voltei à estaca zero. — Mas, em vez de me sentir melhor, aquelas palavras ditas em voz alta fizeram com que o desespero da situação parecesse, de repente, insuperável. A bem da verdade, eu estava numa situação pior do que quando conhecera Kimberlee. Pelo menos, naquela altura, nós *achávamos* que sabíamos o que fazer. Agora, não tínhamos mais nada.

— Quer conversar a respeito? — perguntou Sera baixinho.

Eu queria. Queria muito, mas sabia que não podia.

— É realmente complicado — respondi, enrolando. — Que tal isto? — sugeri, inclinando-me para beijá-la na testa. — Quando eu entender melhor, conto para você. — *E, com sorte, a essa altura, você já vai ter se esquecido completamente do assunto.*

— Parece justo.

Fiquei calado por um momento, então foi minha vez de pressionar.

— E você? — perguntei. — Você também tem estado bastante distraída.

Senti que ela se enrijeceu ao meu lado.

— Ei — falei, na minha voz mais gentil, esperando que o fato de não confrontá-la a fizesse confiar em mim. Hesitei, então decidi confessar o que eu sabia. — Olha, eu vi você ser chamada na sala do Hennigan de novo na sexta-feira. E você não precisa me contar o que aconteceu, mas também não precisa mentir. — *Por favor, não minta.*

Ela se empertigou, o maxilar tenso.

— Não é nada de mais — respondeu ela, pulando do sofá.

— É *claro* que é — respondi, seguindo-a. — É importante porque te perturba muito. Não gosto de

te ver perturbada desse jeito. Principalmente pelo Sr. Perdedor-Hennigan.

— Ele não é um perdedor; é uma cobra — retrucou Sera com tanta intensidade que recuei um pouco. — Ele é uma cobra sorrateira, chantagista e eu o odeio! — A explosão de raiva se transformou numa frieza amarga conforme ela andava de um lado para outro. — Não que seja culpa *dela*. Não vou cair na armadilha como todo mundo na escola. Todo mundo tão contente com essas coisas que estão sendo devolvidas — disse ela, numa voz cantarolada — e nem percebendo que não deveriam ficar felizes. Deveriam estar fulos da vida com a pessoa que começou tudo. Tudo isso é culpa dela. O Hennigan, as devoluções estúpidas, tudo. Juro, parece que nunca vou conseguir me livrar totalmente de Kimberlee Schaffer.

À menção do nome de Kimberlee, me senti direito e praguejei baixinho.

— O que foi? — disse Sera, olhando para mim de um jeito que me deixou contente por não ter um espelho.

— Por que... como... eu não... — fiz uma pausa e tentei organizar meus pensamentos. — Por que você a odeia tanto? Por que não consegue deixar isso para trás e seguir adiante? Você não sabe que tipo de vida ela tinha. Talvez ela tivesse problemas, Sera.

— Todo mundo tem; isso não significa que você pode tratar mal o mundo.

— Talvez os problemas dela fossem bem sérios. — Sérios o bastante para pensar em suicídio e, depois, para ficar presa aqui como fantasma.

— E talvez não importe. Algumas coisas não são justificáveis, Jeff.

— Não estou tentando justificar nada. Mas, às vezes, há mais coisas a respeito das pessoas do que você imagina. — A quem eu estava pregando, agora? Sentia que aquilo fosse algo que *eu* precisasse ouvir, não Sera.

— E como é que você sabe disso? Ela já estava morta quando você se mudou para cá.

— Mas eu... eu... — Fiz uma pausa e escolhi cuidadosamente minhas palavras. — Venho escutando uma porção de histórias. Parece que ela era problemática de verdade... tipo, tinha problemas e ninguém se importava muito em entendê-los.

— Bem, ela não facilitava muito as coisas.

— É o que parece. Mas agora ela se foi. Não seria mais saudável se você a deixasse para trás? Ela está morta. Não é ruim falar mal dos mortos?

— O que te importa? Você nem sequer acredita em vida após a morte.

— Me importa porque eu me importo com *você*! — Quando foi que eu tinha começado a gritar?

— E ela era horrível comigo. Isso não significa nada para você?

— Talvez significasse mais se você me contasse o que está acontecendo!

Agora ela também estava gritando.

— Sem querer ofender, mas você me conhece há quanto... um mês? Seja ou não meu namorado, talvez eu não esteja pronta para te contar minha vida inteira, está bem?

Por que eu estava exigindo que Sera fosse franca comigo se eu mesmo não tinha sido honesto com ela? Mas, aparentemente, eu não conseguia parar. Depois da forma como Kimberlee havia desmoronado ao não ter seguido adiante, eu sentia necessidade de defendê-la.

— Ela roubou sua saia e seus tênis idiotas. Não acredito que você ainda esteja guardando rancor por causa disso!

Duas manchas vermelhas surgiram no rosto de Sera.

— Você não tem ideia do que ela fez comigo, Jeff. Estou te avisando; é melhor você nem tocar nesse assunto.

Mas a imagem de Kimberlee soluçando na minha cama estava fresca demais na memória.

— Você já pensou que talvez possa magoar as pessoas mesmo depois de mortas? Que os sentimentos das pessoas vivem para sempre? Você não está nem pensando em como ela se sente. É

igualzinha a todo mundo. Quer se perdoada pelo que você fez, mas não quer perdoar a ela. — Fechei a boca com força. Não tivera a intenção de confessar que sabia.

Suas bochechas ficaram intensamente vermelhas.

— Quem te contou?

— Gostaria que tivesse sido *você* — respondi baixinho.

Ela engoliu em seco.

— Eu não podia. Sabia que você não iria... não iria...

— Te perdoar? Bem, você estava enganada.

Ela baixou os olhos para seus pés.

— Não me importo com o seu passado, Sera. Mas me importo com o agora. E se você não deixar de lado esse problema com Kimberlee, então, não sei se poderemos... — Fechei a boca. Estivera a ponto de dizer *não sei se poderemos ficar juntos*. Mas parei tarde demais; ela sabia aonde a frase estava indo.

Ela ficou quieta por um longo tempo, os olhos fixos nos meus. Quando falou, sua voz estava baixa, controlada e cheia de fúria.

— Você não sabe nada. Ninguém sabe. — Ela hesitou. — Nem mesmo meus pais e Khail sabem de tudo. Você quer que eu a perdoe? Acredite, estou tentando. — Sua voz se elevou. — Estou tentando porque não posso viver com esses sentimentos horríveis dentro de mim. Ela era horrível, Jeff. Completamente desumana. Ela me empurrava pelos corredores, arrombava meu armário e ensopava minha mochila, destruía meus trabalhos e meus livros. Ela me deu uma surra no vestiário um dia... me empurrou com tanta força contra os armários que eu apaguei por alguns segundos. E eu *nunca* entendi por quê.

Eu, sim. Ou, ao menos, conhecia as razões. *Entender* era uma coisa que talvez jamais conseguisse.

— Por que você não contou para alguém? — engasguei.

— Eu contei, no final. Mas... — Ela hesitou. — Vamos dizer apenas que meus pais não estavam muito interessados em *mim*, naquele momento. E isso também não ajudou em nada. Eu me senti abandonada em todas as frentes. Quando a situação ficou realmente ruim, eu estava usando umas coisas bastante fortes e estava superdrogada numa noite quando Khail me encontrou e arrancou a história toda de mim. Eu não tinha contado para ninguém porque Kimberlee era basicamente intocável, já que seus pais financiavam, tipo, metade da escola. Foi mais ou menos na época em que eu... fui mandada para a reabilitação — disse ela, sem me olhar nos olhos. — Quando voltei, estava decidida a ficar limpa e começar do zero, mas morria de medo de Kimberlee. Khail me prometeu que ele... ele cuidaria de tudo e que Kimberlee não iria mais me incomodar, mas eu não tinha certeza se podia acreditar nele.

— E, então, ela morreu — eu disse fracamente. Já conhecia o fim daquela história.

Mas Sera balançou a cabeça.

— Na primeira semana depois que voltei, ela me encurralou no estacionamento antes do jogo e *cortou meu cabelo*, Jeff. Ela agarrou a minha trança e a cortou fora. Quem faz isso? Um monstro, isso sim.

Olhei para ela, horrorizado, sem querer acreditar. Mas tudo em seu olhar me dizia que ela estava dizendo a verdade. Era isso... o que eu vinha tentando fazer com que ambas confessassem desde o começo.

E me deixou com a boca completamente amarga.

— Nunca contei para o Khail. Nunca contei para ninguém. Disse apenas que tinha decidido cortar o cabelo... num corte *realmente* extremo — acrescentou ela, com um gemido. — Acho que Khail não desconfiou de nada. Estava cansada de precisar dele para consertar todos os meus problemas, então decidi engolir. E foi o que fiz. Por algumas semanas. Então... ela morreu. — Sera deu alguns passos à

frente, com os olhos faiscando de raiva. — E você quer saber o que eu senti, Jeff? Alívio. Não, foi mais do que isso. Eu me senti segura. Pela primeira vez em muito tempo, me sentia *segura*.

— Eu...

— Não. Não diga nada. Só entre no seu carro e vá embora. Não posso conversar com você agora.

— Sera, eu...

— Por favor, vá — sussurrou ela.

Minutos depois, eu já estava no meu carro, dirigindo sem destino.

O que eu tinha feito? Quando tinha certeza de que havia começado a ver Kimberlee como ela realmente era — principalmente naquela manhã —, ela havia me enganado completamente. Não era uma alma perdida esperando para seguir adiante; era um demônio amaldiçoado a viver uma eternidade vazia na terra.

Parei o carro em frente de casa e olhei para a janela do meu quarto. Ela estaria ali. Onde mais poderia estar? Ao entrar na garagem, repassei mentalmente a história de Sera, sentindo minha raiva se atizar. Apertei o botão para fechar a porta da garagem e abri com um empurrão a porta da cozinha. Não havia ninguém em casa e fiquei contente. Nem que quisesse conseguiria fazer aquilo de forma silenciosa; e não fiz. Fui subindo ruidosamente a escada e abri a porta do meu quarto com tudo. Kimberlee estava esparramada em frente à TV que eu havia começado a deixar ligada quando ia para a escola. Peguei o controle remoto e a desliguei, fazendo o quarto se encher com o silêncio. Kimberlee olhou para mim, os olhos arregalados e questionadores. E, talvez, um pouco assustados.

— O que foi que você fez?

— Fiz? Não posso *fazer* nada.

— Para Sera, quando você estava viva? O que você fez? — Eu nunca fora de gritar, mas algo em Kimberlee despertava esse lado meu.

Kimberlee revirou os olhos.

— A princesinha está inventando histórias, é?

— Não são histórias, Kimberlee, e você sabe muito bem.

Seu rosto se fechou numa expressão inescrutável.

Dei um passo atrás e pus as mãos na cintura.

— Quero ouvir da sua boca.

Ela se forçou a sorrir, mas a falsidade irradiava dela de forma tão clara que nem pude acreditar que tinha sido enganado.

— Roubei a saia e os tênis dela. Já admiti que não devia ter feito isso.

— Não me venha com essa!

— O quê?

— Essa besteira de sou-apenas-uma-pobre-cleptomaníaca-perturbada. Roubar era o menor dos seus problemas, Kimberlee. E eu devia ter percebido isso há muito tempo.

Alguma coisa devia ter mudado na minha voz, porque Kimberlee ficou me encarando em silêncio por um longo tempo.

— Não fui muito legal com ela. Já falamos sobre isso.

— Não, foi mais que isso. Você fez tudo que podia para sabotá-la. Não suporta nem me ouvir falar sobre ela. Você a *odeia*. Por quê?

— Porque sim. Tem gente que simplesmente causa antipatia e...

— Por quê?! — gritei.

Seus lábios se apertaram numa linha reta e suas mãos foram para a cintura, como se atraídas por um ímã.

— Porque certas pessoas precisam desempinar um pouco o nariz — disse Kimberlee com desdém.

— Ela se acha tão boa, tão acima de todo mundo. Eu a ouvi se gabando, um dia, de como estava

drogada no dia em que fez o teste para ser animadora de torcida. E, mesmo *assim*, ela passou. Ela pensa que é muito superior. E acredita tanto nisso que todos começaram a acreditar também! Até você. Mas eu sei o que ela fez. Eu sei quem ela *realmente* é. Ela deixou uma pessoa *morrer*, Jeff! — Kimberlee riu, um som curto de escárnio. — E ela pode pôr a culpa nas drogas, mas é tudo falsidade. Tudo, todo mundo nesta cidade é falso.

E você é enganado por todos eles. Você acha que todos são tão autênticos. Mas é tudo *falso*. Todos são frios, amargos e falsos! Assim como eu — ela completou num sussurro.

Mas eu já estava balançando a cabeça.

— Não, é por isso que você odeia a *si mesma*. Talvez ela tenha sido assim, um dia, mas mudou. Aprendeu a ser uma pessoa melhor e você não consegue aceitar isso. Você *quer* que ela seja como você.

— Ela é como eu — gritou Kimberlee. — Você apenas não enxerga. Ninguém simplesmente muda assim. Não de verdade. Ela ainda é uma maluca drogada, por dentro. Eu a odeio, ela é uma bruxa, fim da história.

— Então, qual é o começo da história?

— De que *diabos* você está falando?

— Por que *ela*? De todas as alunas novas e alegres que você podia atormentar, por que ela?

Seus olhos se desviaram e eu soube que tinha atingido o alvo.

— Ela me incomodava... preciso de motivo para isso?

— Por quê?

— Cale a boca!

— Por quê? — gritei tão alto que tive certeza de que os vizinhos logo chamariam a polícia.

— Ele a adorava de um jeito que jamais adoraria a mim, o.k.? — gritou Kimberlee. Ela se sentou novamente na cama. — Depois que Preston foi embora, o que Khail fez? Começou a passar vinte e quatro horas por dia com a *irmã* — disse ela, zombando. — E eu vi como ele podia ser legal... como era cuidadoso com ela. Ele a defendia, protegia e eu detestava o fato de que jamais iria ter aquilo.

— Ela é irmã dele, Kimberlee. É isso que os irmãos fazem.

— Não todos os irmãos. O irmão *dela*. Ela tem tudo o que quer na vida. Entrou com toda facilidade na equipe de animadoras de torcida, livrou-se com facilidade quando sua amiga morreu... Reabilitação? Faça-me o favor. Além disso, depois de anos roubando, ela ainda é a única pessoa que me pegou. Quem ela pensa que é, a Supermulher?

Não é justo. Ela precisava descer um pouco do pedestal e eu cuidei disso.

— Cuidou disso? Você bateu nela. Você transformou a vida dela num inferno. Cortou o cabelo dela... *depois* que Khail te pediu para deixá-la em paz. Depois que ele colocou o segredo dele em risco para fazer você parar. Isso não é fazer descer do pedestal... é jogá-la no chão e pisoteá-la para o seu próprio divertimento. Qual é seu problema, hein?

— Qual é o *seu* problema? O que foi, ela finalmente te deixou transar com ela? Essa é a única coisa que faz os caras agirem dessa forma.

Olhei diretamente nos olhos dela, recusando-me a ceder.

— Não, Kimberlee, não é. Não preciso disso para ver quem ela é. Uma garota decente e gentil que trabalha muito pelo que quer na vida. Que não manipula ninguém que ela pensa que pode ajudá-la, nem sabotar ninguém que se interpõe em seu caminho. Uma garota que posso ter perdido porque caí nas suas mentiras.

— Ora, vamos. Você acha que ela não transou com todo mundo? Vamos dizer apenas o seguinte: eu teria que tirar os sapatos para contar nos dedos com quantos caras ela transou no primeiro ano. É isso que realmente te incomoda. Você transformou Sera num paradigma de perfeição, mas, no fim, ela é *exatamente como eu*.

— Ela não se parece em nada a você — respondi entre os dentes cerrados conforme a verdade distorcida de suas palavras me atingiam. — Não mais. Ela deixou essa vida para trás. Ela *seguiu adiante*, Kimberlee. Coisa que você, obviamente, não consegue fazer. Nem viva nem morta. E, talvez, embora você não consiga ver isso, *essa* é a razão pela qual você a odeia. — Dei as costas para ela antes que começasse a gritar novamente e fui na direção da porta. Minha mão já estava na maçaneta quando me dei conta de algo e olhei por cima do ombro para Kimberlee. — Você não está presa aqui por causa das coisas que roubou. Está aqui porque nada nem ninguém no universo quer você.

Trinta

Dei mais uma boa marretada na estaca de madeira e me endireitei para avaliar meu trabalho. Meus braços e costas estavam doendo de tanto bater com o martelo, mas eu havia conseguido terminar a tempo, antes de o sol se pôr. Olhei para as nuvens cinza-escuro e torci para que esperassem só mais alguns minutos antes de desabar sobre a minha cabeça. Depois de respirar fundo duas vezes para me acalmar, peguei o último cartaz, segurando-o contra o peito, enquanto ligava para Sera do meu celular.

— Não quero falar com você, Jeff. — *Bipe.*

Pois é, era o que eu temia.

Mandeí uma mensagem de texto para ela, esperando que ficasse curiosa o bastante para ler. *Por favor, apenas olhe pela sua janela.*

Dois minutos se passaram, depois três. Depois de cinco minutos, tive certeza de que aquilo não iria funcionar. Daí, vi seu rosto apontar sobre o peitoril da janela. Ela olhou para os cartazes que eu havia pregado no gramado; seus olhos absorveram cada um deles, devagar. *Sinto muito. Sou um idiota. Não devia ter gritado. Retiro tudo que disse. Sou um completo imbecil. Não valho nada.* (Juro que vi um sorriso minúsculo quando seu olhar recaiu sobre esse último.) *Por favor, me perdoe.*

Me sinto péssimo. Finalmente, seus olhos chegaram até mim. Meu coração estava acelerado quando virei o último cartaz e o levantei para ela ler.

Eu Te Amo.

Ela ficou olhando para ele por um longo tempo.

Então, a janela se abriu.

— Sinto muito — gritei antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. — Eu não sabia, mas não devia ter importado. Eu devia ter apoiado você, independentemente de qualquer coisa. Você sempre confiou em mim e eu não confiei em você o bastante. — Levantei mais meu cartaz. — É verdade — gritei. — Não vou mais te decepcionar. Prometo.

Sera não disse nada por um bom tempo, mas, finalmente, seu olhar encontrou o meu. O céu cinzento escolheu justo aquele instante para começar a chover. Ótimo. Mas não saí do lugar quando as gotas começaram a atingir meu rosto. Então, sem uma palavra, ela recuou e fechou a janela. Soltei o cartaz e fiquei olhando enquanto a chuva fazia escorrer as palavras cuidadosamente escritas com pincel atômico. Olhei ao redor, para os outros cartazes. Pareciam igualmente patéticos.

Era uma ideia idiota, de qualquer jeito.

Havia começado a recolher os cartazes ensopados quando ouvi a porta se abrir. Sera ficou parada na soleira, numa camiseta regata verde-clara. Enquanto eu viver, acho que nunca vou conseguir me esquecer daquela imagem. Ela havia obviamente chorado um pouco depois que eu fora embora e seu rosto estava desprovido de qualquer vestígio de maquiagem. O cabelo estava solto e enrolado em volta dos ombros seminus.

Ela atravessou o gramado, descalça, e parou diante de mim.

— Eu sinto tanto — sussurrei. — Eu...

— Shhh. — Ela tocou meus lábios com o dedo. — Eu também te amo — disse, elevando-se na ponta dos pés para me beijar.

Larguei os cartazes e a abracei. Naquele momento, nada mais importava: nem a chuva, minhas roupas molhadas e, principalmente, Kimberlee. Não me importava com o que havia acontecido no passado de Sera; eu a amava por quem ela era *agora*. A pessoa que ela escolhera ser. Suspirei conforme seu corpo se amoldava ao meu, suas curvas macias contra o meu peito.

— Vamos entrar — disse ela.

De alguma forma, conseguimos subir a escada sem romper contato. Estávamos ambos ofegantes quando fechei a porta de seu quarto.

— Você está molhado — disse ela. Seus olhos se fixaram nos meus e ela ergueu a barra da minha camiseta e puxou para cima. Levantei os braços e deixei que ela tirasse a peça molhada do meu corpo. Ela correu as mãos pelo meu peito nu e desceu pelos meus braços. Então, pegou minhas mãos e as colocou na borda de sua própria camiseta, erguendo os braços sobre a cabeça.

Meus dedos agarraram o tecido macio de algodão e hesitaram por um instante.

— Tem certeza? — sussurrei.

Ela assentiu e não havia qualquer hesitação no seu olhar. Deslizei a regata sobre sua cabeça e a puxei para mim, deliciando-me com o calor que ela emanava. Ela me levou até sua cama e me beijou enquanto eu tirava os sapatos e a calça jeans molhada e pesada. Só estava consciente da confusão de lençóis à nossa volta e da sensação dela nos meus braços, contra meu peito, suas mãos correndo pelo meu cabelo e meu rosto.

Eu queria aquilo mais do que me lembro de haver querido qualquer outra coisa na vida. Mas, embora tivesse vindo até ali preparado para tudo que pudesse ser exigido de uma boa desculpa — tinha até chocolates no carro, como reforço —, não tinha me preparado para que funcionasse tão bem. Olhei para Sera, seus olhos abertos, um sorriso cruzando seu rosto.

Naquele momento, acho que entendi meu pai como nunca entendera antes. Queria fazer o que ele fizera com a minha mãe; jogar a cautela para o alto pela garota que eu amava. Eu me inclinei para beijar Sera novamente aferrando-me desesperadamente àquele descaso pelas consequências.

E, durante meio minuto, quase funcionou. Mas eu não podia fazê-la passar pelo que minha mãe tinha passado. Não podia nem mesmo arriscar.

— Sera?

— Humm? — As mãos dela desceram ainda mais e, por um instante, esqueci o que estava a ponto de dizer.

— Não posso — ofeguei, e foi como se estivesse arrancando meu próprio braço. — Eu não trouxe... não tenho...

— Shhh. — De novo, seus dedos macios tocaram nos meus lábios. — Tudo bem.

Ela se virou para procurar atrás da cama e tirou uma caixinha de madeira. Ela a abriu, revelando uma série de pequenos pacotinhos coloridos que só significavam uma coisa para mim: permissão. Entendi, naquele momento, que Kimberlee estava certa; Sera não era a menina inocente que eu havia imaginado.

E percebi que eu não ligava.

Deixei todo o resto de lado.

Tive que me esforçar para dirigir de volta para casa dentro dos limites de velocidade. Por alguma razão, minha mente toda hora se distraía e, cada vez que isso acontecia, meu pé se afundava no acelerador. Na terceira vez que olhei para o velocímetro e vi que estava bem acima do limite, pisei no freio e estacionei o carro. Precisava me acalmar um pouco.

Olhei no espelho retrovisor e fiquei surpreso ao ver que meu rosto ainda estava muito ruborizado. E, quanto mais eu o examinava, mais vermelho ia ficando.

Era mais do que sexo. Eu não tinha perdido Sera; havia encontrado uma maneira de recuperá-la. Estava cansado de deixar aquela ideia equivocada de destino guiar minha vida. Hoje eu havia escolhido Sera, não Kimberlee. Não importava que eu fosse o único capaz de vê-la; não dá para ajudar alguém que não quer mudar. O que eu podia fazer era dar a Sera e a mim uma chance decente de ter algo que nós dois queríamos. Não é disso que se trata a vida?

Quando apertei o botão para abrir a garagem, descobri que, em algum momento, durante as últimas horas, meus pais tinham voltado para casa. Ótimo. Todo o procedimento que fizera para me acalmar imediatamente se esvaiu pelo ralo.

Tentei entrar sorrateiramente pela porta da cozinha e subir para o meu quarto, mas minha mãe e meu pai ainda estavam tomando o café depois do jantar.

— Jeff, você perdeu o jantar — disse a minha mãe. — Eu te mandei uma mensagem de texto.

Droga.

— Onde você estava?

— Por aí — disse, dando as costas para ela e pendurando as chaves do carro.

— Você está molhado — insistiu ela.

— É, fui pego pela chuva.

Ambos olharam para mim por um longo tempo.

— Parou de chover há duas horas, Jeff.

— Pois é, bem...

— Você esteve dirigindo por aí com as roupas molhadas durante duas horas?

Olha, pai, eu não diria exatamente que estava com elas. Fiquei quieto.

Ele olhou para mim mais um segundo.

— Seu cabelo está seco.

Ai, merda.

— Tenho que ir me trocar — resmunguei e me virei na direção da escada.

— Bem, a escolha é sua — disse a minha mãe, animada. — Podemos ter essa conversa com as roupas molhadas ou secas. Acho que eu também iria preferir ficar mais à vontade se fosse você. — Ela sorriu para mim, mas estava usando sua cara de mãe. Baixei os olhos para verificar, por um momento, se não estaria escrito *Transei* em letras garrafais no meu peito. Mas era só minha camiseta azul desbotada. — Desça quando você tiver se trocado — disse ela. — Guardei o jantar para você.

Agora que eu parava para pensar no assunto, estava mesmo faminto.

Subi a escada dois degraus de cada vez, então hesitei em frente à porta do meu quarto, perguntando-me se *ela* estaria ali. Eu não havia exatamente pedido para ela ir embora, mas tinha deixado muito claro o que pensava, não tinha? Girei a maçaneta em silêncio e enfiei a cabeça pela porta.

Nem sinal de Kimberlee na minha cama. Nem sinal de Kimberlee nos pufes. Fechei a porta e procurei pelo quarto. Nem sinal de Kimberlee no closet. Nem sinal de Kimberlee no banheiro.

Nem sinal de Kimberlee.

Fui imediatamente comer, assim que desci novamente, e tentei não olhar para ninguém enquanto enfiava grandes garfadas na boca.

Eles esperaram alguns minutos enquanto eu limpava o prato.

— Então — começou meu pai. — Onde você esteve?

Engoli em seco.

— Na casa da Sera.

— A tarde toda?

— Não, nós brigamos e eu saí um pouco. Mas, depois disso, sim.

— Então, você se molhou quando saiu de lá?

— Basicamente.

— E, depois, ficou por lá, na casa da Sera, com as roupas molhadas durante duas horas?

Eu me remexi na cadeira.

— Mais ou menos.

Meus pais trocaram um olhar demorado.

— Ou talvez você tenha passado duas horas na casa da Sera sem as roupas molhadas? — disse a minha mãe.

— Pode ser que tenha acontecido assim. — Acho que minha voz vacilou.

— Jeff, fale sério. Você e a Sera estão transando? — Aquela pergunta parecia tão horrível vindo do meu pai.

— *Estão transando* pode ser um pouco de exagero — respondi para o meu prato.

— Só hoje?

Aquilo era um pesadelo.

— Hã, é.

— Jeff. — A voz da minha mãe destilava decepção.

Aí foi demais.

— O que foi? Você diz isso como se vocês tivessem esperado.

— Jeff. — Uma advertência clara do meu pai.

— Bem, é verdade. — Fiz força para manter a voz sincera e não sarcástica. — Não estou tentando dar uma de espertinho. Vocês fizeram a mesma coisa; isso surpreende vocês tanto assim?

— Eu esperava que você tivesse aprendido com os nossos erros — disse o meu pai.

— E aprendi. Nós... fomos cuidadosos.

— Defina *cuidadosos*.

— Usamos camisinha, pai. Tá bom?

— Pelo menos é alguma coisa.

Respirei algumas vezes para me acalmar. Não queria que aquilo fosse uma briga; queria que eles entendessem. E, se alguém pudesse entender, seriam os meus pais.

— Eu a amo, pai. Mesmo. — Meu pai começou a falar, mas eu o interrompi: — Talvez não a ame do jeito que você amava a mamãe; talvez seja só, hã, uma paixonite, ou seja lá o que vocês possam dizer. Mas eu a amo e vocês não podem me dizer que não.

Meu pai fechou a boca.

— Pensei em vocês. Pensei, sim. Pouco antes de... bem, pouco antes. Eu não tinha nenhuma proteção comigo e estava pronto para parar. Disse a ela que precisávamos parar e *eu teria parado* — falei, erguendo os olhos e os encarando novamente.

— E por que não parou?

— Ela... estava preparada.

— Ah, é uma boa escoteira. — Minha mãe escondeu um sorriso por trás da xícara de café e tossiu.

quando meu pai olhou feio para ela.

— Não é disso que se trata, filho...

— É, sim, pai. Você me ensinou a esperar pelo momento certo e pela pessoa certa e, daí, a usar camisinha e não deixar minha vida ser controlada pelo acaso. Foi o que fiz. Ainda sou meio jovem, eu sei. Mas sou seis meses mais velho do que você era quando conheceu a mamãe. E você se casou com ela! Estão casados há mais de quinze anos. Você estava *errado*? — perguntei.

Meu pai me encarou por um longo tempo antes de desviar o olhar para a minha mãe.

— Não, Jeff, eu não estava errado. — Ele se voltou para mim com a boca numa linha rígida. — Mas camisinhas não são cem por cento seguras. Se você não estiver preparado para ficar ao lado dela e fazer o que for preciso, não repita mais o que fez. Promete?

Eu me esforcei para controlar um sorriso.

— Prometo.

Trinta e Um

Não vi Kimberlee no dia seguinte. Vi bastante Sera, mas não Kimberlee. Sera ainda parecia estressada e não queria dizer por quê, mas, depois do dia anterior, eu tinha parado de me preocupar. O que quer que estivesse acontecendo, ela faria a *escolha certa*. Eu havia aprendido que a confiança não é algo que sempre se ganha; é uma escolha que se faz. Kimberlee me ensinara isso, do seu jeito cáustico e desequilibrado.

Era estranho. Durante esse tempo todo eu vinha supondo que Kimberlee devesse aprender alguma coisa comigo, mas talvez fosse eu quem tivesse que aprender algo com ela.

Mas onde isso deixava Kimberlee?

Na quinta-feira de manhã, entrei na escola, e Kimberlee estava novamente deitada no chão, no meio do corredor. Fui atacado por uma sensação distorcida de *déjà-vu* e tive que me controlar para não gritar quando uma menina de sapato plataforma caminhou diretamente na direção dela. Kimberlee não se moveu nem um milímetro, mas me encolhi quando aquele sapato preto se afundou em seu rosto.

— Vaca — disse Kimberlee baixinho.

A menina olhou curiosamente para seu pé por um instante, então jogou o cabelo por cima do ombro e continuou andando.

Eu estava tentando decidir se devia dizer alguma coisa quando senti a mão morna de Sera pegar a minha.

— Oi. — Ela sorriu para mim com aqueles olhos verdes que me faziam querer encontrar uma sala vazia... imediatamente.

Decisão tomada; passei por Kimberlee sem nem olhar para ela. Não senti seu olhar nas minhas costas; aparentemente, ela também estava me ignorando. Esperando por um novo destino, talvez... embora, de que forma outra pessoa poderia ajudá-la? Já não havia mais nada na caverna; não restava nenhum assunto pendente para que ela pudesse sair do limbo.

Contudo, era estranho não falar com ela e fazer de conta que não a tinha visto. Éramos duas pessoas cujas vidas vinham girando em torno uma da outra e que agora estavam se distanciando. Acho que, talvez, até estivesse sentindo falta dela. Quando ela não estava sendo grossa, maldosa, sarcástica ou cruel, até que era divertida.

Na sexta-feira de manhã decidi falar com ela. Eu tinha tudo: tinha Sera, meus pais, até mesmo alguns amigos na minha cidade natal com quem ainda me comunicava às vezes. Kimberlee não tinha

ninguém além de mim. E, gostasse ou não, eu ainda me sentia obrigado a tentar ajudá-la. No mínimo para tirá-la de maneira final e completa da minha vida.

Estacionei Halle no lugar de costume e tentei não arrastar os pés ao me aproximar da escola. Eu tinha decidido; não podia dar para trás agora. Tinha até telefonado para Sera na noite anterior para dizer que, provavelmente, chegaria atrasado e que só iria encontrá-la no almoço. Não havia volta.

Entrei no saguão principal e meus olhos foram imediatamente para o retrato de Kimberlee na parede. Ela parecia tão inocente naquela foto... parecia feliz. Mas eu sabia que não era bem assim. Eu me perguntei se ela algum dia teria sido inocente, e sabia que já fazia anos que não era feliz.

Reuni forças e passei diante do retrato, entrando pelo corredor sul.

Mas ela não estava ali.

Olhei para o espaço no chão que ela havia ocupado no dia anterior... o lugar em que estivera deitada na primeira vez que a vi. Pisquei algumas vezes e me perguntei se o destino poderia ter mudado de ideia. Será que eu tinha pisado tanto na bola que não tinha mais permissão para ajudá-la? Talvez fosse Kimberlee quem tinha pisado na bola. O.k., tudo bem. *Provavelmente* fora Kimberlee quem pisara na bola.

Por um momento me atrevi a ter esperança de que ela houvesse seguido adiante, afinal, mas a ideia desapareceu quase no instante em que a tive. Quando muito, Kimberlee estava ainda *mais* em conflito do que quando eu a conhecera.

Talvez apenas não pudesse mais vê-la. Fui até seu ponto de costume e tentei ficar ali parado, casualmente.

— Kimberlee — sussurrei. — Você está aí?

Uma mochila bateu no meu ombro.

— Desculpa aí, cara — disse um aluno do segundo ano. — Minha culpa. — Ele se afastou depressa quando viu a expressão no meu rosto. Mas meus olhos não se fixaram nele; olhavam para a linha que seus pés haviam acabado de percorrer. Diretamente por onde Kimberlee deveria estar deitada. Ele não parou nem olhou para baixo como as pessoas faziam quando entravam em contato com Kimberlee, olhando em volta conforme os arrepios as percorriam. Ele nem sequer olhou para seus pés.

Ela não estava ali.

Onde estaria? Não tinha mais nenhum lugar aonde ir.

Ou tinha?

Talvez houvesse encontrado outra pessoa capaz de vê-la. Talvez *houvesse* outro aluno novo. A ideia me deixou estranha e irracionalmente enciumado.

Fui para casa sozinho depois da aula. Os pais de Sera iam receber convidados para um chá da tarde — sei lá o que era isso — e para o jantar naquela noite e haviam decidido que *sua presença era necessária*. Portanto, fiquei a ver navios. Voltei para casa e encontrei a garagem vazia e um bilhete na porta da cozinha dizendo que minha mãe e meu pai tinham ido viajar, num de seus fins de semana românticos espontâneos.

Eles achavam que fazia bem para o casamento; procuro pensar nisso o menos possível.

Estava com um pouco de fome, mas nem parei para pegar uma Coca, a caminho do quarto. Tudo parecia errado. Eu deveria estar feliz por Kimberlee ter ido embora, fosse por escolha própria ou não. Mas, ainda que houvesse praticamente desistido dela, detestava o fato de que ela houvesse desistido de mim.

Liguei a TV pensando em jogar alguma coisa boba, mas, depois de olhar durante uns cinco minutos para os meus videogames e não encontrar nada que me atraísse, me virei para a estante. Quando era criança e morávamos em Phoenix, não tínhamos TV a cabo, videogames nem nada do tipo. Putz, éramos tão pobres que raramente tínhamos alguma coisa além das necessidades mais básicas. Então, comecei a gostar de histórias em quadrinhos. Costumava ir à loja de gibis e, desde que

comprasse um ao ir embora, o dono me deixava ficar lá durante horas, lendo os outros. Homem-Aranha, Super-Homem, Sandman... acho que o meu negócio eram os super-heróis... e, daí, quando eu terminava de ler tudo, escolhia meu gibi favorito e o comprava. Não tinha nenhuma série inteira, apenas algumas edições aleatórias. Mas ler aquelas histórias em quadrinhos sempre me confortava.

Peguei uma das minhas edições favoritas do *Homem-Aranha* e já tinha lido umas dez páginas quando meu celular tocou. Tirei-o do bolso e estava prestes a apertar o *Talk* quando percebi que estava atendendo o telefone errado.

O toque estava vindo da gaveta do meu criado-mudo. Era o celular que o Khail tinha me dado. Aquele que só havia tocado talvez umas três vezes desde que eu o recebera. Tocou duas vezes mais, enquanto eu tentava decidir o que fazer.

Provavelmente, deveria atender.

Não deveria?

Finalmente, depois de uns oito toques, levei o celular até o ouvido.

— Sim? — disse, numa voz alguns tons mais baixa que o normal.

Alguns segundos se passaram em silêncio.

— É você o cara que vem devolvendo as coisas roubadas?

Eu teria reconhecido aquela voz em qualquer lugar. Sera. Não disse nada. Não *podia* dizer nada.

— Não desligue — disse ela e aquela inflexão mínima, aquele leve toque de desespero em sua voz, me fez obedecer. — Eu sei que é você e... estou ligando para pedir a sua ajuda em nome de Khail.

Em nome de Khail?

— Ele foi pego.

Senti minha garganta se apertar, dificultando a respiração.

— Ele não sabe, mas foi. Hennigan me chamou em seu escritório na segunda-feira passada e me disse que, quando vocês invadiram a escola, Khail aparentemente estava tentando desligar o alarme e levantou a máscara, sendo filmado.

— Não tem câmera no escritório do Hennigan — falei, esperando que Hennigan estivesse apenas blefando.

— Não uma oficial. Depois dos roubos no ano passado, Hennigan decidiu que precisava de seu próprio esquema de segurança e instalou sua câmera. Acredite em mim — disse ela, antes que eu pudesse argumentar —, eu vi o vídeo. É obviamente o Khail.

Droga!

— Então, por que ele simplesmente não pegou o Khail? — perguntei, ainda fazendo aquela voz estranha e grave.

— Hennigan sabia que não era uma pessoa só. Ele queria apanhar o grupo inteiro. Pensou em pressioná-lo depois. Mas, daí, ele concluiu que Khail não podia ser o líder.

— Por que não?

— Ele verificou as datas anteriores. Khail tinha ido viajar para uma competição de luta, por três dias, na semana em que as coisas começaram a ser devolvidas. Portanto, Hennigan sabia que ele só podia ter se envolvido mais tarde.

Tentei manter a calma.

— E daí? O Khail não vai delatar ninguém. Por que você precisa da minha ajuda?

— Você tem razão. Khail vai aceitar o castigo por você e jamais dirá uma palavra a respeito. Eu sei. Hennigan sabe. Então, em vez disso, ele veio para cima de mim.

— E o que ele tem contra você? — blefei.

— Não é contra mim. Hennigan só... sabe que eu não vou deixar nada acontecer com o meu irmão. O estrago causado pelos produtos químicos e pelos extintores de incêndio no laboratório vai custar quase dez mil dólares à escola. Hennigan está falando em entrar com um processo criminal por

violação de propriedade.

Dez mil dólares? Processo criminal? Eu sabia que tinha havido danos, mas não imaginava que fossem tão substanciais.

— A princípio, Hennigan disse que, se eu lhe entregasse o líder, ele apenas daria dois dias de suspensão a Khail. Mas ele me chamou novamente em sua sala esta semana. — Ela fez uma pausa e pude ouvi-la fungando. — Ele está furo da vida. Desistiu da ideia de pegar o bando todo. Ele só quer pegar alguém. Um bode expiatório. E se não tiver um até a segunda-feira de manhã... — Sua voz engasgou e seus soluços abafados me deixaram com dor no peito. — Ele vai expulsar o Khail. Daí, ele não vai se formar, vai perder suas bolsas de estudo... *eu não posso deixar que isso aconteça.*

E tudo desmoronou à minha volta.

Eu havia falhado.

Falhado de forma tão completa e miserável que não havia sequer uma maneira de recolher os cacos.

Durante algumas semanas, eu tinha realmente achado que era um herói. Era um Robin Hood, ou Edmund Dantès, ou Percy Blakeney. Um justiceiro audacioso.

E, agora, era apenas um arruaceiro prestes a fazer seu amigo ser expulso da escola.

— O que posso fazer? — perguntei, minha voz qual um sussurro.

— Se entregar.

Duas palavras tão simples capazes de provocar tamanho medo no meu coração que não confiei em mim mesmo para dizer nada.

— Eu sei que não é justo. Nada disso é — continuou Sera. — Mas é ainda mais injusto deixar Khail ser punido por isso. Não sei nem por que ele está envolvido, mas garanto que não está fazendo em benefício próprio. Ele... — Ela parou e precisou recuperar o controle de suas emoções. — Ele é a pessoa mais abnegada que eu conheço. Seja o que for que ele esteve fazendo com você, posso garantir que era para ajudar alguém. *Não* permita que ele leve a culpa. — Alguns segundos se passaram em silêncio antes que ela acrescentasse: — Por favor? — numa voz tão frágil e débil que eu soube que não poderia recusar. — Ele não é apenas meu irmão; é meu melhor amigo. Eu aceitaria ser expulsa no lugar dele, mas não posso. Eu tentei.

— Tentou? — Na minha surpresa, quase falei com a minha voz normal.

— Devo tudo ao meu irmão. É claro que tentei. Mas Hennigan sabia que eu estava mentindo. Eu não tinha nenhuma prova, não tinha nada e contei uma história furada. Sou péssima para mentir. Você é o único que pode ajudá-lo agora.

Precisei de duas tentativas para fazer as palavras saírem da minha boca, mas, finalmente, consegui dizer:

— Está bem.

— Obrigada — disse ela na mesma voz vulnerável. Era quase uma pergunta, como se não tivesse muita certeza de que eu dissera aquilo... ou, mais provavelmente, que estivesse sendo sincero.

— Mas quero que seja você a me entregar — soltei, antes de pensar direito nas consequências daquela proposta. — Quero garantir que você se livre.

Ela fungou novamente.

— Por favor, não me obrigue a fazer isso — disse ela.

Quase não podia acreditar nos meus ouvidos.

— Pensei que você quisesse que o Restituído da Rosa Vermelha fosse pego.

— Eu só queria que você *desaparecesse*. Você me fazia lembrar de uma época horrível da minha vida e eu detestava ter de encarar isso, dia após dia.

A culpa se avolumou no meu peito. Eu sabia do que ela estava falando e, sinceramente, se fosse comigo, eu também não iria querer nada que me fizesse lembrar.

— Sinto muito — disse.

— Não sinta. Você fez um monte de gente feliz. Inclusive o Khail. Você... não tem ideia do que as coisas que devolveu a ele significavam.

Na verdade, eu tinha, sim.

— Ainda assim, você tem que me entregar. Assim, o Hennigan jamais poderá usar isso contra você. — Ela não disse nada por alguns segundos, então continuei: — Eu vou me ferrar de qualquer jeito. Pelo menos estarei fazendo o bem a alguém.

Mais silêncio.

— Está bem — disse ela, finalmente. — O que eu tenho que fazer?

Eu não tinha pensado direito naquela parte. Provavelmente era melhor manter a simplicidade.

— Estarei na escola hoje às seis da noite. Eu me encontrarei com eles no estacionamento e trarei os adesivos se quiserem prova. Você telefona para o Hennigan e o informa a respeito.

— E você vai estar lá?

As palavras ficaram presas na minha garganta, mas as forcei a sair, selando meu destino:

— Prometo que sim.

Fiquei olhando para o telefone por um longo tempo depois de desligar. Uma parte de mim desejou ter jogado o celular fora assim que terminamos nossa grande devolução na segunda-feira. Desejou que eu só tivesse me dado conta tarde demais de que fora a minha mentira sobre Kimberlee estar de vigia que fizera Khail ser pego.

Mas, daí, eu teria que viver com a culpa.

Tinha pedido a minha mãe para confiar em mim. Garantido a ela que era um bom garoto, apenas tentando fazer a coisa certa. E ela *tinha* confiado em mim. Como eu ia contar a ela que tinha retribuído sua confiança sendo expulso da escola? E quanto ao processo criminal... será que Hennigan estava blefando com relação àquilo? Voltei a cair na minha cama e tentei pensar numa forma de sair dessa, embora soubesse que não havia nenhuma forma. Estava na hora de pagar pelo que fizera. Uma boa ação jamais deixa de ser punida e tal.

E a maior ironia de todas? Kimberlee, a catalisadora de tudo que tinha dado errado, não se encontrava em nenhum lugar.

A pior parte era que Sera ficaria arrasada quando descobrisse que era eu. Não sabia qual das duas emoções iria ganhar: raiva ou culpa, mas, de qualquer forma, eu tinha estragado as coisas para ela também.

Pela primeira vez desde, sei lá, meus dez anos de idade, senti uma necessidade incontrollável de me encolher na cama e chorar. Naquele momento, só queria pegar a Halle e dirigir de volta para Phoenix, onde essas coisas não aconteciam.

Mas não podia fazer isso.

Olhei para meu despertador para ver quantos minutos restavam da minha suposta vida quando meu olhar recaiu sobre algo no meu criado-mudo que eu tinha esquecido completamente. Uma mísera centelha de esperança se acendeu quando estendi a mão e a peguei.

Era minha única chance.

Peguei meu celular e dei o telefonema.

Estava deitado na cama com um braço sobre os olhos quando Kimberlee apareceu, atravessando minha parede.

— Você não pode fazer isso!

Apenas olhei para ela, boquiaberto.

— Sei que você tem essas ideias de ser nobre e tudo mais, mas isso é burrice e não vou deixar você ir em frente!

— Oi para você também — resmunguei, mal-humorado.

Ela veio correndo e se sentou na cama ao meu lado.

— Estou falando sério — disse ela... e parecia estar mesmo. — Você não pode se entregar. Não merece isso.

— Como você ficou sabendo?

Ela pareceu um pouco envergonhada.

— Ouvi a conversa do outro lado — admitiu.

— Você esteve espionando a Sera?

— Bem, *você* não quis espioná-la... E eu *sabia* que alguma coisa estava acontecendo!

Suspirei.

— Você não vai pelo menos admitir que eu estava certa?

— Eu sabia que você estava certa! — disse. — Eu *sabia* que alguma coisa estava acontecendo; era óbvio. A questão não é se havia ou não algo acontecendo, mas que eu confiava em Sera e confiava que fosse por uma boa razão, e estava certo.

— Ela estava espionando para o Hennigan! Não existe uma boa razão para isso!

Fiquei em pé.

— Sim, existe! Você escutou o que a Sera disse, mas será que estava *ouvindo*? Ela fez isso para proteger Khail. Ela ama Khail mais do que qualquer pessoa no mundo e estava disposta a fazer o que fosse preciso para salvá-lo. Isso não é motivo de desdém; é algo a ser admirado.

— Admirado? Ela está escolhendo o lado dele em vez do seu!

— Ele é *irmão* dela.

— E você é o namorado!

— Até ela descobrir tudo — gemi, voltando a cair na cama.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo.

— Por que você está fazendo isso? Ninguém iria te culpar, se não fizesse.

Eu me sentei e a olhei nos olhos.

— Porque é a coisa certa a se fazer, Kimberlee.

— Certa segundo a opinião de quem? — perguntou ela, num tom de voz mais triste do que argumentativo. — De Deus? Do destino? Não é justo. Khail foi pego; deixe que ele leve a culpa. Ele não vai contar para ninguém... eu sei que não vai... portanto, Sera nunca saberá que foi você. Você *não tem que fazer isso*.

— Tenho, sim! — gritei, surpreso com meu próprio fervor. — Ser pego não é o que faz com que algo seja errado. Ainda que Sera nunca descubra, *eu* iria saber.

Kimberlee olhou para mim, furiosa, quase como se pudesse usar algum poder fantasmagórico para me fazer mudar de ideia. Então, seus olhos se arregalaram.

— Mas você tem um plano, né? — disse ela baixinho. — Quer dizer, no fim, está tudo combinado. É tudo parte do plano, não é?

Era difícil olhar para ela. Ela acreditava que eu fosse realmente capaz de criar um plano mestre. Eu tivera sorte antes, mas, na verdade, não passara disso. Sorte. E minha sorte havia acabado.

— Não — respondi. — Não tenho um plano. Eu... achei que tivesse, mas... — Dei de ombros e, então, minhas mãos caíram aos lados do corpo. — Não vai dar certo.

— Então você vai mesmo até a escola hoje à noite e vai se entregar só porque é a coisa certa a se fazer?

Parecia realmente irracional, da maneira como ela disse, mas eu sabia que não poderia viver comigo mesmo se fizesse outra coisa. Assenti.

Kimberlee olhou para mim com um misto de tristeza e pena no rosto. Então, ela se endireitou e sua máscara voltou a aparecer.

— Você é maluco — disse ela com amargura. — E burro. Nunca conheci alguém tão burro quanto você.

Então, ela se virou e foi embora, passando através da parede e sumindo da minha vista.

Trinta e Dois

Eu estava no mínimo apavorado quando entrei no estacionamento, às seis daquela noite. Pude ver três carros junto ao meio-fio perto da entrada e me perguntei quem Hennigan tinha convocado como reforço.

Estacionei ali perto e enrolei durante alguns segundos, analisando o ambiente. Hennigan estava empertigado na frente da entrada principal, olhando para o meu carro, mas eu sabia que ele não podia me ver pelos vidros escurecidos. Ele chegou a dar um passo à frente. Então parou, apertou os lábios e, aparentemente, decidiu esperar que eu fizesse o primeiro movimento.

Covarde.

Ao lado dele, parecendo um pouco constrangida, estava nossa vice-diretora, a Sra. Bailey. Eu sabia o que ela tinha recuperado: um porta-retratos artesanal feito por seu filhinho com a foto da família. Eu também estaria constrangido se fosse ela.

No entanto, quase ri da ironia da situação quando vi que o terceiro integrante do grupo, quase certamente convocado contra a vontade, era o treinador Creed. Eu sabia, depois de uma rápida conversa com Khail no dia anterior, que a equipe inteira partiria muito cedo na manhã seguinte para as competições estaduais. Não tinha a menor dúvida de que o Sr. Hennigan houvesse chantageado o treinador para comparecer como “força física” com a ameaça de expulsar seu duplamente campeão caso eu escapasse, da mesma forma que havia pressionado Sera. O treinador Creed tinha os braços cruzados e, apesar de Kimberlee nunca ter roubado nada dele, eu poderia apostar que, tendo a opção, ele preferiria estrangular o Hennigan a mim.

Engatei ponto morto, e o Sr. Hennigan exibiu uma mistura muito estranha de animação e medo no rosto quando o motor do carro foi desligado. Eu havia acabado de soltar meu cinto de segurança e estender a mão para abrir a porta quando uma luz passou pelos meus olhos. Outro carro estava entrando no estacionamento.

Não pude deixar de me sentir enjoado ao ver a fileira de luzes no alto da viatura preta e branca quando o policial estacionou logo atrás do carro de Hennigan e saiu do veículo.

Esperava estar fazendo a coisa certa.

Não havia nada mais que eu pudesse fazer. Saí do carro, fiquei em pé e fechei a porta.

Hennigan piscou várias vezes.

— Sr. Clayson, o que está fazendo aqui?

Enfieei a mão no bolso do meu blusão e peguei o que restava dos adesivos. Joguei-os no chão diante de mim e, então, acrescentei a chave mestra, que tilintou quase de forma melodiosa.

— Eu disse que estaria aqui e aqui estou.

Por um longo e tenso instante, ninguém se moveu nem falou.

— Mas... mas... — gaguejou Hennigan —, você acabou de se mudar para cá. — Eu quase podia vê-lo relembrando mentalmente nosso diálogo da segunda-feira de manhã, sabendo que ele tivera o culpado a seu alcance. — Como você poderia ter roubado tudo aquilo?

— Não roubei — respondi, minha voz muito mais firme do que as minhas pernas. Mas aquela seria minha única chance de me pronunciar e era o que eu faria. — Isso nunca teve a ver com roubo. Teve a ver com devolver coisas. Você estava tão concentrado no que tinha certeza de que eu tinha feito de errado que não parou para ver o que eu estava tentando fazer de certo.

Sabia que minhas palavras não iriam convencer Hennigan, mas vi a Sra. Bailey e o treinador Creed assentindo em concordância. O policial não saiu de onde estava, ao lado da viatura. Ele estava tão imóvel que me perguntei se estaria respirando.

O rosto de Hennigan foi ficando vermelho conforme ele percebia que seu plano de apanhar um ladrão famoso estava indo pelo ralo, bem na frente de seus funcionários. Mas eu sabia que ele não desistiria tão facilmente. Ele tirou a expressão de choque do rosto e apontou um dedo para mim.

— Não importa. Sua lista de infrações ainda é bastante comprida. Destruição da propriedade da escola, arrombamento de armários, invasão da *minha casa*! — disse ele, como se aquela ofensa pessoal fosse a pior de todas. — Se você é realmente esse tal de Restituído da Rosa Vermelha — ele disse o nome como se fosse um palavrão —, então é culpado de todas essas infrações.

Assenti.

— E assumo total responsabilidade por elas.

Hennigan sorriu como se tivesse me pegado numa armadilha muito elaborada, em vez de ter feito uma pergunta bastante direta.

— Pronto! — disse ele, chamando o policial. — Ele admitiu. Prenda-o!

O policial começou a vir na minha direção. Seu olhar encontrou o meu por um segundo e, então, eu me virei, estendendo minhas mãos antes que ele pedisse. Minha respiração acelerou quando as algemas se fecharam com um clique. Em questão de instantes, ele recitou meus direitos e me instalou na parte de trás da viatura, fechando a porta com força.

Havia terminado.

Que diabo eu tinha acabado de fazer?

O policial foi falar com os adultos por alguns minutos e então entrou na viatura e fechou a porta.

— Policial...

— Não vim aqui para bater papo — disse ele, cortando minhas palavras e ligando o rádio.

Foi uma viagem surpreendentemente curta até a delegacia. O policial estacionou em frente a uma entrada lateral bem iluminada e pude dar uma boa olhada nele. Era alto e loiro e, ainda que grande parte do seu volume corporal fosse do tipo que se ganha à base de hambúrgueres, desconfiei que pudesse me quebrar ao meio sem a menor dificuldade. Pensamentos bem agradáveis aqueles. Sua insígnia dizia BURKE. “Bruto” seria mais adequado.

Ele me agarrou pelo capuz do moletom e me empurrou para a porta, que se abriu automaticamente. Eu não sabia o que esperar... nunca estivera numa delegacia antes; mas, a bem da verdade, não esperava ver grades. Mas foi atrás delas que acabei indo parar. Eu, um cara que parecia um sem-teto e outro que estava completamente bêbado.

O policial retirou minhas algemas e eu estava prestes a suspirar de alívio quando ele as recolocou, com minhas mãos à frente.

— Senta aí — disse o policial Burke, apontando-me um dedo gordo. Que escolha eu tinha? Sentei e

baixei a cabeça sobre os punhos fechados, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Quanto mais eu fechava os olhos e enterrava o rosto no capuz da blusa, mais conseguia me convencer de que não estava ali. Imaginei em que outro lugar do mundo eu preferiria estar.

No quarto de Sera, por exemplo.

Mas, principalmente, imaginei Phoenix. Tudo na minha vida tinha explodido desde que me mudara para Santa Monica. Tinha conseguido evitar a saudade de casa durante os últimos meses, mas, sentado ali naquela cela, deixei que o sentimento me engolfasse.

Justo quando começava a sentir as lágrimas queimarem por trás das pálpebras, pela primeira vez em anos, o telefone da cadeia tocou. Levantei a cabeça depressa e uma parte irracional em mim teve a esperança de se ver de volta ao meu quarto com o telefone sem fio tocando no criado-mudo. Mas eu ainda estava na cela insípida com meus companheiros fedorentos. O policial Burke atendeu o telefone. Enfiei a cabeça de novo no capuz e fechei os olhos com força.

— Clayson!

Eu me ergui tão depressa que bati a cabeça nas grades da cela. *Ai*.

— Sissinhô — respondi automaticamente.

Ele olhou feio para mim.

— Vamos.

A esperança se acendeu em mim.

— Meus pais estão aqui?

O policial fungou.

— Dificilmente. — Mais nada.

Apertei o maxilar, e o policial destrancou a porta e a segurou aberta apenas o suficiente para que eu saísse. Então, a mão firme voltou a agarrar a parte de trás do meu moletom. Passamos por outra porta e foi como entrar num mundo diferente. Escrivatinhas, baias, escritórios.

Minhas algemas pesavam... como correntes de ferro. Entramos numa salinha, vazia exceto por uma mesa e algumas cadeiras. E um espelho grande que era, sem dúvida, um daqueles que a gente vê nos programas da TV. Apontando para uma cadeira metálica, Burke disse:

— Alguém virá logo.

E, antes que eu pudesse me aproximar da cadeira, ele saiu e fechou a porta às minhas costas.

Automaticamente me virei na direção do ruído. Ao fazê-lo, captei meu reflexo no espelho. Não pude resistir a olhar fixamente. Um capuz preto puxado para a frente para esconder o rosto, jeans largos e tênis All Star velhos, algemas prendendo os pulsos magros diante do corpo. Meus olhos estavam arregalados e com medo, minha expressão, rígida; eu mais parecia um menino assustado do que o ilustre Restituído da Rosa Vermelha de Whitestone.

Dei meia-volta; não podia olhar para mim mesmo. Fazia-me duvidar de estar fazendo a coisa certa. E essa era a única esperança da qual eu não podia abrir mão.

Sentei na cadeira e dobrei os joelhos junto ao peito, sem nem me importar com quem pudesse estar olhando. Abaixei a cabeça e comecei a contar lentamente... um truque que havia aprendido a fazer quando era criança e algo me assustava. A maioria das coisas já teria desaparecido quando eu chegasse a cem.

Duvidei que tivesse essa sorte agora.

Já estava no quinhentos e cinquenta e sete quando a maçaneta da porta fez um clique e um policial entrou na sala.

— Oi, Jeff — disse o policial Herrera.

— Policial Herrera — falei, sem fôlego. Não sei como é possível sentir como se alguém tivesse te dado um soco no estômago e a sensação ser *boa*, mas foi o que senti.

— Me desculpe por não atender à sua ligação — disse ele.

Esfreguei os olhos.

— Quando você não atendeu, achei que fosse o fim do mundo; quase não deixei mensagem.

O policial Herrera deu uma risada.

— Me desculpe por não ter ligado de volta. Eu não sabia bem quantos pauzinhos seria capaz de mexer por você e precisei fazer umas pesquisas antes de poder mexer *qualquer* um. — Ele olhou para mim. — Tenho ficado de olho em você, Jeff. Fiquei sabendo sobre a entrega grande no abrigo dos sem-teto. Alguém mencionou uns adesivos estranhos e eu soube que tinha que ser você. Foi bastante generoso da sua parte. Você podia ter vendido aquelas coisas por milhares de dólares. Talvez mais. Havia um saco de joias que eram autênticas.

E, quando denunciaram a invasão da escola, não demorou muito para relacionar com você também. — Ele remexeu em alguns arquivos que estavam sobre a mesa e colocou o maior deles no alto da pilha. Olhou para mim, de repente, muito sério. — O nome Kimberlee Schaffer significa alguma coisa para você?

Cuspi a saliva e engasguei.

— Vou entender como sim. — Ele abriu o arquivo, aparentemente distraído enquanto eu tossia um pulmão para fora. — Não tem um policial nesta delegacia, a não ser, talvez, um ou dois novatos, que não conheça esse nome. Tentamos incriminá-la por algo durante anos.

Fiquei tão chocado que quase não consegui falar.

— Vocês... vocês a pegaram?

— Não em flagrante. Mas tínhamos o suficiente para processá-la.

O problema era encontrar um promotor público disposto a fazê-lo.

— Por quê?

— Bem, tecnicamente, tudo que tínhamos contra ela eram crimes de menor potencial ofensivo. Gostaria que a tivéssemos apanhado roubando aquelas joias que você deixou no abrigo dos sem-teto. Aí, sim, seria algo com que poderíamos *trabalhar*.

— Não entendo.

O policial Herrera soltou um longo suspiro.

— Para começo de conversa, o pai dela é praticamente o juiz mais influente na Comarca de Los Angeles. Outra coisa é que a família dele tem mais dinheiro que Deus e ele não tem o menor medo de usá-lo. Não podíamos pegá-la por roubar brincos ou bichinhos de pelúcia. Algum advogado caro iria livrá-la com ajuda de um juiz qualquer amigo do Schaffer e haveria um risco preto sobre o nome da nossa delegacia. Quando há riscos pretos demais, nossos recursos financeiros acabam sendo cortados. Não é um cara muito legal, o juiz Schaffer.

O comportamento de Kimberlee, imediatamente, fez mais sentido para mim.

— Mas nós temos os registros e eles correspondem a muitas das coisas que você vem devolvendo. Não foi difícil somar dois mais dois.

E é isso que livra você das acusações de roubo.

A esperança se reacendeu em mim.

— Verdade?

— E a senha descaracteriza uma possível violação de propriedade. — Ele balançou a cabeça. — Olha, não sei como conseguiu a chave mestra e a senha do alarme, mas como você sabia a senha pessoal do Hennigan, ele não tem como provar que não foi ele quem te deu, o que implica permissão para que você entrasse lá. É um detalhe técnico, mas vai funcionar.

Queria abraçá-lo. De verdade.

— Já os danos ao laboratório — disse o policial Herrera, sério — são outros quinhentos. Há um prejuízo financeiro envolvido e, a não ser que você ou seus pais desembolsem a grana, a escola

poderá processá-los.

Senti um aperto no estômago. O Hennigan não tinha mencionado dez mil dólares? Fosse ou não um bom garoto, meus pais acreditavam em enfrentar as consequências; esperariam que eu arcasse com o prejuízo.

E eu só tinha uma coisa capaz de pagar a conta.

— Mas nenhum promotor vai arriscar uma acusação de vandalismo ou crime de dano com um júri favorável a você — disse o policial Herrera, interrompendo meus pensamentos soturnos. — O que certamente seria o caso, na atual situação. Falei com alguns amigos na delegacia e as acusações criminais estão fora de questão. Portanto, resta apenas a reparação dos danos e isso é entre você e a escola.

Amoleci de alívio e escorreguei um pouco na cadeira.

— Jura?

— Juro.

Só não explodi numa risada histérica porque consegui me controlar. Tive que respirar fundo várias vezes para engolir o riso.

— Estão, estou livre? Está tudo bem?

— Bem, quase. Não posso fazer muita coisa com relação à sua escola. E o Sr. Hennigan não é muito do tipo que perdoa.

Odeio o Sr. Hennigan.

— Como assim?

— Passei grande parte da última hora ao telefone com ele e, como é uma escola particular, as únicas pessoas a quem ele deve responder são os membros da diretoria. Para começar, você está suspenso durante a próxima semana.

Meu coração se apertou com aquilo, mas era muitíssimo melhor do que ser expulso.

— Não consegui convencê-lo de que você não é um criminoso escolado, mas disse a ele que manter você na escola é um elemento vital para a sua recuperação. Foi aí que ele decidiu não te expulsar. Você pode continuar na Whitestone.

Que sorte a minha.

— Mas ele vai te vigiar que nem um falcão durante o resto do ensino médio; não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Foi o melhor que consegui.

— Ah, não, está ótimo — disse. — É muito mais do que eu esperava. Obrigado.

— De nada. — Ele fez uma pausa. — Você é um bom garoto, Jeff. Estou falando sério.

Não me sentia muito bom naquele momento, mas esperava que ele tivesse razão.

— Agora, o protocolo nessa fase, apesar de você estar sendo liberado sem acusações, é entrar em contato com seus pais e fazê-los vir te buscar. Mas não conseguimos encontrá-los.

— Eles foram viajar neste fim de semana. Só vão voltar amanhã. — *Ou depois.*

— Está bem. Vou dar meu aval por você desta vez. E é melhor que não haja uma próxima. — Seu rosto ficou duro como pedra. — Você terminou, Jeff? Porque, se não terminou, está na hora de *desistir* desse projeto. Estou falando sério.

— Terminei — respondi, com honestidade. — Desde a semana passada que tudo já foi devolvido e... Kimberlee pode descansar em paz. — O que quer que fosse aquilo.

— Ótimo. Porque, se eu te vir aqui de novo, você estará por conta própria, tenha bons motivos ou não.

Assenti.

— Está bem. Vamos.

— Aonde nós vamos?

— Meu turno terminou. Vou te levar até o seu carro.

Ele se levantou e abriu a porta para mim. Quando fiquei em pé, as algemas tilintaram.

O policial Herrera revirou os olhos.

— Ah, tenha santa paciência... — resmungou ele, procurando algo em seu bolso.

Nunca houve um momento tão feliz na minha vida quanto o segundo em que aquelas algemas se abriram e liberaram meus pulsos.

— Obrigado — falei pelo que parecia ser a quinquagésima vez.

— Vamos embora — disse o policial Herrera, apontando para o corredor.

Trinta e Três

Pela segunda vez em duas semanas, eu me sentei no banco do passageiro da viatura do policial Herrera. O céu estava escuro e, durante os primeiros minutos, ficamos em silêncio. Então, pigarreei.

— Policial Herrera?

— Sim?

— Obrigado — falei. — Muito obrigado. — Passei as mãos pelo cabelo, apenas começando a compreender que tudo havia realmente dado certo. Minhas mãos tremiam com a adrenalina de alívio que fluía pelo meu corpo.

— Eu não teria feito nada disso se não acreditasse que você estava fazendo a coisa certa, Jeff. Você fez por merecer. — O policial Herrera entrou no estacionamento da escola, agora vazio exceto por Halle.

— Só queria consertar as coisas — disse eu.

Ele parou o carro ao lado do meu e pôs em ponto morto.

— E isso é algo que eu apoio. Foi por isso que fui te resgatar.

— Bem, fico feliz — falei, abrindo um sorriso. — Porque eu teria me ferrado lindamente se você não tivesse aparecido.

Ele hesitou por alguns segundos antes de acrescentar:

— Tenho que ligar para seus pais na segunda-feira para contar a eles o que aconteceu. Mas acho que *você* deveria contar primeiro.

— Vou contar — respondi, embora a simples ideia fizesse meu estômago gelar como se eu tivesse acabado de engolir um cubo de gelo.

— Também acho que você deve saber que os outros dois professores que estavam na escola com Hennigan disseram para o policial Burke que você era um bom garoto e que ele devia pegar leve com você. Ele achou que fosse brincadeira, mas estou te contando para que você saiba que tem gente que te apoia na escola. — Ele riu. — Diabo, os alunos provavelmente te adoram.

Eu não tinha pensado tão à frente. Ele tinha razão; na segunda-feira, todo mundo estaria sabendo que Jeff Clayson era o Restituído da Rosa Vermelha.

Sera saberia.

Eu tinha que contar a ela antes que ouvisse da boca de alguém.

Nem sabia por onde começar.

Como se pudesse ler meus pensamentos, o policial Herrera deu um tapinha no meu ombro.

— Vá para casa — disse, com gentileza. — Você vai ter muito trabalho em breve.

Assenti e saí do carro. Então, fiquei parado ali no estacionamento e acenei conforme via o policial Herrera ir embora. Destravei meu carro e estava prestes a entrar quando vi os últimos adesivos espalhados no chão, embora a chave de Bailey houvesse desaparecido. Eu os apanhei e coloquei no bolso. Algo para guardar como lembrança daquilo tudo.

Minha casa estava às escuras a não ser por algumas luzes de segurança. Abri a geladeira, mas não sentia fome; sentia-me *vazio*. Durante semanas a fio tudo que eu quisera era que Kimberlee sumisse da minha vida. E, agora, parecia que tinha conseguido.

Mas não porque eu a ajudara a seguir em frente. Eu a havia espantado e, mesmo quando ela voltou para me impedir de me entregar, apenas tínhamos discutido ainda mais. Tinha a sensação de que havia falhado com ela. E ela não tinha nenhum plano B.

Hesitei ao tirar um litro de leite da geladeira. Talvez tivesse. Talvez *houvesse* outras pessoas que a pudessem ver. Ela havia mentido sobre tudo, por que não mentiria sobre isso também? Talvez eu fosse o único ingênuo o bastante para tentar ajudá-la.

Mas havia uma dor surda no meu peito que me dizia que não era verdade. Era a mesma dor que eu sentira quando ela havia chorado na minha cama... uma sensação latente e oca de impotência. Cuspi o gole de leite na pia e apaguei a luz da cozinha sem o menor apetite.

Arrastei minha mochila escada acima, apreciando as pancadas que os livros davam nos degraus. Fazia com que me sentisse melhor, embora não soubesse dizer por quê. Entrei pela porta aberta do meu quarto e, só porque não havia ninguém em casa, bati-a com violência.

Putz, isso é bom.

Abri a porta e de novo a bati com tudo. Comecei a sorrir enquanto a abria novamente.

— Por favor, pare.

Congelei, ainda segurando a maçaneta, e esperei que ela falasse de novo.

Quando ela não o fez, flexionei o braço segurando a porta e comecei a fechá-la novamente.

— Jeff.

Soltei a maçaneta e me virei para olhar.

— Kimberlee?

Quase não a reconheci. Seu cabelo louro estava preso num rabo de cavalo e não havia sinais de maquiagem em seu rosto: nada de batom vermelho nem linhas pretas em volta dos olhos. Ela usava uma camiseta branca simples e jeans. Estava encostada na cabeceira da minha cama, com chinelos azul-claros nos pés.

— Você voltou — disse ela baixinho. — Eu estava preocupada.

Ela parecia séria, mas eu a conhecia há tempo demais para acreditar.

— Não graças a você — disse, de cara fechada.

Ela baixou o olhar para os pés.

— Eu devia ter ido com você.

— Um pouco tarde para isso.

— É um pouco tarde para um monte de coisas — disse ela, a voz trêmula.

Olhei feio para ela, tentando descobrir qual era o truque dessa vez. Finalmente, minha curiosidade ganhou.

— Você parece diferente.

Kimberlee assentiu, mas não disse nada.

— Você era capaz de fazer isso durante todo esse tempo? — perguntei com amargura.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não! Juro. — Ela olhou para o próprio corpo. — E também não consigo mudar de volta como estava. Não que eu queira — adicionou baixinho.

Aquilo me fez parar por um minuto. Achei que ela certamente estivesse furiosa com a própria aparência.

— O que aconteceu?

— Depois que eu saí daqui... estava tão fula da vida. Fui até o shopping e tentei roubar coisas, espionei alguns casais se agarrando no cinema... todas essas coisas que eu costumava fazer. E não conseguia tirar você da cabeça.

Cara, eu sabia bem o que era aquilo. Um pouco de vingança sempre cai bem.

— Você fez uma coisa hoje que não te beneficiou em nada. Foi só pelas outras pessoas e pelo seu senso maluco de *coisa certa a se fazer*.

Nem me dei ao trabalho de contradizê-la.

— E eu percebi que, embora não sentisse a mesma coisa que você... não me importo em fazer a coisa certa... eu *gostaria* de sentir. Queria ter alguma coisa, qualquer coisa, em que acreditasse tanto assim. Então, voltei aqui — acrescentou ela, depois de um longo intervalo.

— Voltou?

Ela assentiu.

— Cheguei tarde demais, porém. Até fui à escola, mas todo mundo já tinha ido embora. O que aconteceu? — ela perguntou.

Com um suspiro, soltei minha mochila no chão e contei a história. Quando cheguei à parte em que o policial Herrera entrou na sala de interrogatório, Kimberlee começou a sorrir.

— Todo esse drama, e eu nem estava por perto para ver. — Ela fez uma pausa e então disse: — Você passou por tantos apertos por minha causa.

— O que mais eu poderia fazer numa sexta à noite sem namorada? — perguntei, forçando um sorriso.

Ambos rimos de forma trêmula por um instante, antes que os olhos de Kimberlee se enchessem de lágrimas e ela baixasse o olhar.

— Fui à casa dos meus pais. Entrei nela, quero dizer; não fui só à caverna. Eu nunca tinha feito isso.

— Sério? — Minha casa seria o primeiro lugar aonde eu teria ido se acordasse e descobrisse que era um fantasma.

Ela fungou e enxugou uma lágrima do rosto. Riu um pouquinho, então se afundou na minha cama e deitou de costas.

— Pois é, você pode pensar que todo mundo quer voltar para a própria casa quando morre. Mas eu detestava meus pais; então, não voltei. Após alguns meses, achei que talvez *eles* pudessem me ver. São meus pais, afinal. Mas sabe onde eu fui procurá-los?

Arrisquei uma resposta.

— No local de trabalho deles?

Ela fungou e assentiu.

— No local de trabalho deles. Fui a seus empregos. Mesmo como fantasma, quis fazer as coisas à minha maneira e nos meus termos. Sou terrivelmente mimada.

— Não, você...

— Não minta.

Então, não menti.

O quarto ainda estava às escuras. Pensei em acender a luz, mas pareceu muito rude. Em vez disso, acendi a luz do banheiro e fechei um pouco a porta de forma a deixar uma iluminação suave no quarto.

Eu me sentei ao lado dela na cama. Depois de algum tempo, aquilo pareceu estranho, então me deitei de maneira que as cabeças quase se tocavam.

— Um ano, quatro meses e quatro dias. Foi o que demorou para eu ir até a minha casa. — Ela rolou e se apoiou no cotovelo, o rosto a milímetros de distância do meu. — E quer saber de uma coisa? Eles me amavam. Não eram os melhores pais do mundo, eu sei, mas me amavam. Ainda amam. Deixaram o meu quarto igualzinho como estava, mas com mais fotos e prêmios do que eu permitia que eles exibissem antes. Tem um retrato enorme meu na entrada da casa. É um pouco constrangedor, na verdade. — Sua voz estava muito baixa e séria. — Minha mãe coloca rosas frescas no meu quarto. Mais de um ano se passou e ela ainda coloca flores frescas no meu quarto. Fiquei ali parada olhando aquelas rosas por, sei lá, uma eternidade — disse ela, tão baixo que tive que me esforçar para ouvir. — Eram tão lindas e eu *quase* pude cheirá-las. Queria tentar tocá-las, mas não iria suportar ver meus dedos passando através de mais uma coisa bonita.

“Então, vi o espelho na parede e me olhei nele... e parecia perfeita. Como sempre fora. Quando eu estava viva, teria matado por maquiagem que nunca saísse e cabelos que sempre ficassem arrumados. — As lágrimas brilharam em seus olhos por alguns segundos, mas ela piscou e elas desapareceram. — Eu surtei, Jeff. Não queria mais parecer comigo mesma. Quis tão desesperadamente poder ver o que os meus pais viam.”

Ela sorriu e foi um sorriso diferente dos que eu já vira nela. Não havia qualquer malícia ou fraude nele; era o tipo de sorriso que eu costumava ver no rosto das outras pessoas.

Era como Sera sorria.

— Foi então que as minhas roupas mudaram. E meu cabelo, e meu rosto. E, pela primeira vez que eu me lembre, olhei naquele espelho e gostei do que vi.

Sorri de volta para ela. De verdade.

— Fico feliz. E, por mais insignificante que possa te parecer, eu também acho que você está melhor agora. — Não me referia às roupas ou à maquiagem. A verdadeira mudança em sua aparência era outra coisa... algo mais profundo. E eu podia vê-la.

— Obrigada, Jeff. Isso significa muito para mim... de verdade. —

As lágrimas caíam por seu rosto, mas ela não estava realmente chorando. Seus ombros não se sacudiam e não havia soluços. Apenas lágrimas.

— Kim...

— Não faça isso. Não tente me convencer que fui apenas uma garota que cometeu alguns erros. Não me deixe continuar fazendo o que fiz durante o último ano... os últimos cinco anos. Não me deixe insistir nas mentiras.

Eu não conseguia falar, com aqueles olhos úmidos e azuis fixos nos meus.

— Fui uma má pessoa, Jeff. — O volume de sua voz não havia mudado, mas ela falava com intensidade. — Fui uma má pessoa e já está na hora de assumir isso. Eu tinha tudo no mundo e, ainda assim, não era suficiente. E você sabe o que é pior? Você tinha razão: eu odiava *todo mundo*. Você consegue imaginar odiar todo mundo que você conhece?

Balancei novamente a cabeça, e ela deu uma risada áspera. Mas, quando ela falou, suas palavras foram suaves.

— É claro que não. Você é bom demais. Disposto demais a ver o melhor nas pessoas. Até em mim. — Ela olhou para o teto por alguns segundos. — Não sei ser uma boa pessoa, Jeff. Não faço a coisa certa de forma natural, como você. Mas... acho que *quero* aprender. E, talvez, esteja finalmente pronta.

Assenti devagar.

— Talvez esteja.

— Você... poderia me ensinar?

Fiquei em silêncio por um longo tempo enquanto analisava aquilo.

— Não sei — respondi sinceramente.

Ela pareceu desapontada, mas assentiu.

— Pelo menos você não disse não. Eu teria dito.

— E agora? — perguntei.

Ela se sentou e olhou para suas mãos, no colo.

— Você me faria um último favor? — Ela olhou para mim por baixo dos cílios... mas não era o olhar de flerte que havia usado várias vezes para me convencer a fazer algo que ela quisesse; era um olhar que dizia que não tinha certeza se eu iria dizer sim.

— Vou tentar.

— Preciso devolver mais uma coisa.

Trinta e Quatro

Meu estômago estava contorcido num nó quando toquei a campainha já familiar. A mãe de Sera atendeu, com um sorriso gentil, mas cauteloso.

— Jeff, sinto muito, mas estamos recebendo convidados hoje.

— Eu sei, Sra. Hewitt, me desculpe, mas preciso falar com Sera por dois minutos. É um assunto da escola — menti, mostrando-lhe uma caixa de sapato.

Ela deu uma olhada rápida na direção da sala de jantar.

— Está bem — disse —, vou chamá-la, mas, por favor, seja rápido.

Sera apareceu alguns segundos depois com um sorriso no rosto.

— Jeff, não acredito que minha mãe me deixou sair da mesa para vir falar com você. — Ela parou o suficiente para me dar um beijo na boca. — Ela deve estar começando a gostar de você.

Sorri.

— Não sei se iria tão longe assim. — Mas fiquei sério ao levantar a caixa pequena de sapato que tinha levado, uma caixa que Kimberlee não tinha colocado na caverna, e sim num esconderijo particular na enseada. Pois, conforme ela havia explicado, não era algo que ela tivesse roubado; era algo que havia *pegado*. Olhei disfarçadamente para Kimberlee, que estava perto de mim, e ela assentiu com a cabeça, de forma encorajadora. — Eu trouxe uma coisa para você — disse, sério. — E preciso que você não me faça perguntas a respeito. Vou te contar tudo depois, mas agora não há tempo. — Empurrei a caixa para as mãos dela e ela ficou me olhando por vários minutos antes de levantar a tampa.

Lágrimas encheram seus olhos quando ela pôs a mão na caixa e tocou uma trança grossa e comprida de cabelos ruivos, com diminutos pompons azuis e verdes.

— Kimberlee está muito arrependida. Ela não estava antes, mas agora está. — Olhei para trás mais uma vez, mas o olhar de Kimberlee estava fixo no rosto de Sera, as sobrancelhas franzidas em concentração. — Ela sabe que não tem o direito de pedir, mas espera que algum dia você possa perdoá-la.

Sera tentou dizer alguma coisa, mas nada saiu. Ela olhou para mim e tentei mostrar, com a expressão do meu rosto, que aquilo não era — nem jamais poderia ser — uma brincadeira.

Ela fechou novamente a caixa e olhou para o adesivo, um dos últimos, que eu tinha colado na tampa.

— Era você?

Assenti.

Ela cobriu a boca com a mão e balançou a cabeça.

— Mas... você acabou de se mudar para cá. Como poderia...?

— Vou explicar tudo amanhã — respondi, esperando ainda ter coragem no dia seguinte.

— Eu não sabia! — insistiu ela. — Não sabia, juro. Eu jamais... eu não... — Ela não conseguiu terminar a frase, pois lágrimas encheram seus olhos.

— Tudo bem — respondi, esfregando seus braços com as mãos. — Está tudo *bem*. Não vou ser expulso.

— Eu sinto tanto.

— Não, não — falei, apertando sua mão. — Não sinta. Não é culpa sua; é culpa do Hennigan. Não se culpe.

— Eu não queria — disse ela, apertando a caixa junto ao peito.

— Eu sei. E eu confiei em você. Sabia que você devia ter uma boa razão para o que quer que estivesse acontecendo e *estava certo*. Sinto orgulho do que você fez. Você salvou o Khail.

— Mas eu poderia ter assumido por você e salvado vocês dois —

sussurrou ela.

— Não poderia, não. Nós dois sabemos que você tentou. E, se você soubesse que era eu, provavelmente teria mentido pior ainda, não melhor. — Ela conseguiu dar um sorriso choroso ao ouvir aquilo. —

Eu tinha outra pessoa para me salvar. Khail precisava de você e fico feliz pelo que você fez.

— Verdade?

— Sim.

Ela assentiu, incerta.

— Ah — falei, lembrando-me de uma última coisa. Tirei um pedacinho de papel do bolso. — Isto aqui é para o Khail.

Ela pegou o papel e leu meus garranchos seguidos de um número de telefone.

— Preston? Aquele amigo do Khail que se mudou há alguns anos?

Assenti, e preendi a respiração.

— Devo dizer a Khail para... ligar para ele? — perguntou ela, confusa.

Ela não sabe. Nem mesmo a irmã dele sabe. Sua melhor amiga.

— Só entregue a ele — respondi, a voz trêmula. — Ele vai saber o que fazer.

— Está bem — disse ela, acariciando distraidamente com o dedo o adesivo na caixa de sapato. Ela olhou para mim; então, seu olhar se desviou para algo acima do meu ombro esquerdo.

Para Kimberlee.

Sera piscou e balançou a cabeça antes de voltar sua expressão confusa para mim.

— Que estranho. Por um segundo pensei ter visto...

— Conversaremos amanhã, está bem? — disse eu, apertando a mão dela antes que ela pudesse terminar a frase. Inclinei-me um pouco mais perto e sussurrei: — Eu te amo.

— Também te amo. — Então, a porta se fechou entre nós.

Exalei devagar, tentando acalmar meu coração disparado. Eu me virei e encarei Kimberlee.

Ela ainda olhava para a porta, mas o vislumbre de um sorriso erguia os cantos de sua boca.

— Obrigada — sussurrou ela. — Muito obrigada.

Naquela noite, Kimberlee e eu ficamos deitados na minha cama, cabeça com cabeça, por um longo tempo. As luzes da rua penetravam pelas persianas e desenhavam listras no rosto dela.

— Há quanto tempo você tem o telefone do Preston? — perguntei.

— Quase um ano. Quando percebi a velocidade com que podia me mover como fantasma, passei mais ou menos um mês o rastreando. Levou séculos, sério mesmo. Os pais dele *não* queriam aqueles dois juntos novamente. Tive a esperança de que isso pudesse me libertar para seguir em frente. Mas, daí, eu não tinha como dizer o número a ninguém, então foi totalmente inútil.

— Mas foi uma coisa boa que você fez. Está vendo, existe bondade em você, em algum lugar — eu disse com um sorriso.

— Tonto — disse Kimberlee, mas estava sorrindo.

— Sou eu — respondi, estendendo meus braços ao lado do corpo.

— Ele ainda me odeia — disse Kimberlee após um instante.

Ergui a cabeça e a olhei nos olhos.

— Você teve *alguma coisa* a ver com o fato de os pais de Preston descobrirem a respeito dele?

Ela respondeu ao meu olhar, séria.

— Não. — Ela riu com amargura. — É a única coisa que eu *não* fiz.

— Então, não é problema seu.

— Mas parece ser um problema.

— Ah, é um problema, sim... só não é problema *seu*. E, depois desta noite, acho que você fez tudo que podia.

— Você tem certeza?

Soltei uma risada.

— Eu não tenho certeza de nada nesta vida. — Nós dois rimos baixinho no escuro até que um silêncio amistoso nos envolveu. Durante vários minutos, nenhum dos dois disse nada.

Então, Kimberlee perguntou:

— Você não acredita em Deus, certo?

Balancei a cabeça.

— Por que não?

— Bem, talvez exista um deus; talvez, não. Só não sei. Meus pais não me ensinaram a acreditar em Deus. Talvez, se eles tivessem ensinado, eu acreditaria.

— E no *que* você acredita?

— Como assim?

— Você acredita em carma, em reencarnação ou em algum bem maior ou qualquer outra coisa?

— Não sei. Acho que acredito em carma até certo ponto. Acredito que, se você tentar colocar coisas boas no mundo, o mundo tentará dar coisas boas de volta para você. Acredito em equilíbrio.

— Equilíbrio. — Kimberlee repetiu a palavra quase com tristeza.

— Mas também acredito em aprender a ser melhor. — Olhei para o teto escuro. — Acredito em família; acredito em relacionamentos. Acho que, em última análise, acredito em pessoas.

— Pessoas como eu?

— Pessoas como todo mundo.

— E quanto às maçãs podres?

— Você não é uma maçã podre.

— Digamos Hitler, por exemplo.

Sorri.

— Tá, ele era uma maçã podre.

— Então, o que estava esperando por ele quando ele morreu?

Eu não tinha resposta para aquilo. Até conhecer Kimberlee, duvidava que existisse vida após a morte. Acreditava como a minha mãe: que você deveria viver cada momento da vida ao máximo porque, quando terminasse, terminava e pronto. Escolhi as palavras com cuidado, tentando decidir em que pensava enquanto explicava para ela.

— Talvez seja como na Lei de Newton: “Para toda ação há uma reação oposta e de igual intensidade.”

— Como assim?

— Bem, penso que deve haver consequências. Mas isso não quer dizer que acredito em inferno com chicotes de fogo nem nada parecido. Acho que, talvez, ficar por aqui como fantasma seja seu castigo. — Rolei de lado para olhar para ela. — Talvez nem mesmo seja um *castigo*, mas uma chance de você aprender sem a distração de estar viva. — Analisei seu rosto no escuro. — Você *aprendeu* alguma coisa, não aprendeu?

Ela sorriu e assentiu.

— Aprendi. — Mas o sorriso desapareceu de seu rosto quase tão rapidamente quanto surgira. — Apenas me preocupo que não tenha sido suficiente. Você se lembra do que me disse na terça-feira?

Meus lábios se apertaram numa linha fina.

— Eu disse um monte de coisas na terça-feira.

— É verdade, você disse mesmo. E fico feliz por isso. Eu precisava ouvir tudo aquilo. — Ela rolou de costas. — Antes de você sair para transar com a Sera até dizer chega...

— Ei!

— Desculpe, isso não vem ao caso. Antes de você sair para ir fazer as pazes com Sera, você me disse que eu ainda estava aqui porque ninguém no universo me queria.

— Eu não devia ter dito isso.

— Não, devia, sim, porque eu acho que talvez você tenha razão. Aprendi um monte de coisas com você, Jeff, mas as coisas que aprendi... — Sua voz vacilou conforme as lágrimas escorriam para seus cabelos e sua respiração saía em soluços. — Machucaram muito, Jeff. É duro... é muito duro ver a mim mesma como realmente era. E tenho medo... — Ela fez uma pausa para respirar fundo antes de continuar, baixinho: — Tenho medo de que a próxima lição seja mais dura ainda.

Então, fiz algo que tivera medo de fazer desde que a conhecera: estendi um braço e o passei pelas suas costas, como se ela estivesse deitada no meu ombro. Meu braço foi tomado por um formigamento estranho e eu quis puxá-lo de volta, mas, quando ela suspirou e moveu a cabeça um pouco mais perto, obriguei-me a ficar imóvel.

— Fico feliz por ter conhecido você — eu disse. E não tinha muita certeza se era mentira ou não até ter dito em voz alta.

— Eu também.

Ficamos ali deitados, em silêncio, pelo que pareceram horas.

Não sei quando foi que finalmente me senti à vontade para fechar os olhos, mas a próxima coisa de que me lembro é do meu despertador berrando no meu ouvido. Olhei para o lado, mas Kimberlee tinha desaparecido. Eu me sentei e tentei alongar meus braços. Minha coluna inteira estava doendo e o estalo foi audível quando me virei para um lado, depois para o outro.

Congelei quando meus olhos recaíram sobre os chinelos azuis ali no chão, aos pés da cama.

— Kim? — sussurrei. Estava esperando que ela saísse do closet ou algo assim. — Kim? — chamei um pouco mais alto. Estiquei o pé e, com hesitação, toquei o chinelo mais próximo.

E senti algo sólido.

Pulei para cima da cama e enfiei os pés sob o corpo.

— Isso não tem nenhuma graça — disse quando consegui controlar a respiração.

Fiquei ali sentado por um minuto, olhando fixamente para aqueles chinelos. Então, cuidadosamente, saí da cama e me agachei ao lado deles. Hesitantemente, estendi um dedo e toquei em um.

Era real.

Peguei os chinelos e os examinei de todos os ângulos. Era apenas um par de chinelos de dedo, meio surrados, azul-claros.

Nunca mais vi Kimberlee.

Agradecimentos

Esta obra exige muitos agradecimentos. É o livro que quase não foi e que continuaria *não sendo* sem a ajuda de um número vergonhosamente grande de pessoas e de seis anos e meio. Sempre começo agradecendo às minhas editoras, Tara Weikum e Erica Sussman, e à minha agente, Jodi Reamer. Este livro é tão diferente, tão peculiar e nunca lutei tanto com vocês para mantê-lo assim. Obrigada pela paciência infinita comigo.

Agradecimentos eternos à Srta. Snark, que me deu o encorajamento de que eu precisava, nos idos de 2006, para ir além do primeiro capítulo. Para minha irmã, Kara, com quem compartilhei nervosamente os primeiros cinco capítulos quando não tinha certeza de que estava preparada para compartilhá-los com alguém, já que continham tanta coisa minha. Do meu eu verdadeiro. Ao colega escritor (só que muito mais veterano) William Bernhardt, a cujo seminário fui de má vontade apenas para sair de lá uma escritora transformada. Bill, obrigada por me ajudar a fazer com que este livro adquirisse um enredo. E para Sandra, que me lembrou de que era Jeff quem deveria ser o mocinho da história. Mas não exatamente com essas palavras.

E o maior dos agradecimentos, sempre, a Kenny, que nunca deixou de me dizer que este livro era a melhor coisa que eu já tinha escrito. Se ninguém mais achar isso além de você, ainda assim irei acreditar que você tem razão.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Vida após o roubo

Site da autora

<http://www.aprilynnepike.com/>

Wikipédia da autora

https://en.wikipedia.org/wiki/Aprilynne_Pike

Good reads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/2096360.Aprilynne_Pike

Sumário

[Capa](#)

[Obras](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e Um](#)

[Vinte e Dois](#)

[Vinte e Três](#)

[Vinte e Quatro](#)

[Vinte e Cinco](#)

[Vinte e Seis](#)

[Vinte e Sete](#)

[Vinte e Oito](#)

[Vinte e Nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e Um](#)

[Trinta e Dois](#)

[Trinta e Três](#)

[Trinta e Quatro](#)

[Agradecimentos](#)

[Colofon](#)

[Vida após o roubo](#)